



Michele Abreu Vivas

“Será que esse aqui é o meu lugar?”

**Deslocamento forçado e ressignificação de vida em
narrativas de venezuelanas refugiadas no Rio de Janeiro**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria das Graças Dias Pereira

**Rio de Janeiro,
junho de 2024**



Michele Abreu Vivas

***“Será que esse aqui é o meu lugar?”
Deslocamento forçado e ressignificação de vida em
narrativas de venezuelanas refugiadas no Rio de Janeiro***

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Dra. Maria das Graças Dias Pereira

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof.^a Dra. Liana de Andrade Biar

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Dr. Roberto Vilchez Yamato

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Prof.^a Dra. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira

Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dra. Giane da Silva Mariano Lessa

Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História –
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Prof.^a Dra. Maria do Carmo Leite de Oliveira

Departamento de Letras – PUC-Rio
Membro interno suplente

Prof.^a Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)
Membro externo suplente

Rio de Janeiro, 21 de junho de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Michele Abreu Vivas

Graduou-se em Letras (Português / Espanhol) na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 1999. Concluiu o Mestrado em Letras (Estudos da Linguagem) na PUC-Rio em 2005. É Professora de Espanhol (Língua Estrangeira) da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica), vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do RJ, desde 2021. Atuou como Professora voluntária de Português para refugiados no PARES (Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio) da Caritas-RJ, de 2018 a 2023. Desde 1998, leciona Espanhol (Língua Estrangeira) e Português (Língua Materna e/ou para Estrangeiros), em instituições públicas e privadas de ensino na região do Grande Rio.

Ficha Catalográfica

Vivas, Michele Abreu

“Será que esse aqui é o meu lugar?” : deslocamento forçado e ressignificação de vida em narrativas de venezuelanas refugiadas no Rio de Janeiro / Michele Abreu Vivas ; orientadora: Maria das Graças Dias Pereira. – 2024.

331 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Êxodo venezuelano. 3. Narrativas. 4. Histórias de Vida. 5. Construção de identidade. 5. Convenção de transcrição de entrevistas de hispanofalantes. I. Pereira, Maria das Graças Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Aos meus pais, *Jaidemar* e *Victoria*, solo fértil que semeou,
cuidou, cultivou e ACOLHE minha essência.

Às *Flores em travessia*, cujos sorrisos não se escondem nas
lágrimas do refúgio.

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida, por tudo que sou, que tenho, que conquistei e por sempre ser meu sustento... “sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rom 8, 28).

A minha Mãezinha do Céu, Nossa Senhora, de tantos títulos e invocações... minha intercessora em todas as horas!

Aos meus amados pais, *Jaidemar e Victoria*; minha irmã, *Gabriele* e meus sobrinhos: *Catarina e Davi*, pelo incentivo, sustento, colo e parceria em TODOS os momentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A minha orientadora, Profe *Maria das Graças Dias Pereira*, meus MuitoS ObrigadaS serão meros eufemismos. Minha gratidão pela confiança, incentivo e, principalmente, por ter segurado minha mão e não ter soltado por todo este tempo.

Aos Professores da PUC-Rio que contribuíram para minha formação e pelos ensinamentos, partilhas, exemplos de profissionalismo e atenção respeitosa e carinhosa a mim dirigidas.

Aos Professores da Comissão Examinadora: *Giane Lessa, Liana Biar, Maria do Carmo, Poliana Coeli, Roberto Yamato e Telma Pereira*, minha gratidão pelas sementes lançadas ao longo desse caminhar, aceite para participar da banca examinadora, leitura atenta ao texto e contribuições preciosas para sua finalização.

Ao Grupo de Pesquisa LingCult da PUC-Rio, em especial a: *Renata, Talita, Célia, Tânia, Maria Paula, Rafa, Lucas* pela cooperação com o desenvolvimento da tese, do projeto inicial a sua finalização.

Aos colegas do PPGEL, em especial a: *Beatrice, Flavia, Viviane, Bárbara, Emanuelle*, pelo apoio e companheirismo ao longo do Doutorado.

Aos funcionários do Departamento de Letras, *Chiquinha* e *Wellington*, pela disponibilidade, atenção e assistência no decorrer desse tempo.

Aos meus colegas de profissão e alunos que ressignificam minha prática docente desde o início.

Aos meus Professores da UFF, cujos primeiros ensinamentos lançaram sementes que me permitiram esta conquista.

Ao PARES Caritas-RJ, pela oportunidade do voluntariado, pelo consentimento à pesquisa e por ter me permitido formar parte de um grupo tão especial. Agradeço, especialmente a *Maristela*, *Aninha* e *Andrea* pelo carinho, parceria e apoio neste programa.

Às amigas mais que especiais: *Bel*, *Ju*, *Renatinha*, *Gleise*, *Kris*, *Merced*, *Jacque* e *Ivana*, minha rede de apoio, acolhida e ânimo há tanto tempo.

À Professora *Silvana Bezerra*, do CEFET/RJ Nova Friburgo, a Flor que a pandemia trouxe a meu jardim. Me ensinou que abraçar venezuelanas refugiadas é também perceber as necessidades de seus filhos.

Às profissionais da saúde que, ao cuidar dos meus pais, também cuidaram (cuidam) de mim e aos que me acompanharam de perto e foram também incentivadores (e torcedores!) à conclusão desta etapa: dra. *Tatiana Pinheiro*, dr. *Hugo Marques* e a querida *Sandra Barros*.

Aos vizinhos mais que especiais: *Gilda*, *Paulo*, *Maria José*, *Luiz*, *Beth*, *Graça* com quem pude contar em todos os momentos de “tensão”.

A todos os amigos e familiares que colaboraram com incentivo, torcida e orações por esta conquista, especialmente meu tio *Edmar Vivas*.

Às *Flores em travessia*, que ao me abrir as portas de suas vidas, ressignificaram a minha.

Resumo

VIVAS, Michele Abreu. **“Será que esse aqui é o meu lugar?” Deslocamento forçado e ressignificação de vida em narrativas de venezuelanas refugiadas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2024. 331 p.. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese investiga o deslocamento forçado e a ressignificação de vida em narrativas de refugiadas venezuelanas, com formação universitária e ex-alunas do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ, lócus em que a pesquisadora atuou como professora voluntária. Os objetivos consistem em analisar as narrativas e indicar as motivações que essas participantes tiveram para deixar a Venezuela, as condições da travessia para o Brasil, a inserção na sociedade brasileira e o processo de ressignificação de suas vidas no Rio de Janeiro. A fundamentação teórica situa-se na análise de narrativas, na ordem micro e macro, em que são sinalizadas avaliações e construções identitárias de refugiadas venezuelanas, na interação com a pesquisadora, incluindo o uso de diálogo construído. A metodologia é de natureza qualitativa e interpretativa, através da observação participante, mediante realização de entrevistas semiestruturadas, gravadas remotamente em plataforma de videoconferência. As entrevistas foram realizadas em Português, língua escolhida pelas participantes. Nas transcrições, foi necessário estabelecer convenções que destacassem a prosódia do Espanhol no uso do Português ao longo de todas as falas. As entrevistadas fazem o relato de suas trajetórias, sempre marcadas por contínuos recomeços que as obrigam a se ressignificarem emocional, identitária e profissionalmente, tanto na sociedade de acolhida quanto no país natal. Além de apontar para as dificuldades de comunicação nas interações com os brasileiros não falantes de Espanhol, as narrativas expõem a dificuldade das entrevistadas em relação à falta de assistência e de políticas públicas que mulheres em situação de refúgio enfrentam no Brasil, principalmente devido a este conjunto de vulnerabilidades: serem mulheres, refugiadas, latino-americanas, não-falantes do Português. Suas falas revelam, ainda, o doloroso percurso para o estabelecimento e a sobrevivência no Rio de Janeiro e a consequente, e forçada, ressignificação de vida no âmbito familiar, social e profissional. Os resultados da análise indicam que a principal razão de deslocamento do país de origem é,

sobretudo, de ordem social, econômica e política, agravada pela crise humanitária e pela violação dos direitos humanos na Venezuela. A pesquisa possibilitou, ainda, importantes reflexões sobre a necessidade de se pensar nos impactos desse deslocamento na sociedade brasileira, assim como na urgência de políticas governamentais voltadas para o acolhimento, a garantia de direitos e a reinserção social de vidas forçadamente deslocadas.

Palavras-chave

Êxodo Venezuelano; Narrativas; Histórias de vida; Construção de identidade; Convenção de transcrição de entrevistas de hispanofalantes.

Abstract

VIVAS, Michele Abreu. *“Is this the place that I belong to?” Forced displacement and life resignification in narratives of Venezuelan refugees in Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2024. 331 p.. Doctoral Thesis – Languages Department, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The present thesis investigates forced displacement and life resignification in narratives of Venezuelan women refugees, undergraduate and former students of the Portuguese Course for Refugees at PARES Caritas-RJ, where the researcher worked as a volunteer teacher. The objectives consist in indicating in which motivations these women had to leave Venezuela, the conditions of the crossing to Brazil, how was their ways into Brazilian society and the resignification process of their lives in Rio de Janeiro. The theoretical foundation lies in the analysis of narratives, in the micro and macro-orders; in which assessments and identity constructions of Venezuelan women refugees are highlighted; in the interaction with the researcher; including the use of constructed dialogue. The methodology is qualitative and interpretive, through participative observation of semi-structured interviews, remotely recorded on a videoconference platform. All the interviews were held in Portuguese - language chosen by the participants. Conventions were necessary to be established to highlight the Spanish prosody in the use of Portuguese throughout all speeches. The interviewed reported their trajectories, always marked by continuous new beginnings that force them to resignify their identities as well as themselves emotionally and professionally, both in the welcoming society and in their native country. These narratives expose difficult communication during interactions with Brazilians who are not Spanish speakers, as the lack of assistance and public policies experienced in Brazil, mainly due to these vulnerabilities: as women, refugees, Latin American and non-Portuguese speakers. Their narratives also reveal the painful journey of settlement and survival in Rio de Janeiro, the consequent, and forced, life resignification in the family, social and professional contexts. The result of this analysis indicates that the main reason for displacement from the country of origin is, above all, social, economic and political, aggravated by the humanitarian crisis and the violation of human rights in Venezuela. The research also enabled important reflections about impacts of this displacement on Brazilian society, as well as the urgency of government

policies aimed at welcoming, guaranteeing rights and social reintegration of forcibly displaced lives.

Keywords

Venezuelan exodus; Narratives; Life stories; Identity Construction; Convention for transcribing Spanish-speaking interviews.

Resumen

VIVAS, Michele Abreu. “*¿Es éste mi lugar?*” **Desplazamiento forzado y resignificación de la vida en narrativas de refugiados venezolanos en Río de Janeiro.** Río de Janeiro, 2024. 331 p.. Tesis Doctoral – Departamento de Letras, Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro.

La presente tesis investiga el desplazamiento forzado y la resignificación de la vida en narrativas de refugiadas venezolanas, con formación universitaria y exalumnas del Curso de Portugués para Refugiados de PARES Cáritas-RJ, locus en el que la investigadora actuó como profesora voluntaria. Los objetivos consisten en analizar las narrativas e indicar las motivaciones que tuvieron las participantes de la investigación para salir de Venezuela, las condiciones de la travesía hasta Brasil, la inserción en la sociedad brasileña y el proceso de resignificación de sus vidas en Río de Janeiro. El enfoque teórico-metodológico es el análisis de narrativas, de orden micro y macro, en que son indicadas evaluaciones y construcciones identitarias de refugiadas venezolanas, en la interacción con la investigadora, incluyendo el uso de diálogo construido. La metodología es de carácter cualitativo e interpretativo, a través de la observación participante, mediante la realización de entrevistas semiestructuradas, grabadas de forma remota en una plataforma de videoconferencia. Las entrevistas fueron realizadas en portugués, idioma escogido por las participantes. En las transcripciones, fue necesario establecer convenciones que destacasen la prosodia del español en el uso del portugués, a lo largo de todos los discursos. Las entrevistadas relatan sus historias, siempre marcadas por continuos reinicios que las obligan a resignificarse en los campos emocional, identitario y profesional, tanto en la sociedad de acogida como en su país natal. Además de señalar las dificultades de comunicación en las interacciones con brasileños no hispanohablantes, las narrativas exponen las dificultades de las entrevistadas en relación con la falta de asistencia y de políticas públicas que enfrentan las mujeres en situación de refugio en Brasil, principalmente debido a este conjunto de vulnerabilidades: ser mujeres, refugiadas, latinoamericanas, no hablantes de portugués. Sus discursos también revelan el doloroso camino de implantación y supervivencia en Río de Janeiro y la consecuente y forzada resignificación de la vida en los ámbitos familiar, social y profesional. Los resultados del análisis indican que el principal motivo del desplazamiento del país

de origen es, sobre todo, social, económico y político, agravado por la crisis humanitaria y la violación de los derechos humanos en Venezuela. La investigación también permitió importantes reflexiones sobre la necesidad de pensar en los impactos de este desplazamiento en la sociedad brasileña, así como en la urgencia de políticas gubernamentales destinadas a acoger, garantizar los derechos y la reintegración social de las vidas desplazadas por la fuerza.

Palabras Clave

Éxodo Venezolano; Narrativas; Historias de vida; Construcción de Identidad; Convención de transcripción de entrevistas de hispanohablantes.

Sumário

1.	Introdução.....	17
1.1	Motivação, justificativa e relevância da pesquisa.....	19
1.2	Perguntas e objetivos da pesquisa.....	21
1.3	Fundamentos teórico-metodológicos.....	22
1.4	Organização dos capítulos.....	23
2.	Deslocamentos forçados, refúgio e implicações no Brasil.....	26
2.1	Da crise na Venezuela ao êxodo para o Brasil.....	32
2.1.1	O processo de “erosão” da Venezuela.....	33
2.1.2	O êxodo venezuelano no Brasil.....	35
2.2	Redes de assistência a refugiados no Rio de Janeiro: o PARES Caritas-RJ.....	39
2.3	Uma “nova” modalidade de Português para estrangeiros no Brasil.....	40
2.3.1	Como surge o PLAc?.....	41
2.3.2	Português para refugiados ou como língua de acolhimento?.....	43
3.	Fundamentação Teórica.....	48
3.1	Narrativas na sociolinguística.....	48
3.1.1	Do pioneirismo de Labov à virada narrativa.....	49
3.1.2	Narrativas de deslocamento.....	53
3.2	Histórias de vida e sistemas de avaliação.....	55
3.3	Construção de identidades em narrativas: das concepções sociais aos estudos linguísticos.....	58
4.	Metodologia da pesquisa.....	64
4.1	Instrumentos metodológicos e geração de dados.....	66
4.1.1	A entrevista em pesquisa qualitativa.....	66
4.1.2	A entrevista individual com as participantes.....	67
4.2	A natureza e as participantes da pesquisa.....	69

4.3	Procedimentos para transcrição e análise de dados.....	79
4.4	A transcrição das entrevistas.....	81
4.5	Aspectos éticos da pesquisa.....	87
4.5.1	Benefícios e riscos da pesquisa para as participantes.....	87
4.5.2	Carta de anuência.....	88
4.5.3	Termos de consentimento e de assentimento.....	88
4.5.4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	88
5.	Considerações sobre feminização do refúgio no Brasil.....	90
6.	Venezuela – vida antes da crise humanitária à saída do país.....	97
6.1	Família, identidade profissional e a crise na sociedade venezuelana.....	97
6.2	Decisão em sair do país: crise, violência e falta de perspectivas.....	110
7.	Venezuela ao Brasil – travessias, tensões e tristezas.....	125
7.1	Narrativas de travessia.....	126
7.2	Tensões e tristezas na travessia.....	132
8.	Rio de Janeiro – redes de acolhimento, recomeços e resistências.....	143
8.1	Redes de acolhimento e recomeços.....	144
8.2	Resistências sociais e linguísticas.....	148
9.	As ‘R’ sementes: Respeitar, Resistir e Ressignificar – mulheres, refúgio e acolhimento.....	155
10.	Considerações Finais.....	158
	Referências bibliográficas.....	163
	Anexos.....	174

Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em Português.....	175
Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em Espanhol.....	178
Anexo III – Transcrições das entrevistas.....	181

Lista de abreviaturas

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ACE	Análise da Conversa Etnometodológica
Celpe-Bras	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CONATEL	Comisión Nacional de Telecomunicaciones
CSVM	Cátedra Sérgio Vieira de Mello
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
EA	Espanhol Americano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
ONG	Organização não governamental (sem fins lucrativos)
PARES Caritas-RJ	Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio da Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro
PDVSA	Petróleos de Venezuela S.A.
PLE	Português como Língua Estrangeira
PLAc	Português como Língua de Acolhimento
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
SAIME	Servicio Administrativo de Identificación, Migración y Extranjería
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UNHCR (ACNUR)	United Nations High Commissioner for Refugees (Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados)

“Lá’ era um passado. Um lugar de onde pareciam ter saído sob a condição de não o mencionar jamais. Uma palavra que doía como o coto de um braço amputado”.

Noite em Caracas

Karina Sainz Borgo,

Jornalista e escritora venezuelana radicada em Madri.

1. Introdução

*¿Quién deja de oponerse?
¿Quién se sale del juego?
¿Quién se vive en el vacío?
¿Quién hace del desabrigo refugio?
¿Quién se disuelve en el percibir?
¿Quién se expone sin arrimo al descampado?
¿Quién abandona el trajín por la hora solitaria?
¿Quién puede comer con tenedores de absoluta piedad?
¿Quién accede a trocar su día por un rostro que no ha de ver? ¹*
Rafael Cadenas, poeta venezolano.

A questão do deslocamento forçado de pessoas passou a ser cada vez mais disseminada nos últimos anos, devido aos diversos fluxos migratórios em várias partes do mundo. Dados do UNHCR (2023)², referentes ao 1º semestre de 2023, revelam que o número de pessoas deslocadas, à força, em todo o mundo, foi estimado em mais de 100 milhões.

No Brasil, esta questão tem atravessado a sociedade por causa do aumento, nos últimos seis anos, de venezuelanos que entraram no país e solicitaram refúgio ao governo brasileiro. Em sua maioria, eles chegam, geralmente, pela fronteira terrestre com a cidade de Pacaraima, ao norte do estado de Roraima. Já a saída de Pacaraima, para grandes metrópoles do Brasil, como: Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro deu-se – pelos dados coletados em entrevistas para esta pesquisa – por meios próprios, com a ajuda de familiares (ou amigos), e de organizações religiosas e/ou ONGs que prestam serviços assistenciais voluntários na fronteira com a Venezuela.

Ao chegar às grandes metrópoles, é comum que refugiados busquem por assistências diversas, ora prestadas por órgãos públicos, como a Polícia Federal, as Secretarias de Assistência Social e o DETRAN, entre outros, ora por organizações

¹ “Quem deixa de se opor?
Quem sai do jogo?
Quem vive no vazio?
Quem faz do desabrigo refúgio?
Quem se dissolve no perceber?
Quem se expõe sem proteção ao descampado?
Quem abandona a agitação pela hora solitária?
Quem pode comer com garfos de absoluta piedade?
Quem concorda em trocar seu dia por um rosto que não voltará a ver?”

² Nesta pesquisa, as siglas, em inglês, UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees) e ACNUR, em Português e Espanhol, podem se alternar.

religiosas e/ou ONGs, as quais acabam atendendo de forma mais efetiva às demandas urgentes que este público traz, como, por exemplo, orientação em relação a serviços assistenciais (saúde, educação), aulas de Português, tradução de documentos etc.

Na cidade do Rio de Janeiro, o Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio, da Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro (PARES Caritas-RJ), recebe um número cada vez mais expressivo de venezuelanos – maior público atendido pelo programa desde 2018 – que buscam assistências diversas, dentre elas, orientação à proteção legal, assistência social e aulas de Português.

Desde 1998, atuo profissionalmente como professora de Espanhol e de Português, especialmente como língua estrangeira. O ensino de Português para estrangeiros me possibilitou entrar em contato com diversas nacionalidades, o que me inseriu, de certo modo, no contato com diferentes idiomas, culturas, etnias, religiões. No biênio 2006-2007, fui professora-substituta no Departamento de Letras Vernáculas – Setor de Português Língua Estrangeira, da UFRJ. A experiência como professora de Português como Língua Estrangeira (PLE) me possibilitou dar aulas de PLE a estudantes do PEC-G³, oriundos da África (em especial, da Nigéria, Senegal e Camarões...) e da América Central (Trinidad e Tobago, Jamaica), que, em sua maioria, chegavam ao Brasil e se preparavam ao longo de um pouco mais de um semestre, para prestar o Celpe-Bras⁴, um dos requisitos para conseguir a vaga numa universidade brasileira.

Neste convívio, passei a me interessar pelas histórias de vida desses alunos, que revelavam questões sociais, políticas, econômicas e culturais de seus países de origem, o que motivava, aos que conseguiam esse convênio, a também querer deixar seus países de origem.. Dessa forma, a “semente” da temática migração – refúgio começou a germinar em mim.

³ O ‘Programa de Estudantes-Convênio de Graduação’ foi criado em 1965 e oferece oportunidades de formação superior a jovens (com o ensino médio completo) de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. O aluno estrangeiro selecionado e aprovado cursa gratuitamente a Graduação no país. No entanto, é necessário que atenda a alguns critérios, entre eles (i) provar que é capaz de custear suas despesas no Brasil, (ii) ter certificado de conclusão do ensino médio ou curso equivalente e (iii) estar habilitado no exame de proficiência em língua portuguesa (Celpe-Bras). Informações disponíveis em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

⁴ Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros do Brasil.

Em 2017, a temática do refúgio passou a se propagar na cidade do Rio de Janeiro, quando despontaram, nos meios de comunicação, em espaços culturais, na academia e em alguns eventos, como o seminário “Vozes do Refúgio” e a mostra fotográfica “Vidas Deslocadas”, realizados no Museu do Amanhã, em junho de 2017. Assim, numa mesa redonda, cujo tema foi: “Venezuela, processo migratório e desdobramentos no Brasil”, promovido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ, em 13 de junho de 2018 – conheço *Nenúfar*⁵ e seu marido, refugiados venezuelanos, dentistas, pós-graduados que relataram suas histórias de vida, potencializando o debate em torno da crise e do êxodo venezuelanos que começava a surgir nesta cidade.

Ao frequentar esses encontros, as histórias de vida dessas pessoas me chamaram a atenção, devido, principalmente, à coragem e à sede de sobrevivência de pessoas como *Nenúfar* e seu marido, afinal, apesar da prestigiada formação acadêmica, foram obrigados a deixar seu país por causa da crise humanitária em que viviam, muito agravada em 2016.

Dessa forma, em julho de 2018, ingresso no PARES Caritas-RJ como professora voluntária do curso de Português para refugiados falantes de Espanhol, pois o meu desejo em contribuir, de alguma forma, com este grupo se torna factível e se alinha à minha motivação pessoal com o voluntariado, já que une meu desejo de colaborar socialmente através da minha formação e experiência docentes e contribuir com uma prestação de serviço tão urgente e necessário a este público com tantas vulnerabilidades.

1.1 Motivação, justificativa e relevância da pesquisa

A presente pesquisa nasce neste lócus, o qual me levou a observar, pelas narrativas de deslocamento contadas em sala de aula, em especial, por venezuelanas – maior número de refugiados hispanofalantes matriculados –, de que forma o deslocamento forçado da Venezuela para o Brasil, as adversidades enfrentadas na travessia e a ressignificação de vida no Rio de Janeiro emergiam em histórias de vida dessas mulheres, particularmente, aquelas com formação universitária.

⁵ Nome fictício de uma das entrevistadas para esta pesquisa.

Como mulher, latino-americana e com formação universitária, passei a me identificar com essas histórias, me questionando: (i) *e se fosse eu...* (ii) *de que forma ressignificaria minha vida, meio social, profissão... noutra país, com outra língua...*

O convívio com essas mulheres proporcionou a coconstrução de laços afetivos, que entrecruzaram vivências, necessidades e desejos, pois estamos inseridas num contexto de relações, considerando que essas atravessam as dimensões psicossociais. Cabe ressaltar que o vínculo afetivo não se traduziu em méritos e/ou favorecimento de/para algumas alunas, mas em trocas que ocorriam, inevitavelmente, em ambiente de sala de aula, devido, especialmente, à condição de ensino de Português para refugiados. Portanto, havia - algo que multidimensionava o espaço do ensino, ampliando-o, como espaço, também, de acolhimento.

Uma inevitável e afetiva vontade, além de disponibilidade em ajudá-las, passa a ser germinada, não só no auxílio com os entraves trazidos pelo não conhecimento do idioma, mas pelas situações que emergiram fora do espaço da sala de aula como: na compreensão do cartão de vacinas de seus filhos; no preenchimento de formulários; na elaboração de currículos; na orientação a situações de assédio, abuso ou trabalho ilegal; entre outras demandas que passam a ser “comuns” a mulheres em situação de refúgio, necessidades que se compartilhavam espontaneamente pelos laços de afeto e convívio que se estabeleceram entre nós desde então. A convivência também gerou redes de apoio que fortaleceram, mais ainda, nossos laços e passaram a fazer parte do meu cotidiano, como os grupos de *WhatsApp* e as aulas remotas durante a pandemia de COVID-19, momento que impactou nossas vidas consideravelmente, levando-nos de um local de travessias para o de estagnação e falta de perspectivas.

As narrativas provocaram minha identificação e alinhamento com essas mulheres e suas histórias de vida, especialmente em relação às escolhas e situações difíceis comumente enfrentadas por nós, jovens mulheres latinas, tais como: (i) assistência e responsabilidade (financeira) com a família, (ii) baixos salários, (iii) assédio em vários ambientes (familiar, educativo, corporativo etc.) entre outras.

Motivada pelas histórias de vida partilhadas por essas refugiadas, não só nas salas de aula – espaço físico e remoto –, mas também nas redes sociais de convivência que passaram a existir entre nós, é que esta investigação nasce. As histórias de vida revelavam as péssimas condições de vida na Venezuela as quais

foram suscitadas pela crise social, econômica e política no país, e, particularmente, agravada, nos últimos seis anos.

Em 2022, convidei ex-alunas venezuelanas em situação de refúgio, a participarem dessa pesquisa. Através de entrevistas remotas, várias narrativas emergiram, trazendo o contexto em que viveram enquanto ainda na Venezuela. Esse cenário de grave e generalizada crise revelou: as situações de violência; a perda do poder de compra (e do patrimônio privado); as más condições de trabalho; a falta de suprimentos e de assistência a serviços de saúde; a escassez de insumos básicos à sobrevivência, entre outros tópicos que foram apontados pelas entrevistadas.

A relevância da pesquisa dá-se pela questão do êxodo venezuelano no Brasil e dos impactos causados nessa sociedade de “acolhida”. As histórias de vida dessas mulheres apontam não só para os motivos que as levaram a sair da Venezuela, mas também para as dificuldades enfrentadas por mulheres em situação de refúgio no Brasil, dos estigmas em que são “encaixadas”, da necessidade de políticas governamentais, sobretudo assistenciais a este público, emergente e carente de instrumentos de atuação do Estado brasileiro.

1.2 Perguntas e objetivos da pesquisa

Os objetivos da pesquisa consistem em indicar as motivações que as participantes da pesquisa tiveram para deixar a Venezuela, as condições da travessia para o Brasil, e como se deu o processo de ressignificação de suas vidas no Rio de Janeiro. Ademais, pretende-se contribuir não só para os estudos sobre Linguagem, envolvendo migração – refúgio, mas também com um trabalho acadêmico que contribua socialmente para:

- (i) compreender que, atualmente, o termo ‘refugiado’ revela não apenas a posição que uma pessoa ocupa dentro de uma estrutura social, mas as condições assimétricas e complexas que propiciaram-na chegar à sociedade de acolhida;
- (ii) perceber que motivações diversas corroboraram na “escolha” pelo Brasil;
- (iii) praticar uma escuta mais acolhedora, no sentido de que pessoas em situação de refúgio precisam sobreviver nesse país, e o não-falar Português é a primeira barreira que precisam ultrapassar nesse “novo” território;
- (iv) fomentar políticas públicas e assistenciais para esse público;

(v) compreender a América Latina como um continente que integra diferentes povos, raças, etnias, culturas e línguas. e que sua heterogeneidade compõe nossas identidades.

As perguntas de pesquisa buscam compreender: (i) como as venezuelanas, com formação universitária, residentes no Rio de Janeiro e em situação de refúgio narram suas histórias de vida; (ii) que motivações as impulsionaram a deixar seu país; (iii) que identidades emergem nessas histórias; e (iv) como se reconstruem nesse “novo” território ao ressignificar suas vidas.

1.3 Fundamentos teórico-metodológicos

A partir das entrevistas e dos tópicos apontados, foram consideradas as contribuições teóricas (i) dos estudos clássicos das narrativas na sociolinguística, contemplando seus aspectos sintáticos, textuais e avaliativos (Labov & Waletzky, 1967; Labov, 1972); (ii) da virada narrativa como uma ferramenta para entender a vida em sociedade e os impactos discursivos que o ato de narrar uma história provoca (Moita Lopes, 2021; Bastos & Biar, 2015); (iii) das narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005; De Fina, 2003, 2007; De Fina & Georgakopoulou, 2015; Wortham et al, 2020); (iv) da construção de identidades em narrativas (Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Bucholtz & Hall, 2003; 2005; De Fina, 2004, 2007; Moita Lopes, 2001, 2002, 2003, 2010; Pereira & Dias, 2015); (v) das histórias de vida (Mishler, 2002; Linde, 1993); e (vi) dos sistemas de avaliação (Labov, 1972; Linde, 1993; Vieira & Oliveira, 2009).

As transcrições das entrevistas também trouxeram à tona novas contribuições teóricas aos estudos da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) em que se verificou a necessidade de assinalar, além das normas tradicionais propostas por Jefferson (2004) e Garcez, Bulla & Loder (2014), as variações fonéticas e/ou prosódicas entre o Português e o Portunhol (Sturza, 2004; 2019). Nos relatos, essas línguas se alternam e se complementam, sobretudo quando se faz necessário ratificar suas contribuições à pesquisa através de narrativas que possam validar essas histórias como legítimas. Padronizar as alternâncias foi necessário para que tivessem seu registro também no escrito, além de trazer a esse estudo uma reflexão sobre o Portunhol como interação comunicativa (Sturza, 2019).

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2006), partindo da observação participante da pesquisadora e da realização

de entrevistas individuais, semiestruturadas (Bastos & Santos, 2013; Duarte, 2004), gravadas em plataforma de videoconferência (Google Meet). Para Bastos & Soares (2013, p.25-26) a “entrevista não estruturada favorece a emergência das narrativas”, assim, cada entrevista foi orientada por cinco questionamentos meus às participantes, conduzidos através das perguntas: (i) como era sua vida na Venezuela antes da crise? (ii) O que motivou sua decisão para sair do país? (iii) Como foi sua travessia para o Brasil? (iv) Como chegou ao Rio de Janeiro? (v) Quais seus planos para o futuro?

1.4 Organização dos capítulos

Detalho a seguir a organização dos capítulos que sucedem esta introdução.

No capítulo 2, exponho a contextualização dessa pesquisa através das implicações dos deslocamentos forçados, refúgio e suas implicações no Brasil, em especial ao de venezuelanos, já que a crise humanitária na Venezuela impacta o deslocamento forçado de seus nacionais. Dessa forma, foi necessário pontuar de que forma se instaura essa crise. Com o êxodo venezuelano para o Brasil, muitos optam por recomeçar suas vidas em grandes metrópoles, como Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro, dentre outras. Assim, é importante mencionar as redes de assistência a refugiados, em especial o PARES Caritas-RJ, pois no difícil acesso a políticas públicas, este público encontra em organizações religiosas e/ou ONGs, atendimento às demandas urgentes que trazem, como os serviços assistenciais (saúde, educação), orientação à regularização migratória, aulas de Português, entre outras. Neste cenário, emergem Cursos de Português para refugiados que buscam atender à necessidade premente de se aprender o Português do Brasil, requisito básico para a inserção do refugiado no país. Esta “nova” modalidade de ensino de PLE contribui para a eclosão do Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e para os entraves que são inerentes ao seu ensino e aprendizagem.

No capítulo 3, serão apresentadas as concepções teóricas que orientaram esta pesquisa. Por meio de entrevistas, emergiram, pelas histórias de vida trazidas a esse contexto, narrativas, em especial as de deslocamento, que contribuiram para construção de identidades em narrativas, avaliações dos sujeitos envolvidos e a resignificação que suas vidas tiveram no “novo” território.

O capítulo 4 trará a metodologia da pesquisa. Esta é de natureza qualitativa e interpretativa, realizada por meio da observação participante, mediante seis

entrevistas semiestruturadas, gravadas remotamente em plataforma de videoconferência (Google Meet). Na transcrição das entrevistas, verifiquei que as convenções tradicionalmente utilizadas nos estudos da ACE não contemplavam os registros do Português e do Portunhol, línguas que se alternam em todas as entrevistas. Assim, foi necessário sinalizá-las em marcações que apontassem essa alternância, já que a presença do Portunhol evidenciou um posicionamento identitário das participantes em relação à “identificação do seu lugar” (Sturza, 2019, p.103), i.e., seu “não-lugar” nesta sociedade de acolhida.

Nos capítulos 5 a 8, proponho a análise dos dados gerados nas seis entrevistas. Os relatos provocaram em mim, algumas reflexões a respeito da feminização do refúgio no Brasil, no que tange às necessidades imediatas desse grupo e às ações que possam contribuir para sua integração à sociedade brasileira. Em seguida, apresento os dados que explicam: (i) as razões que levaram as entrevistadas a saírem da Venezuela, de como eram suas vidas antes da crise humanitária à saída do país; (ii) como se deu a travessia para o Brasil, os transtornos, tensões e tristezas enfrentados por elas; e (iii) como ressignificam suas vidas ao chegarem ao Rio de Janeiro, levando-se em consideração as redes de acolhimento que alcançaram e as resistências sociais e linguísticas que enfrentaram.

No capítulo 9, trago ao estudo uma reflexão sobre o percurso da pesquisa, as motivações para o voluntariado, o ingresso no doutorado, o trabalho com refugiados no PARES Caritas-RJ, as múltiplas vulnerabilidades que atingem mulheres em situação de refúgio no Brasil, além da convivência, dentro e fora de sala de aula, com essas mulheres, o que também propiciou uma ressignificação de minha própria vida.

Nas considerações finais, capítulo 10, apresento os resultados desta investigação e de que forma a temática migração – refúgio pode contribuir para as Ciências Humanas e Sociais: (i) na compreensão de conflitos e situações que motivam o deslocamento de pessoas para o Brasil; (ii) na concepção de políticas públicas que atendam a este grupo; (iii) na não homogeneização de refugiados, que apesar de serem impelidos a sair de seus países, não estão imersos num grupo homogêneo; (iv) na crescente feminização do refúgio no Brasil e (v) nas perspectivas de futuras pesquisas sobre esta temática.

Espero que as “R” sementes de: respeito, resignação, resiliência, resistência e reaprendizado, lançadas por essas mulheres, que, carinhosamente receberam

pseudônimos de *Flores*, possam redirecionar e ressignificar a vida? também daqueles a quem esta pesquisa alcançar.

2. Deslocamentos forçados, refúgio e implicações no Brasil

“Refugiados existem desde a Antiguidade, mas o estabelecimento de um sistema internacional de proteção, com tratados diplomáticos criados para proteger quem solicita refúgio, começou apenas com a Primeira Guerra Mundial e se expandiu após o conflito global seguinte”. (Caderno Globo 16, 2019, p.10)

Refúgio e migração (forçada ou não), assim como todos os atores, lugares, dispositivos necessários para atender às demandas que surgem nos deslocamentos de pessoas, são moldados por uma gama de conceitos e classificações em diferentes áreas do conhecimento.

O termo "refúgio", em si, evoca diferentes interpretações em contextos distintos, abrangendo desde aspectos espaciais e temporais até questões emocionais, como, por exemplo, a ideia de lar, a busca por proteção e o modo de ser recebido. Além de suas conotações gerais, a compreensão de refúgio e migração nos propõe questionamentos em relação à interpretação jurídica dessas palavras, já que, atualmente, muitas notícias se propagam nos meios de comunicação sobre a ‘crise dos refugiados’ e nem sempre há correspondência sobre como “nomear” seus atores. Termos como *migrante*, *imigrante*, *refugiado* ou *deslocado* podem ocasionar dúvidas em relação à escolha daquele que, preferivelmente, abarcará a condição de seus atores no país de acolhida.

Zapata (2017, p.15)⁶ apresenta a necessidade de repensar os instrumentos regulatórios e normativos existentes diante das “novas” modalidades de deslocamentos:

“Potenciais refugiados, em função de ameaças à sua capacidade de reprodução socioeconômica ou que fogem de condições análogas à guerra, assim como os refugiados ambientais, são alguns exemplos da complexidade crescente desses novos fluxos e da necessidade de se discutir um marco regulatório condizente com os princípios presentes na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948”.

⁶ ZAPATA, G. P.; GUEDES, G..Refúgio e modalidades de deslocamentos populacionais no século XXI: tendências, conflitos e políticas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 05–13, jan. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0018>>. Acesso em: 03 set. 2024.

A definição clássica de *refugiado* está no Art. 1º, A, 2, da ‘Convenção de 1951’, relativa ao Estatuto do Refugiado⁷:

“Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele”.

A principal diferença entre ‘refugiados’ e ‘migrantes’ reside na motivação para a migração: enquanto refugiados são forçados a deixar seus países de origem devido a conflitos, perseguições e/ou violações dos direitos humanos, cf. DUDH (1948), migrantes se deslocam por razões pessoais, como busca por melhores oportunidades econômicas ou reunificação familiar. Essa distinção é crucial, pois *refugiados* necessitam de proteção internacional e assistência humanitária, garantidas por acordos internacionais e leis nacionais, enquanto *migrantes*, embora também detentores de respeito e dignidade, não se enquadram nessa categoria de proteção específica. Dessa forma, a Plataforma HELP do ACNUR (Brasil)⁸ destaca as diferenças pontuais em relação aos sistemas de proteção (internacionais e no Brasil) e de não-devolução, que se destinam a refugiados e a migrantes. Assim, propõe

Quadro 1:

Sistemas de proteção:	Refugiados:	Migrantes:
Pelas Convenções Internacionais:	Estão amparados pelo Direito Internacional, embasado na Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados	Não estão amparados por uma Convenção Internacional e dependem das leis e procedimentos internos de cada país.

⁷ ACNUR (1951). **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugueses/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados>. Acesso em: 26 jun. 2024.

⁸ Disponível em: <<https://help.unhcr.org/brasil/asylum-claim/conheca-as-diferencas-entre-o-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-e-a-autorizacao-de-residencia-no-brasil/>>. Acesso em: 15 set. 2024.

	de 1951, no Protocolo de 1967, na Convenção de Cartagena de 1964 e em outros tratados internacionais.	
No Brasil:	Estão protegidos pela Lei Nº 9.474/1997 (‘Lei Brasileira de Refúgio’).	Seus direitos e deveres estão estabelecidos na Lei Nº 13.445/2017 (‘Lei de Migração’).
Não-devolução para o país de origem:	Refugiados e solicitantes da condição de refugiado não podem ser devolvidos ao país -onde sua vida e direitos humanos fundamentais correm perigo, a menos que eles representem um sério risco à segurança nacional ou à ordem pública no Brasil.	A pessoa migrante pode ser devolvida para seus países em circunstâncias definidas por lei e mediante avaliação pela autoridade de fronteira.

Por outro lado, os termos ‘refugiado’ e ‘migrantes’ nos remetem a conotações mais amplas, assim como ao ato de “classificar” as vítimas desses conflitos. De tal modo, devido às especificidades de movimentos migratórios correspondentes a determinadas regiões, a definição clássica da ‘Convenção de 1951’, relativa ao Estatuto do Refugiado, precisou ser ampliada. Assim, face a experiências pontuais de determinadas regiões, instrumentos legais foram criados de modo a alcançar e oferecer proteção e direitos a pessoas em situação de refúgio em diversas partes do mundo, especialmente os documentos: (i) ‘Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados’ (1969)⁹; (ii) a ‘Convenção de 1969’ da Organização de Unidade Africana (OUA)¹⁰; (iii) ‘Declaração de Cartagena’ (1984)¹¹; e (iv) ‘Lei do Refugiado’ (BRASIL, 1997) – cf. Ramirez & Moraes, in: Cavalcanti (2017, p. 617-619)¹².

A expressão ‘migração forçada’ como um termo “guarda-chuva” refere-se a uma variedade de deslocamentos de indivíduos obrigados a saírem de seus países

⁹ ACNUR (1967). **Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967>. Acesso em: 09 de dezembro de 2017.

¹⁰ OUA (1969). ‘Convenção de 1969’ da Organização de Unidade Africana (OUA). Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/convencao_oua.pdf>. Acesso em 08 set. 2024.

¹¹ ACNUR (1984). **Declaração de Cartagena**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

¹² Andrés Ramirez & Thaís Guedes A. de Moraes, autores do verbete ‘Refúgio/Refugiado(a)’.

de origem (ou de residência) por razões diversas. Já a palavra ‘refugiado’ dirige-se ao sujeito que apresenta um “fundado temor de perseguição” (ibid.) para que esse status seja concedido no país de acolhida.

Esses movimentos, involuntários, na maioria das vezes, podem ocorrer tanto através das fronteiras internacionais quanto dentro de um mesmo território nacional (ACNUR, 2016)¹³. A migração é um fenômeno que transcende o tempo, manifestando-se de maneira recorrente e robusta ao longo da história. Os grandes movimentos migratórios ocorridos em outras épocas tiveram sua causa em invasões, conquistas, êxodos, mudanças sazonais, fome, superpopulação de determinadas regiões, entre outras (Glossário, IMDH, 2014)¹⁴.

As primeiras décadas deste século sublinham grandes e diversos fluxos migratórios – antigos e “novos” – em todo o mundo, desencadeados pelo deslocamento forçado de pessoas: (i) fugindo de guerras e/ou conflitos em seus países de origem (ou de residência); (ii) vitimadas por perseguições políticas, étnicas, religiosas e/ou culturais; (iii) tocadas pela fome; atingidas por catástrofes ambientais naturais (e/ou provocadas), entre outras causas que justificam as “graves e generalizadas violações dos direitos humanos” (DUDH, 1948).

Guerras, conflitos e perseguições, em diferentes partes do mundo possibilitam o deslocamento forçado de pessoas por várias razões. Cabe pontuar que os confrontos mais “recentes” impulsionaram, em grande escala, acentuados fluxos migratórios, sendo marcantes os impelidos por guerras, especialmente:

- (i) guerra civil síria (janeiro de 2011 a presente) – um conflito interno que começou influenciado por outros simultâneos no ‘mundo árabe’¹⁵, os quais progrediram para intensos confrontos armados provocando uma grande onda migratória de sírios para outros países;
- (ii) guerra Rússia-Ucrânia (fevereiro de 2022 a presente) – a invasão à Ucrânia pela Rússia propiciou grandes crises: migratória (sobretudo de

¹³ Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/#:~:text=O%20termo%20E2%80%9Cmigra%C3%A7%C3%A3o%20for%C3%A7ada%20E2%80%9D%20C3%A9,deslocam%20dentro%20do%20mesmo%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

¹⁴ Glossário, Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), de 31 de janeiro de 2014. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/glossario/>>. Acesso em 26 jun. 2024.

¹⁵ Conjunto de países que falam a língua árabe e se distribuem, geograficamente, do norte da África à Ásia Ocidental.

ucranianos), econômica, alimentar, social entre outras, que afetaram não só esses países, mas vários outros, devido aos desdobramentos e implicações, frutos desse combate;

(iii) guerra Israel-Gaza (outubro de 2023 a presente) – o conflito teve seu início quando grupos palestinos promoveram ataques terroristas contra cidades e assentamentos civis israelenses próximos à Faixa de Gaza, ao sul de Israel.

Além das guerras, os impactos no meio ambiente, ocasionados por diversos fatores – humanos, sociais, político-econômicos –, têm provocado uma série de mudanças climáticas extremas propiciando, também, esses deslocamentos. O aumento do nível do mar, entre outras consequências dessas mudanças, permitiu recentes desastres naturais como grandes enchentes e alagamentos, que forçaram pessoas a saírem de suas casas, como os que acometeram a Líbia e a Grécia em setembro de 2023, cf. reportagem publicada em 17 de setembro de 2023, no portal de notícias da CNN Brasil¹⁶.

Em março de 2020 é decretada a pandemia de COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A propagação da doença afetou vários países e regiões no mundo, gerou muitas mortes e provocou o fechamento total de várias cidades, impedindo o fluxo de entrada ou saída de pessoas, impactando os fluxos migratórios. A OMS decretou o fim da pandemia em maio de 2023.

Muitas foram as causas que promoveram o deslocamento forçado de pessoas no mundo nas últimas décadas. De acordo com o relatório ‘Mid-year Trends’ (UNHCR, 2023), referentes ao 1º semestre de 2023, o número de pessoas deslocadas no mundo ultrapassou mais de 100 milhões. Esses dados revelam que, comparados aos do ano de 2013, houve um aumento de mais de 50% de pessoas nesta condição (ibid.). Essa cifra aponta para um problema que impacta muitos países, não só os atingidos pelos conflitos, mas pelos que recebem cada dia mais pessoas nestas condições, tornando-se urgente uma ação global coordenada por vários agentes – órgãos públicos, sociedade civil, associações internacionais e ONGs – para proteger e encontrar soluções imediatas para pessoas deslocadas à força.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/crise-climatica-dez-paises-sofreram-graves-inundacoes-em-apenas-12-dias/>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

No continente americano, o deslocamento forçado de pessoas dá-se, especialmente, em cinco regiões: (i) Colômbia, (ii) Venezuela, (iii) América Central e México, (iv) Nicarágua e (v) Haiti, cf. relatório ‘Necesidades críticas en las Américas’ (UNHCR – ACNUR, 2023). O aumento na América Central ocorre por graves problemas políticos e econômicos que impactam a sociedade local gerando conflitos internos, altos índices de violência, corrupção, insegurança entre outros agravados nos últimos anos, que têm afetado a vida da população nos países localizados nessa área (ibid.).

Na América do Sul, os países que propiciam o deslocamento forçado de seus cidadãos são a Colômbia e a Venezuela, fomentados por crises sociais, políticas e econômicas específicas. Na Colômbia, persistem conflitos entre o governo e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), o que propicia um contínuo deslocamento interno (e externo) de colombianos. Além disso, o país é também receptor de venezuelanos que fogem da crise humanitária em seu país. A Colômbia, assim como o Brasil e a Guiana, são países que lindam com a Venezuela.

A deterioração da situação na Venezuela, impactada pela crise humanitária agravada nos últimos dez anos, continua a gerar fluxos de refugiados para, principalmente, seus países fronteiriços (Colômbia e Brasil). Da Venezuela, mais de sete milhões de pessoas já deixaram seu país e encontram-se refugiadas e/ou migrantes, especialmente em países do continente americano (ibid.).

Neste continente, o Brasil sempre teve um papel pioneiro e de liderança na proteção internacional dos refugiados. Foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar o ‘Estatuto dos Refugiados’ (1951), no ano de 1960, através do Decreto Legislativo Nº 11, de 07/07/1960. Foi, ainda, um dos primeiros países integrantes do Comitê Executivo do ACNUR, responsável pela aprovação de programas e orçamentos anuais da agência da ONU para refugiados. Em 1997, acontece o primeiro posicionamento legislativo do governo federal em relação a refugiados (ou solicitantes de refúgio) com a criação da ‘Lei do Refugiado’, Nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Além desse, dez anos depois, institui-se no Brasil a ‘Lei de Migração’, Nº 13.445), de 24 de maio de 2017.

O Brasil, que tanto recebeu imigrantes no final do século XIX e ao longo do século XX, por diversas razões, não se caracteriza, apenas, como um “país de migrantes”, pois o processo migratório é marcado por uma variedade de condições implícitas a este. “Ao chamar todos de *migrantes*, a história oficial do Brasil poderia

ignorar as condições assimétricas” (cf. Bulla et al., 2021, p.266) que ocasionaram a formação de sua população. As condições migratórias provocadas, especialmente, pelos refugiados que chegam ao nosso país, ajudam a compor, historicamente, o Brasil contemporâneo, i.e., uma nação detentora de um cenário diverso e heterogêneo, devido às variadas implicações sociais, econômicas, políticas e emocionais relacionadas aos atores que integram a atual sociedade brasileira.

Em 2003, o ACNUR implementa a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM)¹⁷, em cooperação com centros universitários brasileiros e com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Como iniciativas, essas instituições têm desenvolvido ações para fomentar o ensino, a pesquisa e a extensão universitária, por meio da disseminação de temas afetos ao deslocamento forçado de pessoas; formulação de políticas públicas e ações de *advocacy*¹⁸. Além disso, elas têm promovido o ensino de Português a refugiados e cooperado com processos de revalidação de diplomas.

2.1 Da crise na Venezuela ao êxodo para o Brasil

O colapso da Venezuela ocorre quando problemas sociais, políticos e econômicos causam uma grave e generalizada crise humanitária, estimulando um grande fluxo migratório de seus nacionais durante o governo de Nicolás Maduro¹⁹. O agravamento da crise deu-se em decorrência de várias situações, tais como: a queda do preço do petróleo, a desvalorização da moeda, a hiperinflação, a

¹⁷ Ao longo dos anos, a CSVM tem se revelado um ator fundamental para garantir que refugiados e solicitantes de refúgio tenham acesso a direitos e serviços no Brasil, oferecendo apoio ao processo de integração local. Atualmente, a CSVM é composta por 42 Instituições de Ensino Superior no país, presentes em 13 estados e no Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/catedra-sergio-vieira-de-mello/universidades-conveniadas/>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

¹⁸ O termo ‘Advocacy’ foi tema da aula do dia 01/12/2022, no Curso de Formação Nacional em Migração e Refúgio, ofertado pela ‘Cáritas Brasileira’ e pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM). Na ocasião, foi discutido que a tradução literal para o Português não seria suficiente para sua compreensão. Dessa forma, foi apresentado que se trata de “uma prática de articulação e pressão adotada ‘algo que se faz’, semelhante a ‘fazer incidência política, uma prática de articulação e pressão adotada sobretudo pela sociedade civil, especialmente no processo de formulação, implementação e avaliação de políticas públicas e na aprovação de leis, buscando aprimorá-las de acordo com as demandas da sociedade. Fazer ‘advocacy’ se aplica às mais diferentes esferas (municipal, estadual, nacional e internacional), e a todo e qualquer tema de real interesse público”.

¹⁹ Em 2012, Nicolás Maduro assume interinamente a presidência da Venezuela pelo agravamento das condições de saúde do, então presidente, Hugo Chávez (no poder de 1999 a 2013). Após falecimento de Chávez, novas eleições foram convocadas e, em 14 de abril de 2013, Maduro é eleito presidente da Venezuela pela primeira vez. Em 2018 é reeleito para mais seis anos de mandato e, em julho de 2024, vence as eleições de forma fraudulenta. Dessa forma, detém o repúdio de diversos países da comunidade internacional que exigem anulação desse pleito.

estatização de diversos setores e a instabilidade política. que levaram o país ao colapso social, político e econômico. O conjunto desses fatores motivou a propagação de inúmeras manifestações contra o governo que, com a ajuda das forças armadas, reprime e persegue, com veemência, seus opositores. Esses motivos fomentaram o êxodo em massa de venezuelanos para outros países, especialmente para seus fronteiros: Colômbia e Brasil.

A crise na Venezuela, resultante da complexa soma de diversos fatores: a hiperinflação, o desemprego galopante, a falta de alimentos e medicamentos e a violência generalizada, tornou a vida no país insustentável para milhões de nacionais, levando-os a cruzar as fronteiras em direção aos países vizinhos, em busca de amparo e obtenção de direitos primários à sobrevivência humana: residência, alimentação, saúde, educação, assim como oportunidades para um recomeço e ressignificação de vidas.

2.1.1 O processo de “erosão” da Venezuela

Silva (2016, p.27) revela que o início da exploração do petróleo na Venezuela “ocorreu em 1875, após um terremoto, provocando a saída de grandes quantidades através das gretas”, i.e., fendas causadas pelos movimentos internos do solo. Essa exploração promoveu uma “nova” fonte de recursos e, também, propiciou instabilidades políticas desde então, acarretando alternâncias de governos ditatoriais e democráticos que incitaram a corrupção e, como consequência, a desigualdade social.

A ascensão da nacionalização venezuelana, nas últimas décadas, foi impulsionada pela relevância desse recurso (petróleo) na esfera mundial e pela retomada de uma reestruturação no modelo proposto por Chávez, logo em seu primeiro mandato, em 1999. Essa reorganização enfatizou a nacionalização do país outorgando ao Estado a função de representar o indivíduo tanto na posse do patrimônio local como na representatividade das decisões que afetaria esta sociedade, cf. Silva (2016, p.58-60).

A "Revolução Bolivariana", liderada por Hugo Chávez, reintroduziu a ideia de governança "contínua" e "permanente", princípios propostos pelo líder venezuelano 'Simón Bolívar', que participou do processo de independência do país no início do século XIX. Uma de suas convicções era implementar a 'presidência

vitalícia' e 'hereditária'²⁰ na Venezuela e em outras nações que estivessem subjugadas ao domínio espanhol. Os ideais do 'Bolivarianismo' promovem o nacionalismo e uma economia de controle do Estado.

A proposta do governo Chávez trouxe “promessas” de combate à corrupção e o desenvolvimento econômico e social no país. Os programas assistenciais de seu governo contribuíram para as camadas mais pobres da população, no entanto, suas políticas populistas geraram contestações de seus opositores. A nacionalização de empresas, o controle dos meios de comunicação, a politização do judiciário, entre outras medidas, levaram seus apoiadores a intensos confrontos com a oposição da política em exercício. Bruce (2016) aponta para a complexa relação entre o Estado e a sociedade civil durante o governo de Chávez. Para a autora, as raízes históricas e as práticas comunitárias interagiram com o poder político em um espaço de disputa e construção social. Ao mesmo tempo em que buscou fortalecer a participação popular e implementar políticas sociais, também restringiu liberdades civis e concentrou poder (ibid.).

Após a morte de Chávez, medidas autoritárias do governo Maduro intensificaram os ideais “absolutistas” de seu antecessor, impulsionando o país a uma crise que se agravou em 2015. Em 2017, a Venezuela é suspensa do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), e passa a enfrentar pressões internacionais, como sanções econômicas, principalmente oriundas dos Estados Unidos, que prejudicaram as relações comerciais venezuelanas com vários países. Em janeiro de 2019, Juan Guaidó, líder da oposição no Congresso Nacional, declarou-se presidente interino, aumentando a instabilidade política no país (Oliveira, 2021). O conturbado cenário político corrobora para sua destituição em dezembro de 2022, cf. reportagem publicada em 30 de dezembro de 2022, no portal do jornal Estadão²¹.

Hiperinflação, sanções internacionais, deliberações totalitárias, desvalorização da moeda local, carência de insumos básicos à sobrevivência

²⁰ “O Presidente da República nomeia o Vice-Presidente para que administre o estado e o suceda no mandato. Por esta providência, se evitam eleições, que produzem o grande azote das repúblicas, a anarquia, que é o luxo da tirania, e o perigo mais imediato e mais terrível dos governos populares”. – Trecho do discurso de Simón Bolívar no ‘*Congreso Constituyente de Bolivia*’ em 1825, cf. Prado & Pellegrino (2014, p.46).

²¹ “Era Juan Guaidó chega ao fim na Venezuela com oposição se preparando para negociar com o chavismo”, publicado em Estadão, 30/12/2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/era-juan-guaido-chega-ao-fim-na-venezuela-com-oposicao-se-preparando-para-negociar-com-o-chavismo/>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

humana, falta de assistência à saúde, entre outras violações graves aos direitos humanos, levaram um grande número de venezuelanos a deixarem seu país e buscarem um recomeço nos países de fronteira, como o Brasil. Dessa forma, o deslocamento forçado de venezuelanos legitima-se por um processo de “erosão” de seu país.

2.1.2 O êxodo venezuelano no Brasil

O êxodo venezuelano difunde-se no Brasil a partir de 2015 (Jarochinski-Silva & Baeninger, 2021), quando se intensificam os problemas sociais causados pela crise no país. Impulsiona-se, assim, o deslocamento forçado de nacionais da Venezuela à cidade de Pacaraima. A fronteira terrestre entre Pacaraima e Santa Elena de Uairén, na Venezuela, favorece a entrada de venezuelanos no Brasil.

A partir de 2018, há um *boom* de entrada de venezuelanos no Brasil o que evidenciou a falta de uma agenda político-migratória brasileira para gestão desse público naquele momento. A temática se propaga nos veículos de comunicação, com a difusão de reportagens^{22 23 24} que evidenciaram a exposição de problemas advindos desse fluxo migratório.

Pesquisas com foco nessa temática despertam o interesse de diversas áreas do conhecimento, como Ciências Sociais, Ciências Humanas, e segmentos da área de Saúde . O crescimento de investigações aponta para um longo caminho ainda a ser traçado, no que se refere à assistência, sobretudo, de políticas públicas, que, em muitos momentos, é oferecida pelas universidades por meio do trabalho da CSVM e de organizações religiosas e/ou ONGs – como o PARES Caritas-RJ –, que buscam promover uma relação entre sociedade, pesquisadores e instrumentos de apoio dirigidos a esse público em especial.

²² “Roraima deporta 450 venezuelanos em situação irregular no país”, publicado em Mídia Bahia, 11/12/2016. Disponível em: <<https://midiabahia.com.br/roraima-deporta-450-venezuelanos-em-situacao-irregular-no-pais/>>.

²³ “Roraima espera maior migração de venezuelanos este ano”, publicado em Agência Brasil, 18/02/2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/roraima-espera-maior-migracao-de-venezuelanos-este-ano>>.

²⁴ “Preocupada com êxodo de venezuelanos, ONU pede ajuda a países vizinhos”, publicado em Agência Brasil, 15/08/2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-08/preocupada-com-exodo-de-venezuelanos-onu-pede-ajuda-paises-vizinhos>>.

A partir de março de 2018²⁵, devido à contínua e cada vez maior busca de venezuelanos pelo Brasil, como fuga da crise humanitária em que viviam em seu país, o governo brasileiro, através do Ministério da Defesa²⁶, inicia o processo de realocação (interiorização) de venezuelanos que chegavam em grande número e, que, pela falta de condições, se estabeleciam no estado de Roraima, sobretudo nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, ocasionando diversos transtornos em locais com poucos recursos. Esse programa recebeu o título de ‘Operação Acolhida’ e tinha por objetivo levar venezuelanos a outras cidades do país – como o Rio de Janeiro –, onde poderiam recomeçar suas vidas e encontrar oportunidades de trabalho. A distribuição dos refugiados para diferentes regiões do Brasil era viabilizada pelo governo federal, por organizações internacionais e pela sociedade civil. Sobre a ‘Operação Acolhida’, Machado (2021) questiona “como os discursos de perigo e controle das fronteiras coexistem com a lógica de acolhimento e defesa dos direitos humanos”, justificando que, ao lidar com o ‘outro’, venezuelano, o programa (re)produz “uma representação específica do Estado e da nação brasileira”.

Dados dos relatórios “Refúgio em Números” referentes aos anos de 2017 e 2018 (3ª e 4ª edições)²⁷, publicados pelo Ministério da Justiça em conjunto com o CONARE e o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), revelam números que justificam o *boom* do refúgio venezuelano no Brasil no ano de 2018.

Quadro 2:

Em 2017:	Em 2018:
Das 33.866 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 17.865 eram de venezuelanos, ou seja, 53% dos solicitantes. Em 2016 foram 3.375.	(i) Das 85.438 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, 61.681 eram de venezuelanos, ou seja, 77% dos solicitantes. (ii) 81% das solicitações foram apresentadas no estado de Roraima.

Além dos números apresentados no quadro 2, o último censo demográfico realizado pelo IBGE destaca o aumento de quase 90% da população da cidade de

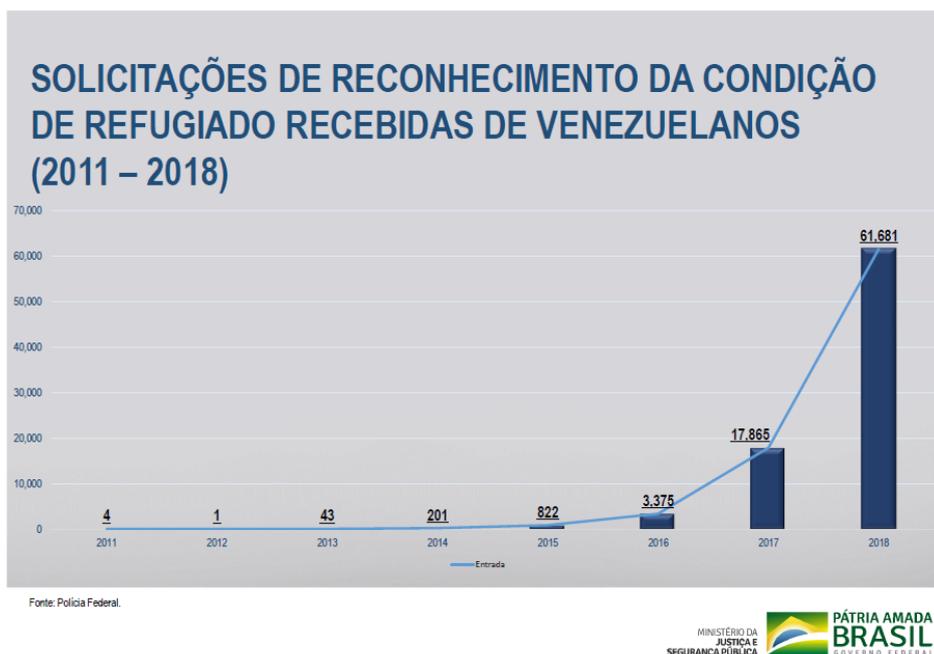
²⁵ Disponível em: <<https://www2.fab.mil.br/hca/index.php/slideshow/343-operacao-acolhida-roraima>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

²⁶ Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/noticias/41442-processo-de-interioriza%C3%A7%C3%A3o-leva-venezuelanos-de-roraima-para-outras-regi%C3%B5es-do-brasil>>. Acesso em: 19 out. 2018.

²⁷ CONARE; Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em Números**. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>>. Acesso em: 13 maio 2024.

Pacaraima no ano de 2022, se comparado aos dados referentes a 2010²⁸. Esse município de pouca notoriedade nos meios de imprensa, até então, ganhou destaque nas notícias do Brasil, mostrando que, devido ao aumento constante da chegada de venezuelanos ao país, a sua reputação como "porta de entrada" estava se consolidando progressivamente, pois passaria a receber cada dia mais: homens, mulheres, crianças, indígenas *Warao*²⁹, ou seja, venezuelanos em busca de um local para um recomeço de vida, na verdade, pessoas que traziam uma demanda imediata e urgente em suprir necessidades básicas que seu país de origem passou a não mais oferecer.

Quadro 3:



O quadro 3, publicado na 4ª edição do “Refúgio em Números”, revela que o aumento das solicitações de refúgio por venezuelanos no Brasil acentuou-se sobremaneira em 2018, se comparadas às estatísticas dos anos anteriores.

²⁸ Conforme dados disponíveis em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal>. Acesso em: 07 mar. 2024.

²⁹ “Os *Warao* são um povo indígena seminômade que habita, desde tempos imemoriais, as terras situadas no delta do rio Orinoco, em uma região predominantemente abrangida pelos Estados venezuelanos de Delta Amacuro, Monagas e Sucre”, cf. XAVIER, Fernando César Costa. Direitos indígenas para imigrantes indígenas: o caso dos *Warao* no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, [S. l.], v.37, n.2, 2021. Disponível em: <<https://revista.fdsu.edu.br/index.php/revistafdsu/article/view/427>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Quadro 4:

SITUAÇÃO VENEZUELA E REFÚGIO NO BRASIL 2018

Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos na Venezuela

Em 14 de junho de 2018, o Conare decidiu reconhecer a situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela, com fundamento no inciso III do art. 1º da Lei nº 9.474, de 1997.

Com essa decisão:

- procedimentos simplificados para a tramitação dos processos de nacionais venezuelanos;
- indispensabilidade de entrevista de elegibilidade, devendo esta ocorrer de maneira simplificada;
- indispensabilidade de verificação de excludentes, com base no art. 3º da Lei nº 9.474, de 1997.
 - decisão não se aplica a membros de *colectivos e megabandas*, entre outros grupos de guerrilha urbana, bem como membros de grupos criminosos organizados e pessoas que se beneficiam materialmente das circunstâncias na Venezuela;
- mantida a indispensabilidade de verificação de óbices, por parte de qualquer instituição ou de indivíduo;
- mantida a indispensabilidade de verificação de permanência em território nacional, inclusive podendo ser provada por meio de entrevista complementar; e
- decisão válida por 12 meses, podendo ser prorrogada ou revista a qualquer momento, a depender das circunstâncias na Venezuela.

Fonte: Coordenação-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados.



No quadro 4, publicado também na 4ª edição do “Refúgio em Números”, são apresentadas as ações que deveriam ser promovidas, a partir de 2018, a refugiados venezuelanos. ao reconhecer a situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela, com fundamento no inciso III do artigo 1º, da “Lei do Refugiado”, (BRASIL, Lei nº 9.474, 1997), de forma à adoção de procedimento simplificado no processo de determinação da condição de refugiado de nacionais venezuelanos.

Diante dos dados, os impactos que o êxodo venezuelano trouxe ao Brasil, especialmente ao estado de Roraima, foram:

- (i) o aumento da população – o Brasil se tornou um dos principais destinos de venezuelanos, com estimativas de mais de 300 mil vivendo no país, cf. informativo mensal do Subcomitê Federal para Recepção, Identificação e Triagem dos Imigrantes³⁰, publicado em fevereiro de 2022;
- (ii) a pressão sobre serviços públicos – a chegada em massa de migrantes venezuelanos sobrecarregou os serviços públicos, especialmente em Roraima, cf. Silva & Souza (2019).

30

Disponível

em:

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf>. Acesso em 30 mai. 2024.

(iii) programas de interiorização – uma das alternativas para minimizar essa sobrecarga;

(iv) resposta humanitária – a ACNUR, organizações religiosas e ONGs atuaram (atuam) para fornecer assistência na fronteira, em especial abrigos, alimentação e apoio legal.

De Pacaraima a grandes metrópoles brasileiras, como o Rio de Janeiro, muitos venezuelanos passaram a chegar em número cada vez mais considerável, sinalizando que assistências urgentes deveriam ser dadas a este grupo, que, assim como na cidade de chegada, passariam a buscar redes de acolhida e amparo também numa “nova” cidade.

2.2 Redes de assistência a refugiados no Rio de Janeiro: o PARES Caritas-RJ

A crise multifacetada na Venezuela se revela no número de pessoas que buscaram atendimento somente no PARES Caritas-RJ, entre os anos de 2017 e 2018. Naquele momento, esta era uma das poucas organizações religiosas e/ou ONGs que prestava assistências diversas a refugiados na cidade. A Caritas-RJ é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e está inserida nos trabalhos da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Sua atuação abrange diversos programas e projetos sociais, como a Pastoral da Criança, a Pastoral da Terceira Idade, o PARES Caritas-RJ, entre outros.

Campanholo (2019) apresenta a Caritas-RJ como uma das primeiras assistências a refugiados que buscam apoio ao chegar ao Rio de Janeiro. Revela que essa foi a primeira entidade a desenvolver um serviço formal e sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil. A partir da parceria com o ACNUR, contribuiu para a presença e atuação da agência da ONU, corroborando para o desenvolvimento de políticas de refúgio no país. Entretanto, limitações na prestação das assistências evidenciaram a falta de apoio financeiro e logístico para a qualidade dos seus atendimentos, pois esses são prestados, em sua maioria, por voluntários.

Dados do PARES Caritas-RJ³¹ referentes aos anos de 2017 e 2018 apontam para o aumento do número total de atendimentos realizados a refugiados ao longo

³¹ Disponível em: < <https://www.caritas-rj.org.br/numeros-atendimentos-pares-2017-18-19.html>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

desses anos. Também sinalizam a crescente busca de venezuelanos por assistências neste local.

Quadro 5:

Ano:	Total de atendimentos individuais (diversas nacionalidades):	Atendimentos individuais a venezuelanos:
2017	5.320 pessoas	616 (16%) dos atendimentos
2018	10.894 pessoas	3.159 (29%) dos atendimentos

Os atendimentos a refugiados, oferecidos pelo PARES Caritas-RJ, se destinam a questões diversas, em especial às relacionadas à orientação sobre processos e documentação e à busca por trabalho, saúde, educação e reunião familiar. Muitos refugiados que buscam o projeto manifestam o desejo de trazer familiares que ficaram nos países dos quais saíram. A oferta de Cursos de Português também está entre esses atendimentos.

2.3 Uma “nova” modalidade de Português para estrangeiros no Brasil

“Amar é acolher, é compreender, é fazer o outro crescer”.
Zilda Arns Neumann

Ao presenciar situações em que alguém se queixa de outra pessoa por não falar Português corretamente, ou reclama quando um estrangeiro utiliza uma língua desconhecida pelo interlocutor local, pode-se inferir que estamos diante de manifestações de xenofobia relacionadas a questões linguísticas e que o acolhimento é, portanto, heterogêneo, a depender do lugar, público e objetivos do estrangeiro no Brasil.

É necessário apontar que o Português não é a única língua falada no território brasileiro. O Brasil é um território plurilíngue, pois há (i) diversas línguas faladas pelos povos originários neste continente; (ii) línguas em uso, próprias de regiões de fronteira: o Portunhol; (iii) a língua brasileira de sinais (LIBRAS); e (iv) as línguas trazidas pelos imigrantes no século XX, além das deslocadas pelos e com os refugiados na contemporaneidade. Esses fatores não são comumente apontados nas estatísticas.

A partir de 2015, quando se intensificou a entrada de refugiados no Brasil, fugidos por razões diversas de seus países de origem, tais como (i) conflitos no Oriente Médio, (ii) guerras étnicas e civis em países do continente africano, (iii) aumento expressivo da entrada de venezuelanos, entre outros motivos, a aprendizagem urgente do Português – variante brasileira – passou a ser uma necessidade para pessoas em situação de refúgio. No entanto, como o governo brasileiro não possui uma política de ensino de PLAc, abre-se uma grande lacuna que algumas organizações religiosas e/ou ONGs buscam preencher, na maioria das vezes, por meio do trabalho voluntário de professores com e/ou sem formação na área de Letras, sobretudo especializados em ensino de PLE (Ferreira et al., 2019).

É comum não encontrar, na grade curricular dos cursos de Graduação em Letras, disciplinas que contemplem o ensino de Português para estrangeiros. Infelizmente, isso leva a uma preconceção à não-familiaridade com a diversidade, especialmente a diversidade linguística.

2.3.1 Como surge o PLAc?

No século XX, até a década de 1990, a maioria dos casos de imigração em Portugal era oriunda de países lusófonos, dada a proximidade cultural e linguística dos imigrantes.

No entanto, a partir de 1999, inicia-se um tipo de imigração em massa, de perfil diferente nesse país, proveniente do leste europeu. Esse grande fluxo migratório deu-se, especialmente, pela abertura das fronteiras da União Europeia, naquele momento, e à escassez de empregos na região europeia mencionada.

Assim, muitos estrangeiros migraram em massa para o sul da Europa, especialmente a Península Ibérica, onde existia grande necessidade de mão-de-obra, sobretudo para a construção civil e agricultura (Góis, 2014). A denominação ‘Português como Língua de Acolhimento’ tem sua origem nesse contexto e em Portugal, já que acolher imigrantes de língua não-lusófona passa a ser uma realidade emergencial nesse país.

O conceito de "língua de acolhimento" dentro do cenário multilíngue e multicultural da Europa, com foco especial em Portugal, ultrapassa as definições canônicas do ensino de Português como: (i) Língua Estrangeira (PLE), (ii) Segunda Língua (PL2), (iii) Língua Adicional (PLA), (iv) Língua de Herança (PLH), uma vez que se concentra nas exigências linguísticas e culturais dos imigrantes durante

o seu processo de integração. Entretanto, o ‘Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas’³² é apresentado como um recurso para conduzir o ensino e aprendizagem (também) da língua de acolhimento.

Grosso (2011) expõe a relevância do ensino dessa língua como imprescindível para que imigrantes/refugiados possam “adentrar” na sociedade acolhedora, sublinhando a necessidade de uma abordagem intercultural que pontue a diversidade linguística e cultural de seus aprendizes. O contexto migratório em Portugal destaca a heterogeneidade do público que busca de aprender o PLAc, dado que os desafios e as necessidades específicas desse público ressaltam a urgência em adquirir a língua em um curto espaço de tempo, especialmente para lidar com situações cotidianas e garantir sua sobrevivência nesse novo lugar.

Ao longo dos anos, a compreensão sobre os contextos de ensino de PLAc foi sendo alargada pelos professores e pesquisadores da área, passando a entender tais contextos como mais variados do que apenas ‘para estrangeiros’ (Bulla et al., 2017, n.p.).

Azpiroz (1998, p.130) sinaliza que, nos anos 90, com a entrada do Brasil no MERCOSUL, países que integravam esse tratado passaram a nutrir interesse mútuo para que a integração acontecesse, a começar pelo aprendizado do Português do Brasil pelos hispanofalantes e do Espanhol pelos brasileiros. O *boom* do ensino do Português (variante brasileira) para estrangeiros ganhou visibilidade internacional, pois “a estabilidade econômica do Brasil foi colocando o país em posições mais privilegiadas no cenário político e econômico internacional” (ibid.) e a procura pelo aprendizado do idioma toma outros patamares. Nessa época é que surgem “uma nova etapa do processo de institucionalização” (ibid.) do ensino de PLE no Brasil, a formação de centros de referência para ensino-aprendizagem de PLE em universidades brasileiras, além da criação do Celpe-Bras, cf. Pacheco (2006: p.74-75).

³² Trata-se de um padrão/marco europeu de descrição de competências linguísticas numa escala de seis níveis, do A1 (para principiantes) ao C2 (para quem já é proficiente), para uma das línguas faladas na Europa. Permite que todos os envolvidos no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras – professores e alunos – saibam a que nível corresponde cada certificação. Desenvolvido para caracterizar os resultados do aprendizado de uma língua estrangeira da Europa, passou, gradualmente, a ser utilizado em outros países ao redor do mundo. Permite a avaliação das habilidades linguísticas dos candidatos por parte de instituições educacionais e empregadores, simplificando, assim, o processo de admissão em cursos e/ou empregos, p.ex.. Fontes: Cambridge University Press & Assessment e Wikipédia. Acesso em 22 ago.24.

Assim, manuais didáticos de PLE atendiam a uma necessidade que não se aplicava (aplica) aos refugiados. Arantes e Deusdará (2015, p.58) apontam para esse cenário de falta de material dirigido a esse grupo que tem urgência para aprender o idioma:

“(...) os materiais didatizados para sua aplicação direta no ensino de PLE, geralmente, não estão direcionados à discussão de contextos e memórias discursivas dos acontecimentos midiáticos e atuais que envolvem os atores nos cenários sociais e políticos. Dessa forma, o trabalho com materiais e suportes semelhantes àqueles aqui analisados contribui, a nosso ver, para o fomento ao acolhimento na sociedade em que os refugiados se veem inseridos, muitas vezes não por escolha, mas por imposição”.

De acordo com os autores, desde 2014, pouquíssimo foi feito para adaptar materiais didáticos de PLE à heterogeneidade dos refugiados, ainda que tendo a mesma língua materna - como é o caso dos colombianos, cubanos, venezuelanos -, mas que apresentam em comum a mesma urgência: aprender o idioma do Brasil para sua imediata inserção na sociedade.

2.3.2 Português para refugiados ou como língua de acolhimento?

“Português, nossa maior barreira!”³³

“(...) porque, pra mim, o Português era chinês”³⁴

As frases expressam o que ouvi, com frequência, como professora de Português para refugiados, não apenas na sala de aula, mas também em depoimentos espontâneos, conversas, encontros, mensagens em grupos de WhatsApp, ou seja, em circunstâncias nas quais interagi com esse grupo dentro e fora do contexto de ensino-aprendizagem.

Nas histórias narradas pelos alunos, eles justificavam que a ‘barreira da língua’ era o maior impedimento para a sua inserção na sociedade, já que, como

³³ Afirmação repetida por vários refugiados presentes na Roda de Conversa 1: “A questão da língua portuguesa no refúgio e a promoção de direitos linguísticos”, que ocorreu durante o ‘X Seminário Nacional das Cátedras Sérgio Vieira de Mello – ACNUR’, no dia 12 de setembro de 2019 na PUC-Rio.

³⁴ Excerto (linhas 1262-1263), entrevista *Nenúfar*.

adultos, a urgência em se aprender o Português era latente para a efetiva integração. Dessa forma, algumas questões são frequentes para todos que estamos diante desse complexo ofício:

- (i) Como conseguirão trabalho se não falam o idioma?
- (ii) Como irão dizer ao médico o que ele (ou o filho) tem e serem entendidos (e/ou entenderem) o que o médico diz?
- (iii) Como conseguirão inserção na sociedade se não manejam as habilidades necessárias para se comunicarem?

Responder a essas questões e buscar formas para minimizá-las é um grande desafio para quem está nesse contexto de sala de aula. Jubilut (2019, p.35) nos aponta que a questão das dificuldades com o idioma é o maior obstáculo a ser vencido e ultrapassado:

“(…) uma vez que se está em um território seguro, no que se poderia chamar de integração local, observam-se vários obstáculos de acesso a direitos, tais como à documentação, à saúde, à educação, a trabalho e renda e à moradia; com a possibilidade, também, de se somar a todos eles a questão de dificuldades com o idioma”.

No Brasil, o ensino de Português para refugiados torna-se expressivo a partir de 2015, quando a temática migratória ascende no mundo com recordes históricos e ganha cada vez mais visibilidade na mídia, tornando-se, dessa forma, um real problema na sociedade brasileira. A partir de então, organizações religiosas, ONGs e, há poucos anos, o poder público, passam a oferecer esse tipo de assistência..

O Relatório Anual da CSVM de 2019 nos aponta que 18 instituições de ensino superior no Brasil, sobretudo nas regiões centro-sul do país, ofereceram ‘ensino de Português para refugiados’ naquele ano. Comparado ao ano de 2017, o relatório destaca que eram 12 instituições, indicando que, cada vez mais, a academia tem se voltado também para esse problema.

Nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, o ensino de Português para refugiados tem sido promovido por instituições diversas, tais como:

- (i) religiosas e/ou filantrópicas: no RJ: PARES Cáritas/RJ; Centro de Atendimento aos Refugiados (CAR) – Associação São Vicente de Paulo (ASVP); em SP: Cáritas-SP (CASP); Missão Paz, entre outras;

(ii) educativas: no RJ: Biblioteca Parque de Niterói; Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC); em SP: Centro de Línguas da USP;

(iii) sociais: em SP: Instituto Adus; Curso Mafalda; Rede Emancipa.

Esse cenário mostra que o ensino de PLAc é uma realidade cada vez mais próxima do cotidiano das grandes metrópoles no Brasil e, ainda que o governo não promova políticas linguísticas para esse fim, a sociedade tem se manifestado cada vez mais, no intuito de oferecer e subsistir com essa assistência.

Ainda que haja uma preocupação com a integração do refugiado na sociedade e com a preparação de materiais específicos para esse público, o que noto, como professora, é a falta de preparo de profissionais do magistério que, muitas vezes, estão à frente do ensino do idioma. Por se tratar de uma atividade voluntária, muitos não possuem formação em Letras, mas dominam uma língua mediadora, o que facilita o trabalho em sala de aula. Entretanto, não é apenas o conhecimento do idioma do aprendiz que faz com que haja êxito no processo de aprendizagem da língua alvo, mas sim o preparo específico para lidar com as várias nuances relativas ao ensino de Português para refugiados. Barbosa & São Bernardo³⁵, in: Cavalcanti (2017, p. 434-435) nos esclarecem como é complexo esse processo:

“É notório que a aquisição de uma nova língua-cultura – diferente daquela denominada “língua materna” – não é de natureza simples, tampouco neutra. Trata-se de processo complexo porque está diretamente vinculado às relações que se estabelecem entre pessoas, culturas e identidades. Aprender uma nova língua-cultura é adentrar-se a outras mentalidades e, sobretudo, colocar em xeque certezas e capacidades de interpretar e de compreender outras dimensões simbólicas diferentes das que estão relacionadas com a língua-cultura que falamos e na qual circulamos”.

Falar Português é uma ferramenta indispensável para a integração dos que chegam no território brasileiro. Costa e Taño (2017, p.78) relatam a importância do diálogo entre todos os sujeitos envolvidos nesse processo:

“o PLAc assume um papel de destaque nas discussões tanto dentro da área da linguística como dos direitos humanos e sinaliza a necessidade de que teoria e prática (academia e empiria) dialoguem e estabeleçam as bases deste fazer

³⁵ Lúcia Maria de Assunção Barbosa & Mirelle Amaral de São Bernardo são autoras do verbete ‘Língua de Acolhimento’.

respeitando as características do ensino do idioma oficial do Brasil”.

É necessário pontuar a necessidade de uma proposta político-pedagógica que norteie esse projeto linguístico e, ao mesmo tempo humanitário, da língua como um instrumento de acolhimento, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

O verbete ‘acolhimento’, nos dicionários mais populares de Língua Portuguesa – Aurélio, Michaelis, Caldas Aulete, Houaiss, entre outros no mercado editorial brasileiro –, significa ‘ação, modo ou resultado’ de acolher, i.e., como se ‘acolhe, recebe, abriga...’ alguém ou alguma coisa. Também indica quem oferece ‘hospitalidade, hospedagem, abrigo, refúgio, proteção...’. Desse modo, classificar o ensino de Português para refugiados como ‘Língua de Acolhimento’ deveria, antes de tudo, trazer à tona a gênese que esse termo indica. Que se pudesse questionar sempre e insistentemente:

- (i) como ‘acolher’ linguisticamente o refugiado;
- (ii) como colaborar para desenvolver as competências linguísticas desse instrumento – o Português – como signo de ‘proteção’ para esse indivíduo;
- (iii) como esse sujeito, desabrigado de pátria, sociedade, mercado de trabalho, família que se viu obrigado a deixar para trás, pode se sentir ‘acolhido’ nesse recomeço, não só dentro de um ‘abrigo’ físico, mas com condições de solicitar ‘proteção’ sempre que necessário.

O governo, juntamente com a sociedade civil, deveria oferecer ‘hospitalidade’, numa íntima relação entre acolher a língua do outro e promover a comunicação entre as partes – emissor e receptor –, sem que o entrave da língua promova ‘hostilidade’ entre seus interlocutores. Essa possibilidade se revela nessa complexa relação, com base na qual é possível afirmar que ainda há muito para se refletir e investigar, a fim de se propor soluções para a tensão que possa emergir do encontro entre mundos, culturas e línguas “hermanas”. Refletir sobre as circunstâncias que levaram o Brasil a receber cada dia mais e mais pessoas que se deslocam para cá, oriundas, principalmente, dos continentes americano e africano, é urgente e necessário para o entendimento desses movimentos que atravessam todos os dias nossa realidade.

A constituição do verbete ‘Língua de Acolhimento’ sinaliza – além de explicações sobre o surgimento e o que caracteriza o PLAc – a importância do

professor que atua no contexto de ensino de língua estrangeira, pois ele pode não só exercer um papel daquele que ameniza “o conflito inicial entre aprendente e língua”, mas quem também pode contribuir para que “esse aprendente comece a vê-la e a interpretá-la como elemento de mediação entre ele(a) e a sociedade anfitriã” – Barbosa & São Bernardo, in: Cavalcanti (2017, p.436).

Rodrigues (2010, p.142), há mais de 10 anos, já marcava o papel do Estado e a promoção do ensino do Português para refugiados:

“O Português, como idioma preponderante e conector de toda a população brasileira, é para o Brasil um importante elemento de unidade, mas para os estrangeiros significa muitas vezes uma barreira. No caso de solicitantes e de refugiados de língua castelhana, a dificuldade de aprender o Português pode gerar dificuldades para o mercado de trabalho e até mesmo estigma para a convivência. A falta de um ambiente internacional nos grandes centros urbanos, que se refletiria em placas e indicações bilíngues e/ou trilíngues em equipamentos públicos, gera dificuldades para os estrangeiros em geral que residem no país. A saída – aprender o Português – depende muito mais de programas da sociedade civil do que do Estado, ainda muito tímido nessa questão”.

A íntima relação entre língua e Estado nos mostra como o idioma predominante pode influenciar na inclusão ou exclusão de indivíduos numa sociedade. O Português, sendo a língua majoritária no Brasil, configura-se como um fator de união nacional, mas, por outro lado, pode representar uma barreira para estrangeiros, especialmente refugiados. A dificuldade em aprender Português limita o sujeito ao acesso a serviços básicos de assistência, ao ingresso no mercado laboral e pode corroborar para situações em que o preconceito linguístico se instaura, deslegitimando o sujeito, seu país de origem, sua língua materna, sua cultura. Portanto, a falta de sinalização multilíngue em espaços públicos dificulta a vida dos estrangeiros no país. Nesse sentido, vê-se que aprender Português tem dependido mais de iniciativas da sociedade civil do que do Estado, o qual ainda se mostra ineficiente nesse quesito.

Dessa forma, já que a língua pode constituir um grande obstáculo para a inclusão de grupos minoritários na sociedade, o Estado deveria assumir um papel mais ativo na promoção do aprendizado da língua por refugiados e na criação de um ambiente linguístico mais acolhedor para esse público.

3. Fundamentação Teórica

O presente capítulo apresenta as orientações teóricas do estudo das narrativas na sociolinguística, baseando-se no pioneirismo das contribuições de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) aos estudos da narrativa sob o ponto de vista de sua estrutura sintática e textual. As precursoras narrativas labovianas motivaram reflexões sobre sua importância nos estudos discursivos, assim, a “virada dos estudos da narrativa” passam a sinalizar sua importância como um instrumento de entendimento da vida social e dos impactos discursivos que o ato de narrar uma história provoca (Moita Lopes, 2021; Bastos & Biar, 2015).

A importância dos estudos narratológicos remete a especificidades que serão apresentadas nesse estudo. As histórias de vida (Linde, 1993) das entrevistadas para esta pesquisa, refugiadas venezuelanas (*corpus* dessa investigação), apontam para narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005; De Fina, 2003, 2007; De Fina & Georgakopoulou, 2015; Wortham et al, 2020) que detalham experiências subjetivas das entrevistadas, como: sua origem, família, atividade profissional, meio social e os motivos que as impulsionaram a sair da Venezuela, marcando as realidades dos que saem de seus países de origem e a dos sujeitos na sociedade de acolhida. Ao analisar essas histórias, busca-se superar narrativas simplistas (Wortham, 2020) que homogeneízam as experiências vividas por deslocados, que sofrem, se transformam e reconfiguram suas “novas” sociedades.

Nas entrevistas, a construção de identidades em narrativas (Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Bucholtz & Hall, 2003; 2005; De Fina, 2004, 2007; Moita Lopes, 2001, 2002, 2003, 2010; Pereira & Dias, 2015) emergem na interação com a pesquisadora e quando narram acontecimentos no processo do refúgio, da saída da Venezuela, na travessia para o Brasil e no estabelecimento dessas mulheres no Rio de Janeiro. Estigmas (Goffman, 1985; 1988 [1963]), crenças e avaliações dos sujeitos nas narrativas (Labov, 1972; Linde, 1993; Vieira & Oliveira, 2009) são também indicadas no decorrer das entrevistas.

3.1 Narrativas na sociolinguística

Estudos sobre narrativas têm se disseminado cada vez mais como objeto de investigação, sobretudo, nas Ciências Sociais e Humanas. As narrativas destacam

como as identidades sociais são construídas e reconstruídas, as contingências sócio-históricas em que estão inseridas e as relações de poder numa dada sociedade, uma vez que as narrativas têm um papel fundamental na elaboração de compreensão acerca da sociedade (Moita Lopes, 2001; 2021).

Na Sociolinguística, os estudos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), inauguram o interesse pela língua em uso na sociedade, através da análise de eventos sequenciais sobre a vida cotidiana – as narrativas. Assim, apresentam o estudo da narrativa sob o ponto de vista de sua estrutura e características formais, i.e., uma forma de organização do que é ‘contável’ da experiência humana, trazendo em sua disposição, elementos obrigatórios e optativos, a partir dos quais é possível analisar eventos sequenciais sobre a vida social.

3.1.1 Do pioneirismo de Labov à virada narrativa

Precursor nesse campo de estudos, Labov (1972) define a narrativa como um método de recapitular experiências passadas – modelo canônico – através de uma sequência verbal de orações cuja ordenação reflete a sequência de eventos ocorridos de forma efetiva (infere-se que tenham ocorrido). Para o autor, narrativas são ordenadas em sequências temporais, assim, uma narrativa mínima seria definida como aquela que contém uma sequência de duas orações temporalmente ordenadas com uma única junção temporal (ibid., p.360-361).

Labov foi o primeiro a sistematizar o tema (ibid., p. 359-370), estabelecendo os aspectos sintáticos e a estrutura textual da narrativa – plenamente desenvolvida – em seis elementos principais:

- (i) Resumo – introduz o ponto e/ou o tópico central da história, ou seja, daquilo que se irá contar.
- (ii) Orientação – indica o tempo, as pessoas e os lugares referentes à(s) história(s) que será(ão) contada(s).
- (iii) Complicação (da ação) / ação complicadora / “núcleo da narrativa” – é o único elemento de presença obrigatória. Todos os outros componentes podem estar (ou não) presentes, ou presentes de forma intercalada e/ou recursiva.
- (iv) Avaliação – meio usado pelo narrador para indicar o ponto da narrativa, sua razão de ser, ou seja, porque a história está sendo contada e o que o narrador está tentando mostrar ou provar.

(v) Resultado – desfecho da(s) narrativa(s).

(vi) Coda – fecha a sequência das ações complicadoras e indica a finalização da narrativa.

Para o autor, uma narrativa completa começa com uma orientação, prossegue com a ação complicadora, é suspensa no foco da avaliação antes da resolução, conclui com a resolução e retorna ao ouvinte no tempo presente com a coda, i.e., segue uma estrutura sistematizada (ibid., p.369).

Além disso, Labov propõe uma reflexão sobre a própria atividade de pesquisa em sociolinguística, denominada o “paradoxo do observador” (ibid., p.355), que busca observar o uso da língua em situações em que as pessoas não estejam sendo observadas, pois acredita que quando as pessoas falam de tópicos pessoais, monitoram menos suas falas.

Do foco na estrutura e características formais – em como se organizam – a outros olhares para essas histórias, especialmente às contadas em interações cotidianas ou institucionais, pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas passaram a revisar o escopo laboviano e propor a análise de outros segmentos, não-canônicos. A narrativa passa a ser percebida “como a forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral” (Bastos, 2005, p.74-75).

O pioneirismo das narrativas labovianas preconiza provocações sobre a vida cotidiana, que se transformam em objeto de análise, para as experiências pessoais e sociais, de modo que os sujeitos participantes, num cenário discursivo, se envolvem, as narrações vão sendo co(construídas) e os efeitos provocados com o ato de contar uma história. Para a autora (ibid.), ao contar histórias, as pessoas não apenas transmitem quem são, mas também constroem relações sociais. Ela destaca, ainda, a importância da narrativa como uma prática social que reflete a dinâmica da vida cotidiana e influencia a compreensão de si mesmo e do mundo. Apresenta (ibid.) contribuições de autores que observaram outros elementos além da estrutura da narrativa – proposta laboviana – e focaram no contexto em que se insere, trazendo a relevância de elementos: sociais, culturais, representativos, assim como das identidades e histórias de vida que nelas são retratadas. Por fim, discute a construção identitária por meio das narrativas, ressaltando a forma como as pessoas constroem e apresentam suas identidades por meio das histórias (que contam).

Brockmeier & Harré (2001, p.39) revelam que o aumento da atenção voltada para a análise da narrativa indica o desenvolvimento de uma nova abordagem dentro do paradigma pós-positivista e um aperfeiçoamento das metodologias interpretativas nas ciências sociais, ou seja abdica-se da análise narrativa de natureza estrutural para se tornar um instrumento de compreensão da vida social.

Moita Lopes (2002) salienta que as narrativas constituem formas de organização do discurso para agirmos no mundo social e servem de instrumentos que utilizamos para dar sentido às nossas experiências, ao mundo a nossa volta e a nós mesmos. Para o autor (ibid., p.60), a ação discursiva:

“não está simplesmente ocorrendo no mundo social de forma autônoma, mas, ao contrário, é fundamentalmente marcada por condições sócio-históricas particulares, que definem como os participantes se posicionam e são posicionados no discurso”.

Sobre a compreensão da vida social e dos efeitos das narrativas no discurso, Bastos & Biar (2015, p.98) revelam que:

“contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social”.

Como instrumento de compreensão da vida social e dos efeitos discursivos que o ato de contar uma história provoca, os estudos sobre narrativas apontam para construções de identidades e performatividades na vida social (Moita Lopes, 2021, p.12). Para ele, muitos pesquisadores têm contribuído ao apresentar investigações cujos propósitos sejam não essencializar nem padronizar o sujeito social, pois:

“os estudos narrativos justamente privilegiam a compreensão do ‘sujeito’ em uma área de investigação como alguém que não é autônomo e, assim, não pode ser separável da situacionalidade local e sócio-histórica na qual vive; portanto, de seu corpo, valores, ideologias, experiências e desejos: um posicionamento que opera com princípios bem distantes da pesquisa modernista e sua ansiedade generalista” (ibid., p.13).

Dessa forma, o autor (ibid., p.12) apresenta como se deu a ‘virada narrativa’, “a maior reviravolta na tradição da episteme modernista”. Para ele, essa acontece quando se passa:

“a compreender como crucial o fato de sermos seres que se narram, narram os outros e o mundo a sua volta e, assim fazendo: a) se constituem e constituem os outros e o mundo; e b) provocam efeitos de sentidos no mundo social – uma compreensão que se apoia em teorias da performatividade”.

As pesquisas narrativas enfatizam a importância de compreender o ‘indivíduo’ como alguém que não pode ser dissociado do contexto local e sócio-histórico em que vive. Assim, escutar ou ler narrativas contadas por indivíduos que estão imersos nas dinâmicas sociais que queremos analisar – nesta investigação, as refugiadas venezuelanas residentes no Rio de Janeiro – se revela como uma forma de compreendê-las como protagonistas de suas próprias experiências narradas – (ibid., p.13). Para o autor:

“as narrativas que contamos para outros parecem ser muito mais adequadas como lugaresTempos de investigação para compreender um mundo no qual somos cada vez mais entendidos como continuamente outros” (ibid.).

Sinaliza que, no campo dos estudos aplicados na área da linguagem, os estudos narrativos são fundamentais, pois as histórias desempenham um papel essencial nas práticas interacionais, “já que viver é principalmente um ato narrativo: a constituição semiótica de quem somos e do mundo a nossa volta”. Dessa forma, propõe (ibid., p.14-15) a pesquisa sobre narrativas considerando-as:

- (i) como práticas discursivas situadas em um lugarTempo de entendimento da vida social;
- (ii) como modos por meio dos quais (as narrativas) são geradas – necessidade de ser contada (Labov, 1972) – e o porquê de serem contáveis (Bruner, 1990), pois uma história implica a ruptura de um cânone cultural;
- (iii) pelos tempos cronológico e narrativo;
- (iv) como performances – “linguagem é ação” (Austin, 1962)³⁶; e

³⁶ AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

(v) como pequenas narrativas – em momentos em que já há uma (sendo contada).

Por fim, o autor (ibid., 28) constata que a narrativa deve ser considerada como “um construto teórico-metodológico que pode colaborar na compreensão do que se passa” no mundo, ou seja, para dar sentido às nossas experiências, ao mundo a nossa volta e a nós mesmos (Moita Lopes, 2002). A virada narrativa expandiu os horizontes da sociolinguística, proporcionando uma análise mais profunda da interação entre linguagem, identidade e sociedade, oferecendo uma nova lente para as ciências humanas e sociais.

3.1.2 Narrativas de deslocamento

As narrativas de deslocamento emergiram no curso das entrevistas realizadas com refugiadas venezuelanas. Elas se revelaram como ‘grandes narrativas’, no sentido de que a pesquisadora interferiu o mínimo possível enquanto relatavam suas experiências no refúgio através de suas ‘histórias de vida’ (Linde, 1993).

As narrativas contadas no contexto de entrevista de pesquisa trouxeram os muitos deslocamentos no processo de refúgio, especialmente: (i) os espaciais – entre o “aqui” e o “lá”; (ii) temporais – entre passado, presente e futuro; (iii) emocionais – os vários lutos enfrentados no refúgio; (iv) sociais – inserção em um “novo” território e (v) profissionais, pois todas tinham nível superior completo na Venezuela e, no Brasil, dificilmente conseguiriam exercer suas profissões.

Sobre os diferentes deslocamentos presentes ao longo das entrevistas foram os mais abordados:

(i) os de espaço-tempo (Baynham, 2015) – como se configurava suas vidas antes (“lá na Venezuela”), durante a travessia para o Brasil, quando se estabelecem no Rio de Janeiro (“aqui no Rio”) e nas vivências durante esse processo/percurso (entre o “aqui” e o “lá”); e

(ii) os emocionais – os impactos gerados desde a decisão de sair do país às dificuldades enfrentadas para a ressocialização nesse “novo lugar” (Pereira & Santos, 2009). Os lutos (Achotegui, 2022) vividos por pessoas em deslocamento forçado são diversos e/ou recorrentes. Destacam-se os materiais (a casa, os bens) e/ou imateriais (o status social, a língua materna, a rede de convívio: família, amigos).

Para Pereira & Dias (2015), as narrativas revelam as experiências de deslocamento e seus impactos na vida dos indivíduos. Consideram essas como uma contribuição importante

“no processo de compreensão das narrativas coconstruídas interacionalmente, com experiências cotidianas envolvendo uma das facetas do deslocamento com “a construção subjetiva dos movimentos dos seres humanos” (BAYNHAM; DE FINA, 2005, p. 2)” – *ibid.*, p.94.

Baynham (2005) destaca a importância da orientação espaço/tempo na narrativa, que deve ser vista não apenas como um pano de fundo para a ação, mas como a própria ação, ou seja, possui caráter performativo. Além disso, ele discute como a teoria da escala pode ajudar a melhorar nossa compreensão da orientação espaço e tempo na narrativa, indo além do ‘aqui e agora’, ‘do momento da narrativa’. Ele também explora como as formações sociais de grande escala também influenciam nas histórias que contamos uns aos outros.

De Fina (2007) propõe a construção do tempo e do espaço como elementos de orientação em narrativas que tratam de experiências de deslocamento, já que os narradores articulam essa orientação e, como os ouvintes, se envolvem na interação para dar sentido aos eventos narrados. Para a autora, esse gerenciamento da orientação na narrativa ilustra como o uso de recursos linguísticos conecta narradores e interlocutores a contextos sociais de dimensões micro e macro.

Baynham & De Fina (2005) apresentam como os indivíduos e grupos constroem, coconstroem e reconstróem suas identidades e posições sociais a partir de suas experiências de migração, deslocamento e realocação ao longo de suas narrativas. No decorrer da análise dessas histórias marcam como constroem suas identidades, negociam posições sociais e resistem a estruturas de poder. Os autores revelam, ainda, que os indivíduos e grupos sociais se orientam em seus mundos em constante mudança utilizando a narrativa como ferramenta para entender suas experiências e estabelecer para si em novas comunidades. Para eles (*ibid.*) as narrativas de deslocamento apontam para:

- (i) orientação em mundos sociais – como os indivíduos se posicionam em relação às expectativas e normas sociais através de suas narrativas. Essas revelam desafios às noções preconcebidas sobre papéis sociais e

identidades, mostrando como os indivíduos negociam e redefinem suas posições nos novos contextos sociais.

(ii) deslocamento e práticas de espacialização – as narrativas de deslocamento se relacionam com a construção de tempo e espaço, pois sofrem com impacto da globalização, da mobilidade, da remoção forçada e realocação em contextos de conflito e violência.

Whortam (2020) traz aos estudos da narrativa as experiências de migração através da investigação sobre histórias de migrantes (mexicanos em sua maioria), da cidade de Marshall (Texas-EUA), a qual apresentou um crescimento de mais de 1.000% de 1995 a 2016. Para o autor, é importante reconhecer a complexidade das experiências desse grupo, que costumam ser “simplificadas”, “homogeneizadas” e “relativizadas”, não revelando as complexas implicações das relações sociais experienciadas por este público (migrantes) com a sociedade “nativa”. Conflitos raciais mostram posições antimigratórias do país, paradoxalmente beneficiado pelos migrantes desde sua fundação. O aumento desse grupo desempenhará um papel crucial no futuro da nação, devendo-se pressupor atentar-se às necessidades concernentes a esse. Para o autor, relatos de experiências dos migrantes são particularmente necessárias no atual contexto em que políticas antimigratórias têm estado no centro do discurso sociopolítico, neste caso, dos EUA. As histórias contadas são recursos narrativos significativos que ajudam a moldar os caminhos dos migrantes ao longo do tempo.

3.2 Histórias de vida e sistemas de avaliação

A fim de existir de forma aceitável na sociedade, todo componente precisa ter e manter uma história de vida coerente e constantemente revisada para perceber a sensação confortável de ser uma pessoa boa, socialmente apropriada e estável. Linde (1993, p.3-19) apresenta um panorama sobre os conceitos que perpassam essas histórias de vida, como coerência e avaliação, posto que elas

(i) expressam nosso sentido de ser: quem nós somos e como trilhamos esse caminho;

(ii) são um meio muito importante pelo qual comunicamos esse sentido de ser e o negociamos com os outros;

(iii) são usadas para reivindicar ou negociar a participação em um grupo e demonstrar que somos de fato membros ‘dignos’ (desses grupos), entendendo e seguindo adequadamente seus padrões morais;

(iv) tocam na mais ampla das construções sociais, uma vez que fazem pressupostos sobre o que pode ser tomado como esperado, quais são as normas e quais sistemas de crenças comuns ou especiais podem ser usados para estabelecer coerência;

(v) são uma unidade social, oral e descontínua (contada em pedaços ao longo do tempo, apesar de, muitas vezes, as pessoas esperarem uma ordem cronológica), sujeita à revisão e mudança a cada vez que é retomada e pode ser determinada pela relação que temos com aqueles com quem interagimos (nível de intimidade) e com as expectativas do que deve integrá-la (profissão, por exemplo) – as convenções que governam o que pode ou não compor uma história de vida variam de acordo com a cultura, pois são um produto de um membro de uma cultura particular (ex.: ser homem).

A coerência nas histórias de vida é uma conquista social. Isto significa dizer que a negociação do significado é uma conquista cooperativa entre o falante e o ouvinte, posto que nem tudo o que o falante diz será integralmente compreendido pelo ouvinte; a coerência não é uma propriedade absoluta do texto.

Finalmente, histórias de vida tocam a mais selvagem construção social, já que faz pressuposições sobre o que pode ser esperado, quais são as normas, e quais crenças normais ou especiais podem ser usadas para estabelecer coerência; para compreensão das histórias de vida é preciso:

(i) certa demanda social por coerência na interação – buscamos uma sequência significativa entre os acontecimentos para os envolvidos na interação e/ou uma relação de causalidade entre eles, mesmo que isso signifique que quem ouve e quem fala tenham perspectivas diferentes sobre o assunto da interação (diferenças e/ou inconsistências);

(ii) não se importar com a “verdade” – ao fazermos uma análise de histórias de vida, tudo que podemos fazer é trabalhar com textos e não com ‘verdades’, pois estas não têm relevância, visto que o que mais importa é como os significados são construídos em uma interação específica;

(iii) o processo de “correção social” – isso ocorre quando alguém faz com que a pessoa que está contando a história se reposicione em relação às

crenças que foram evocadas durante a interação, fortalecendo a ideia de discurso como algo socialmente construído em vez de construído individualmente; e

(iv) o “senso comum” – é um conjunto de suposições e crenças que acreditamos que todas as pessoas em uma cultura compartilham. Eles moldam o pensamento e o comportamento da sociedade, decidindo aceitá-lo ou rejeitá-lo (conscientemente ou não). Assim, os sistemas de coerência são considerados “versões populares” de teorias e sistemas de expertise específicos com os quais interagimos social e culturalmente.

Dessa maneira, ‘história de vida’ é uma unidade oral de interação social, principal meio de autoapresentação mas que se difere de outras revelações ou construções do self, como entrevistas, autobiografias e diários.

“Grande parte do trabalho detalhado de história e biografia consiste em avaliar diferentes tipos de evidências com relação à sua confiabilidade como suportes no estabelecimento de fatos possíveis. No entanto, tal avaliação de factualidade não é de forma alguma a preocupação do presente trabalho. Os processos para construir uma história de vida coerente podem ser analisados independentemente da verdade ou falsidade dos eventos, personagens e sentimentos que são usados para constituir a história. Seria difícil ou impossível avaliar a factualidade das histórias contadas, e a avaliação acrescentaria pouco ou nada à nossa compreensão da criação de coerência”³⁷ (Linde, 1993, p.16).

Ademais, devem contemplar dois critérios:

(i) apresentar um ponto avaliativo sobre a própria pessoa que a conta e não sobre o mundo em geral – devem mostrar o que a história tem a dizer (sua importância) para o momento em que é contada;

(ii) ter reportabilidade estendida – está relacionado ao fato de que a história pode ser contada e relatada por um longo período de tempo.

Dentro do contexto da avaliação, ponto avaliativo é a compreensão, por parte do ouvinte, das ações do protagonista; ou seja, uma comunicação moral sobre que tipo de pessoa e de quais tipos de ações estão sendo narradas (ibid., p. 21). E reportabilidade é a noção de que um evento não é reportável se for algo que aconteça todos os dias; afinal, para ser transformado em uma história, um evento

³⁷ Tradução nossa.

deve ser incomum de alguma forma ou ir contra as expectativas ou normas (LINDE *apud* Labov 1972, p.390).

Embora não seja desenvolvida na infância, a avaliação das histórias de vida é feita pelos próprios narradores, como um componente crucial na construção e na interpretação de si. Ou seja, é o processo consciente estabelecido pelo narrador sobre como os eventos devem ser interpretados e que tipo de resposta é esperada; e pelo ouvinte, que espera que a história seja coerente e que o narrador forneça justificativas e explicações adequadas para suas ações e escolhas (op. cit., p.16-17) (LINDE., p. 16-17). Alcançar a concordância sobre a avaliação é a parte mais importante do processo de narração, representando uma negociação entre os participantes, e não apenas uma conquista do narrador (ibid., p. 72). Entender e aceitar esse processo é fundamental para a compreensão de histórias de vida, pois revela como os narradores moldam suas narrativas para transmitir uma imagem desejada de si mesmos e influenciar a resposta dos ouvintes. E, embora revistas, as histórias de vida devem expressar a compreensão atual sobre o que essas vidas significam sem, necessariamente, formar uma narrativa singular que organize a vida inteira (ibid., p. 25).

3.3 Construção de identidades em narrativas: das concepções sociais aos estudos linguísticos

A identidade, um conceito central nas Ciências Sociais e Humanas, vai além da simples individualidade biológica de um sujeito. Apresenta-se como um conjunto complexo, dinâmico, multifacetado e influenciado por fatores sociais, culturais, históricos, entre outros, que delineiam a forma como nos percebemos e interagimos com o mundo. Por sua complexidade, não se trata apenas de um reflexo do passado, de onde viemos, o que fomos, como nos constituímos, mas uma ferramenta para se situar, interagir e agir numa sociedade em constante transformação.

A seguir, serão apresentadas algumas concepções sobre identidade nas Ciências Sociais, como são co(co)nstruídas através da linguagem e como se manifestam em narrativas produzidas em situação de entrevista.

Erving Goffman, antropólogo e sociólogo canadense, apresenta identidade não como detentora de um conceito único, mas como uma forma de performance social. Goffman (1985, p. 11-24) explica que os indivíduos se comportam de

maneira calculada em situações sociais, com o objetivo de moldar a impressão que os outros têm deles. Ele recorre, inclusive, à metáfora do teatro para demonstrar como as pessoas controlam as impressões que os demais formam a seu respeito, como se fossem atores em um palco. Essa "representação de si" é formada por meio de ações, gestos, linguagem e outros sinais que são utilizados para projetar uma imagem específica. O autor atesta, ainda, que, ao analisar as interações sociais, percebe-se como as pessoas cuidam das impressões que deixam nos outros e como essas impressões influenciam a dinâmica social, manipulando conscientemente, ou não, as informações que transmitem. Para ele, a identidade não é uma característica fixa ou essencial, mas sim um processo dinâmico e contextual, moldado pelas interações sociais. Essa perspectiva tem implicações importantes para a compreensão de diversos fenômenos sociais, como a construção da identidade de gênero, a dinâmica de poder nas relações interpessoais e a forma como as instituições sociais moldam o comportamento individual. Desse modo, a identidade não é uma qualidade imutável ou intrínseca do indivíduo, mas um efeito dramático que surge a partir do contexto social.

Outro importante sociólogo, um jamaicano que viveu grande parte de sua vida em Londres, Stuart Hall, contribuiu também para o desenvolvimento da temática das identidades culturais. Hall (2006, p. 7-13) apresenta uma mudança na concepção de identidade ao longo dos séculos: do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o sociológico e, posteriormente, para o pós-moderno. Essas três diferentes noções de identidade são apresentadas por ele, primeiramente de como essa noção refletia a centralidade do sujeito do Iluminismo, depois do sujeito sociológico, o qual refletia aspectos complexos do mundo moderno. Ele também discute a crise da identidade na pós-modernidade, abordando sua desconstrução e transformação que corroboraram para a transformação do sujeito antes visto como possuidor de uma identidade fixa, essencial e permanente, para um detentor de várias identidades, algumas vezes divergentes, contraditórias ou não resolvidas.

À medida que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam (ibid, p.13), somos também confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente – o que indica que a identidade, diferente de como era vista em um sujeito do Iluminismo ou em um sujeito sociológico, não é unificada, nem completa, muito menos segura ou absolutamente coerente.

A globalização e a proliferação dos sistemas de significação e representação cultural se multiplicaram, abrindo espaço para a construção de identidades híbridas e múltiplas. Dessa forma, a identidade torna-se uma “celebração móvel” (ibid, p.13), formada e transformada continuamente em relação às representações e interpelações nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, assume a identidade de refugiado na Inglaterra, quando ele escolhe o país para viver a partir de uma oportunidade para lecionar:

“A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que eu não poderia permanecer na Polônia, país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de ensinar. Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho”. (Bauman, 2005: p.15)

Bauman (2005) apresenta identidade não como uma característica fixa ou predefinida, mas como um processo contínuo de construção e reconstrução, motivado pela necessidade de se adequar a um ambiente em constante mudança, característica da ‘modernidade líquida’³⁸. A busca por uma identidade é impulsionada pela convivência com diversas comunidades e ideias, o que obriga os indivíduos a tomarem decisões e a negociarem suas identificações em distintos contextos. A globalização e a fragmentação da vida contemporânea acentuam essa exigência de constante reconfiguração da identidade, tornando essa tarefa não apenas complexa, mas também desafiadora.

Na área dos estudos linguísticos, Moita Lopes (2002, 2003) traz à tona a temática da identidade, a qual, segundo o autor, surge em meio a uma concepção de linguagem como discurso, ou seja, espaço para construção de identidades sociais, uma concepção socioconstrucionista que coloca como foco central o fato de que todo uso da linguagem implica uma ação humana em relação a outros, num contexto interacional particular – o que acarreta, automaticamente, o envolvimento da alteridade (Vivas, 2006) e da situacionalidade.

³⁸ Bauman (2011) apresenta, em sua obra clássica, o conceito de ‘modernidade líquida’ para descrever a fase atual da modernidade, caracterizada pela fluidez, maleabilidade e constante mudança nas relações sociais e estruturas da sociedade. Essa fluidez se manifesta na fragilidade dos laços humanos, na impermanência das instituições e na sensação de incerteza e insegurança que permeia a vida individual.

Todo discurso, ainda conforme Moita Lopes (op. cit.), provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas as quais o localizam na vida social e o posicionam no discurso de um modo individual, assim como a seus interlocutores, que não são usuários simplesmente, mas ouvintes cujas marcas sociais e traços identitários também não são suspensos em práticas interacionais.

Moita Lopes (op. cit.) revela que as mudanças culturais, sociais, políticas, econômicas, entre outras, que atravessam o mundo nesse contexto globalizado em que nos inserimos – exemplo da crise migratória que desarticula as ordens micro e macro dos países envolvidos – têm favorecido a interdisciplinaridade dos estudos e, cada vez mais, os estudos das identidades, principalmente nas ciências sociais e humanas.

Além disso, o acesso à informação pelos meios eletrônicos torna possível a exposição de uma multiplicidade de discurso(s) sobre quem somos, i.e., uma visão da vida humana como múltipla e plural. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a tecnologia da informação nos aproxima – globalização –, ela também nos diferencia, já que “colabora para que percebamos a diferença de que somos feitos e as desigualdades e contradições sociais sob as quais vivemos” – Moita Lopes (2002: p.15). A identidade preencheria esse meio entre o “eu e a sociedade moderna”, entre o ser interior e o ser exterior; entre o mundo público e o privado.

Já o sujeito pós-moderno não traz uma identidade fixa ou permanente, ela vem sendo transformada, deslocada, ou fragmentada, como também nos aponta Moita Lopes (2002, p.16): “as identidades sociais como envolvendo a classe social, o gênero, a sexualidade, a raça, a nacionalidade, a idade etc. Todas coexistindo ao mesmo tempo, na mesma pessoa”.

Os estudos sociolinguísticos, como campo de pesquisa interdisciplinar, têm se debruçado cada vez mais em pesquisas que explorem a intersecção entre linguagem, cultura, identidade e sociedade. As identidades confirmam nossas memórias sociais, e não emergem em um único nível analítico (troca de turno, mudança de código, estrutura ideológica), mas operam em múltiplos níveis, simultaneamente, numa interação.

Bucholtz & Hall (2004) exploram a complexa relação entre linguagem e identidade, investigando conceitos-chave na antropologia linguística e nos avanços que essa relação traz para a compreensão da formação da identidade cultural e social. As autoras argumentam que a linguagem não é apenas um reflexo da

identidade, mas um instrumento ativo na sua construção, servindo para criar laços complexos e estratégicos de similaridade e diferença, autenticidade e artificialidade, legitimidade e deslegitimidade. A linguagem, nessa perspectiva, tem o poder de desnaturalizar e deslegitimar identidades, revelando a natureza fluida e performática da identidade.

Brockmeier & Harré (2001, p.39-58) propõem uma visão da identidade como um processo narrativo, em que as histórias que contamos sobre nós mesmos desempenham um papel crucial na construção de quem somos e na compreensão de nosso lugar no mundo. Para Pereira & Dias (2015, p.98), é relevante considerar, nas análises das narrativas, a construção de identidades tanto do narrador quanto dos demais envolvidos, estejam presentes ou mencionados ao contar ou recontar suas histórias. Por fim, Mishler (2002) nos sinaliza que as pessoas, quando narram, recontextualizam suas histórias, i.e, se reconstróem identitariamente.

Sanjurjo³⁹, in: Cavalcanti (2017, p.385-395) revela que, a partir dos vários debates nas ciências sociais sobre identidade, houve um crescente interesse em investigar a construção identitária nas diversas representações sociais. Sendo as narrativas uma das formas para se constituírem, há complexidades na tentativa de conceituar o termo no contexto dos deslocamentos (forçados ou voluntários), pois

“tantos os sentidos atribuídos ao termo identidade quanto variadas são as formas de mobilizá-lo, a depender do contexto histórico e social da perspectiva daqueles que fazem uso dele ou da situação em que a identidade é acionada como categoria na vida social” (ibid., p.385).

A identidade, portanto, é apresentada como um processo de construção social, influenciado por fatores como gênero, classe, raça, etnia, nacionalidade, religião, entre outros. Os deslocamentos (forçados ou voluntários) impactam significativamente essa construção, desafiando e transformando identidades pré-estabelecidas. O verbete ‘identidade’ (ibid.) apresenta como pessoas deslocadas negociam suas identidades em diferentes contextos, transitando entre identidades múltiplas e híbridas. Desse modo, a relação entre identidade e pertencimento também é revelada, evidenciando como esse público sente-se num não-lugar e

³⁹ Lílana Sanjurjo, autora do verbete ‘Identidade’.

como os contínuos recomeços os obrigam a encontrar novas formas de pertencimento em seus “novos ninhos”.

4. Metodologia da Pesquisa

“Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes” (Santos, 2020, p.5).

O mundo pós-pandemia da COVID-19 passou a ressignificar os espaços das relações humanas nos contextos sociais, familiares, profissionais e educacionais. Com isso e, aproveitando o advento das novas tecnologias da informação (e comunicação), como a popularização das plataformas de videoconferência (ZOOM; Google Meet; Microsoft Teams...) e as inteligências artificiais⁴⁰, passamos a experimentar uma série de inovações para nossas manifestações e interações discursivas. Essa nova realidade nos permitiu ampliar os espaços, os contextos e os meios para desenvolver pesquisa. O espaço cibernético mudou a forma como interagimos e nos comunicamos. Uma variedade de manifestações e interações discursivas se torna possível nesta nova esfera digital, cada uma com suas próprias características e consequências.

As primeiras sementes para o germinar dessa pesquisa foram lançadas enquanto atuava como professora substituta na UFRJ, no biênio 2006-2007, período no qual tive como alunos de PLE, estudantes estrangeiros participantes do PEC-G, oriundos, em sua maioria, dos continentes africano e americano. Seu objetivo era conseguir ingressar em algum curso superior no Brasil. Neste convívio, passei a me interessar pelas histórias de vida desses alunos, nas quais se revelavam questões sociais, políticas, econômicas e culturais de seus países de origem, que motivavam aos que conseguiam esse convênio, NÃO querer voltar a seus países de origem quando se formassem. Assim, a “semente” da temática migração – refúgio começa a “brotar” em mim.

Após esse fato, a partir de 2017, notícias sobre ‘êxodo venezuelano para o Brasil’ se intensificaram nos meios de comunicação. Vários espaços culturais no Rio de Janeiro também apresentavam a temática em eventos culturais, mostras

⁴⁰ Dispositivos e softwares capazes de “reproduzir” o pensamento e o comportamento humanos na tomada de decisões e na execução de tarefas.

fotográficas e palestras.. Assim, em junho de 2018, assistindo a uma mesa redonda cujo tema foi: “Venezuela, processo migratório e desdobramentos no Brasil”, promovida pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ, conheço *Nenúfar* e seu marido, refugiados venezuelanos, dentistas, pós-graduados que relatavam suas histórias de vida, além do debate em torno à crise do “recente” êxodo venezuelano no Brasil. Ao frequentar esses espaços, novamente me surpreendem as narrativas emergentes das histórias de vida dessas pessoas. Destarte, em julho de 2018, ingresso no PARES Caritas-RJ como professora voluntária de Português para refugiados (falantes de Espanhol), motivada pelo desejo em contribuir com este grupo, já que minha formação e experiência docentes favoreceriam uma assistência que entendia como substancial e urgente a este público em particular.

O projeto de pesquisa surge com o propósito de olhar para essas narrativas e compreender o complexo processo que impulsionou o deslocamento forçado de venezuelanos para o Brasil. O recorte para esta investigação selecionou refugiadas venezuelanas, com formação universitária, por me identificar com o espelhamento de identidades, enquanto mulher, latino-americana, com formação universitária e, assim como elas, também poderia vivenciar o refúgio algum dia.

A pesquisa insere-se numa perspectiva qualitativa e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2006), através da observação participante da pesquisadora e mediante realização de entrevistas individuais, semiestruturadas (Bastos & Santos, 2013; Duarte, 2004), gravadas remotamente em plataforma de videoconferência (Google Meet). Na transcrição das entrevistas, são utilizadas convenções da ACE, cf. Jefferson (2004) e Garcez, Bulla & Loder (2014) e, pelas alternâncias fonéticas e/ou prosódicas entre o Português e o Portunhol, foi necessário marcar, nas transcrições, de que formas as alternâncias apresentam-se ao longo das entrevistas. Desse modo, esta investigação propõe convenções que padronizem as alternâncias entre o Português e o Portunhol, pois sem essas normas, nos excertos – recortes das transcrições feitas do áudio para o escrito – as alternâncias não seriam sinalizadas. Ao contarem suas histórias, várias narrativas emergiram e as fronteiras linguísticas “se fluidificariam” se essa delimitação não acontecesse, além do Portunhol evidenciar um posicionamento identitário das participantes em relação à “identificação do seu lugar” (Sturza, 2019, p.103), i.e., seu “não-lugar” nesta sociedade de acolhida.

4.1 Instrumentos metodológicos e geração de dados

Minha convivência com esse grupo dá-se desde 2018 e traz à tona reflexões e posicionamentos que revelam meu entrelugar na relação com essas mulheres, ora como professora ora como uma carioca aprendendo sobre refúgio de venezuelanas em narrativas emergentes nalguma situação comunicativa.

Mediante um trabalho de pesquisa de escopo bibliográfico, de campo e de observação participativa, passei a ressignificar meu próprio olhar para a crise do refúgio no Brasil (e no mundo), visando colaborar com a formação de alunos e futuros professores, tendo em vista o real sentido da palavra ‘acolhimento’, desprendido de estigmas, dogmas e/ou preconceitos frequentemente impostos pela sociedade local.

O principal método utilizado para a geração de dados constituiu-se de entrevistas individuais e anotações de campo durante o desenvolvimento da pesquisa. A aplicação dessa metodologia foi possível devido ao convívio com as participantes, iniciado nas aulas presenciais e remotas, e perpetuada até os dias atuais, já que vínculos de afeto surgiram e se formaram entre nós.

Para segurança da pesquisadora, os dados da pesquisa serão arquivados (período mínimo de cinco anos) em um Hard Disc (HD) externo – instrumento pessoal a que só a pesquisadora e sua orientadora terão acesso. As gravações armazenadas serão disponibilizadas às participantes se por elas forem solicitadas.

4.1.1 A entrevista em pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa configura-se como um conjunto de atividades interpretativas que não privilegia práticas metodológicas específicas, pois há múltiplos paradigmas teóricos que empregam seus métodos e estratégias de pesquisa – observação participante, análise discursiva, entrevistas etc. – que serão avaliados e discutidos na perspectiva proposta. Além disso, revela-se também como um campo de investigação cujo interior possibilita um atravessar de campos e de disciplinas que apontam conceitos, particularidades e suposições (Denzin & Lincoln, 2006, p.20).

A entrevista em pesquisa qualitativa é um tema bastante recorrente nas discussões acadêmicas. Mishler (1986) propõe que a entrevista é um evento socialmente coconstruído, de negociação de significados e de construção de identidades. Assim, tanto entrevistador, quanto entrevistado precisam se alinhar

para que esse evento possa se desenvolver, além de manifestarem, neste tipo de interação, posicionamentos, concordâncias e discordâncias.

Pereira; Lima & Bastos (2013) consideram a entrevista como um evento interacional, de coconstrução e ressignificação de significados, em que as identidades dos entrevistados e a do entrevistador são coconstruídas. Para as autoras, o entrevistador e o entrevistado não são neutros, pois apresentam suas metas e agendas através das respostas às perguntas, ou de outras formas de participação (ibid., p.165).

Duarte (2004) enfatiza a importância de esclarecer os princípios e pressupostos teórico/metodológicos que orientam o trabalho com entrevistas – especialmente se forem semiestruturadas, abertas e/ou sobre histórias de vida –, pois “criar” situações de contato – formais e informais simultaneamente – trata-se de uma tarefa complexa, já que a “intenção” do pesquisador se pauta em trazer elementos significativos à tona, de forma que “satisfaçam” os objetivos de sua pesquisa. Sendo assim, para a realização de uma “boa” entrevista é importante que: (i) o pesquisador tenha definidos os objetivos de sua pesquisa; (ii) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação; (iii) a introdução, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista; (iv) segurança e autoconfiança; e (v) algum nível de informalidade – ibid, p.216.

As entrevistas individuais são, portanto, imprescindíveis para essa investigação, pois poderão ser empregadas como uma base para construir um referencial para a pesquisa sob o ponto de vista das participantes.

4.1.2 A entrevista individual com as participantes

As entrevistas ocorreram entre os meses de agosto a novembro de 2022 e foram realizadas remotamente, através da plataforma de videoconferências Google Meet, a mesma utilizada pelo PARES Caritas-RJ para as aulas remotas que ocorreram durante a pandemia de COVID-19, de abril de 2020 a março de 2022.

A partir da aprovação da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, a coordenadora pedagógica do PARES Caritas-RJ, juntamente com a pesquisadora, estiveram nas salas de aula do curso de Português para refugiados (turma de hispanofalantes) para apresentar a pesquisa, a pesquisadora e convidar mulheres venezuelanas a participarem do presente estudo. A pesquisadora também estendeu o convite a ex-alunas com as quais mantinha contato por meio de um grupo de

WhatsApp. Por já ter estabelecida uma relação afetiva entre a pesquisadora e os ex-alunos, membros desse grupo, houve o aceite de algumas mulheres do grupo.

Ao receber o aceite de onze voluntárias, nove entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto a novembro de 2022, conforme disponibilidade das participantes.

A elas foi informado que a participação seria voluntária e sem nenhuma remuneração. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), algumas presencialmente, em encontros para este fim, e outras optaram por assinar de forma digital, enviando as assinaturas por e-mail.

A partir de todas as explicações dadas, e com o TCLE assinado, as entrevistas aconteceram em dia e horário combinados antecipadamente com cada uma. As entrevistas individuais deram-se pelo Google Meet, com duração de, no máximo, duas horas cada, e foram gravadas para posterior análise. Cabe ressaltar que as entrevistas foram realizadas com as câmaras desligadas de forma a respeitar a privacidade das entrevistadas, salvaguardando a identidade das participantes, conforme item 4, do Termo de Compromisso para Pesquisador, presente na carta de anuência do PARES Caritas-RJ.

Após a gravação das nove entrevistas individuais com as voluntárias selecionadas, elas foram convertidas em arquivo MP3, de forma a proteger a identidade das entrevistadas, não permitindo, assim, que nenhuma imagem, vídeo, foto e/ou nome pudessem revelar alguma sinalização da identidade de cada uma.

Em seguida, as entrevistas foram convertidas do material em áudio para o escrito. Após essas conversões, todas foram adaptadas às normas de convenção da ACE, mediante o modelo proposto por Jefferson (2004).

Durante o processo de análise desse *corpus*, foram necessárias adaptações ortográficas, além da inserção de símbolos que contemplassem a presença do Portunhol, já que transições e/ou alternâncias entre o Português e o Portunhol aconteceram em todas as entrevistas. As transições não foram provocadas, aconteceram involuntariamente durante o curso desse evento. A escolha por oferecer a entrevista em Espanhol foi dada às entrevistadas, no entanto, todas optaram em realizá-las em Português. O tempo no Brasil e a aferição da proficiência em Português de cada uma pela entrevistadora foram elementos que justificaram a realização da entrevista na língua escolhida.

Para Bastos & Soares (2013, p.25-26) a “entrevista não estruturada favorece a emergência das narrativas”, assim, cada entrevista foi orientada por cinco questionamentos, conduzidos através da sequência (i) ‘como era sua vida na Venezuela antes da crise?’; (ii) ‘o que motivou sua decisão para sair do país?’; (iii) ‘como foi sua travessia para o Brasil?’; (iv) ‘como chegou ao Rio de Janeiro?’ e (v) ‘quais seus planos para o futuro?’.

4.2 A natureza e as participantes da pesquisa

Atuando como pesquisadora socialmente situada, foram utilizados dados gerados em entrevistas individuais, contextualizadas na observação de campo pelo convívio pessoal com as participantes, refugiadas venezuelanas assistidas e/ou ex-alunas do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ, no qual a pesquisadora esteve, de agosto de 2018 a novembro de 2023, como professora voluntária.

Na pesquisa qualitativa, Denzin & Lincoln (2006, p.17) apontam para uma “pesquisa que envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos (...) que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”. Dessa forma, a escolha do tema dessa investigação foi motivada por localizar-se a pesquisadora nesse contexto – professora de Português para refugiados hispanofalantes, conferindo-lhe matérias e interpretações como instrumentos para analisar seus dados e transformá-los em representações.

Sobre o campo da pesquisa

O curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ é oferecido pelo programa desde 2014. Com o *boom* da chegada de refugiados venezuelanos no Rio de Janeiro, a partir de 2018, o espaço físico do programa deixou de ser adequado à demanda dos assistidos. Assim, por meio de uma parceria dessa instituição com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), as aulas passaram a acontecer na universidade, nas salas de aula do 10º andar, no Campus Maracanã. Cabe ressaltar que a UERJ oferece tanto o espaço físico para as aulas como o apoio aos professores voluntários, no que diz respeito à metodologia aplicada, ao material disponibilizado e às estratégias específicas que possibilitam o aprendizado do PLAc por pessoas em situação de refúgio.

O curso envolve uma equipe de professores voluntários que atuam como professores de Português para refugiados assistidos pelo programa. A partir da utilização de quatro línguas mediadoras (Francês, Inglês, Espanhol e Árabe), as turmas são divididas com base nesse critério, pois, na falta da compreensão do Português pelo refugiado assistido, entende-se como necessária a interlocução com os alunos por uma dessas línguas.. De início, muitos alunos são falantes nativos (ou se comunicam), apenas por um desses quatro idiomas. Os professores voluntários passam por uma seleção do programa, envolvendo a escolha a partir de uma carta de intenção para o voluntariado, entrevistas dos candidatos e capacitação para o trabalho com refugiados. Cursar (ou ter cursado) a graduação em Letras não é uma exigência em relação à formação do professor voluntário. A seleção baseia-se nas intenções, disponibilidade, experiência do profissional, bem como do seu conhecimento de um dos quatro idiomas apontados. As turmas são criadas a partir da demanda dos assistidos pelo Curso de Português e são divididas por grupos de: hispanofalantes, anglófonos, francófonos ou falantes de árabe.

Sobre as participantes da pesquisa

Além da pesquisa de escopo bibliográfico e do diário de campo, os dados gerados compõem nove entrevistas individuais com refugiadas venezuelanas assistidas e/ou ex-alunas do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ. O total de horas das entrevistas contabilizaram, aproximadamente, 20 (vinte) horas de gravação no total.

A escolha por essa nacionalidade deu-se por serem, desde 2018, o maior número de mulheres estrangeiras a solicitarem refúgio no Brasil e buscarem assistências diversas ao programa na cidade do Rio de Janeiro.

Ao entrarem no Brasil, as participantes da pesquisa não solicitaram refúgio imediatamente ao chegar ao país. O status de ‘refugiada’ fora solicitado posteriormente por cada uma, dado que, ao chegarem, algumas solicitaram o visto de turista (Jade, Rosa, Nenúfar) e outras o de “residência temporária” (Girassol e Orquídea). À exceção das demais entrevistadas, Tulipa fora a única que solicitou o refúgio assim que chegou ao Brasil. Passado o tempo de cada visto (3 a 6 meses), todas solicitaram refúgio ao governo brasileiro, assim o status definitivo veio depois. Dessa forma, o termo ‘refugiadas’ foi escolhido para caracterizá-las, já que

quando as conheci – entre 2018 e 2019 – todas já tinham conseguido o refúgio ou aguardavam sua concessão.

Os dados coletados foram gerados com consentimento das participantes que assinaram o TCLE (Anexos I e II) disponibilizado nos dois idiomas, Português e Espanhol, para que todas as informações estivessem claras a elas e escolhessem em que idioma prefeririam assinar, se o TCLE em Português ou o em Espanhol.

As etapas cumpridas foram as seguintes:

(i) Seleção de mulheres refugiadas, venezuelanas (cf. quadro 6 a seguir), de diferentes etnias, todas com formação superior, com profissões diversas, sem identificação pessoal, assistidas e/ou ex-alunas do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ que cooperaram de forma voluntária com a pesquisa.

(ii) Assinatura do TCLE em encontro prévio com cada uma das voluntárias de forma a explicar a pesquisa e/ou esclarecer possíveis questionamentos por parte das entrevistadas. Cabe ressaltar que, nos encontros presenciais, foram tomadas as medidas de proteção necessárias, em função da continuidade da pandemia do COVID-19. Na inviabilidade de encontro presencial, os TCLEs foram encaminhados por e-mail para assinatura digital.

(iii) Gravação das entrevistas individuais através da plataforma digital para videoconferências Google Meet.

(iv) Transcrição dos dados gerados.

(v) Tradução para o Português, se necessário, pela pesquisadora, dos dados gerados em Espanhol.

(vi) Aplicação de convenções que marcassem a alternância de línguas – Português e Espanhol.

Sobre as nove participantes selecionadas, seguem informações a respeito da data e duração das entrevistas, bem como do perfil das entrevistadas.

Quadro 6:

Data e duração da entrevista		Pseudônimo	Idade	Estado civil	Filhos	Formação
05 ago. 2022 44min49seg		*MARGARIDA*	31 anos	Casada	Não	Engenharia Industrial
07 set. 2022 1h02min23seg		JADE	36 anos	Divorciada	Sim	Publicidade e Marketing
08 set. 2022 1h36min35seg		GIRASSOL	26 anos	Divorciada	Não	Comunicação Social – Jornalismo
17 set. 2022 40min49seg		ROSA	49 anos	Casada	Sim	Engenharia Civil
17 set. 2022 1h08min32seg		*DÁLIA*	52 anos	Divorciada	Sim	Serviço Social
23 set. 2022 1h13min27seg		*AZALEIA*	28 anos	Divorciada	Sim	Administração de Empresas
27 out. 2022 46min06seg		ORQUÍDEA	47 anos	Divorciada	Sim	Educação e Direito
18 nov. 2022 1h00min 58seg	19 nov. 2022 42min 14seg	NENÚFAR	43 anos	Casada	Não	Odontologia
20 nov. 2022 46min37seg		TULIPA	36 anos	Solteira	Não	Enfermagem

Das nove entrevistas realizadas, três não foram selecionadas para esta investigação: *Margarida*, *Dália* e *Azaleia*, pois: (i) o ano de chegada ao Brasil, (ii) os tópicos abordados, (iii) os temas levantados e (iv) as vivências semelhantes reuniam experiências de travessia e vivências de refúgio que não se aproximavam das relatadas pelas demais. As entrevistas não selecionadas neste estudo foram de venezuelanas que chegaram ao Brasil em 2020, durante a pandemia de COVID-19.

Elegi nomes de ‘flores’ como pseudônimos para cada entrevistada, de forma a homenageá-las através de um símbolo que abarca, além da beleza, representações de: força, vitalidade e resiliência a uma categoria da natureza que enfrenta, às vezes, condições adversas para seu crescimento e sobrevivência. O ‘girassol’ cresce em temperaturas elevadas, assim como a ‘jade’, flor símbolo da Venezuela e da região do Caribe. ‘Nenúfar’, flor aquática semelhante à flor de lótus, nasce em pântanos, região lamaceira. Todas essas mulheres revelaram suas angústias, sofrimentos, dores, tristezas, lágrimas às entrevistas concedidas. A escolha por representá-las

pelo nome de uma flor não essencializa nem homogeneiza cada uma – as vivências são singulares. Nomeá-las por um termo que traz beleza e, ao mesmo tempo, denota superação, propicia, ademais, uma reflexão sobre a não fragilidade feminina numa sociedade, ainda, com valores patriarcais.

O documentário da Netflix ‘City of Joy’ (Cidade da Alegria) de 2016, apresenta histórias reais de mulheres sequestradas e violentadas durante os conflitos na República Democrática do Congo. O centro de reabilitação dessas congolezas dá nome ao documentário, que não se refere a um ‘lugar de alegria’, mas da semântica em torno desse termo que direciona para o principal objetivo do lugar que acolhe essas vítimas: devolver a elas a razão pela sobrevivência de cada uma, o presente da vida.

Durante as entrevistas, as participantes revelaram suas regiões de nascimento e/ou residência. Olhar para o mapa e saber da configuração territorial do país proporciona (ao ouvir e/ou ler) uma visualização imagética das longas distâncias percorridas por essas mulheres até a fronteira com o Brasil.

A Venezuela está situada ao norte da América do Sul. Seu território está constituído, em sua maior parte, por áreas continentais e por pequenas ilhas situadas no Mar do Caribe. É delimitada ao sul pelo Brasil, a oeste pela Colômbia e a leste pela Guiana⁴¹.

⁴¹ VENEZUELA. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Venezuela#:~:text=Geografia,-Ver%20artigo%20principal&text=Com%20cerca%20de%20%20800,e%20a%20leste%20pela%20Guiana>>.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Transplante_de_medula_%C3%B3sea. Acesso em: 30 mai. 2024.

Quadro 7:



Estado:	Capital:	Estado:	Capital:
Amazonas	Puerto Ayacucho	Miranda	Los Teques
Anzoátegui	Barcelona	Monagas	Maturín
Apure	San Fernando de Apure	Nueva Esparta	La Asunción
Aragua	Maracay	Portuguesa	Guanare
Barinas	Barinas	Sucre	Cumaná
Bolívar	Bolívar	Táchira	San Cristóbal
Carabobo	Valencia	Trujillo	Trujillo
Cojedes	San Carlos	Vargas	La Güaira
Delta Amacuro	Tucupita	Yaracuy	San Felipe
Falcón	Coro	Zulia	Maracaibo
Guárico	San Juan de los Moros		
Lara	Barquisimeto	*Distrito Capital	Caracas
Mérida	Mérida	**Dependencias Federales de Ultramar	Los Roques (arquipélago)

Sobre as histórias de vida das participantes da pesquisa

A seguir, apresento resumidamente, as histórias de vida das entrevistadas.

(i) *Girassol*, a refugiada *maracucha*⁴² que falava

Girassol vem de uma família tradicional que sempre a incentivou a se dedicar aos estudos. Aos 16 anos ingressou simultaneamente em duas faculdades

⁴² Natural de Maracaibo. É a segunda maior cidade da Venezuela, localizada a 700 km da capital do país (Caracas) e localizada no extremo ocidental, junto à fronteira com a Colômbia.

na Venezuela. Cursou Jornalismo, numa universidade privada, com bolsa integral; e Letras, numa universidade pública. Participou de manifestações políticas em seu país, suscitada a exemplo do pai, que sempre esteve envolvido no meio político. A escassez de alimentos, a desvalorização monetária, um problema de saúde e a falta de oportunidades fizeram-na decidir deixar seu país, entendendo que ali se estabelecera uma grave e generalizada crise.

Em 2019, chega ao Brasil, um ano após seu marido já estar “estabelecido profissionalmente” nesse “novo” lugar. Ao chegar ao Rio de Janeiro, se fixa numa cidade periférica, Duque de Caxias. Enfrenta muitos desafios, como a dificuldade de encontrar emprego e a adaptação a um novo idioma. Contudo, encontra segurança e acolhimento na comunidade e entre amigos que a acolhem. De lá, muda-se para a favela do Vidigal e, apesar do impacto inicial, revela que se sentiu “mais segura do que em qualquer outro lugar”. Na pandemia e sem rendimentos, busca o apoio da Caritas-RJ, de onde conseguiu auxílio financeiro e, mais tarde, passou a atuar como voluntária no projeto.

Apesar das dificuldades, *Girassol* demonstra resiliência e determinação em construir uma nova vida no Brasil. Sua história reflete as lutas e desafios enfrentados por muitas refugiadas venezuelanas, destacando-se, em seus relatos, a importância da solidariedade e compreensão das causas subjacentes ao refúgio no Brasil.

(ii) *Jade, uma mãe venezuelana*

Jade tinha uma vida confortável na Venezuela. Formada em Publicidade e Marketing, exercia diferentes atividades profissionais: trabalhava em agência de publicidade, tinha suas próprias empresas e dava aulas. Com o agravamento da situação econômica no país, sua permanência tornou-se insustentável, especialmente após a morte de seus avós (aqueles que a criaram), a perda do poder de compra, a escassez de alimentos e a crise humanitária refletida nas cenas de pessoas comendo do lixo, presenciadas por ela. . Mesmo morando numa região privilegiada de Caracas – atrás do palácio Miraflores, sede da presidência da Venezuela – convivía com “disparos, tiroteio por causa de comida”.

Assim, como outros parentes que decidiram migrar, *Jade* sai do país, no desejo de oferecer um futuro melhor para suas filhas. Enfrenta dificuldades para obter documentos e uma longa, difícil e conturbada travessia com suas filhas pela fronteira da Venezuela com a Colômbia. Elege o Brasil como destino, tendo em

vista que acredita ser uma boa oportunidade para o futuro de suas filhas aprender um novo idioma.

Em 2018, chega ao Rio de Janeiro, vinda de Bogotá, com suas meninas. Inicialmente vai morar com sua mãe de criação no Rio de Janeiro. No entanto, a convivência torna-se difícil, levando-a a buscar, meses depois, seu próprio espaço. Enfrentou desafios de adaptação, incluindo a barreira linguística, trabalhos precários, informais e que superexploram pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Sua narrativa traz *insights* sobre a situação da Venezuela, as dificuldades enfrentadas para sair do país, a resiliência necessária para superar obstáculos e as dificuldades enfrentadas por mulheres, mães solo, em situação de refúgio no Rio de Janeiro.

(iii) *Nenúfar*, a filha que não pode se despedir de seu pai

Nenúfar nascida em Caracas, viveu desde criança em El Tigre, cidade a 500km da capital. Filha de uma família de classe média, seus pais tinham formação universitária e eram comerciantes. Com o apoio financeiro da família, cursou odontologia e, após se formar, especializou-se em ortodontia e, com o tempo, comprou seu próprio consultório.

A partir de 2015, passa a enfrentar dificuldades econômicas devido ao agravamento da situação política e social do país. Apesar de trabalhar em várias cidades e dispor de mais de uma entrada de rendimentos, sofre as consequências – como todo venezuelano – da grave crise no país ao ter que escolher entre comprar um pneu para seu carro ou comida. Ela e o marido trabalhavam muito e chegaram à conclusão que, apesar de terem seu próprio consultório, trabalhar muitas horas, durante quase toda a semana, a receita do casal era destinada somente à compra de comida e qualquer despesa extra não caberia mais em seu orçamento.

A deterioração da situação na Venezuela levou *Nenúfar* e sua família a enfrentarem escassez de alimentos, insegurança e dificuldade de acesso a itens básicos de alimentação. Seu pai teve que enfrentar longas filas para comprar alimentos e a família passou por situações de humilhação e muitas dificuldades financeiras, apesar de todos trabalharem muito. Diante desse cenário, *Nenúfar* e seu marido decidiram sair do país, para ter condições de sobrevivência e cuidar de seus pais que ainda permaneceriam na Venezuela. Durante todo o ano de 2017, trabalharam com o único propósito: poupar dinheiro para sair do país. Motivados

por parentes, que também tinham decidido migrar, escolhem o Rio de Janeiro para o recomeço. Enfrentam uma longa e difícil travessia pelo país até o Brasil, marcada por situações de medo, corrupção e angústia pela iminência em perderem todo o dinheiro trazido escondido.

Ao chegar ao Rio, por indicação de amigos, conhecem o PARES Caritas-RJ, fazem aulas de Português e conseguem oportunidades de trabalho. Já no Rio, recomeçam a vida por duas vezes, pois, na primeira, todo dinheiro poupado para trazer os pais e sogros, foi destinado às despesas com o pai e o sogro que adoeceram e, posteriormente, faleceram na Venezuela.

Nenúfar ressignificou sua vida, sua língua, cultura, profissão, família. Ela resume seu recomeço no Rio de Janeiro ao afirmar que a experiência do refúgio se configura em ter “que praticamente nascer de novo” – linha 48.

(iv) A fuga de *Orquídea* para o Brasil

Orquídea veio para o Brasil em busca de refúgio após sofrer situações de violência, ameaças e perigos na Venezuela. Ela compartilha sua jornada narrando sua história de vida, da infância, numa família tradicional, à vida confortável na fase adulta. Casou-se, teve dois filhos e, como professora e artesã, conseguiu pagar sua formação em Direito. Antes de sair do país, trabalhou no Ministério Público. Após uma denúncia falsa, foi sequestrada, torturada, teve sua casa invadida e, assim como membros de sua família, sofreu ameaças que a obrigaram a sair do país sem nenhum planejamento: “Eu tive que sair da Venezuela fugindo. E fui sequestrada durante 17 dias, fui torturada. E minha presença era uma ameaça para a minha família” – linhas 75 a 78.

Orquídea enfrentou muitas dificuldades no Brasil. De Roraima, vem para o Rio de Janeiro pelo programa de interiorização – Operação Acolhida. No Rio, passa a morar numa casa para mulheres e crianças mantida pelo PARES Caritas-RJ e ACNUR. Consegue trabalho em restaurante numa região próxima ao abrigo em que vivia. Conhece seu futuro companheiro, um comerciante português, e decidem abrir um comércio na zona oeste da cidade. Enfrentam dificuldades na pandemia, mas o objetivo de trazer seus filhos para o Brasil e ajudar familiares na Venezuela, não a deixa perder as esperanças e se mantém determinada nesse propósito, ainda que, para alcançá-lo, a impulse a migrar novamente.

A resiliência e determinação para reunir a família são resumidas por *Orquídea* no trecho: “Tenho muitas lembranças bonitas e elas ficam

aí, deixei tudo para trás, deixei meu mundo, minha casa, meu carro, meu trabalho, o tesouro mais importante que é a família e vim a lutar aqui no Brasil” – linhas 111 a 115.

(v) A formação e qualificação de *Rosa* como barreiras no Brasil

Rosa é uma engenheira civil venezuelana que enfrentou vários desafios em sua vida. Após se formar em engenharia civil, trabalhou na Venezuela, mas, devido aos problemas políticos e econômicos no país, decide migrar para os Estados Unidos, onde vive por 5 anos. Retorna à Venezuela devido ao trabalho de seu marido. Ao encontrar um cenário crítico, decide vir para o Brasil em busca de novas oportunidades. No entanto, a transição não foi fácil. Ela e o marido não encontram muitas oportunidades de trabalho em Boa Vista. Assim, ajudada pela OIM e ACNUR, consegue trabalho em Santa Catarina, mas devido ao fato de ainda não falar “bem” o Português, sofre xenofobia, discriminação e etarismo nesse lugar. Decide vir para o Rio de Janeiro por acreditar ser uma cidade maior, dispor de mais oportunidades e por sua mãe já estar na cidade.

Paradoxalmente, a formação como engenheira e a idade passam a ser um entrave para conseguir um trabalho. Faz curso de eletricista de obras e, com esta “nova formação”, o empecilho “ser mulher” passa a, também, dificultar sua busca por trabalho no setor de construção.

Apesar das dificuldades, *Rosa* mostra-se determinada em construir uma nova vida para si e sua família no Brasil. Valoriza a oportunidade de aprender um novo idioma e se mostra disposta a enfrentar os desafios que surgirem em nome do futuro de seus filhos.

(vi) As travessias de *Tulipa* no Brasil

Tulipa cresceu e morou com seus avós no interior da Venezuela. Após se mudar para a cidade, decidiu estudar enfermagem, seguindo o sonho que também era o de sua mãe. Tinha uma carreira bem-sucedida como enfermeira, com estabilidade financeira e uma boa vida social.

Em 2016, a grave e generalizada crise na Venezuela, a perda do poder de compra, a piora do estado de saúde de sua mãe, o aumento da violência e um roubo em sua residência foram os episódios que motivaram sua decisão em vir para o Brasil, sem nenhum planejamento prévio.

A jornada de *Tulipa* para o Brasil foi difícil, dolorosa e marcada por muitas travessias. Chega a Roraima com a promessa de instalar-se na casa de uma amiga.

Ao chegar a Pacaraima, a amiga não a atende mais, dorme uns dias na rua até conseguir, por meio de venezuelanos que conhece nas ruas e redes sociais, o contato de outra amiga que a convida a ficar com ela em Boa Vista. Ao chegar, consegue trabalho como faxineira e ambulante nas ruas. Pelas redes sociais, recebe uma proposta de ir para Manaus. O clima quente e úmido da cidade a impulsiona a buscar outro lugar. Conhece um boliviano que consegue um trabalho para ela numa fábrica de roupas em São Paulo. Em troca do pagamento de suas passagens aéreas, instalação e comida, chega à capital paulista e passa a cumprir uma jornada de quase 15h de trabalho diário. Volta às redes sociais e conhece pessoas que a alertam para as condições de exploração em que se encontrava e a motivam a vir para o Rio de Janeiro. Depois de cinco meses em São Paulo, *Tulipa* mudou-se para o Rio, onde trabalhou como camareira em uma pousada por um ano e três meses. Foi demitida após solicitar seus direitos trabalhistas. Chega ao PARES Cáritas-RJ, mas não consegue ajuda de imediato, o que lhe causa uma frustração de início.

A barreira em aprender o Português refletia o NÃO desejo de *Tulipa* em estar no Brasil: “Eu não queria sair de meu país, eu não, eu não queria estar passando por essa situação, eu não queria” – linhas 631 a 633.

Volta a trabalhar de ambulante na praia e, numa nova tentativa, consegue ajuda do programa e conquista uma vaga de camareira num hotel. Deste trabalho alcança outros melhores que a permitem conseguir reconstruir sua vida no Brasil. Adapta-se à vida no Rio, passa a integrar-se mais à cultura brasileira e a se sentir otimista em relação a seu futuro no país.

4.3 Procedimentos para transcrição e análise de dados

Há muitas formas para transcrever áudios em texto escrito. Loder (2008, p.132) afirma que “não há modelo nem convenções de transcrição que sejam neutros”, nem “completo”, pois “nunca” abarcará “a totalidade de fenômenos de diversas ordens que estão em jogo na situação de uso da linguagem que foi registrada”.

Garcez, Bulla & Loder (2014, p.266-274) apresentam possibilidades para transcrever falas através do uso: da ortografia (representação literal das palavras); da grafia modificada (p.ex., *tá* para *está*); do alfabeto fonético. Além dessas, sinalizam a relevância dos aspectos entonacionais, temporais e de velocidade da

produção vocal dos participantes da fala-em-interação social. Assim, justificam a tradição das convenções de Jefferson (2004) utilizadas em pesquisas em ACE.

Inicialmente, a transcrição dos áudios das entrevistas, geradas para esta investigação, utilizaria, apenas, essas convenções. A seguir, o quadro 8 proposto por Jefferson (2004), traduzido por Garcez, Bulla & Loder (2014, p. 272).

Quadro 8:

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade
↑	(seta para cima)	mais agudo
↓	(seta para baixo)	mais grave
palav-	(hífen)	marca de corte abrupto
pala::vra	(dois pontos)	prolongamento de som
palavra	(sublinhado)	sílaba/palavra enfatizada
PALAVRA	(maiúscula)	intensidade/volume maior
°palavra°	(sinais de graus)	Intensidade/volume menor
>palavra<	(sinais de maior que / menor que)	fala acelerada
<palavra>	(sinais de menor que / maior que)	fala desacelerada
hhh	(série de h's)	aspiração ou riso
.h	(h's precedidos de ponto)	inspiração audível
=	(sinais de igual)	elocuições contíguas, sem intervalo
[]	(colchetes)	falas simultâneas/sobrepostas
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio em segundos
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa de até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	fala que não pode ser transcrita
(palavra)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa

Loder (2008, p.150) aponta que o uso da ortografia padrão torna a transcrição mais fácil de se ler e, portanto, torna-se acessível a um número maior de pessoas. No entanto, o registro de fenômenos de variação e diferenças dialetais é dificultado por essa abordagem, pois ela homogeneíza as diferenças que podem ser relevantes para os participantes, como as mudanças de código ou o fato de os falantes terem línguas maternas diferentes. Assim não corresponderia à “realidade” em que a interação fora produzida.

Dessa forma, ao analisar os dados, verifica-se que apenas as convenções da ACE não contemplariam as especificidades dos áudios nessas entrevistas.

Apesar das entrevistadas escolherem o Português como a língua utilizada para a entrevista, ao longo dessas e, de forma não intencional, alternavam os códigos entre Português e Portunhol, esta entendida não apenas como uma ‘língua de fronteira’, mas uma marca identitária das refugiadas: “Portunhol como uma língua de identificação do seu lugar, em certas práticas sociais e com suas formas de expressão cultural” (Sturza, 2019, p.103). Sobre o Portunhol, a autora assinala (ibid., p.93):

“Para compreender a problemática do nome Portunhol é preciso, antes de tudo, esclarecer se Portunhol é uma nomeação ou uma designação. Essa escolha se dá tanto pela realidade linguística na qual a língua se apresenta aos falantes bem como pelo fato de que essa mesma realidade linguística está afetada pelas condições sócio-históricas dos sujeitos que falam o Portunhol, ou daquele Portunhol que eles falam”.

4.4 A transcrição das entrevistas

Nesta pesquisa, foram necessários alguns acréscimos de convenções que pudessem marcar a alternância entre o Português e o Portunhol nas transcrições das entrevistas das participantes. Ao longo das entrevistas, houve alternância entre as duas línguas, por isso fez-se necessário normatizar essas alternâncias de modo que os traços fonéticos fossem marcados nas transcrições de forma a apontar essa alternância. Não foram sinalizadas nas transcrições as alterações sintáticas, pois o prosódico e o fonético já sinalizariam essas alternâncias. Ademais, questões de ordem sintática proporcionariam um outro recorte para esses dados.

Lessa (2022, p.319) afirma que “um ato interpretativo ou tradutório se direciona sobre as condições de execução da tarefa” e que “um entrecruzamento da oralidade e da escrita” pode revelar a complexidade de uma composição e “reunir”, nesta execução, estudos linguísticos diversos, como a Pragmática e a Sociolinguística, entre outros

Como já foi dito, todas as entrevistadas são venezuelanas. Assim, a variante da Língua Espanhola utilizada por elas é a Americana, da Região Caribenha. Apesar de a Venezuela estar localizada na América do Sul, o Espanhol Venezuelano compartilha muitas características com as outras variantes da língua dos países localizados no Mar do Caribe.

A Língua Espanhola possui um conjunto de variedades faladas em todo o continente americano, desde a chegada e colonização Espanholas – séculos XV-XVI – até à atualidade.

Dados do *Anuario del Instituto Cervantes – El español en el mundo 2023* – informam que a Língua Espanhola e todas suas variantes contam com mais de 500 milhões de falantes em todo o mundo, i.e., esta língua está na segunda posição em número de falantes nativos e em quarta no total mundial de falantes:

“El español es la segunda lengua materna del mundo por número de hablantes, tras el chino mandarín, y la cuarta lengua en un cómputo global de hablantes (dominio nativo + competencia limitada + estudiantes de español), después del inglés, el chino mandarín y el hindi”. – Anuario del Instituto Cervantes – El español en el mundo 2023, p.23.

Há mais falantes da Língua Espanhola fora de seu território de origem, Espanha. Atualmente, com os fluxos migratórios, a língua também é disseminada por deslocados forçados em países que não a têm como língua oficial. Desta forma, o contato linguístico leva a transformações na língua materna de quem chega, assim como na do país que recebe o refugiado / migrante.

Sobre as características dos aspectos fonético-fonológicos da variante do “Espanhol Americano” (EA) – “Espanhol caribenho”⁴³ – sinalizados nas transcrições das entrevistas com as venezuelanas, cabe ressaltar os mais frequentes em suas falas:

- (i) /s/ em final de sílaba é geralmente aspirado: "adeus" → adío[h] ; "casas" → casa[h];

⁴³ Há muitas variedades do Espanhol no continente americano. Por não ser o tema central desta investigação, a pesquisadora considerou cinco zonas dialetais do Espanhol “Americano”, cf. a clássica divisão do filólogo Henríquez Ureña, de 1921 (*apud*. Fernández, 1999): (i) “México e América Central”; (ii) “Caribenha”; (iii) “Andina”; (iv) “Chilena”; e a (v) do “Rio da Prata”, a partir dos estudos de:

DÍAZ, R. Fernández. **Prácticas de fonética española para hablantes de portugués**. Madrid: Arco Libros, 1999.

FERNÁNDEZ, F. Moreno. **La división dialectal del español de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1993.

HERRERO, Ma. Antonieta Andión. **Varietades del español de América: una lengua y diecinueve países**. Colección Complementos – Serie Didáctica. Brasília: Consejería de Educación en Brasil – Embajada de España, 2004.

LIPSKI, John. **El español de América**. 5ª edición, Madrid: Cátedra, 2007.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. 2ª ed., Madrid: Arco Libros, 1998.

(ii) perda da /d/ intervocálica (melao, em vez de "melado"; pelao em vez de "pelado"; pecao em vez de "pescado"), mesmo no fim da palavra. Com esta elisão, os sufixos -ado, -edo e -ido (e suas correspondentes formas femininas) se tornam -ao, -eo e -ío;

(iii) *Seseo*: fenômeno característico do EA, no qual NÃO se faz distinção entre os fonemas: *[-c] seguida de -e e/ou -i; **[-s] entre vogais; e ***[-z] do PB, i.e., essas articulações são pronunciadas como [-s], não havendo, portanto, distinção fonológica entre essas consoantes.

(iv) *Yeísmo* – fenômeno característico do EA, no qual NÃO se faz distinção entre os fonemas: [j]; [lh] e [y] do PB, i.e., essas articulações são pronunciadas de diferentes formas, variando de acordo com a região do EA, sendo as mais comuns: [-i]; [-ie]; [-dj]; [-J].

Durante as entrevistas, a alternância entre o Português e o Portunhol ocorre de forma involuntária e não perceptível pelas entrevistadas, em vários momentos. Além disso em algumas ocasiões, o uso do Espanhol foi feito com o intuito de nomear algo que elas não conheciam em Português ou esclarecer alguma informação:

Excerto 01:

Nenúfar	950	Bom, <i>apostilla</i> , que não é apostila, o
	951	significado da palavra apostila em
	952	português. <i>Apostilla</i> da área, que é um
	953	documento, que é um carimbo consular que
	954	o país faz esse carimbo pra acreditar
	955	que, pra, assim, pra dar o crédito que
	956	you é um dentista, por exemplo, no meu
	957	caSSo.

Excerto 02:

Girassol	726	Aí essas pessoas que moravam fora
	727	começaram a ser, novamente eu não sei
	728	qual o nome em português, <i>albaceas</i> da
	729	minha mãe. Eram pessoas que recebiam o
	730	dinheiro e dava um jeito pra mandar o
	731	dinheiro pra Venezuela.

Entendo o Portunhol a partir dos estudos de Sturza (2019, p. 95; 110), para quem “o Portunhol se define como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol”. A autora afirma, ainda, que

“O Portunhol Interação Comunicativa também significa a mistura particular que cada falante faz quando em contato com uma das duas línguas, usando-a, antes tudo, para interagir, da maneira mais eficiente possível, em situações de necessária comunicação, ainda que seja apenas imediata, uma “mistura pragmática””.

Portanto, a definição do Portunhol como língua é tão complexa que provoca o surgimento de alguns estigmas (Goffman, 1988 [1963]) quando se tenta estabelecer sua conceituação: “Português misturado com Espanhol”; “Espanhol errado”; “sinal de baixa escolarização” são atributos depreciativos (ibid.) que desqualificam seu uso linguístico.

Esses estigmas sociais (ibid.) estão presentes nas regiões de fronteira do Brasil com países hispanofalantes, em situações em que é necessária uma forma de interação comunicativa para “facilitar” a comunicação entre falantes de Português e Espanhol. Ademais, é possível que isso ocorra de forma a sustentar (i) suas ideologias linguísticas (Moita Lopes, 2013); ou (ii) para marcar o luto linguístico (Achotegui, 2022) que emerge, muitas vezes, nas falas das entrevistadas.

As entrevistas desta pesquisa foram realizadas, a escolha de cada participante, numa língua em que cada uma se sentisse mais confortável ao falar sobre sua vida, já que, para falar de vivências recentes, que pudessem trazer à tona emoções incômodas a elas, foi sugerido que escolhessem a língua na qual se sentiriam mais à vontade para contar suas histórias de vida, neste caso, utilizando o Português ou o Espanhol.

As alterações prosódicas revelam que em ambientes, ou entre sujeitos, que possuam conhecimentos semelhantes em línguas próximas, alternar entre uma língua ou outra sinaliza que o uso do Portunhol, p.ex., poderia servir como um “apoio”, de forma que as conversas não fossem interrompidas pelo desconhecimento de um termo, uma expressão ou uma oração na língua escolhida para a entrevista, o Português.

As palavras em Espanhol foram transcritas usando-se a ortografia da língua de origem, porém os termos foram sinalizados nas transcrições com o itálico no próprio termo. Sua caligrafia de traços ligeiramente inclinados à direita, foi o recurso utilizado para destacar uma palavra em Espanhol. Já os termos em Portunhol foram sinalizados entre aspas, de forma que também tivessem seu

destaque.

O quadro 9, a seguir, propõe marcações nas transcrições revistas após o emprego das de Jefferson (2004), para que o Portunhol, que emerge em entrevistas com hispanofalantes, seja sinalizado.

Esta pesquisa segue as normas de transcrição da ACE – Jefferson (2004); Loder (2008); Garcez; Bulla & Loder (2014) – , porém foram necessários acréscimos para destacar a presença de mais de um idioma nas entrevistas.

Os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional – *International Phonetic Alphabet* (IPA) – foram utilizados para sinalizar qual fonema é destacado na fala da entrevistada, se o do Português Brasileiro e/ou o do EA. Além disso, os termos em EA – variante caribenha – foram preservados nas transcrições e aparecerão em itálico.

A articulação dos sons será representada por colchetes [], porém, em se tratando de sua representação fonológica, utilizar-se-ão barras oblíquas / /⁴⁴.

Quadro 9:

Símbolo em itálico representando a marcação do Portunhol na gravação	Articulação sonora do fonema na gravação	A que se refere	Exemplo(s) extraídos das gravações
<i>B</i>	[bê]	Uso do fonema consonântico bilabial /b/ do PB nas ocorrências das consoantes [b] e [v].	“sobrevivir” → [sobreBi <u>B</u> ir]
<i>ON</i>	[ôn]	Uso da terminação [ôn] no lugar do ditongo nasal [ãw] do PB.	“documentação” → [documentaSSÔN]
<i>Ê</i>	[ê]	Uso do fonema vocálico fechado [e] do PB em lugar do aberto [ɛ].	“ela” → [Êla]
<i>H</i>	[h]	Aspiração do [s] em final de sílaba.	“muitas” → [muitaH]
<i>I</i>	[i]	Fechamento do fonema vocálico [ɛ] em [i] em posição final e átona, característica comum no PB.	“base” → [baSSI]
<i>N</i>	[ene]	Uso do fonema consonântico nasal [n] → /n/ do PB em lugar do palatal [nh] → /ɲ/.	“dinheiro” → [diNeirU]
<i>Ô</i>	[ô]	Uso do fonema vocálico [o] em lugar do aberto [ɔ], no PB	“carioca” → [kariÔka]

⁴⁴ Cf. Cunha, Celso. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Celso Cunha & Lindley Cintra. 5ªed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008, p.42.

SS	[ss]	<i>Seseo</i> – fenômeno característico do EA, no qual NÃO se faz distinção entre os sons: [c] seguida de -e e/ou -i; [s] entre vogais; e/ou [z] do PB.	“lembranças” → [lembraNSSas] “presente” → [preSSentI] “Venezuela” → [BeneSSuela]
TCH	[tchê]	Marcação do fonema consonântico africado palatal surdo /tʃ/ do Espanhol que não existe no PB.	“fechado” → [feTCHadU]
U	[u]	Fechamento do fonema vocálico fechado [o] em [u] em posição final e átona, característica comum no PB.	“carro” → [karrU]
U	[u]	Vocalização da consoante [l] em [u], característica comum no PB.	“fácil” → [faSSIU]
X	[sch]	Marcação do fonema consonântico fricativo pós-alveolar surdo /ʃ/ → [x] no lugar do fonema consonântico fricativo pós-alveolar sonoro /ʒ/ → [j] do PB	“gente” → [XentI]
KS	[ks]	A letra “X” em Espanhol quando posicionada entre vogais é articulada pela junção de dois fonemas do PB: [-k] + [-s].	“EXAMEN” “exercício” → [eKSercicio]
Y	[i] / [ie] / [dj] / [J]	<i>Yeísmo</i> – fenômeno característico do EA, no qual NÃO se faz distinção entre os fonemas: [j]; [lh] e [y] do PB.	“vejo” → [BeYo] “loja” → [loDJa]
Y	[i]	Uso da conjunção aditiva do Espanhol “Y” no lugar da do português “E”.	“Y, como todo na vida...”.

As convenções propostas sugerem uma contribuição a futuras pesquisas de natureza etnográfica nas quais surjam línguas próximas cujos dados sejam gerados (e/ou compilados) e nas quais haja alternância entre mais de um idioma.

Por fim, sobre a estrutura para formatação dos excertos e sua padronização, empregou-se a fonte Courier New (tamanho 11), espaçamento simples, alinhamento à esquerda (apenas para os seguimentos selecionados – as demais colunas estão centralizadas) e numeração das linhas conforme transcrição original

dos dados pela ACE.

4.5 Aspectos éticos da pesquisa

Uma pesquisa, situada dentro de uma perspectiva qualitativa e interpretativista, assim como todas as outras, necessita de um posicionamento ético e atencioso, visto que sua elaboração, divulgação e implicatura acarretarão não só novas percepções sobre o tema, mas também novas construções diante dos grupos e dos sujeitos que dela participam – o que pode, inclusive, trazer prejuízos e danos, caso seja conduzida de modo descuidado e irresponsável, mesmo que de maneira não intencional.

Por se tratar de mulheres refugiadas, protegidas por leis nacionais e internacionais, a atenção a esses aspectos deve ser mais criteriosa ainda, conforme Termo de Compromisso para Pesquisador, no Anexo 1.

4.5.1 Benefícios e riscos da pesquisa para as participantes

Serão avaliadas as resoluções adequadas à natureza da pesquisa – a Resolução CNS/CONEP no466/2012 ou a CNS/CONEP no510/2016.

As gravações realizadas não serão disponibilizadas publicamente. Apenas serão empregadas para estudos analíticos da pesquisadora, qualificação e defesa da tese de doutorado, comunicações em congressos acadêmicos, publicação de artigos em periódicos científicos, respeitando-se os termos éticos, da presente pesquisa.

As participantes foram informadas sobre o direito de interromper sua participação quando desejado e, sempre que dúvidas emergissem antes e/ou no decorrer das gravações.

Quadro 10:

Benefícios da Pesquisa	Riscos da Pesquisa
As participantes podem: (i) desenvolver entendimentos que entrelacem narrativas, histórias de vida e refúgio; (ii) refletir sobre as ressignificações identitárias que surgirem com base nas histórias de vida, contadas de forma espontânea em saladeaula; (iii) ter, através das narrativas emergentes dessas histórias, um olhar mais atento da	As participantes podem sentir emoções diversas enquanto participarem da pesquisa, principalmente, porque se trata de uma temática relacionada a um campo que tange à esfera privada e aos afetos. Nesse sentido, as refugiadas venezuelanas podem se sentir emocionadas, constrangidas e/ou desconfortáveis durante as interações.

sociedade sobre esse grupo; e (iv) a discussão na sociedade de políticas públicas, em especial as linguísticas, que possam contribuir com este grupo: mulheres, refugiadas, latino-americanas.	
---	--

4.5.2 Carta de Anuência

A carta de anuência é uma declaração que autoriza o pesquisador a, após aprovação do projeto na Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio e nos órgãos competentes, dar início à pesquisa em campo. Ela se constitui como um termo que declara o conhecimento acerca da pesquisa por parte de uma instituição, com base numa relação de confiança que envolve todas as participantes da pesquisa.

A carta de anuência foi assinada e datada pela coordenadora pedagógica do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ, consentindo a realização da pesquisa com as refugiadas venezuelanas assistidas.

4.5.3 Termos de consentimento e de assentimento

Segundo os Capítulos I e III da resolução nº510/2016, o processo de assentimento e de consentimento é um processo pautado na construção de relação de confiança entre pesquisador e participante da pesquisa, em conformidade com sua cultura e continuamente aberto ao diálogo. As informações, sob essa perspectiva, devem ser acessíveis e transparentes para que, de modo livre e esclarecido, a participante possa ter como garantidas a sua privacidade e a sua decisão de continuar ou não em colaboração com a pesquisa proposta. Antes de iniciar a geração de dados, sob essa ótica, a pesquisadora comprometeu-se em solicitar o assentimento e o consentimento das participantes.

4.5.4 Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Com o objetivo de respeitar as participantes da pesquisa, foi desenvolvido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que tem a finalidade de proporcionar informações sobre a pesquisa e sobre a pesquisadora.

O termo do TCLE, entregue e discutido, conforme detalhado em 4.2.2, encontra-se em Português, no Anexo I, e em Espanhol, no Anexo II. Esse documento foi entregue, presencialmente ou por e-mail, a cada voluntária participante dessa pesquisa, para que fosse lido, discutido e assinado mediante um

encontro presencial e/ou virtual, com a pesquisadora, com dia e hora marcados, de acordo com a disponibilidade da participante.

A escolha por assinar o TCLE em Português ou em Espanhol ficou à escolha de cada participante.

5. Considerações sobre feminização do refúgio no Brasil

Lira; Lago & Lira (2019, p.329) sinalizam que “mulheres migrantes e refugiadas possuem necessidades e vulnerabilidades específicas, para as quais os países devem estar preparados para atender”. Tais mulheres deparam-se com situações iminentes que as atingem com força.

As entrevistadas para esse estudo apontaram muitos obstáculos que a vivência no refúgio lhes trouxe, apenas pela condição de serem mulheres. As múltiplas vulnerabilidades sinalizam as situações a que mulheres são acometidas, e, em escala maior, quando em situação de refúgio. A seguir, *Tulipa* revela que, ao chegar ao Brasil, suas necessidades não foram atendidas, mas que sua condição vulnerável possibilitou questionamentos e julgamentos, principalmente, da parte dos brasileiros, em relação à sua condição de mulher refugiada.

Excerto 03:

Tulipa	332	Eu comecei a, a procurar nas redes
	333	sociais, né, amigos, <i>conpcidos</i> , só que
	334	pelo <i>misma::</i> , pela <i>misma situación</i> ,
	335	pela <i>misma::</i> , eu sentia vergonha
	336	também, porque:: tanta, tanta coiSSa
	337	que a Yente vê, né, que <i>las</i> pessoas
	338	começam a criticar. Como você se vai
	339	sozinha? Como você se vai <i>sin diNeiro</i> ?
	340	Você tá doida? Y em <i>Bez</i> deles,
	341	((pigarro)) em <i>Bez</i> deles darem
	342	soluções, o que faz mais é um
	343	Yulgamento, como tavam. Então a Yente
	344	nesse momento <i>no</i> tá precisando Yul...,
	345	que, de Yulgamentos, a Yente está
	346	precisando de soluções ou de ideias que
	347	deem soluções.

O relato de *Tulipa* revela um entre os muitos entraves vivenciados por mulheres que, como ela, decidem sair de seu país e chegam sozinhas ao Brasil: os pré-julgamentos impetrados por sociedades com valores ainda patriarcais. Sendo mulher, venezuelana, desacompanhada e sem recursos financeiros (nem de abrigo), é questionada pelos sujeitos que mantêm algum vínculo sobre o porquê “se vai sozinha? / Como você se vai *sin diNeiro*? Você tá doida?”. *Tulipa* desabafa que é muito questionada (ao invés de ajudada) pelos sujeitos que encontra naquele momento. Ao mencionar “eu sentia

vergonha”, a entrevistada legitima os julgamentos que ouviu naquela situação ou lhe foram dirigidos pela condição em que se encontrava – mulher refugiada. A frase traz o substantivo *vergonha* pelo qual se infere que ela teria feito algo não convencional, irresponsável ou ilegal para deixar seu país, como se a escolha em sair das péssimas condições de vida não fossem suficientemente válidas para seu deslocamento para o Brasil.

Esse relato, entre tantos outros produzidos por mulheres em situação de refúgio, sinaliza problemas inerentes a este grupo. A migração feminina no Brasil, de acordo com a descrição das refugiadas entrevistadas para essa pesquisa, revela vulnerabilidades, abusos, discriminações, violências que atingem fortemente esse público, além de apontar desafios, como a desintegração familiar, e os lutos (Achotegui, 2022) experienciados por elas.

Ao sair da Venezuela, as entrevistadas revelam obstáculos e sofrimentos enfrentados nas muitas travessias por elas realizadas – nas fronteiras físicas, sociais, culturais e, sobretudo, emocionais pelas quais passaram, sinalizando realidades que a feminização do refúgio nos mostra:

“A experiência de migração é diferenciada para as mulheres, se comparadas a dos homens, pois, constitui-se em riscos de sofrerem abusos sexuais durante o deslocamento. Ademais, aponta-se que, ainda que às mulheres migrantes sejam atribuídas ocupações que, por tradição, já são atribuídas a todas as mulheres, a exemplo do serviço doméstico, o cuidado com os idosos e crianças, além destas, também, se atribuem outras atividades remuneradas, a exemplo do mercado sexual, trabalho doméstico ou outra atividade remunerada que possa alimentar um fluxo de remessas de valores com um considerável impacto nas finanças das famílias e até dos países” (Lira; Lago & Lira, 2019, p.328).

O mercado sexual e os casos de violência são revelados com frequência quando mulheres refugiadas são questionadas a respeito desse tipo de risco. *Orquídea* aponta uma situação em que, ainda que estivesse na mesma situação vulnerável de outras venezuelanas, era comumente presenciadas em lugares com grande fluxo de pessoas, especialmente mulheres em situação de refúgio.

Excerto 04:

Orquídea	819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833	Sim. Eu quando, quando eu trabalhava em, em Roraima, havia mulheres muito bonitas, profissionais, médico, advogado, neurólogo, pediatra quantas profissões juntas. EnYenheiros, muita coisa. E eu sentia muita pena quando, no todas, porque na realidade no todas, quando () eu era assistente pastoral e a Yente trabalhava também com a, a parte, a, o aYendamento da documentação, elas ficavam em uma fila. Era uma fila no comum, era para as pessoas que se dedicavam a faSSer programas e elas falavam...
Michele	834	Eu imagino.
Orquídea	835 836 837	...que para elas era muito difícil. Elas chegavam lá chorando que era muito difícil.

Nesse excerto, *Orquídea* revela a situação de mulheres que, como ela, também tinham formação universitária, no entanto, eram vítimas do mercado sexual que se abastece da vulnerabilidade e falta de oportunidades em que mulheres em refúgio, independente da formação, são submetidas. Refugiadas estão expostas a diversos perigos, incluindo a exploração sexual, o tráfico de pessoas e a violência generalizada. Essa vulnerabilidade à exploração e ao abuso é uma característica comum a todos os deslocados, mas mulheres e meninas se encontram em uma posição ainda mais delicada, pois constituem a maior parte das vítimas do tráfico humano (Schwinn, 2019, p.86-88). Ao contrário das vítimas de exploração sexual apresentadas por *Orquídea*, ao chegar em Roraima, ela consegue um trabalho como assistente de pastoral na Caritas Brasileira⁴⁵. Naquele momento, o trabalho voluntário, lhe proporcionou abrigo e alimentação, algo dificilmente alcançável por mulheres nas mesmas condições que ela.

“No percurso do refúgio, “são justamente meninas e mulheres as que mais sofrem abusos aos seus direitos humanos: violência sexual, tráfico de mulheres, escravidão em locais de trabalho,

⁴⁵ “A Caritas Brasileira é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Está organizada em uma rede com 198 entidades-membros, disposta em 13 regionais e 04 articulações. Regionais: Norte 2, Norte 3, Nordeste 2, Nordeste 3, Ceará, Maranhão, Piauí, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul. As articulações são: Norte 1, Noroeste, Centro-Oeste e Rio de Janeiro”. Disponível em: <<https://caritas.org.br/regionais>>. Acesso em 21 set. 2024.

impossibilidade de contato com a família, são alguns deles. Sofrem, sobretudo, com a dupla face da vitimização: ser mulher e ser migrante” (ibid., p.98).

A feminização das migrações é um fenômeno importante, complexo e que se tem expandido cada vez mais nas últimas décadas. Inicialmente, envolvia estudos sobre gênero e os migratórios (Dutra⁴⁶, in: Cavalcanti, 2017, p.325-327), mas, atualmente, tentativas de delimitação dos campos de saberes sobre esse tema excluem os esforços que pesquisadores de diversas áreas têm feito na tentativa de propor reflexões, inteligibilidades e propostas que atendam mulheres em deslocamento (forçado ou não).

Marinucci (2007, p.06 - 16) nos propõe três tendências para o entendimento deste fenômeno :

- (i) o aumento da participação feminina nos fluxos migratórios já representa quase metade dos migrantes internacionais;
- (ii) mais visibilidade para as mulheres migrantes em virtude da incorporação da perspectiva de gênero nas investigações e discussões contemporâneas, tornando as experiências das mulheres migrantes mais perceptíveis; e
- (iii) mudança no perfil da mulher migrante: além da reunião familiar, a busca por trabalho e a fuga de situações opressivas no país de origem são motivações crescentes para a migração feminina.

Balestro & Pereira (2019) apontam a crescente presença e visibilidade das mulheres refugiadas no Brasil, embora a migração tenha sido historicamente marcada pela predominância masculina. O perfil dos refugiados no país está mudando, com um número cada vez mais expressivo de mulheres entre esses sujeitos. Para as autoras, essa feminização é evidenciada por dados que demonstram o aumento da proporção de mulheres entre os refugiados reconhecidos e a amplitude dessa feminização, vai além de um simples aumento numérico, posto que envolve uma transformação no perfil das mulheres refugiadas que buscam conquistar não somente autonomia e emancipação, mas, também, melhores oportunidades para si mesmas e suas famílias.

⁴⁶ Délia Dutra, autora do verbete ‘Feminização das migrações’.

Propor uma investigação sobre refugiadas venezuelanas no Rio de Janeiro corrobora uma reflexão atual e pertinente à feminização do refúgio no Brasil, devido às demandas urgentes que requerem um conjunto de medidas com a inserção de um recorte de gênero para a integração e assistência social desse grupo.

Venezuelanas em travessia

Meu estreito contato, e convívio, com refugiados e atenta às suas histórias de vida, especialmente, as que eram contadas pelas mulheres, geraram, de minha parte, uma certa empatia devido ao espelhamento de identidades, histórias, vivências, conflitos que esses relatos mostravam em sala de aula. Era meu maior público nas aulas do curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ. Sendo as venezuelanas, entre as hispanofalantes, as que se destacavam em número, eram essas também as que despertavam minha curiosidade, sobretudo, aquelas com formação acadêmica e com um histórico profissional de destaque em seu país natal. Seus relatos mostravam que haviam escolhido o Brasil para um recomeço, já que as condições de subsistência e sobrevivência na Venezuela passaram a ser cada vez piores e insustentáveis para motivar sua permanência naquele lugar, justificada pelo agravamento da crise socio, política e econômica acentuada a partir de 2016⁴⁷, (cap.2, seção 2.1.1).

Suas narrativas expressavam, sobretudo, dor, medo, violência e muita saudade. Também conduziam histórias reais de: jovens, mães, filhas, idosas, *profesionales venezolanas*, de mulheres latino-americanas que, como eu, também poderiam estar refugiadas noutro país, numa sala de aula, com outras mulheres estrangeiras, deslocadas de forma forçada e compartilhando vivências semelhantes. O “canônico lugar de ensino-aprendizagem” - a sala de aula, neste recorte de PLAc - passa a ser, ademais, um espaço de trocas de histórias, novos contatos, apoio, orientações com preenchimento de documentos, de mais aprendizagens que de ensino, de muitos afetos e acolhimento.

Uma inevitável e afetiva vontade, além de disponibilidade em ajudá-las, passa a ser germinada, não só no auxílio com os entraves trazidos pelo não

⁴⁷ WENDLING, K. C. da S.; NASCIMENTO, F. L.; SENHORAS, E. M.. A CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v.8, n.24, p.01–14, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5651479. Disponível em: <<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/500>>. Acesso em 01/03/2024.

conhecimento do idioma, mas pelas situações que emergiram fora do espaço da sala de aula, como, por exemplo, na compreensão do cartão de vacinas de seus filhos, no preenchimento de formulários, na elaboração de currículos, na orientação a situações de assédio, abuso ou trabalho ilegal, entre outras demandas que passam a ser “comuns” a mulheres em situação de refúgio, necessidades que se compartilham espontaneamente pelos laços de afeto e convívio que se estabelece entre nós desde então. As narrativas provocaram minha identificação e alinhamento com essas mulheres e suas histórias, especialmente em relação às escolhas e situações difíceis comumente enfrentadas por nós, jovens mulheres latinas, tais como: (i) assistência e responsabilidade (financeira) com a família, (ii) baixos salários, (iii) assédio em vários ambientes (familiar, educativo, corporativo etc.), entre outros.

O afeto, a empatia e o desejo em colaborar com essas mulheres tornam-se cada vez mais frequentes, surgindo, a partir desse convívio, redes de apoio que estreitaram, ainda mais, nossos laços. Nossa comunicação, dentro e fora de sala de aula, por meio dos grupos de WhatsApp e das aulas remotas (durante a pandemia de COVID-19) colaboraram para que essa rede interpessoal crescesse e o contato se estreitasse cada dia mais, em situações diversas que sempre me levavam a refletir: *e se fosse eu? Amanhã pode ser eu, minha família, meus amigos, meu país...* Isto era algo que alimentava o estreitamento desses vínculos e, conseqüentemente, com suas famílias, parentes e amigos que esse convívio passou a trazer a meu dia a dia.

As histórias de vida dessas mulheres revelam, além de sofrimento, superação e resiliência, as condições mais adversas que as impulsionaram a deixar família, bens patrimoniais, trabalho, enfim, seu país, suas identidades, suas vidas.

As entrevistas com esse grupo alinham-se aos critérios sinalizados e apontam para histórias de vida de mulheres: (i) com perfil social, familiar, acadêmico e profissional semelhantes; (ii) que representariam um recorte do perfil de refugiadas venezuelanas que chegaram ao Rio de Janeiro entre 2017 a 2019; (iii) que buscaram atendimento pelo PARES Caritas-RJ; e (iv) que foram minhas alunas no curso de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ.

Além disso, esta pesquisa aponta para histórias de vida que revelam: (i) o lugar de origem dessas mulheres e os papéis sociais que desempenhavam na sociedade venezuelana; (ii) as motivações que as levaram a sair do país; (iii) a escolha e travessia para o Brasil; (iv) os muitos obstáculos enfrentados por mulheres

nessas condições e (v) as ressignificações identitárias quando se estabelecem no Rio de Janeiro.

6. Venezuela – vida antes da crise humanitária à saída do país

Saber da vida, família, formação acadêmica e vida profissional no país natal, antes da crise, foram considerações necessárias e oportunas para introduzir as entrevistadas no ambiente da pesquisa e motivá-las a contar suas histórias de vida (Linde, 1993) desde então. Moita Lopes (2001, p.58) ressalta a importância da contextualização numa prática discursiva:

"Não há discurso que ocorra em um vácuo social. Focalizar o ir e vir da interlocução discursiva localmente sem considerar a história, a cultura e a instituição é apagar as marcas sócio-históricas que nos fazem ser quem somos e nos posicionam no mundo social de uma forma ou de outra".

Dessa forma, ao iniciar as entrevistas com as refugiadas venezuelanas, foi solicitado a cada uma que se apresentasse, contasse sobre suas origens, família, formação e vida profissional, i.e., como se configurava a vida de cada uma antes da decisão de sair do país. A partir desse contexto, falar da vida antes da crise, trouxe, à grande narrativa do refúgio, pequenas narrativas (Bamberg & Georgakopoulou, 2008) de mulheres que revelam seus lugares de pertencimento, sua formação e como se encontrava a sociedade venezuelana entre 2016 a 2019, sinalizando os motivos que as levaram a sair do país.

6.1 Família, identidade profissional e a crise na sociedade venezuelana

As participantes da pesquisa iniciaram suas entrevistas destacando sua origem, família, formação acadêmica e vida profissional enquanto ainda viviam na Venezuela. Marcam suas identidades: venezuelanas e oriundas de famílias tradicionais, revelando quem são e de onde vieram. A identidade é construída por meio de vários recursos simbólicos, especialmente a linguagem.

Nas primeiras linhas de suas entrevistas, *Girassol*, *Nenúfar* e *Orquídea* apresentam suas origens ao construírem suas identidades no âmbito familiar, revelando um núcleo familiar tradicional e conservador, traço comum marcado entre as entrevistadas:

Excerto 05:

Girassol	15	Boa noite. Então, eu venho de uma família tradicional. Meus pais têm 31 anos de caSSados. Eu sou a primeira filha do caSSamento depois de cinco anos de lutar com a infertilidade.
	16	
	17	
	18	
	19	

Excerto 06:

Nenúfar	44	Minha família geralmente foi uma família de classe média, classe média normal, nem alta nem baixa. Classe média normal. Minha mãe tinha uma farmácia, meu pai trabalhou sempre como administrador do serviço público, é:, do serviço de saúde. Ele, ele trabalhou na, no hospital da minha cidade, ele era o administrador desse hospital durante muitos anos. Né? Até que ele ficou aposentado. Então eu fui pra estudar nessa, na universidade na outra cidade e eles pagaram a minha estadia e todos os materiais que eu, que eu utilizei e o aluguel da minha, da, do lugar do lUcal onde eu morei.
	45	
	46	
	47	
	48	
	49	
	50	
	51	
	52	
	53	
	54	
	55	
	56	
57		
58		

Excerto 07:

Orquídea	27	Eu sou veneSSôlana, tenho 47 anos. É, Benho de uma família bem, assim, se quer decir, bem conservadora. () minha mãe, ela sempre se dedicou (), ao cuidado dos filhos da caSSa, da educação. Meu pai era militar.
	28	
	29	
	30	
	31	
	32	
	32	

Girassol sinaliza que seus “pais têm 31 anos de caSSados”. *Nenúfar* aponta que sua família era “de classe média, classe média normal, nem alta nem baixa”. *Orquídea* classifica sua família como “bem conservadora”. Os três excertos revelam uma estrutura familiar semelhante entre essas mulheres: “uma família tradicional” da Venezuela. Esse recorte salienta o contexto em que se inseriam (as entrevistadas) na sociedade venezuelana e a relevância dos elementos sociais e representativos em suas narrativas, os quais sinalizam suas identidades de origem (Bastos, 2005).

De início, na contextualização das entrevistas, as entrevistadas trazem outro elemento em comum, a construção de suas sólidas identidades profissionais ao se revelarem “profissional da Venezuela”, ou seja, tinham reconhecimento social de sua formação e, em consequência, ocupavam posição privilegiada no

mercado de trabalho em seu país. Moita Lopes (2001) destaca que, ao relatar suas experiências, as pessoas se constroem e constroem os outros, revelando suas identidades através do discurso.

A seguir, *Jade*, *Rosa* e *Tulipa* marcam essa identidade profissional com sólida formação acadêmica, o que as destacou no meio laboral quando ainda em seu país de origem.

Excerto 08:

Jade	18	Na VenESSuÊla, é::, eu sou formada na área de
	19	publicidade e marketing, e:: tinha minhas
	20	empresSas lá, eu trabalhava também para
	21	empresSas de publicidade, marketing, dava
	22	aula. É::, tinha una vida confortável, bem
	23	confortável, né?

Excerto 09:

Rosa	36	Eu sou profissional da BeneSSuela, me formei
	37	como engeNeirU civil, há:: pouco mais de 20
	38	anos. É::, foi no 1997, tá. Depois que eu me
	39	formei como engeNeirU civil e até fui a::
	40	estudar Inglês para Boston, voltei para
	41	BeneSSuela, Y comenzé a trabalhar na
	42	petroleira.

Excerto 10:

Tulipa	38	Y::, bom, eu me graduei mais ou menos em 2010,
	39	é, como licenciada em enfermaria, em
	40	enfermagem e, daí, é, a história como, como
	41	profÊssional foi maravilhoSSa, porque eu tÊve
	42	muita liberdade econômica, realmente, eu
	43	levava una vida muito boa na VenESSuela ca-, a
	44	consequência de meu trabalho. Conheci um monte
	45	de pessoas, é, que me levavam a trabalhos bons
	46	e eu realmente, mi vida lá, é, foi ótima em
	47	todos os sentidos, graças a Deus.

Nesses primeiros excertos, *Jade*, *Rosa* e *Tulipa* constroem suas identidades profissionais. São “mulheres com formação universitária, com colocações de destaque no mercado laboral venezuelano, que tinham estabilidade e uma vida confortável em seu país, trazendo à conversa uma avaliação, cf. Labov (1972), que se encontravam num cenário social favorável naquela sociedade antes da crise estabelecer-se. *Tulipa* aponta que sua história “profÊssional foi maravilhoSSa” e a levou a uma “liberdade econômica” em consequência

de seu trabalho. Que sua vida lá era “ótima em todos os sentidos”. De acordo com essas avaliações, é possível inferir que não havia motivações pessoais para ela (e as demais entrevistadas) sair do país, ao contrário, afirmavam o orgulho de serem “profesional da BeneSSuela”, cf. *Rosa*. Labov (1972, p.366-370) destaca que a avaliação em narrativas é um componente crítico que serve para destacar a importância, o significado e o propósito de uma história. Uma ferramenta que o narrador usa para (i) enfatizar a relevância dos eventos apresentados, (ii) adentrar, p. ex., na análise, emoções e afetos envolvidos na formulação narrativa e (iii) para envolver o ouvinte na história.

A identidade partilhada por essas mulheres – “profesional da BeneSSuela” – destaca-se nas entrevistas e nas avaliações (Labov, 1972) por elas marcadas. Esse laço mútuo entre elas revela o orgulho que sentiam ao fazer essa colocação, como apontado por *Rosa* em: “Depois que eu me formei como engenheira civil e () a estudar Inglês para Boston, voltei para BeneSSuela, Y comencé a trabalhar na petroleira”. *Rosa* refere-se a PDVSA, empresa de petróleo da Venezuela cujo reconhecimento e importância são de validação internacional.

Quando reiterado seu grupo profissional de pertencimento “profesional da BeneSSuela”, *Jade*, *Rosa* e *Tulipa* reiteram seu lugar de prestígio que tinham na sociedade venezuelana, evidenciando que, apesar da condição de refugiadas no Brasil, suas identidades acadêmico-profissionais poderiam não ser estigmatizadas na sociedade de acolhida. Achotegui (2022, local 158) defende que no processo migratório, o luto pelo status social, juntamente com o luto pela família, é o mais relevante dos demais enfrentados por este público. Para o autor, na migração, busca-se uma melhora em relação ao status social e não apenas em relação à perspectiva econômica. O autor afirma que:

“Muchos maestros, licenciados, profesionales en el país de origen se encuentran con que deben trabajar en el país de acogida como peones o cuidadores. Se sienten muy frustrados por su nueva situación, máxime cuando ven que no es posible salir de ella”.⁴⁸ Achotegui (2022, local 162)

⁴⁸ “Muitos professores, graduados, licenciados e profissionais no (seu) país de origem se deparam em ter que trabalhar no país de acolhida como peões, trabalhadores braçais (sem qualificações) ou cuidadores. Eles se sentem muito frustrados por sua nova situação, principalmente quando veem que não é possível sair dela”.

Esse fato nos leva a refletir sobre os preconceitos praticados por parte de brasileiros em relação ao refugiado, i.e., como “aquele que representa algo de mau, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade” (Goffman, 1985), ou seja, uma identidade deteriorada (Goffman, 1988 [1963]), resultante do deslocamento forçado, do não acolhimento e da falta de ações sociais eficazes a este grupo. Cabe sinalizar que estigma, cf. Goffman (1985, p.11), é um termo que remete a um atributo depreciativo contextual, social e temporalmente localizado. É recorrente ouvir de brasileiros que “o refugiado não é qualificado profissionalmente” ou, o oposto, “pode roubar meu emprego” – Cararo & Souza (2022, p.32-35).

Jade, ao afirmar que “tinha uma vida confortável” e reiterar: “bem confortável, né?”, assinala seu status social na Venezuela. As entrevistadas posicionam-se como pertencentes a um lugar familiar e social confortável, o que não as motivaria a deixar o país.

“É perceptível que o estigma de migrante ou refugiado afeta homens e mulheres, entretanto, esta afetação ocorre de forma diversa, simplesmente pelo fato de que, para as mulheres, os riscos são muito maiores pelo simples fato de serem mulheres.” (Lira; Lago & Lira, 2019, p.335)

De acordo com Marques et al. (2010)⁴⁹, na sociedade latino-americana, a mulher enfrenta uma série de desafios e desigualdades, apesar das conquistas alcançadas nas últimas décadas deste século. As tendências demográficas indicam um aumento na proporção de mulheres em relação a homens. No entanto, há questões que ainda atingem esse público, como (i) remuneração mais baixa que os homens no mercado de trabalho; (ii) sobrecarga de trabalho não remunerada elevada – como o doméstico e os cuidados com a família; e um número significativo de mulheres chefiando famílias nessa região.

A seguir, *Jade* apresenta sua história de vida (Linde, 1993) e os desafios enfrentados por ser latino-americana, mulher, cuidadora da família e profissional.

⁴⁹ MARQUES, Rosa Maria; BARBOSA, Estela Capelas; HUTZ, Ana. A situação da mulher na América Latina e no Caribe. **Temporalis**, Brasília, v.10, n.20, p.197-220, 2010.

Excerto 11:

Jade	120	Não, así, eu, em VeneSSuÊla, eu me
	121	formei muito cedo pela faculdade, com 16
	122	anos, Y com 16 anos em empecé a
	123	trabalhar, por quê? Porque meu pai, tipo
	124	meu biSSavô, ele adoeceu, Y mesmo que eu
	125	sempre tÊve uma vida muito confortável,
	126	é, graças a minha mãe, né? Meus pais,
	127	eu::, a situação ficou puxada, né?
	128	Porque ele sempre soube () gastos
	129	extras, eu estudava em uma faculdade
	130	cara, privada, uma das melhores da
	131	VeneSSuÊla, então eu empecé a trabalhar
	132	muito nova, eu vendia brincos na escada
	133	da faculdade para me ajudar a comprar as
	134	apostilas para estudar. É, faSSia
	135	brincos, pulseiras, bijuterias, né? Aí
	136	con esse dinheiro eu comprava, é,
	137	apostilas para estudar, pagava algumas
	138	comidas, né? Que eu preciSSava pra
	139	faculdade, Y tomei conta muito nova da
	140	minha família, desde los 16 anos minha
	141	mãe de criação, minha tia, ela tuvo que
	142	venir para Brasil, se mudar mesmo,
	143	porque ela foi contratada pela empreSSa
	144	que ela ainda está, então toda la::
	145	essa, essa responsabilidade de levar na
	146	frente a caSSa, os () de meu pai,
	147	minha mãe mesmo, minha biSSavó, todo eu
	148	tÊve que faSSer, então eu tuve que
	149	trabalhar muito nova. Mesmo que no me
	150	pediram, porque a minha mãe daqui
	151	mandava dinheiro, eu decidi que queria
	152	faSSer, né? Porque a minha vida mudou em
	153	um ano, pasé de ser uma princeSSinha a
	154	ter toda la responsabilidade em cima.
	155	EntÔN eu, depois de trabalhar vendendo
	156	bijuteria, eu entrei para trabalhar com
	157	um gerente de uma equipe de basketball
	158	muito conhecida na VeneSSuela, empecé
	159	como superviSSora de vendas de, de
	160	ticket, depois pasé a dar as entradas
	161	para o jogo, depois fui superviSSora de
	162	promotores, já com 17 anos, Y depois eu
	163	era la pessoa que falava com los
	164	anunciantes, né? Aí empecé a estudar
	165	publicidade, retirei de la faculdade
	166	caríssima, justamente para evitar tanto
	167	gasto, decidi ir para uma faculdade mais
	168	em conta, e foi quando me formÊ na área
	169	de publicidade e marketing, porque já
	170	estava nessa área. Aí depois trabalhei
	171	numa faculdade reconhecida, mas como
	172	directora, como, é, como productora de
	173	vídeos institucionais, aí tinha 19 anos.

174	Y também empecé a dar aulas de
175	publicidade e marketing, depois fiz o
176	mestrado em coaching organizacional em
177	2015. Então sempre foi nessa área, fui
178	analista de recursos, de relações
179	públicas institucionais, passei pela parte
180	de gerente de projetos publicitários,
181	é::, passei como directora de imagem
182	corporativa de uma emissora de Estados
183	Unidos. É, levava mídias sociais de
184	clientes parceiros, que eu terceirizava
185	minha empresa para eles, então assim
186	sempre eu tenho uma experiência de minha
187	área, aproximadamente de uns 15 anos de
188	experiência, 15, 16 anos.

Neste excerto, *Jade* sintetiza brevemente sua história de vida (Linde, 1993) através de um relato narrativo em que compartilha suas experiências sobre si mesma e sobre os outros (família, trabalho) mencionados em sua exposição. Revela que se formou muito jovem e com o adoecimento e necessidades advindas daqueles que cuidaram dela levaram-na a trabalhar muito jovem, uma atitude muito comum entre mulheres latino-americanas: responsabilidade – financeira e cuidados – com a família. *Jade* apresenta sua identidade pessoal através de sistemas de coerência (ibid., p.18). Ao longo de sua narrativa, de base canônica, cf. Labov (1972), ela sinaliza sua responsabilidade com a família como motivação para buscar uma atividade profissional desde muito jovem, o que a impulsionou a concluir a universidade, cursar uma pós-graduação e a conquistar bons postos de trabalho e consequente sucesso profissional. Linde (1993, p.18; p.113) revela que as histórias de vida são instrumentos essenciais para a construção e expressão da identidade pessoal e social.

A posição da mulher latino-americana nas políticas sociais destaca a necessidade de reconhecimento, valorização e remuneração aos trabalhos a este grupo atribuídos, cf. Sposati (2011)⁵⁰. A familiarização com os cuidados, exposta por *Jade*, aponta para um problema vivenciado por este público, o que nos mostra a necessidade de equidade de garantias e direitos.

A seguir, o engajamento, a participação efetiva e os perigos vivenciados pelas participantes em manifestações políticas são apresentados.

⁵⁰ SPOSATI, A.. Tendências latino-americanas da política social pública no século 21. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.14, n.1, p.104–115, jan. 2011.

Excerto 12:

Girassol	43	Eu já tinha esse contato com a vida
	44	política, por conta do meu pai. Ele é
	45	secretário regional de um partido
	46	político, é:, com alinhamento de direita.
	47	E: eu sempre via essa questão dele, né,
	48	que ele tava muito envolvido com
	49	política. Ele participou do Caracazo do
	50	92, que foi uma tentativa de golpe.
	51	Participou na tentativa de golpe de 2002
	52	com Chávez. Então meu pai sempre teve
	53	muita vida ativa.

Girassol revela seu engajamento e participação ativa na política, desde cedo motivada pelos valores familiares recebidos, em especial de seu pai: “Eu já tinha esse contato com a vida política, por conta do meu pai. Ele é secretário regional de um partido político, é, com alinhamento de direita. E eu sempre via essa questão dele, né, que ele tava muito envolvido com política”.

Em seguida, ela descreve a participação de seu pai no “Caracazo do 92”, a primeira tentativa de entrada do, então, militar Hugo Chávez à frente do poder político do país, em fevereiro de 1992 (Almada, 2007). O termo “Caracazo” aponta para um evento que remete a outro em um dado contexto (De Fina, 2007). Sua origem deu-se numa revolta popular de expressão no país, ocorrida em fevereiro de 1989, sendo amplamente noticiada pela imprensa internacional⁵¹ e nomeada Caracazo, em alusão à junção dos termos “Caracas” e “Bogotazo”⁵². Nesse contexto, venezuelanos insurgiram-se contra o, então, presidente, *Carlos Andrés Pérez*, na capital do país, Caracas, em virtude das medidas econômicas impostas pelo governo, em especial, o aumento do preço do petróleo, que afetou a população devido, inclusive, ao aumento do preço do transporte coletivo. A revolta foi combatida pelos militares, convocados pelo presidente, levando a um grande

⁵¹ “El Caracazo: Há 30 anos, repressão a protestos contra o governo na Venezuela deixou quase 300 mortos”, publicado em O Globo, em 28/02/2019. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/el-caracazo-ha-30-anos-repressao-protestos-contra-o-governo-na-venezuela-deixou-quase-300-mortos.html>>. Acesso em: 08 maio 2024.

⁵² O *Bogotazo* consistiu em uma série de protestos que surgiram após o assassinato do líder do Partido Liberal e candidato a presidente, Jorge Eliécer Gaitán, em Bogotá, Colômbia, em 09/04/1948, durante o governo do Presidente Mariano Ospina Pérez – cf. SUSIN, Ivania Valim. *¡Mataron a Gaitán! Aspectos visuais da violência do Bogotazo*. Colômbia, 1948. **Revista TEL**, Irati, v. 9, n.2, p. 43-54, jul. /dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/12618/209209210617>>. Acesso em: 08 maio 2024.

número de mortos na ocasião. Nesse excerto, *Girassol* revela a participação ativa de seu pai em dois momentos importantes: (i) “o Caracazo do 92” e (ii) “tentativa de golpe de 2002 com Chávez”. Em 2002, devido ao crescimento da oposição a Chávez na Venezuela, um golpe contra seu governo, em 11 de abril de 2002, destituiu-o da presidência. O levante contra Chávez, no entanto, durou apenas dois dias, tempo que foi reconduzido à presidência do país por militares leais ao seu governo (ibid., p.74).

A participação ativa de seu pai incide em seu engajamento e participação na política. A seguir, *Girassol* narra sua participação em episódios importantes, bem como a de sua mãe em passeatas e quando sofreu ameaças de morte devido ao seu ativismo político.

Excerto 13:

Girassol	72	É, um mês antes de eu faSSer 18 anos, no
	73	2014, o dia 12 de fevereiro, Dia da
	74	Juventude antigamente, começaram os
	75	protestos contra o governo. E eu lembro
	76	perfeitamente do, do primeiro morto, a
	77	primeira pessoa que foi morta. É Bassil
	78	Da Costa. E é uma pessoa que fica na
	79	nossa memória até o dia de hoje. Porque
	80	ele foi o primeiro estudante que morreu
	81	pra defender os nossos direitos. Aí
	82	depois disso, eu lembro que com maior
	83	medo da vida, minha mãe me deixou começar
	84	a ir pra passeata, essas coisa. E com 18
	85	anos eu já saía. Eu sempre falava que as
	86	passeatas e os protestos era o meu
	87	trabalho. Porque eu saía de caSSa 7h da
	88	manhã e voltava 18h, 19h da noite. Todo
	89	dia eu estava na rua lutando, porque eu
	90	acreditava que eu no estava criando um
	91	país pra mim, mas para meu irmão e pra
	92	meus filhos. Meu irmão é sete anos mais
	93	novo. E então ele tinha 11 anos na época.
	94	E eu sempre pensei que a nossa luta, ela
	95	seria recompensada no final. Que eu
	96	entregaria realmente um país maravilhoso
	97	pra ele, que ele conseguiria ter todas as
	98	coisas que meus pais falava que tiveram,
	99	porque eu não tive. E no foi assim. Não
	100	foi assim. Eu saía pra rua todo dia. Não
	101	sabia se ia voltar viva. Minha mãe não
	102	sabia se eu ia voltar viva também. É, as
	103	duas faculdades ficaram paradas esse
	104	tempo. Meio com educação à distância,
	105	meio sem tendo aula praticamente. E eu

106	fui ameaçada de morte muitas vezes. Mais
107	vezes, é, que eu poderia contar. Eu tive
108	um, pessoas da Guarda Nacional apontando
109	um rifle, não sei qual é o nome em
110	português, uma arma muito longa na minha
111	frente. Eu corri. Eu, eu tenho até o
112	vídeo disso. Eu corri pra salvar a minha
113	vida uma vez, porque eu sabia que se eu
114	ficava parada eu ia ser assassinada
115	aquele dia.

Girassol inicia seu relato pontuando sua idade e data nas quais começaram os protestos contra o governo. Assinala o assassinato de um jovem universitário venezuelano, *Bassil Da Costa*⁵³, morto durante os protestos de 2014, fato que a marcou. Em seguida, aponta para a participação ativa também de sua mãe, assim como sua preocupação com a incerteza de sua integridade física durante as manifestações, e do quanto importante seria deixar um legado para seu irmão mais novo e para seus futuros filhos. Finaliza o excerto narrando uma das “muitas vezes” em que foi “ameaçada de morte”: “Eu tive um, pessoas da Guarda Nacional apontando um rifle, não sei qual é o nome em português, uma arma muito longa na minha frente. Eu corri. Eu, eu tenho até o vídeo disso. Eu corri pra salvar a minha vida uma vez, porque eu sabia que se eu ficava parada eu ia ser assassinada aquele dia”. Neste fragmento, *Girassol* apresenta uma narrativa canônica clássica – Labov (1972); Labov & Waletzky (1967) – para registrar um fato que marcou aquele momento, quando pensou que seria “assassinada aquele dia”. Neste segmento, a estrutura textual clássica da narrativa contextualiza como sua participação efetiva poderia ser perigosa no cenário sociopolítico à época. Quando apresenta o jovem morto numa manifestação política, *Girassol* finaliza o relato pontuando como sua existência também poderia encerrar-se como a de *Bassil Da Costa*.

Assim como *Girassol*, *Nenúfar* também registra sua participação, e a de seu marido, em manifestações sociopolíticas na Venezuela.

⁵³ Disponível em <<https://www.jepvenezuela.com/museo-de-la-memoria-y-la-represion/caidos/bassil-alejandro-da-costa/>>. Acesso em 08 maio 2024.

Excerto 14:

Nenúfar	262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299	eu, por exemplo, sempre ia pra manifestações. Sabe? Manifestações politis- assim, manifestações em contra do governo. A gente saía, brigava, bá, a gente diSSia, hoje sim, nesse momento, sim, as pessoas tão saindo pra reclamar. As coiSSas vão mudar. Sempre a gente tinha esperança que ia mudar. Eu acho que depois de 2015, eu já tava casa-, assim, tava, com meu marido, éramos... Távamos namorando, já compromisso pra caSSar, e a gente começou a pensar: "Nossa Senhora, a gente, eu acho que vamos ter que sair daqui, porque a coiSSa não melhora e você perde a esperança". Sabe? Então cada dia a gente pensava, mas a gente não pensava muito a sério assim. Vamos sair, ma::s, assim, um dia. Vamos sair, mas pra onde? Ah, vamos sair e tal. Mas passaram os anos e o ano, um ano, 2016 ou 2017, foi um ano muito forte, porque nós, por exemplo... Primeiro, já tínhamos pensando em sair. Depois, numa das manifestações, um dia que foi uma manifestação muito feia, que foi o... Eu lembro, foi o 1º de abril, a gente foi pra manifestaçÔN, e, na noite, minha sogra é médica... Em Caracas, a manifestaçÔN. A gente foi levar ela pra o médico. Pra, pra:: PerdÔN. Para o trabalho, né, porque lá tinha guarda e ela tinha que trabalhar, ela tinha plantÔN. E, nesse transcurso, a gente teve um encontro com alguém que ia... Assim, tem um monte de pessoas com armas e eles iam roubar o nosso carro e nós, né? Ou seja, ia acontecer uma coiSSa com a nossa vida. Né? A gente conseguiu sair deles...
---------	--	---

Nenúfar sinaliza seu engajamento e de seu marido em manifestações sociopolíticas. Usa "a gente", além de verbos na 1ª pessoa do plural – "éramos... Távamos" – de forma a marcar que não só ela tinha essa conduta, mas que era algo comum ao casal. Ela aponta que ambos tinham esperança de que "as coiSSas vão mudar. Sempre a gente tinha esperança que ia mudar". A partir de 2015, ela passa a refletir que achava que teria que sair do país, "porque a coiSSa não melhora e você perde a esperança". Que em algum momento isso aconteceria, "mas pra onde" iriam? A inquietação partilhada por ela justifica-se por um fato que marcou sua vida, ao narrar como um

fato trivial – levar sua sogra ao trabalho – poderia incorrer num perigo à própria integridade física e a de sua família: “minha sogra é médica... Em Caracas, a manifestação. A gente foi levar ela pra o médico. Pra, pra:: Perdão. Para o trabalho, né, porque lá tinha guarda e ela tinha que trabalhar, ela tinha plantão. E, nesse transcurso, a gente teve um encontro com alguém que ia... Assim, tem um monte de pessoas com armas e eles iam roubar o nosso carro e nós, né? Ou seja, ia acontecer uma coisa com a nossa vida.”. *Nenúfar* relata uma tentativa de assalto que sofreu e, mais à frente, retoma o quão perigoso passou a ser participar de manifestações em seu país, o que poderia colocar em risco sua própria vida.

Excerto 15:

Nenúfar	1108 1109 1110 1111 1112 1113 1114 1115 1116 1117 1118	Então todas as que ficaram começaram a ir em favor do governo ou manter neutral. Ou seja, na rua, por exemplo, você estava na manifestação. Os guardas nacionais que, por exemplo, a polícia, a polícia militar aqui, em Venezuela é guarda nacional, matavam pessoas. Atiravam pras pessoas. E na mídia estava passando, não sei, <i>El Chavo del 8</i> , o Chaves. O Chaves, que falam aqui, Chaves, né?
Michele	1119	Ahã.
Nenúfar	1120 1121 1122 1123 1124 1125 1126 1127 1128 1129 1130	<i>El Chavo del 8</i> . E a manifestação lá. E as pessoas morrendo. Eu já estive na manifestação onde vi pessoas, ajudamos pessoas que foram feridas, ou seja, passou muito perto da gente o:: material que seria. Que faria o ferimento da pessoa, porque não é bala. Eles não usam balas pra, pra não ter evidência. Eles usam vidro, pedra, tal. Colocam na:: Não sei se você conhece aquela arma que é pra disparar a Bomba <i>lacrimógena</i> .
Michele	1131	Hum::
Nenúfar	1132 1133 1134 1135 1136 1137 1138 1139 1140 1141	Então é uma arma muito grande, é uma coisa enorme e aí eles colocam a bomba <i>lacrimógena</i> pra afetar a visão e você. Sabe? Pra controlar manifestações. Dentro dessa arma, eles colocavam a bomba <i>lacrimógena</i> junto com, sabe, pedras ou alguma coisa que a gente chama de <i>balin</i> , que é uma coisa... Imagine uma bala, mas parece não é realmente uma bala, sabe? não é uma bala

	1142 1143 1144 1145 1146	exploSSiva. É outro tipo de material, mas mata e fere também. Então eles, junto com a bomba <i>lacrimógena</i> , disparam isso. E quem tivesse perto ia cair pra ele.
Michele	1147	Entendi.
Nenúfar	1148 1149 1150 1151 1152 1153 1154 1155	A gente Já teve manifestações onde pessoas perto de nós ficaram assim. E também muitas manifestações onde a gente teve que correr pra se esconder porque ia ser levada pela guarda nacional. E aí você é levada pela guarda nacional, ninguém ia saber o que ia acontecer com você.

Nenúfar revela que era recomendável que, nas manifestações, “todas as que ficaram”, ou seja, as pessoas, deveriam manter-se neutras ou a favor do governo, pois a polícia, intitulada “guarda nacional”, combateria os que se posicionassem contra o governo, atirando nelas, matando-as.. Ela afirma, ainda, que, na mídia, só passavam programas pueris – “El Chavo del 8” – de forma a não registrar o que de fato acontecia na sociedade, como as manifestações populares. Seus relatos revelam que, nesses eventos, a polícia não usava projéteis letais em suas armas, mas outros materiais – “vidro, pedra” – que não evidenciariam a violência policial ou a provável letalidade de suas ações. Inference-se, assim, que a ação policial violenta com armas de fogo e projéteis não convencionais não traria à polícia possíveis acusações de repressão violenta e/ou mortes, mas ferimentos ou mortes que poderiam acontecer em consequência de materiais usados pelos próprios manifestantes. Finaliza o segmento descrevendo as armas e como se dava a repressão policial nas manifestações: “Imagine uma bala, mas parece não é realmente *una* bala, sabe? não é uma bala *exploSSiva*. É outro tipo de material, mas mata e fere também. Então eles, junto com a bomba *lacrimógena*, disparam isso. E quem tivesse perto ia cair pra ele”. *Nenúfar* aponta que cuidava dos feridos nas manifestações – “ajudamos pessoas que foram feridas” – e que corria e se escondia da polícia, pois “você é levada pela guarda nacional, ninguém ia saber o que ia acontecer com você”. O detalhe das armas usadas pela polícia e o medo, presentes neste segmento, apontam para uma história de vida cujo engajamento político era um fato recorrente enquanto vivia na

Venezuela. A essa narrativa somam-se, ao longo de sua entrevista, tantas outras que justificam os motivos que a levaram a sair do país.

A abordagem alternativa, proposta por Bamberg & Georgakopoulou (2008), delinea como as identidades são continuamente praticadas e testadas em interações narrativas. Destacam-se as pequenas histórias e o quão significativas elas são na construção identitária. Além disso, eles defendem que a análise narrativa deve se concentrar na navegação entre diferentes versões de autoria e responsabilidade, em vez de se fixar apenas no conteúdo representado da história. Para os autores (ibid., p.379): “as narrativas também são aspectos do uso da linguagem situada, empregados por falantes/narradores para posicionar uma exibição de identidades contextualizadas”.

6.2 Decisão em sair do país: crise, violência e falta de perspectivas

“Todo cambio supone una parte de duelo porque, aunque se ganen nuevas cosas, siempre se deja atrás algo con lo que nos hemos vinculado afectivamente, algo que ya forma parte de nuestra propia historia, de nosotros mismos. Por eso, la elaboración del duelo constituye una parte esencial del funcionamiento mental, de la adaptación a la realidad” (Achotegui 2022, local 33)⁵⁴.

Mudanças envolvem perdas, ainda que ganhos aconteçam. A dor do deslocamento forçado, da ruptura com suas raízes, das violências sofridas pelas pessoas em situação de refúgio sinalizam que aflições, angústias e situações adversas podem acometer a qualquer pessoa e a qualquer tempo. A ruptura causada pelo deslocamento forçado, as adversidades enfrentadas durante a/as travessia/s e o desafio de um recomeço, num “novo” território, ressignificaram vidas.

Com o agravamento da crise humanitária na Venezuela, a partir de 2016 (cap.2, seção 2.1.1), conflitos sociais, políticos e econômicos ocorrem de forma generalizada e frequente, tornando a permanência, manutenção e subsistência no país cada vez mais difícil. As participantes da pesquisa relatam como se deu a

⁵⁴ “Toda mudança pressupõe uma parte de luto porque, mesmo que se ganhem coisas novas, sempre fica para trás algo com o qual estivemos emocionalmente ligados, algo que já faz parte da nossa própria história, de nós mesmos. Portanto, o processamento do luto constitui parte essencial do funcionamento mental, da adaptação à realidade”.

deterioração da sociedade em que viviam, os problemas enfrentados, as violências sofridas e os motivos que as impulsaram a sair do país.

Excerto 16:

Jade	24	Ficou bem difícil, é, viver lá, até
	25	porque muda, así, pensamentos quando se
	26	tem filhos é diferente, muda los
	27	objetivos, né? A situação se tornou
	28	muito difícil, ao ponto de que tenía
	29	pessoas comendo do lixo, é::, muita
	30	corrupção, a gente tinha que faSSer
	31	filas intermináveis pra, pra comprar
	32	alguma coisa pra comer. Ni sempre se
	33	conseguía, porque, a veSSes tipo assim,
	34	fila de, sei lá, 12 horas, é filas
	35	intermináveis. Y, así, eu tinha que
	36	tornar junto com, é, junto com el equipe
	37	de trabalho, a veSSes a gente tava na
	38	reunión, por exemplo, faSSendo sobre um
	39	cliente, Y:: era um negócio tipo: "Corre
	40	que seu número de cédula de identidade,
	41	tem que comprar, si no no se consegue
	42	comprar otro dia". Entón foi una
	43	situación bem deSSesperadora, né? viver
	44	baixo essas condições foi muito difícil,
	45	não é vida pra ninguém. É::, no, no tem
	46	como planejar, por exemplo: "Esse mês eu
	47	vou comprar x coisa", não, porque não
	48	existia, não tem produtos pra comprar.
	49	Entón tudo isso foi tornando muito
	50	difícil la subSSistência lá na
	51	VeneSSuela, né? Na sobrevivência. Por
	52	esse motivo pois, assim, é: tuve que
	53	tomar deciSSões de sair de lá.

Neste excerto, *Jade*, mulher, latino-americana, venezuelana, mãe, profissional atuante em seu segmento e, infere-se, também responsável financeira por sua família (Levinson, 2007, p. 121-125), narra e traz cenas (Pereira & Santos, 2009) do quão difícil tornou-se a vida em seu país. De início, construindo a identidade de mãe e preocupada com suas filhas, ela aponta essa dificuldade em viver em seu país, ancorada em cenas que indicam: (i) a situação difícil em relação à escassez de alimentos: “tenía pessoas comendo do lixo”; (ii) “muita corrupção” e (iii) filas intermináveis para comprar alimentos (quando disponíveis): “a gente tinha que faSSer filas intermináveis pra, pra comprar alguma coisa pra comer”.

As filas não eram as únicas dificuldades para comprar comida. A entrevistada avalia a “situação bem desesperadora” que era comprar alimentos. Aponta o tempo gasto nas filas: “tipo assim, fila de, sei lá, 12 horas, é filas intermináveis” e avalia a dificuldade em equilibrar sua vida profissional e pessoal, em deixar o trabalho para comprar comida: “Y, así, eu tinha que tornar junto com, é, junto com a equipe de trabalho, à veSSes a gente tava na reunião, por exemplo, faSSendo sobre um cliente, Y:: era um negócio tipo: “Corre que o número de celular, de identidade, tem que comprar, senão não consegue comprar outro dia’ “. O fato narrado revela queo cidadão venezuelano deveria deixar seus afazeres profissionais para se submeter a filas à porta do mercado para comprar o que estivesse disponível para “aquele número” e “naquele dia”.

Como mãe e responsável financeira por sua família, *Jade* traz, neste segmento, implicaturas conversacionais, cf. Levinson (2007, p.121-125), que revelam essa inferência. Para ele (ibid., 2007, p.121-122), a força das implicaturas conversacionais está presente em explicações pragmáticas e, conseqüentemente, funcionais dos fenômenos linguísticos. Para o autor, essas encontram-se fora da organização da língua, em alguns princípios da interação cooperativa. Ele explica como é possível querer dizer (sentido literal) mais do que efetivamente é dito (mais do que o sentido literal expresso linguisticamente).

Além da preocupação com o trabalho, estar atenta à relação entre o dia que poderia comprar comida e o último número de sua identidade, era algo que atravessava sua vida profissional. A multiplicidade de tarefas é algo relevante e comum a mulheres como *Jade*, também latino-americanas, mães, responsáveis financeiras por suas famílias, donas de casa, profissionais etc. São muitas as múltiplas identidades assumidas por esse grupo, o que revela o desgaste e a tensão não só com suas muitas atribuições, mas a uma reprodução do que seria a rotina de uma mulher venezuelana, com perfil semelhante ao de *Jade*, em meio à crise humanitária em seu país.

Episódios como esse serão relatados também pelas demais entrevistadas, visto que a palavra “fila” é recorrente em todas as entrevistas e aponta para uma entre várias situações de rompimento com os direitos humanos na Venezuela, como o expresso no artigo 25, inciso 1, da DUDH (1948), garantia à alimentação:

Artigo 25º- 1.Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários.

A dificuldade com a compra de alimentos, as longas filas, o tempo gasto na espera, a incerteza de conseguir comprar alimentos – “Ni sempre se conseguia” – indicavam a crise afetando a rotina de muitas venezuelanas, como *Jade*.

O alto preço dos insumos básicos à subsistência humana era divulgado à época em reportagens, pela mídia internacional, as quais denunciavam sobre as “montanhas” de dinheiro, em espécie, necessárias para se comprar itens básicos na Venezuela, como frango e papel higiênico, fato registrado por um fotógrafo da agência de notícias britânica, *Reuters*, cf. reportagem publicada em 20 de agosto de 2018, na BBC News Brasil⁵⁵.

No próximo excerto, *Jade* apresenta o motivo principal que a levou a sair do país: situações de miséria na Venezuela que violavam os direitos humanos.

Excerto 17:

Jade	335	E quando meus pais morreram, a mais
	336	pequena tinha unos seis meSSes, né? Así
	337	que eles morrem, eu tentei levar um ano,
	338	menos de um ano, até que a situação
	339	ficou bem pior, bem pior no sentido así,
	340	como eu falei, pessoas comendo do lixo,
	341	criança faSSendo fila para comer do
	342	lixo, mães faSSendo fila para dar de
	343	comer aos seus filhos, do lixo, eu
	344	lembro que eu estava num, numas férias,
	345	eu iba a atender um cliente, né? Só que
	346	eu fui com as minhas, porque eu tinha
	347	essa liberdade, de ir com as minhas
	348	filhas, né? Aí quando eu vi aquela fila
	349	imensa de crianças, tipo, seis anos,
	350	cinco anos, para, comendo do lixo, eu só
	351	peguei as minhas filhas, empecé a chorar
	352	muito, muito, empecé a chorar demais.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45245306>>. Acesso em 17 maio 2024.

Jade expõe o quão insustentável passou a ser a vida na Venezuela: “pessoas comendo do lixo, criança fazendo fila para comer do lixo, mães fazendo fila para dar de comer aos seus filhos, do lixo”. Esse cenário revela as graves consequências no cotidiano dos cidadãos devido à violação dos direitos humanos, o que justificava a saída de um número exponencial de venezuelanos para o Brasil, entre os anos de 2017 a 2019. Muitas mulheres revelavam episódios que, como esse trazido por *Jade*, passaram a fazer parte de suas vivências enquanto estavam na Venezuela, diálogos construídos (Tannen, 2007) pelas “vozes” das próprias entrevistadas. Para a autora (ibid, p.3) “o que é enquadrado como diálogo não é de forma alguma um ‘relato’”, já que não fora falado por ninguém, mas “cenas povoadas por personagens em relação uns aos outros, cenas que ouvintes e leitores recriam ao ouvir, resultando tanto em compreensão como em envolvimento”.

Tais “cenas” passaram também a ser noticiadas pela imprensa internacional, a partir de relatos de refugiados venezuelanos deslocados de seu país para outros lugares. O acesso a informações como essa – “pessoas comendo do lixo” – não era (é) permitida pelo governo venezuelano, pois cabia (cabe) a este o controle da imprensa local, cf. Blanco-Herrero & Arcilla Calderón (2019, p.80):

“A situação de convulsão no país afeta o setor de comunicação, no qual predominam três sérios problemas – censura e controle governamental, o confronto entre dois blocos e a crise econômica – nenhum deles exclusivo da comunicação e nenhum deles com previsão de solução fácil ou em curto prazo”.

Esse tema era veiculado frequentemente ao noticiário brasileiro à época, como na reportagem: “Centenas de milhares de venezuelanos recorrem ao lixo para comer” e “ 'Meu filho morreu após comer lixo': tragédias que apontavam para a situação de miséria na Venezuela”⁵⁶.

⁵⁶ “Centenas de milhares de venezuelanos recorrem ao lixo para comer”, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/centenas-de-milhares-de-venezuelanos-recorrem-ao-lixo-para-comer-21029445>>. Acesso em: 01/08/2022.

“ 'Meu filho morreu após comer lixo': a tragédia que virou símbolo da miséria na Venezuela”, disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1688yx177ko>>. Acesso em 07/06/2023.

Excerto 18:

Nenúfar	1088	O que acontece? <i>Conatel</i> ficou, claro,
	1089	<i>Conatel</i> é o nome em espanhol, ficou na
	1090	mão do governo. Então o que aconteceu?
	1091	Todo meio de comunicação que não fosse
	1092	a fim do governo vamos fechar, porque
	1093	sua concessão... O governo dá outorga,
	1094	né? Uma concessão por tantos anos pra
	1095	eles usar o espaço radiofônico do país.
	1096	Né? Quem dá a concessão é o governo. E
	1097	os canais da televisão, de rádio,
	1099	<i>todo</i> , eles assinam um compromisso
	1100	durante 10, 20 anos. Né? Essa concessão
	1101	é dada assim, por 20 anos, por 10 anos,
	1102	tal. As concessões, algumas das mídias
	1102	tavam perto de acabar pra ser
	1103	renovadas. Então quando acontecia <i>eso</i> ,
	1104	ele falava: "Ah, infelizmente, sabe o
	1105	que é? Sua concessão acabou e eu não
	1106	tenho vontade de renovar sua concessão.

Nenúfar detalha que os meios de comunicação do país são regulados, supervisionados e geridos pela CONATEL, um órgão do próprio governo venezuelano. Segundo a entrevistada, a empresa controla as telecomunicações no país, renovando (ou não) as concessões das mídias de transmissão de notícias, os canais de televisão. Blanco-Herrero & Arcilla Calderón (2019, p.75) validam essa explicação de *Nenúfar* reiterando que cabe à CONATEL:

“a tarefa de garantir a conformidade das operações de rádio e TV, inclusive com poder de fechar ou bloquear canais. A Comissão está vinculada ao Ministério do Poder Popular para Comunicação e Informação, que também regulamentou a concessão de licenças e concessões, constituindo outra forma de controle da mídia”.

Para os autores (ibid., p.76), três termos (“três C’s”) definem “o panorama da mídia na Venezuela: contrôle do governo, confronto e corise”, pois os três problemas estão inter-relacionados e se complementam, impactando o setor de comunicação e, conseqüentemente, o jornalismo como um todo (ibid., p.74).

As longas filas que os venezuelanos enfrentavam para comprar suprimentos básicos, como já exposto por *Jade* nos excertos 16 e 17, é sinalizado também por *Girassol* e *Nenúfar*.

Excerto 19:

Girassol	660	E quando eu, quando eu comecei o estágio,
	661	eu comecei numa rádio comunitária que
	662	ficava na frente de um mercado. Então
	663	enquanto a gente tava faSSendo o programa
	664	aí eu já conseguia ver: "Olha. Lá, lá na
	665	frente tem absorvente, que tem não sei o
	666	que, não sei o que. Eu vou faSSer a
	667	fila". Eu saía da rádio, faSSia a fila,
	668	comprava e ia pra outro mercado pra ver
	669	se ainda a minha identidade não tinha
	670	sido registrada e eu conseguia comprar
671	outra coisa.	

Excerto 20:

Nenúfar	462	E um dia eu cheguei na minha caSSa e
	463	meu pai, que já tinha nesse momento 62
	464	anos, eu cheguei assim e meu pai tava
	465	vermelho, assim, vermelho. Eu falei:
	466	"Pai, por que você tá vermelho?" Aí ele
	467	falou pra mim: "Bom, porque eu tÊve que
	468	ir pra faSSÊ a fila pra comprar <i>harina</i>
	469	<i>pan</i> ." <i>Harina pan</i> é nosso fubá. Imagina
	470	o fubá. Mas a gente come, todo café da
	471	manhã, a gente come <i>arepa</i> . A <i>arepa</i> é
	472	feita de esse fubá. Sim? A gente come o
	473	pão, o fubá, mas o pão era assim
	474	impossi- Era mais difícil. Então ele
475	falou assim: "Não, eu tÊve três horas	
475	na fila, na rua, na chuva e no sol, e	
477	ainda, quando eu cheguei, eu não	
478	consegui comprar <i>harina</i> ".	

Os excertos nos sinalizavam como se dava a compra de suprimentos por essas mulheres, de que forma a crise atingia diretamente seu cotidiano. As filas, o longo tempo de espera e a incerteza da compra dos produtos nos revelam que algo trivial e comum no dia a dia passava a ser um momento conturbado, angustiante e dubitável.

A liberdade de escolha, o poder de compra e a oferta de produtos para a própria subsistência eram limitados e controlados pelo governo. *Girassol* em: "Olha. Lá, lá na frente tem absorvente" revela a dificuldade em encontrar itens básicos, não só relativos à alimentação, mas também à própria higiene pessoal. *Jade* (excerto 16) aponta que não havia como comprar o que desejasse ou precisasse: "não tem como planejar: "Esse mês eu vou comprar

x coisa", não, porque não existia, não tem produtos para comprar", pois o direito em escolher o que comprar não existia naquele momento.

Girassol, Jade e Nenúfar compartilham em suas narrativas que, face à grave e generalizada crise econômica, o contexto social entra em colapso, atingindo a vida cotidiana e motivando milhares de venezuelanos a decidirem sair do país. Não se podia comprar o que se quisessem consumir, nem os alimentos que levariam às suas respectivas famílias, pois eram limitados por uma política controladora e cerceadora de direitos. *Nenúfar*, recontextualizando palavras num diálogo construído (Tannen, 2007, p.17) com seu pai, revela sua estranheza e preocupação em encontrá-lo vermelho do sol, por estar horas na fila para comprar um suprimento comum na cesta básica de todo venezuelano: a "harina pan", uma farinha de milho branco, utilizada como base da *arepa*, uma espécie de panqueca que faz parte da dieta diária de todo venezuelano: "eu tÊve que ir pra faSSÊ a fila pra comprar *harina pan*." *Harina pan* é nosso fubá. Imagina o fubá. Mas a gente come, todo café da manhã, a gente come *arepa*. A *arepa* é feita de esse fubá".

As dificuldades para a compra dos alimentos não era a única motivação dessas mulheres a decidirem sair do país. Situações comuns às mulheres latino-americanas, como violência de gênero, assédio e impunidade, em virtude de ameaças e agressões sofridas, também foram reveladas pelas entrevistadas.

Excerto 21:

Jade	449 450 451 452 453 454 455 456	Isso. É, eu fui ameaçada de tirar o meu trabalho, se eu não trabalhava para a campanha dele, e me ameaçaram pela parte de conselho comunal, de tirar meu, meu benefício de minha caixa de comida, se eu não votava pela outra parte política.
Michele	457 458 459	Isso aqui no Brasil é chamado de assédio, né?
Jade	460 461 462	Aham, eSSatamente.
Michele	463 464 465 466 467	E é, configura um crime. Infelizmente é pouco denunciado, porque a mulher sempre está nessa condição de::, é::, de ser prejudicada, de pensar na família, pensar nos filhos, e tem medo de ir a diante com

	468 469	essas denúncias, né? Então é
Jade	470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480	O problema que lá <i>no</i> tinha onde denunciar, porque aqui, eu, por exemplo, vamos supor se eu levasse a denúncia, quem <i>iba</i> a receber a denúncia era o problema conselho comunal que estava me ameaçando. Então como que você se sente protegido? Quem, quem que vai proteger, entendeu? <i>No</i> tinha ninguém pra proteger, mas tinha pessoas para te ferrar, para te ferrar, entendeu? EntÃO acabava <i>una</i> situação.
Michele	481	Muito complicado.

Nessa interação, *Jade* revela ameaças sofridas em seu trabalho: “eu fui ameaçada de “tirar o meu trabalho” e “tirar meu, meu benefício de minha caixa de comida”, se não votasse na indicação política sugerida em seu meio laboral. Com isso, a entrevistada constata que, ainda que entendesse as ameaças como assédio em seu ambiente profissional, sabia que a impunidade em seu país era um fato comum, que “*no* tinha ninguém pra proteger”. Assédio em ambiente laboral promovido por relações desiguais de poder atingindo mulheres é uma realidade comum em países do continente americano, cf. Ansoleaga; Gómez-Rubio; Mauro (2015)⁵⁷.

A violência contra a mulher (e outros grupos em condições de vulnerabilidade) é multicausal, pois resulta de processos culturais, ideológicos, econômicos, políticos, de natureza multidimensional, já que impacta diferentes setores de uma sociedade, cf. Escribano (2008)⁵⁸.

Além do meio laboral, as entrevistadas apresentaram situações extremas de violência das quais foram vítimas, como sequestro e estupro, cf. descreve *Orquídea*, no próximo segmento. As motivações também foram de ordem política, como as apresentadas por *Jade* no excerto 17. *Orquídea* lembra de que forma esse fato transformou sua vida, a de seus filhos e de toda sua família naquela ocasião. Além de marcar o motivo que impulsionou sua saída da Venezuela.

⁵⁷ ANSOLEAGA, Elisa; GÓMEZ-RUBIO, Constanza; MAURO, Amalia. Violencia laboral en América Latina: una revisión de la evidencia científica. **VERTEX**: Revista Argentina de Psiquiatría. 2015, Vol. XXVI: 444-452. Disponível em: <<https://revistavertex.com.ar/ojs/index.php/vertex/issue/view/77/90>>. Acesso 17 maio 2024.

⁵⁸ ESCRIBANO, Carmen Rosa De León. Violencia y genero en América Latina. **Pensamiento iberoamericano**. Nº2, p.71-91, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2873321>>. Acesso 20 maio 2024.

Excerto 22:

Orquídea	78	eu me formei como advogada, cheguei como
	79	fiscal do Ministério Público. No deixei
	80	de dar aulas. Também tive no eKsercício
	81	dentro do Ministério Público. Y, como
	82	todo na vida, muitas coiSSas mudaram.
	83	Hasta um dia que::, é::, passou um roubo
	84	dentro da caSSa de minha mãe Y levaram o
	85	telefone, se fez a denúncia, capturaram a
	86	las pessoas, dentre essas pessoas havia o
	87	filho de um político. Daí em adiante
	88	minha vida comenzó a mudar, mudou muito.
	89	Tive ameaças com meu filho. Eu tive que
	90	sair da BeneSSuela fuYindo. Fui::
	91	sequestrada durante 17 dias, fui
	92	torturada. Y minha presencia era uma...,
	93	uma ameaça para a minha família, porque
	94	sempre TCHegavam mensagens para minha
	95	mãe, para o meu irmão, para meu filho e
	96	eu saí. No momento que eu tava saindo, o
	97	meu filho que iba na faculdade, na área
	98	de enYenería Los Teques estado Miranda
	99	que é o nome da cidade, TCHegaram lo que
	100	chama la:: 'sicarios', duas pessoas
	101	encomendadas para atirar no carro de meu
	102	filho. Esse mesmo dia meu filho saiu da
	103	BeneSSuela direto para o Ecuador sin
	104	nada, sin ropa, sin nada, só com um
	105	passaporte Y esperando uma conhecida que
	106	vai recibir ele lá, porque tinha medo.
	107	Pero só que o meu filho menor precisaBa
	108	de muita documentação, a licencia do pai
	109	pelo Tribunal, onde ele taBa de acordo
	110	para eu sacar meu filho do país. No dió
	111	certo todo. O meu filho ficou-ficou com,
	112	com una tornoSSeleira eletrônica no, em
	113	um pé por una coiSSa que ele no fez. A
	114	Yente nunca cometeu um, um delito, um
	115	crime. Y então, sabe, mudaram muitaH
	116	coiSSaH. ÀH veSSeH é muito difícil para
	117	mim falar eso, porque àH veSSe chôro. Ao
	118	mesmo tempo me dão forças. Yá há pasado
	119	um tempo, Yá meu filho não tem a
	120	tornoSSeleira, Yá aH pessoaH que eHtavam
	121	em, de uma forma política, agora está em
	122	outra, em-em-em uma outra parte da, desta
	123	área política, porque foram subindo mais,
	124	mas nunca Boltei à BeneSSuela desde o
	125	momento que saí.

Orquídea narra de que forma um roubo na casa de sua mãe, modificaria abruptamente sua vida e a de toda sua família para sempre.

Funcionária do Ministério Público, foi acusada de delação e, por isso, sequestrada e torturada por 17 dias. Após isso, sua família passa a sofrer ameaças e, no momento que estava saindo do país, seu filho mais velho é vítima de um atentado. Com isso, sai imediatamente do país, sem nada, e vai para o Equador, pois ali seria recebido por uma pessoa próxima à mãe. O filho mais novo é acusado de um delito e passa a usar uma tornozeleira eletrônica de forma a ser monitorado.

Orquídea, mãe de dois meninos, tem sua vida transformada por esse episódio e, com isso, sai forçadamente de seu país. Consequentemente, é separada de seus filhos, o que a leva a ser impedida, também, de sua criação.

Ainda que os lutos vividos por ela fossem por si só muito intensos – perda da terra e das relações familiares –, a entrevistada traz à entrevista outro episódio de violência, cometido contra sua irmã, uma mulher deficiente.

Excerto 23:

Michele	583 584	Certo. E sua mãe hoje, ela vive com algum irmão seu ou ela vive sozinha?
Orquídea	585 568 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605	No. Ela mora com dois de meus irmãos. Eu tenho, minha irmã, ela é uma pessoa descapacitada, ela tem problemas de nervo e não, são nervos de que tem que tomar uma pílula para ela se acalmar, ela tem muito remédio controlado. É:: É-é bem complexo, porque nesse tempo que eu fiquei aqui fora, passaram tantaH coiSSaH é:: minha irmã::, ela ficou doente. Minha irmã::, ela foi de certa forma... abuSSada de forma sexual e, aí, foi onde ela caiu uma, em uma depressão muito forte e ela ficou assim como essas pessoas que a Yente fala que sON vagabundos, como esos mendigos na rua, na rua arriba, rua abaixo e ela no pedia diNeiro, ela só andava. Ela só andava, porque ela não tinha como superar esse epiSSódio. Agora ela tá bem. Ela toma, és uma coiSSa que eu mando, no pode faltar, é um remédio para ela. Ela tentou [suicídio]..

Orquídea revela que, além dela e de seu filho, outros familiares também foram vitimados por esse episódio. Sua irmã, vítima de crime sexual, teve várias enfermidades, consequências desse fato.

De uma família conservadora e tradicionalmente estruturada, cf. mencionado no excerto 07, a entrevistada passa a ter a preocupação, cuidado e responsabilidade financeira com muitos membros da família: filhos, mãe, irmã.

Orquídea, como outras entrevistadas, revelam como fazem para enviar dinheiro, objetos, remédios e outros insumos à Venezuela.

Excerto 24:

Orquídea	520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549	Hay una empreSSa que enviam coiSSas, eu depoSSto, mando, faço PIX, eles vão à farmácia, compram o remédio e (enviam) à Venezuela. Mas o remédio vai, por exemplo, é uma garrafa de shampoo, eles têm que sacar o produto, cortar bem pequenino, fechar e colar com cola 1000, colam com essa 797 e tem que fa-, tem que faSSer o peSSo que diz que tem shampoo ou qualquer coiSSa que esteYa fechaDo, lacraDo, porque, então, quando os militares reciben ou qualquer organo ou, por eSSemplo, chegam los malandros que lá chamam tira de rua, que seriam como ladrON de rua, uma coiSSa assim, eles vão em mÔto, eles começam () o que eles querem, pegam, sabe? E, aí, tem que faSSer coiSSas que no seYam tão chamativas pra eles. E dessa forma que minha família recebe o remédio. O diNeiro também... tem que ser por, atraBés caSSas de câmbio e a Yente perde muito diNeiro. Mas <i>sin embargo</i> , eu não deiTCHO de lutar, porque quando eu estou comendo todoH oH diaH, eu penso em minha mãe, em meu filho e eu sinto pena, (2,0) porque eu no sei se eles me falam que eles estão comendo bem, se na realidade eles todo o que me falam que eles têm. Porque eu trabalho muito duro pra eles.
----------	--	---

Os artifícios apresentados por *Orquídea* para enviar dinheiro, objetos, remédios a sua família, também são apontados pelas demais entrevistadas. Segundo essas mulheres, ajudar suas famílias na Venezuela implica em encontrar meios para que o objeto / remédio enviado não seja extraviado: "eles vão em mÔto, eles começam () o que eles querem, pegam, sabe? E, aí, tem que faSSer coiSSas que no seYam tão chamativas pra eles".

A decisão em deixar o país não foi uma escolha, mas uma necessidade emergente propulsada pela crise econômica que, a partir de 2016 (cf. cap. 2), passou

a afetar suas vidas e a de seus familiares. Corrupção, violência, manifestações, perseguições, perda do poder de compra devido à alta da inflação, escassez de produtos básicos – alimentos, medicamentos – filas, fome, entre muitos outros motivos, justificavam o porquê dessa resolução.

Excerto 25:

Girassol	198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234	Então eu nunca imaginei que eu teria que sair. E foi uma coisa praticamente obrigada porque, além de meu ex-marido ter saído já, eu adoeci. Eu tive duas doenças nesse último ano que eu tive na Venezuela. Uma delas é hepatitis, que é uma coisa que é delicada. Não vou falar que não é. Mas quando você olha como a doença por fora é uma coisa que pode ser tratada com coisas muito simples. É descanso, é vitamina, é não sei o quê, é controlar um pouquinho a dieta e pronto. Mas pra mim foi um sacrifício. Não somente pra mim, pra minha mãe, pras pessoas que morava na minha casa, porque não tinha pensão médica. Eu fiquei sabendo que eu tinha hepatitis por conta de uns exames. Eu fiz exames, os exames deram um valor, a minha mãe ligou pra uma médica, falou pra explicar o valor e pronto. Tenho hepatitis. Aí no tinha acesso a medicamentos, no tinha onde comprar. O que tinha era muito caro. Aí eu passei o tempo da quarentena, os 40 dias sofrendo, porque eu só conseguia comer quatro coisas: eu comia abóbora, comia batata, comia frango e comia melancia, que não tinha outra coisa pra comer. E eu chorava porque eu estava tirando dinheiro do orçamento familiar pra comprar frango, porque somente eu comia frango. Eu não conseguia comer outra coisa. Minha família comia, sei lá, salsicha, outras coisa, e eu tinha que comer frango, porque o meu corpo não aguentava outra coisa. Foi um tempo muito difícil.
----------	---	---

Girassol revela que a perda do poder de compra, a escassez de alimentos, o racionamento de comida, além de o ex-marido já ter saído do país, foram as motivações que corroboraram sua decisão de deixar a Venezuela. Somado a isso, ela ficou doente e, ainda que avaliando que a hepatite fosse uma doença que

parecesse tratável com medidas simples – “descanso, é vitamina, é não sei o quê, é controlar um pouquinho a dieta” –, para ela foi um verdadeiro sacrifício, pois refletia, no racionamento, redução e poucas opções de alimentos que eram possíveis para o consumo dos demais membros da família. Sem acesso a medicamentos acessíveis, passou os 40 dias de quarentena limitada a uma dieta restritiva e moderada pelos poucos recursos financeiros da família.

Dentre as entrevistadas, apenas *Jade* revela a vontade de sair da Venezuela desde cedo e deslocar-se para o Brasil, decisão que foi potencializada pela crise que atingia seu país.

Excerto 26:

Jade	325	eu tinha já vontade muito antes, né? De
	326	vir a morar no Brasil, só que os meus
	327	bisavós eles estão muito velhinhos, e eu
	328	sabia que, ao me mudar, eles não iam ser
	329	bem atendidos. Então eu preferi ficar com
	330	eles, tomar conta deles, infelizmente
	331	eles morreram, né? No mesmo ano. Aransa,
	332	minha filha mais velha, ela estava de um
	333	ano e oito meses. Quando meus pais
	334	morreram, eu falei assim: "Eu não tenho
	335	nada para fazer aqui, não tenho nada que
	336	me segure, porque minhas filhas" é, eu
	337	estava grávida da, da minha outra filha.
	338	E quando meus pais morreram, a mais
	339	pequena tinha uns seis meses, né? Assim
	340	que eles morrem, eu tentei levar um ano,
	341	menos de um ano, até que a situação ficou
	342	bem pior, bem pior

Nesse excerto, *Jade* apresenta uma narrativa de acordo com o clássico modelo laboviano cuja estrutura propõe o entendimento dos eventos narrados e avaliados por ela. Os eventos são organizados sob o ponto de vista dos elementos que a constituem (Labov, 1972, p.359-370): (i) orientação – linhas 325 a 329; (ii) complicação – linhas 329 a 331; (iii) avaliação – linhas 331 a 337; (iv) resolução – linhas 338 a 342; e (v) coda – linha 342. A narrativa canônica desse excerto sinaliza que sair da Venezuela já era um desejo de *Jade* e ela avalia que, quando seus pais morrem, ela não tem mais motivo para permanecer no país (linhas 333 a 336). Tal avaliação aponta a motivação da sua permanência no país até então e corrobora para o entendimento dos eventos posteriormente narrados que, somados ao falecimento dos pais, justificaram sua decisão de sair do país. Esse relato atesta a narrativa como

“forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral” (Bastos, 2005, p.74-75).

7. Venezuela ao Brasil – travessias, tensões e tristezas

“Só que, só que naquele momento, eu *no* queria. ((voz embargada de emoção)) Eu *no* queria sair de meu país, eu *no*, eu *no* queria estar passando por essa situaç^ÔN, eu *no* queria” (Tulipa, linhas 639-644).

A saída da Venezuela não foi uma escolha das entrevistadas, mas motivada, especialmente, pelo agravamento da crise humanitária no país, fato que atingiu suas vidas, suas famílias e suas convicções em relação a uma perspectiva positiva acerca do futuro de cada uma nesse lugar. Todas revelaram que a travessia para o Brasil foi repleta de temores, tensões e tristezas, pois, se em meio à crise, planejar uma mudança de país, conseguir a documentação necessária, poupar dinheiro para o recomeço no país-alvo já se torna algo complexo, por exemplo, para um migrante econômico, aquele visa melhorar de vida noutro lugar, quanto mais para vidas impulsionadas pelos problemas locais que deixam forçadamente, em sua maioria, seu país natal.

As seis entrevistadas relataram como efetivamente chegaram ao Brasil. Seus relatos revelaram:

- (i) como pouparam (em meio à crise) e guardaram o possível de dinheiro em espécie para sair do país – exceto *Orquídea* que saiu do país forçadamente, sem nenhum planejamento prévio;
- (ii) que todas saíram da Venezuela por transporte terrestre;
- (iii) que, com exceção de *Jade*, que saiu do país pela fronteira da Venezuela com a Colômbia, as demais entrevistadas – *Girassol*, *Nenúfar*, *Orquídea*, *Rosa* e *Tulipa* – atravessaram a fronteira do país com o Brasil pela cidade de Pacaraima/RR;
- (iv) *Girassol*, *Orquídea* e *Tulipa* chegaram a Pacaraima sozinhas; *Nenúfar* e *Rosa* vêm para o Brasil com seus maridos (*Rosa* também traz seus filhos); *Jade* faz a travessia com suas filhas.

Além disso, as narrativas mostram que vir para o Brasil não era fácil, pois a hiperinflação na Venezuela, a desvalorização da moeda nacional, a perda do poder de compra entre outros agravantes (cf. seção 2.1.1) justificavam os entraves para poupar dinheiro, custear a saída do país e recomeçar suas vidas noutro lugar.

Nenúfar e *Rosa* saem da Venezuela com suas famílias e com recursos próprios, assim como *Tulipa*, porém esta deixa o país sozinha. *Girassol* e *Jade* são ajudadas financeiramente por familiar no Brasil. *Orquídea* deixa o país, sozinha, sem nenhum planejamento prévio, deslocada à força para o Brasil (excerto 22).

7.1 Narrativas de travessia

A seguir, na interação com a entrevistadora, *Jade* relata como conseguiu recursos financeiros para sair da Venezuela com suas filhas. Assim como ela, *Girassol*, também recebe ajuda financeira do marido que já tinha se estabelecido há alguns meses no Brasil.

Excerto 27:

Michele	595 596 597 598 599	Claro. E aí como acontece essa sua vinda pro Brasil, né? A sua, a sua tia que é a sua mãe de criação também, né? Ela te ajuda.
Jade	600 601 602	Aham.
Michele	603 604 605 606 607 608 609	Ela te, te diz, é, pra você vir pro Rio, ou não, você decide por conta própria, é, atravessando a fronteira, você vem de avião, de ônibus, como, como acontece esse, essa travessia.
Jade	610 611 612 613 614 615 616 617 618 619	Tá. Então, é, ela me ajudou, me ajudou muito, ela pagou a minha passagem de Colômbia para Brasil em um avião, eu paguei a minha passagem por terra de Venezuela Colômbia, porque não podia sair de avião nessa época, pela mesma situação, né? Não tinha voo, tudo tava trancado, então foi toda uma Odisseia poder chegar aqui, né? É, e...

Jade revela que vem para o Brasil ajudada financeiramente por sua tia. Sai do país pela fronteira com a Colômbia. De lá, viaja para Bogotá e vem de avião para o Rio de Janeiro com suas filhas. De acordo com a entrevistada: "não podia sair de avião nessa época, pela mesma situação, né? Não tinha voo, tudo tava trancado". O termo "trancado" refere-se ao fechamento das fronteiras da Venezuela com a Colômbia naquele momento, uma situação

narrada reiteradamente pelas entrevistadas. Elas afirmaram que, para sair do país, era necessário cruzar a fronteira com a Colômbia (ou Brasil) por via terrestre, pois não havia voo saindo da Venezuela para esses países. Desde 2015, cf. Moura (2022)⁵⁹, o governo venezuelano tinha fechado de forma parcial e, em alguns momentos, total, a fronteira colombo-venezuelana.

A burocratização para se obter passaportes – entre outros documentos – na Venezuela revelava a forte corrupção que envolvia os funcionários responsáveis pelos trâmites com documentações dos cidadãos, assim como a incerteza de lograr esses papéis.

Excerto 28:

Jade	651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682	Sim, de fato, eu, eu consegui vir, porque como te falo, na VeneSSuela eu tinha <i>una</i> vida muito boa, é, eu conhecia muitas pessoas, conhecia <i>mismo</i> , por <i>lo</i> fato de trabalhar sempre nessa área de evento, publicidade, eu conhecia pessoas que eram influentes. Y:: eu lembro que quando eu decidi vir, o passaporte de minha filha mais pequena e o meu ele estava em trâmite, né? E:: atraSSaram meu passaporte um mês e meio, falavam que <i>no</i> estava, eu <i>tuve</i> , à <i>veSSes</i> a pessoa não quer uSSar a sua influência, mas eu <i>tuve</i> que ligar para uma pessoa interna do Saime, né? Que é o ente que emite nosso passaporte, essa pessoa falou: " <i>No</i> , traga, tá pronto, <i>no</i> sei o quê, vem". Aí eu fui, Y:: no momento que eu estou indo, ele <i>no</i> me viu, me atendeu outra pessoa, e <i>mismo</i> assim ele estava retendo meu passaporte e da minha filha. Então foi <i>una</i> briga danada, porque no momento que a pessoa que me vê que me conhece, ele entra no meio, <i>así</i> que ele entra no meio, <i>o sea</i> , era, é difícil, né? Porque foi um ato descarado que <i>se quiere</i> , né? A pessoa que <i>no</i> tem como, <i>no</i> tem amiSSade, <i>no</i> tem, então se ferra, porque retém o passaporte e falam que <i>no</i> está, quando o passaporte realmente se está. Eu consegui até, é, por eSSemplo, <i>así</i> , quando <i>yo</i> me divorciei, o pai das minhas filhas <i>no</i>
------	--	--

⁵⁹ MOURA, Maria Paula Baesso. **Percepções e construções de ameaça do governo Nicolás Maduro frente à Colômbia**. São Paulo, 2022. 133p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. DOI:10.11606/D.8.2022.tde-02022023-162426. Acesso em 20 mai. 2024.

683	queria assinar, é, a, a, a saída das
684	meninas, né? Ele inferniSSou minha vida
685	também muito. Aí eu aproveitei esses
686	contatos, né? E pedi para tirar ele do
687	sistema, porque senão ele no, assim, no
688	iba a poder viajar, e o trâmite era todo
689	aberto. Foi toda una Odisseia para vir,
690	foi no puxar mesmo, só Deus para me
691	ajudar nessa travessia mesmo. Mas así que
692	eu consegui, que esse amigo meu fez os
693	trâmites para mim dentro do, do Saime
694	mismo, graças a Deus meu passaporte foi
695	liberado esse mismo dia

Jade, fazendo analogia à obra *Odisseia* (linha 689), expõe o longo percurso que, como o herói da guerra de Troia, precisou fazer para chegar ao Brasil. Traz à entrevista uma narrativa que expõe os meios que utilizou para agilizar a entrega de seu passaporte e o de sua filha. Ela justifica que, por “trabalhar sempre nessa área de evento, publicidade” e ter conhecido “pessoas que eram influentes” que trabalhavam no Saime (linha 665) – órgão do governo venezuelano responsável pela emissão de passaportes entre outros trâmites referentes à saída dos nacionais do país – conseguiu a retirada do nome do pai de suas filhas de seus respectivos documentos, de forma a facilitar a saída do país dela e das meninas pela fronteira com a Colômbia. A experiência de *Jade* com questões notariais aponta para os entraves burocráticos que cidadãos venezuelanos enfrentam, especialmente os que decidem sair do país, já que estar com a documentação necessária podia facilitar sua saída e entrada no país-alvo. A narrativa de *Jade* aponta para uma questão relevante: a importância dos documentos civis para vidas em deslocamento, uma das muitas faces da tomada de decisão para sair do país.

As narrativas de deslocamento (cf. seção 3.1.2) compreendem a importância do papel das experiências (individuais e/ou coletivas) para resistir e/ou se adaptar em novas comunidades e/ou contextos. nelas, pode-se compreender como os indivíduos e/ou grupos se orientam e se posicionam no mundo social, além de sinalizar de que forma constroem e reconstroem: suas identidades, espaços e tempos (Baynham & De Fina, 2005).

Assim como *Jade*, *Orquídea* e *Nenúfar* também sinalizam os entraves burocráticos que dificultam o acesso dos cidadãos a seus documentos. O que

deveria ser um direito dos nacionais transforma-se num problema na sociedade venezuelana.

Excerto 29:

Orquídea	779	[Eu, eu mande::i] Sim. Eu mande::i a
	780	faSSer o passaporte dele Y Yá tem mais ou
	781	menos cinco meSSes esperando a impressão
	782	do passaporte.

Excerto 30:

Nenúfar	994	Por exemplo, você vai sacar a ata do
	995	nascimento de você. 3h da manhã pra ser
	996	atendido 10h da manhã. E além que tem que
	997	pagar. E depois demorar dois meses pra
	998	eles entregar.

Por esses excertos, expõe-se a burocratização e entraves dos serviços públicos para obtenção de documentos, como o passaporte (*Orquídea*) e a certidão de nascimento (*Nenúfar*) na Venezuela. Dessa forma, infere-se que: (i) em se tratando de serviços que dependiam de órgãos públicos, sem corrupção e propina, dificilmente se alcançaria o solicitado; e (ii) seria esse (também) um recurso político para dificultar a saída de venezuelanos do país.

O medo da polícia, ou qualquer termo mencionado pelas participantes que semanticamente traga essa designação, foi mencionado em todas as entrevistas, como apontam os próximos segmentos:

Excerto 31:

Nenúfar	476	Sim. Foi muito assustador, porque, assim,
	477	imagina, não sei se você sabe, não sei se
	478	você tem escutado, né, as histórias da
	479	polícia militar da VeneSSuela, que eu já
	480	falei que são quem, nas manifestações,
	481	atiravam pra matar. Bom. Eles mesmos.
	482	Eles:: Essa mesma instituição é quem
	483	cuida <i>todo</i> que é as ruas, estradas,
	484	lalalá, chalalá, do país, né? Então cada
	485	tanto tempo tem... Tem eles pra revistar.
	486	Né? E aí a gente veio com <i>dinero</i> em
	487	espécie, mas você, assim, to- E eles são
	488	assim, na VeneSSuela, <i>todo, todo</i> é
	489	corrupção. <i>Todo. Todo.</i> E, óbvio, eles são
490	super corruptos. Então qualquer pessoa	
491	que tiver <i>dinero</i> , óbvio, eles vão tirar.	
492	Eles vão até roubar e vai disser qualquer	

	493	coiSSa, que você. Se você reclama, vai
	494	diSSer que você é narcotraficante, vai
	495	colocar droga em você. Assim, dessa
	496	forma.

Entre as linhas 476 a 617 da segunda parte de sua entrevista, *Nenúfar* faz um longo relato de como foi sua travessia para o Brasil, evidenciando, em mais de um momento, o medo da polícia venezuelana em roubá-los, prendê-los e/ou acusá-los de narcotráfico. A mesma polícia que, segundo *Nenúfar*, matava nas manifestações – excerto 15 – era também a que controlava as instituições, as fronteiras, o país (linhas 479 a 485).

Neste segmento, *Nenúfar* avalia o tratamento violento dos policiais, o caráter corrupto e o medo da instituição que, paradoxalmente, deveria proteger seus cidadãos. Linde (1993, p.71-72) revela que as partes avaliativas são instrumentos que o narrador utiliza para transmitir a mensagem central da história ou para justificar sua relevância. Sob uma perspectiva interacional, a avaliação é a seção da narrativa que orienta os ouvintes sobre como interpretar o significado dos eventos narrados.

A seguir, ao longo de sua narrativa *Nenúfar* revela como conseguiu esconder parte do dinheiro, em espécie, trazidos por ela e seu marido para o recomeço de suas vidas no Brasil.

Excerto 32:

Nenúfar	546	Então o que que a gente fez? Eu abri na::
	547	Você sabe onde nas calças a gente coloca
	548	o cinto, né? Nessa parte onde... Nas
	549	calças dos homens você coloca o cinto
	550	quanto vai colocar, por exemplo, na calça
	551	jeans, que tem esse espaço aí, né? Eu,
	552	pela parte de dentro, eu com um estilete,
	553	eu cortei aí. E aí o- Eu amarrei, era
	554	dinero em dólares. ((risos)) E eu com o
555	cadarço eu amarrei o dinero assim um:: Eu	
556	fiz assim.	

Nenúfar revela as alternativas que encontrou para trazer dinheiro para recomeçar sua vida com o marido no Brasil. A economia feita para poupar dinheiro e sair do país, poderia desaparecer numa intervenção policial. Neste excerto, *Nenúfar* usa de recursos para esconder o dinheiro – “onde nas calças a gente

coloca o cinto”; “pela parte de dentro, eu com um estilete, eu cortei aí. E aí o- Eu amarrei, era dinheiro em dólares”. Além de esconder o dinheiro nas calças, ela revela que também o fez nas roupas íntimas e absorventes, cf. próximo segmento:

Excerto 33:

Nenúfar	595	É. E abri o absorvente. E dentro do
	596	absorvente coloquei o <i>dínero</i> e coleí de
	597	novo. Parecia que o absorvente tava
	599	novinho. E aí em vários absorventes eu
	600	coloquei <i>dínero</i> . E, assim, entre várias
	601	coiSSas que a gente tava uSSando no
	602	momento, incluSSo na nossa roupa
	603	interior, mas nÔN algo evidente, algo
	604	que fosse bem difícil de achar.

Sair da Venezuela foi um grande desafio para todas as entrevistadas. Nos excertos 27 a 33, foram destacados entraves significativos que dificultaram essa decisão pelo refúgio no Brasil:

- (i) obter a documentação necessária para saírem do país – a burocratização dos serviços públicos, a corrupção que envolvia os funcionários e a demora para conseguir esses papéis foram apontados nesses segmentos e em outros momentos das entrevistas;
- (ii) guardar dinheiro em meio a total escassez de recursos financeiros, perda do poder de compras e hiperinflação – uma sociedade em crise agravada pelo colapso social, político e econômico que se intensificava em todo país;
- (iii) pressupor serem detidas pela polícia nacional ao longo da travessia para o Brasil e/ou na fronteira com os países lindantes: Colômbia e Brasil – um medo real que foi destacado por todas em suas narrativas de travessia.

As situações que impactaram a saída do país revelam o contexto no qual as entrevistadas estavam inseridas, revelado por suas narrativas. Essas devem ser consideradas em conjunto com o linguístico, pois, cf. Blommaert (2008, p.113): “devemos olhar tanto para a forma como o linguístico gera o econômico, social e político, quanto para o econômico, o social e o político geram o linguístico”.

7.2 Tensões e tristezas na travessia

Excerto 34:

Orquídea	437	"E foi um dia e meio <i>sin</i> comer, <i>sin</i> ir ao banheiro, levar só o necessário porque também eu <i>no</i> sabia quem era a pessoa que eu ia encontrar no meu lado. Eu ia assustada, com muito medo"
	438	
	439	
	440	
	441	
	442	
	443	

Orquídea aponta a angústia que viveu quando fez a travessia para o Brasil, assim como *Tulipa* que, no excerto a seguir, revela sofrimentos, medos, violências, solidão, entre outros sentimentos que descrevem o vivenciado por ela naquele tempo e espaço. Baynham & De Fina (2005) consideram problematizar a relação entre tempo e espaço através da recontextualização de narrativas de deslocamento, pois o contexto não se apresenta apenas como o cenário em que elas são apresentadas, mas como “um olhar para um processo de interpretações situadas de fala e ação por meio de inferências feitas pelos participantes dentro da troca comunicativa” (Gumperz & Gumperz, 2011, p.284).

Excerto 35:

Tulipa	216	Quando eu Yego na, na fronteira, quando eu Yego no, no Roraima, Yego as 6 da tarde do dia 18 de junho ((riso))de 2018 Y::, eu chego e mando, começo a mandar mensagem. Eu Yá tinha mandado mensagem pra ela que eu Yá ia em caminho Y:: quando eu cheguei na, no terminal, eu, eu comecei a percIber que ela <i>no</i> me respondia, Yá não me respondia. A, saí era umas 22h da noite, nunca mais me respondeu, pelo que eu fiquei na rua e::, é, claro, eu não sabia que <i>iba</i> a ficar na rua também não, né? É:: Mas foi muito difícil no momento, porque eu ainda <i>no</i> , <i>no-no</i> caía a ficha em mim de que eu tava em <i>una situación</i> , é::, de rua. Tava <i>sin</i> , <i>sin</i> , <i>sin</i> ninguém que me pudesse ajudar, <i>sin</i> poder falar o idioma, que eu <i>no</i> conhecia e, também, <i>no</i> conhecia <i>las</i> pessoas. Então eu tava em um terminal ((pigarro)) Y quando, é, U, U segurança do terminal que estava acostumado a recIber tantas pessoas e Yá tinha ordem de tirar todas as pessoas, a
	217	
	218	
	219	
	220	
	221	
	222	
	223	
	224	
	225	
	226	
	227	
	228	
	229	
	230	
	231	
	232	
	233	
	234	
	235	
	236	
237		
238		
239		

240	todos os imigrantes que Yegavam, tipo,
241	10 da noite, eu fiquei na rua a partir
242	das 10 da noite desse dia. É, passei
243	dois dias na rua e eu, eu chorando e no
244	sabia o que faSSer, porque eu no
245	conhecia ninguém, graças a Deus, dentro
246	do, da <i>misma</i> área de onde eu tava. É::
247	Tinham outros veneSSuelanos, outras
248	pessoas que eles ai-, é::, percIberam
249	que eu tava na rua, percIberam que eu
250	tava <i>sin</i> , <i>sin</i> ninguém Y, Y ficaram perto
251	de mim, e me, me falaram que eu podia
252	ficar com eles. Só que ficar com eles
253	num acampamento, no::, no refúgio que
254	eles tinham, que era na rua também. É::
255	É-é, ((voz embargada de emoção)) naquele
256	momento foi bastante difícil pra mim,
257	bastante mesmo.

Das entrevistadas, *Tulipa* é a que mais se emociona ao narrar sua história de vida (Linde, 1993). As emoções são expressas em muitos momentos, mas nesse excerto, elas se revelam tanto pela descrição direta ("eu chorando") quanto pela marca "voz embargada", que emerge em muitos momentos ao longo de toda sua entrevista. Sua comoção culmina em: "naquele momento foi bastante difícil pra mim, bastante mesmo", evidenciando o impacto duradouro do evento traumático.

Nesse excerto, *Tulipa* traz algumas experiências que mulheres no refúgio passam. Essa condição é tratada sob a perspectiva dos estudos de narrativas de deslocamento, cf. Baynham & De Fina (2005). Tais vivências apontam para questões de ordem: I- temporal; II- espaço e lugar; e III- identidade e alteridade - que se alinham às vivências de *Orquídea* sinalizadas no excerto 34, e que atingem muitas mulheres em situação de refúgio.

I- Temporal:

(i) tempo da narrativa *versus* tempo da experiência – *Tulipa* marca precisamente o tempo do evento "Yego as 6 da tarde do dia 18 de junho ((riso))de 2018", contrastando com a fluidez do tempo experienciado, marcado pela incerteza e angústia ("nunca mais me respondeu"; "eu fiquei na rua e::"; "passei dois dias na rua"). Essa desconexão destaca o impacto do deslocamento através de sua percepção temporal.

(ii) sequência temporal – organiza os eventos numa sequência clara, evidenciando a progressão da sua experiência: chegada na fronteira, mensagens, percepção da falta de resposta do seu “apoio inicial”, permanência na rua, encontro com outros venezuelanos. Essa linearidade, porém, é permeada por interrupções e hesitações (“Y::”; “É::”; “no-no”) que refletem a dificuldade de lidar com as lembranças traumáticas.

II- Espaço e lugar:

(i) lugares de transição – a narrativa se desenvolve em espaços de transição e precariedade: a fronteira (“Roraima”), o terminal rodoviário, a rua... Esses locais, desprovidos de familiaridade e segurança, intensificam a sensação de vulnerabilidade e desamparo que *Tulipa* enfrentou.

(ii) acampamento/refúgio – ao referir-se a “ficar com eles num acampamento, no::, no refúgio que eles tinham, que era na rua também”, ela revela a precariedade da situação de abrigo em que estava, ainda que em contato com outros venezuelanos. O “refúgio”, idealizado como um “lugar de acolhimento”, se confunde com a insegurança da rua, cf. sinalizado no Cap.2, p.26: “o termo “refúgio” em si evoca diferentes interpretações em contextos distintos, abrangendo desde aspectos espaciais e temporais até questões emocionais, como a ideia de lar, a busca por proteção, modo de ser recebido”.

III- Identidade e alteridade:

(i) “sin ninguém” – a repetição dessa expressão (“sin, sin, sin ninguém que me pudesse ajudar, sin poder falar o idioma”; “sin, sin ninguém”) ressalta o isolamento e a fragilidade de *Tulipa* em um contexto de alteridade. A falta de apoio social, linguístico e cultural intensifica a experiência do deslocamento forçado.

(ii) “outros venezuelanos” – a identificação com outros nacionais que, como ela, também estavam em situação de refúgio (“perceberam que eu tava na rua, perceberam que eu tava sin, sin ninguém Y, Y ficaram perto de mim, e me, me falaram que eu podia ficar com eles”), sinaliza um alento, contudo também evidencia a fragilidade, também compartilhada por *Orquídea* (excerto 34), e a precariedade da rede de apoio disponível.

Baynham & De Fina (2005) enfatizam a importância de se considerar o contexto sociocultural e político na interpretação das narrativas de deslocamento. No caso em questão, o cenário da crise humanitária na Venezuela e o das dificuldades enfrentadas por mulheres refugiadas em Roraima são elementos cruciais para a compreensão dessa narrativa. É fundamental reconhecer a individualidade de cada narrativa, para que sejam evitadas generalizações. A experiência relatada, no excerto 35, é singular, embora possa apresentar similaridades com outras vivências de deslocamento.

Dessa forma, a relação entre o contexto macro, que envolve fatores sociais e culturais mais amplos, e o contexto micro, no qual se concentram interações e comunicações específicas, sugere que a "contextualização" pode fornecer uma ponte entre esses dois níveis de análise, permitindo uma compreensão mais completa de como a linguagem e a interação são embutidas e como elas moldam a sociedade (Gumperz & Gumperz, 2011).

Excerto 36:

Jade	692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720	Na época que eu vim, foi algo así, como que, meu passagem estava para 25 de março, mas o governo decidiu fechar a fronteira VeneSSuela - Colômbia 15 dias antes, então foi muito corrido, porque eu <i>tuve</i> que literalmente correr, comprar passagem, pra, pra São Cristóvão, que é um estado perto de Colômbia, aí fui, fiquei em caSSa de meu pai de sangue, como eu te falo, a gente tem boa relação, <i>mismo</i> que <i>no</i> me criou. E ele ()ele decidiu de entrar o fecho da fronteira, tipo <i>lo</i> que estava faltando para 15 dias, se trancou em cinco, e aí eu <i>tuve</i> que correr, a minha sorte foi que eu tenho família em Colômbia, <i>Y</i> tenho um primo que ele é um cargo alto da aduana de Colômbia, <i>Y</i> foi <i>una</i> luta para passar, porque meu primo estava me aguardando literalmente na fronteira, na ponte, da fronteira, mas os guardas <i>no</i> me deixavam sair. Eu <i>tuve</i> que <i>recurrir</i> a um informe médico de minha filha, a minha filha pequena começou a sangrar pelo nariz, ela sofre de pcr curto, que é arritmia cardíaca, <i>Y</i> síndrome vaSSo vagal, ela desmaia quando tá muito tempo em pé. <i>Y</i> a fila para poder sair da VeneSSuela era, foi umas quatro horas,
------	---	--

721	imagina dos crianças, três maletas,
722	chuva a beça, no me deixavam, os
723	militares no me deixavam me liberar,
724	reteniendo meus papeis, é, conheci dos
725	anjos, porque eu falo que Deus me mandou
726	dos anjos, eu já estava desistiendo,
727	estava chorando porque era desesperador,
728	vendo a minha família, só passando a
729	ponte, no me deixavam sair, Y dos anjos
730	me levaram: "No, você tem informe?",
731	"Tenho", "Então dá aqui que a gente vai
732	levar, vai carimbar". Aquele peSSadelo
733	todo, aquela correria toda, eu com minha
734	filha botando sangue pelo nariz, essas
735	dos pessoas carimbando meus papeis para
736	poder aprovar minha saída, en el momento
737	que aprovam meu, meus papeis que
738	carimbam, o, eu lembro que o caSSal
739	pegou a gente na mão, pegaram minhas
740	malas, eu falei nada: "Vou ter que
741	descer, porque ou me sequestram com
742	todos os papeis Y crianças, ou realmente
743	são anjos mandados por Deus". Eles
744	misimos pegaram nossas coiSSas, com chuva
745	Y todo, passaram até la entrada da
746	fronteira, Y en el momento que me
747	entregam a meu primo, né, que estava la
748	guardia de Colômbia estavam, Yá no
749	conheciam, porque meu primo havia
750	comunicado que a gente estava entrando,
751	para no faSSer fila para carimbar em
752	Colômbia. Aí meu primo me recIbe, passa
753	o peSSadelo, yo respirei. () que estou
754	com a minha família, meu primo el viu
755	como eu estava angustiada, chorando,
756	praticamente minha filha débil, fraca,
757	chorando que estava mais pequena ainda,
758	Y ele só tomou o meu passaporte Y de las
759	meninas, foi, levou, carimbou, yo senti
760	como se tivesse caído, sabe? Minha
761	pressão baixou muito, foi, foi una,
762	horrível, esse dia foi terrível de
763	verdade, para sair da VeneSSuela.

Nesse excerto, *Jade*, através de uma longa narrativa, expõe os momentos difíceis pelos quais passou na travessia da Venezuela para a Colômbia com suas filhas. Ela precisou antecipar sua viagem de 15 para 5 dias, devido ao fechamento da fronteira entre esses países. Na travessia, o momento de maior tensão foi quando sua filha menor, que sofre de problemas cardíacos, passa mal na longa espera, na fila, para sair do país. Apesar do desespero e da angústia, ela encontrou ajuda inesperada de pessoas desconhecidas que, como "anjos mandados por Deus",

auxiliaram com a documentação e as conduziram até a fronteira. Já na Colômbia, seu primo, que ocupava um importante cargo na aduana colombiana, a aguardava e, assim, facilitou sua entrada no país, evitando mais filas e burocracia. Após a experiência traumática, ela finalmente sentiu-se aliviada por estar em segurança com suas filhas. Pela longa descrição, *Jade* traz à tona o impacto emocional e o momento de maior tensão que ela vivenciou com suas filhas na saída do país.

De Fina (1998) propõe que a identidade é um processo dinâmico e relacional, construído e negociado por meio da interação social e do discurso. As identidades sociais de *Jade* são construídas em sua narrativa como: (i) mulher (como ela se expressa e as responsabilidades que assume em relação às filhas e às malas); (ii) mãe (refere-se às filhas e aos problemas de saúde da menor); (iii) imigrante/refugiada (se apresenta como uma pessoa em processo de deslocamento da Venezuela para a Colômbia); e (iv) sua classe social (média ou baixa, pela dificuldade em lidar com a burocracia, a necessidade de recorrer à ajuda de familiares e a preocupação com o custo das passagens, sinalizando uma posição menos privilegiada).

A narrativa de travessia de *Jade* e as dificuldades que ela enfrentou, como a doença da filha e a burocracia na fronteira, ilustram a complexidade das múltiplas identidades (Bauman, 2005; Hall, 2006) em situações de tensão. De Fina (1998) sinaliza que as identidades são múltiplas e contextuais, sujeitas a mudanças e renegociações. Sua narrativa (a de *Jade*) exemplifica essa complexidade, mostrando como as identidades são desafiadas e reconfiguradas em momentos de crise, destacando a importância do contexto.

De Fina (2003, p.11-30) argumenta que a identidade é moldada pelo contexto histórico, social e interacional e que os narradores contam com entendimentos implícitos e compartilhados sobre si mesmos e os outros, com ideologias dominantes e relações sociais estabelecidas. Além disso, não é uma característica estática ou fixa de um indivíduo ou grupo, mas um processo em andamento, moldado e remoldado por meio do discurso e da interação social. As identidades que as pessoas constroem no discurso nunca são as mesmas, são parcialmente coproduzidas com os interlocutores e sensíveis às restrições do contexto interacional, i.e., como prática social.

As travessias são repletas de tensões e tristezas e são muitas as perdas nesse percurso. As perdas são recorrentes (no convívio remoto, apenas pelas redes sociais,

com os seus familiares) e multidimensionais (nas várias perdas ao longo do processo). Elas podem sinalizar as diversas naturezas dos lutos que impactam vidas em travessia: materiais, emocionais, sociais, culturais. Não há uma única forma de luto no refúgio; as perdas são profundas e irreparáveis. Dentre essas perdas, a morte de familiares e a impossibilidade da despedida, assim como o apagamento da identidade profissional, são relatados pelas entrevistadas.

Excerto 37:

Orquídea	573	Sim. Meu pai, ele morreu, eu estando aqui no BraSSil. Y:: o meu pai morreu o mesmo dia que eu estava saindo aqui do Brasil para o Peru. Eu estava no terminal Novo Rio quando me ligaram por telefone e me aviSSaram que meu pai havia..., estava morto. Ele morreu por uma, um paro respiratório ocaSSionado por falta de medicamento na, na Venezuela.
	574	
	575	
	576	
	577	
	578	
	579	
	580	
	581	
	582	

Excerto 38:

Nenúfar	1175	porque eu, assim, não sou mais dentista aqui, não tenho conseguido faSSer minha profissão. Até deSSisti.
	1176	
	1177	

Nos fragmentos: “ele morreu, eu estando aqui no BraSSil” e “não sou mais dentista aqui”, *Orquídea* e *Nenúfar* expõem perdas profundas e irreparáveis quando revelam suas experiências já vivendo “aqui”, no Brasil. A morte de um familiar e a impossibilidade de exercer sua profissão no país de acolhida marcam lutos significativos na vida dessas mulheres.

Achotegui (2022, local 64)⁶⁰ afirma que o rito do “funeral é muito importante psicologicamente” para a elaboração do luto e, quando não vivenciado, “leva o enlutado a uma sensação de irreabilidade”. Além do luto pela morte de um familiar, e a perda do status social, devido à impossibilidade do exercício de sua profissão, também podem causar danos e frustrações a este grupo. O psiquiatra

⁶⁰ “O funeral é muito importante psicologicamente e, se não puder ser celebrado, costuma deixar no enlutado uma sensação de irreabilidade. É de grande ajuda para o processamento psicológico do luto poder compartilhar o momento do funeral com os entes queridos, com os amigos, com a comunidade. A presença do grupo atesta a realidade da morte do ente querido; caso contrário, podem se estabelecer sentimentos de dúvida e irreabilidade” – tradução nossa.

(ibid., 2022, locais 52 e 53) apresenta sete categorias nas quais o luto pode manifestar-se no refúgio:

- (i) a perda da família e dos entes queridos;
- (ii) o luto do idioma;
- (iii) a perda dos códigos culturais (costumes, valores...);
- (iv) a perda da terra (paisagens, cores, cheiros, temperatura...);
- (v) a perda do status social (acesso a oportunidades, documentos, profissão, trabalho, casa, saúde...);
- (vi) a perda de contato com o grupo de pertencimento (preconceitos, xenofobias, racismo...); e
- (vii) os riscos com a integridade física (acidentes na viagem migratória, perseguições, violências...).

Ao categorizar essas perdas, Achotegui (2022) aponta os muitos desdobramentos que impactos psicológicos e emocionais podem causar a migrantes e refugiados, dificultando-lhes a adaptação a novas culturas. Cabe ressaltar que questões culturais insurgem nesse recomeço de vida e desencadeiam conflitos pela aproximação e estranhamento ao “novo”.

Excerto 39:

Nenúfar	45	Assim, quando você observa, por exemplo,
	46	você observa sua vida, tudo que você
	47	foi, tudo que você fez, tudo que você
	48	estudou, tudo também o que o esforço,
	49	né, dos seus pais por pagar, né, os
	50	estudos e o seu esforço próprio também
	51	por todo o que a gente tinha conseguido
	52	na época até esse momento, claro, é
	53	frustrante. É frustrante quando você
	54	não(3,0). Assim, você se encontra
	55	numa... Num momento que você pensa "eu
	56	não sou ninguém. Eu aqui não sou
	57	ninguém." Ninguém. Assim, você percebia
	58	coiSSas que você fica lá assim "Nossa
	59	Senhora, tenho que praticamente nascer
	60	de novo". Né? A gente tá nascendo de
	61	novo, porque você é ninguém. E as
	63	coiSSas que você tinha aprendido, as
	64	coiSSas que você tinha vivido, as
	65	coiSSas que você tinha conhecimento
	66	muitas veSSes nÔN tem... Nesse momento,
	67	no tem, no tem validade, validez.

Nos dois últimos excertos, *Nenúfar* sinaliza a perda de sua identidade, como venezuelana, filha, profissional... aqui, ou seja, nesse novo lugar, como refugiada noutro país: "A gente tá nascendo de novo, porque você é ninguém". O apagamento de sua identidade profissional – "não sou mais dentista aqui" – leva *Nenúfar* a ressignificar sua carreira, assim como outras venezuelanas em deslocamento forçado. A entrevistada busca novas formações e, com elas, novas oportunidades para um recomeço.

Excerto 40:

Nenúfar	188	Eu fiz vários cursos de outras coisas
	189	assim, de tatuagem de rena, de::, é, como
	190	se fala? micropigmentação de
	191	sobrancelhas. Eu fiz vários cursos assim
	192	muito curtos pra meio que aprender algum
	193	ofício. E aí eu falei "Nossa! Eu busquei
	194	a forma de conseguir os materiais,
	195	comprar, né, os materiais pra fazer a
	196	rena, o tatuagem da rena"... , sim, da
	197	área de estética. Sim, eu também depois
	198	fiz um curso de maquiagem, mas esse curso
	199	eu fiz aqui. E, então, é:: eu, eu, esse
	200	de tatuagem de rena que eu amei como que
	201	é feito, porque é da Índia. É o estilo, a
	202	forma como é feito na Índia. Não é
	203	tatuagem da rena normal que a gente
	204	conhece assim. É aquele que é feito na
	205	Índia, que faz mandalas, que é feito nas
	206	mãos, que geralmente é feito para as
	207	noivas que vão ter toda a sua mão tingida
	208	com a rena. É bem lindo. Aí eu fiz esse
	209	trabalho. Sim, é maravilhoso. E aí eu
	210	comecei a ir pras praias, assim a
	211	oferecer. Um dia eu falei com duas
	212	amigas, a gente disse: "Vamos ver o que a
	213	gente faz". Então uma delas comprou um
	214	pouquinho de empadas. Imagina, uma delas
	215	é engenheira, a outra é contadora e eu
	216	dentista. E a gente pensou: "Vamos ver o
	217	que vamos fazer". Então uma, elas duas
	218	juntas compraram essas empadas e eu levei
	219	minhas coisas da rena, e a gente começou
	220	a andar pela Copacabana assim oferecendo
	221	pra pessoas; Ah:: Ela oferecia as empadas
	222	e eu oferecia a rena, né? E era isso,
	223	sabe? A gente nunca tinha vendido nada. A
	224	gente nunca tinha. O mais que eu tinha
	225	vendido era porque minha mãe tinha uma
	226	farmácia, e aí eu sabia mais ou menos
	227	como atender o público, porque a nossa

	228	farmácia era pequenininha e era atendida por os próprios donos. Então quem atendia a farmácia era minha mãe, meu pai Y:: meu irmão e eu.
	229	
	230	
	231	

Nenúfar relata que fez “vários cursos assim muito curtos pra meio que aprender algum ofício”. A urgência da sobrevivência levou-a a se reinventar e perceber que, como ela, outras mulheres, também com formação universitária – “uma delas é engenheira, a outra é contadora e eu dentista” –, passavam pelo luto do apagamento da identidade profissional e precisavam recomeçar nesse “novo” lugar.

No trecho: “ ‘Vamos ver o que vamos faSSer’. Então uma, elas duas juntas compraram essas empadas e eu levei minhas coisas da rena, e a gente começou a andar pela Copacabana assim oferecendo pra pessoas; Ah:: Ela oferecia as empadas e eu oferecia a rena” – *Nenúfar* narra como ela e suas amigas – infere-se mulheres também fora de seu país – tomaram a iniciativa de recomeçar profissionalmente. Achotegui (2022, local 172) esclarece que, do ponto de vista da dor em relação ao status social – devido à perda da identidade profissional –, os imigrantes qualificados enfrentam muitos obstáculos para encontrar empregos de qualidade, pois, geralmente, são destinados a trabalhos em setores como assistência a idosos, serviços domésticos, construção civil, comércio, agricultura, entre outros da atividade informal. Além disso, o autor afirma que o bom nível profissional de muitos imigrantes está relacionado com o fato de serem, muitas vezes, com um nível profissional e cultural elevados, classes médias empobrecidas pelas crises e pela ausência de oportunidades devido às ditaduras sofridas pelos seus países de origem (ibid., local 173).

Excerto 41:

Jade	1057	Depois, é, tuvo, teve exploração laboral com as minhas amiSSades, né? Eu <i>misma</i> , como eu te falo, Michele, na parte ruim eu no posso ser ingrata, né? Foram amigas por terem me ajudado a sair de <i>una</i> situação, né? É::, é, no me senti conformada com o trabalho, tava trabalhando demais. Eu, chegava um momento que minhas pernas no paravam mais, na área de restaurante, renunciei
	1058	
	1059	
	1060	
	1061	
	1062	
	1063	
	1064	
	1065	
1066		

1067	lá Y empecé a limpar prédios, o que me
1068	permitia levar a las meninas. Eu levava
1069	las meninas, sentava elas en una
1070	escadinha ali do lado, esperando que eu
1071	iba a limpar los andares, Y elas me
1072	aguardando aí, o quietinhas, porque ()
1073	minhas filhas, quietinhas ((riso)).
1074	Quando eu falava, "fica aí no pode mexer,
1075	fica aí". Elas ficavam, colaboravam
1076	muito.

Excerto 42:

Tulipa	350	E..., bom, eu, graças a Deus consegui arrumar
	351	através dela, é, mais ou menos quatro
	352	faxinas, é, que eu lembro, e comecei a
	353	vender água na rua e..., e limonada, com isso
	354	arrumei dinheiro pra eu ir até Manaus

Tulipa revela que passa a trabalhar na rua como vendedora ambulante e faxineira para sair do lugar em que estava – Boa Vista/RR – e tentar a vida em outra cidade (Manaus/AM). Trabalhos como vendedoras ambulantes, faxineiras, babás, cuidadoras de idosos são atividades profissionais comumente desempenhadas por mulheres e, em situação de refúgio, essas são mais exploradas por: (i) não falarem a língua local, (ii) pela falta de documentação, (iii) por necessitarem de dinheiro imediato para pagar por suas despesas locais, entre outros fatores. A exploração laboral de mulheres refugiadas é uma violação grave dos direitos humanos que exige ações urgentes e coordenadas de governos, organizações religiosas e/ou ONGs, empresas e sociedade civil. Proteger essas mulheres e garantir seu acesso a empregos dignos é essencial para sua integração social e garantia de direitos na sociedade de acolhida.

8. Rio de Janeiro – redes de acolhimento, recomeços e resistências

"Hoy em dia eu posso te falar, já limpei prédio, já limpei caSSas, já cuidei idoSSos, já trabalhei em restaurante, salão de beleza, mas soy o que soy agora por isso(...) porque a situação ruim me levou a estudar conhecimentos novos, que me permitieran me descobrir em outras áreas" (Jade, linhas 1276-1283).

Este capítulo abordará as redes de acolhimento, os desafiadores recomeços, as notáveis resistências enfrentadas por mulheres venezuelanas que, como *Jade*, ao chegarem ao Rio de Janeiro experienciam para garantir o sustento delas e de seus dependentes. Marcada por resistências, como a xenofobia, a exploração laboral e as dificuldades de adaptação a uma nova cultura e idioma, as entrevistadas demonstram resiliência e capacidade de reinvenção, buscando novas oportunidades de trabalho e requalificação profissional, como *Jade*, que de publicitária em Caracas se descobre "em outras áreas", para garantir seu sustento e o de suas filhas.

Mães no refúgio revelam as resistências que encaram ao conciliar o trabalho com a criação dos filhos, um desafio adicional para mães solas, que precisam encontrar soluções emergenciais para garantir o cuidado de seus filhos enquanto buscam o sustento da família. *Jade* relata sua experiência de levar suas filhas para o trabalho:

Excerto 43:

Jade	1065	<i>empecé a limpar prédios, o que me</i>
	1066	<i>permitia levar a las meninas. Eu levava</i>
	1067	<i>las meninas, sentava elas en una</i>
	1068	<i>escadinha ali do lado, esperando que eu</i>
	1069	<i>iba a limpar los andares, Y elas me</i>
	1070	<i>aguardando aí, o quietinhas, porque ()</i>
	1071	<i>minhas filhas, quietinhas ((riso)).</i>
	1072	<i>Quando eu falava, "fica aí no pode mexer,</i>
	1073	<i>fica aí". Elas ficavam, colaboravam</i>
		<i>muito.</i>

Nesse excerto, a narrativa de *Jade*, como uma 'prática social e discursiva' (Brockmeier & Harré, 2001), não revela apenas uma descrição de eventos, mas um ato comunicativo que constrói relações e identidades. *Jade*, ao narrar suas

experiências de trabalho e maternidade, destaca a colaboração e obediência de suas filhas, construindo, assim, uma imagem de si mesma como mãe trabalhadora, e de suas filhas, como crianças compreensivas e obedientes. Esse relato também reflete normas culturais sobre maternidade e trabalho, mostrando como a narrativa pode ser moldada por e reforçar expectativas sociais. A ênfase na quietude e obediência das meninas, por exemplo, pode refletir normas culturais que valorizam essas características em crianças, especialmente em contextos em que a mãe precisa trabalhar.

As narrativas dessas mulheres evidenciam a complexidade da experiência do refúgio, marcada tanto pela solidariedade e acolhimento da sociedade receptora quanto pelo individualismo e indiferença que se revelam nas relações interpessoais e sociais.

8.1 Redes de acolhimento e recomeços

As entrevistadas revelam que as redes de acolhimento, formais e informais, desempenharam um papel crucial em suas trajetórias, ao chegarem e se estabelecerem no Rio de Janeiro. O PARES Caritas-RJ, cf. sinalizam *Girassol* e *Nenúfar* nos excertos 44 e 45, respectivamente, é citado pelas entrevistadas como um ‘porto seguro’, oferecendo desde auxílio financeiro e cursos de português até oportunidades de emprego e apoio emocional às refugiadas. O projeto é apontado por elas como uma rede de apoio formal, já que as assistências governamentais não são apresentadas nas entrevistas.

Excerto 44:

Girassol	1677	E é por isso eu sempre falo que eu tô muito agradecida com a Cáritas. Muito mesmo. Porque eles conseguiram realmente me ajudar no pior momento de deSSesperação, onde não tinha absolutamente nada na geladeira, absolutamente nada pra comer, não tinha dinheiro pra apagar aluguel.
	1678	
	1679	
	1680	
	1681	
	1682	
	1683	

Excerto 45:

Nenúfar	1231	E essa amiga venezuelana ela falou assim: "Ah, por que não vão pra Cáritas porque aí tem curso de espanhol... Português gratuito." Porque a gente nem sabia o que era Cáritas, nem sabia nada, assim, sabe?
	1232	
	1233	
	1234	
	1235	

	1236	
Michele	1237	Ahãm.
Nenúfar	1238 1239 1240 1241 1242 1243 1244	A gente tinha investigado, mas muitas coiSSas a gente nem sabia. E esse, essa ajuda a gente nem achou que a gente teria esse direito, sabe, a pegar essa ajuda. Então a gente foi. E aí foi outra coiSSa. Eu sempre falo nossa vida mudou. Antes de Cáritas e depois da Cáritas. Então aí a

Na ausência de políticas governamentais de assistência a pessoas em situação de refúgio, as assistências prestadas por organizações religiosas e/ou ONGs acabam “preenchendo” a lacuna deixada pela gestão pública. Essa rede de apoio contribui para a integração e a autonomia local de pessoas em situação de refúgio, na ausência de políticas públicas. A ausência dos seus, familiares, amigos e redes de apoio social do país de origem, dificulta a adaptação e a reconstrução de vida das refugiadas, promovendo situações dolorosas que essa ausência impõe, e revelando desamparo, tristeza e vulnerabilidade desse grupo (Achotegui, 2022).

As redes informais, constituídas por amigos, familiares e até mesmo desconhecidos, também foram fundamentais, proporcionando suporte em momentos de desespero, cf. apontam *Jade* e *Nenúfar*:

Excerto 46:

Jade	994 995 996 997 998 999 1000 1001	Então <i>empezaron</i> essas humilhações, né? É::, que foram muito doloroSSas, muito, na época literalmente um peSSadelo para mim. Y::, Y eu consegui sair de caSSa da minha mãe, porque <i>unas</i> amigas me contratam em um restaurante e arrumam pra mim <i>una</i> kitnet. Era <i>una</i> kitnet horroroSSa, mofada, horrível, mas era o meu canto de paz.
------	--	---

Excerto 47:

Nenúfar	1223 1225 1226 1227 1228 1229 1230 1231	Então a gente tinha uma amiga que, graças a Deus, né, nos recebeu na sua caSSa, braSSileira, aqui no São Gonçalo. A gente fala que ela é o nosso anYo da guarda. Ela nos recebeu e, com ela, morava outra menina veneSSuelana que também ela ajudou pra vir.
---------	--	--

Jade e Nenúfar evidenciam que as redes informais de acolhimento foram fundamentais para seus recomeços no Rio de Janeiro, porque ofereceram um espaço de pertencimento, solidariedade e compreensão, e contribuíram para a reconstrução da autoestima e da esperança em um contexto tão complexo e multifacetado como o do refúgio. Além disso, as redes informais também se mostram essenciais na adaptação à nova realidade, fornecendo informações práticas sobre a cidade, o idioma e as oportunidades de trabalho. Essa troca de conhecimentos e experiências entre refugiados e a comunidade local promove a integração e a construção de laços sociais, fortalecendo o tecido social da cidade. Essas redes configuram-se como espaços de apoio mútuo, solidariedade e pertencimento e contribuem para a superação de desafios e a construção de uma nova vida em um contexto de deslocamento forçado.

As experiências no Rio de Janeiro, apesar de sinalizarem muitos sofrimentos, também revelam o sentimento de gratidão pela oportunidade de estarem no Brasil e ressignificarem suas vidas, principalmente por meio das redes de acolhimento formais e informais, como *Girassol* apresenta a seguir:

Excerto 48:

Girassol	1506	Ela me deu a minha primeira roupa. Ela me
	1507	comprou um travesseiro. Ela me ajudou
	1508	tanto. ((choro)) ((voz embargada de
	1509	emoção)) Ela me ajudou tanto.

Girassol traz a gratidão em sua entrevista quando empatia, sororidade e acolhimento são experimentadas por ela. Receber a primeira roupa, o primeiro travesseiro revela os laços afetivos que se estabelecem entre mulheres que, apesar de não conseguirem, de início, comunicarem-se na língua local, partilham possibilidades de diferentes vivências e se ajudam por perceberem que o ofertado por uma, poderia ser o inverso se a outra estivesse em seu lugar: “esses outros também podem ser eu, sermos nós”, cf. Skliar (2003, p.26).

A ressignificação de vida no Brasil e a gratidão pelo acolhimento que receberam, desde a travessia para o “novo” país, a seu atual status na sociedade brasileira são temas abordados nas histórias de vida trazidas por essas mulheres.

Excerto 49:

Nenúfar	771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783	A gente gosta muito do Rio. E não temos pensado sair do Rio pra morar em outro lugar, em outra cidade, noutro. Não. Acontece, vem uma proposta de trabalho onde você, a gente teria que se movimentar, graças a Deus a gente tem a liberdade geográfica de que a gente trabalha on-line. Eu, por eSSemplo, trabalho on-line, meu trabalho é 100% on-line. Assim, que poderia me movimentar, caSSo que fosse preciSSo. É::, voltar pra Venezuela não está dentro das nossas alternativas.
Michele	784	(Intenções)
Nenúfar	785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798	Porque Venezuela tá cada... Não vou <i>decir</i> que tá pior. Tá horrível de uma forma diferente. Ou seja, antes tava horrível e agora, sim, é horrível, mas diferente. Não é o <i>mesmo</i> horrível que antes. É horrível de outra forma. Então eu não quero, eu não sinto, eu, assim, por eSSemplo, ter que passar seis horas sem eletricidade? Não. Não ter como ir pra um serviço público? Não. Não ter como pagar um plano de saúde? Ok. Aqui eu também agora, nesse momento, não estou pagando, mas eu vou pagar. Lá na VeneSSuela não estaria pagando e não conseguiria pagar. Compreendeu?
Michele	799	Uhum.

Nenúfar revela que não pretende voltar para o país natal – “É::, voltar pra Venezuela não está dentro das nossas alternativas” –, que gosta do Rio de Janeiro – “A gente gosta muito do Rio. E não temos pensado sair do Rio pra morar em outro lugar” –. Justifica a escolha pelo Brasil quando relembra a falta de eletricidade constante em seu país, episódio divulgado pela imprensa como “apagão” elétrico que experenciou – “ter que passar seis horas sem eletricidade”.

O ‘ponto de virada’ de *Nenúfar* no Rio de Janeiro dá-se quando a venezuelana expressa a ressignificação de sua vida, marcada pela:

(i) liberdade geográfica proporcionada pelo trabalho on-line, o que se contrasta com as limitações e incertezas que enfrentava na Venezuela, onde a instabilidade econômica e política restringia suas oportunidades e perspectivas de futuro: “Eu, por eSSemplo, trabalho on-line, meu trabalho é 100%

on-line. Assim, que poderia me movimentar, caso que fosse preciso”.

(ii) apesar dos desafios no refúgio e das dificuldades que enfrenta, ela nutre a esperança em um futuro melhor, e demonstra otimismo e confiança em sua capacidade de construir uma vida digna no Brasil. A possibilidade de ter acesso a serviços básicos, como saúde e educação, e de planejar um futuro financeiro mais estável (linhas 793-798), representa um horizonte de esperança que contrasta com o cenário de desesperança e incerteza que a motivou a deixar a Venezuela.

(iii) a rejeição à possibilidade de retornar à Venezuela (“É: , voltar pra Venezuela não está dentro das nossas alternativas”) evidencia o quanto profunda foi a resignificação da vida de Nenúfar no Rio. Apesar do amor por seu país de origem, ela reconhece que a situação atual, lá, é insustentável e que o Rio se tornou seu verdadeiro lar. Essa decisão demonstra um forte apego à cidade e à vida que construiu no Brasil.

Apesar das perdas e dos desafios enfrentados, ela conseguiu se reinventar e construir uma nova vida no Rio de Janeiro.

8.2 Resistências sociais e linguísticas

O Brasil possui uma vasta fronteira linguística em que Português e Espanhol vivem em contato há séculos. Da Venezuela ao Uruguai são milhares de quilômetros de fronteira do Brasil com países hispanofalantes, com exceção do Chile e Equador. No entanto, apesar desta considerável variante, o aprendizado do Espanhol pelo brasileiro não tem sua relevância na escolha da língua estrangeira a estudar durante o ciclo básico. A não oferta da Língua Espanhola na grade curricular da educação básica corrobora também para o desprestígio linguístico. A Lei nº11.161, de 05 de agosto de 2005, dispunha – após muitas “idas” e “vindas” sociopolíticas e educacionais do século XX para o XXI – da obrigatoriedade da oferta da Língua Espanhola na grade curricular da Educação Básica brasileira, uma vitória alcançada após vários governos, ideologias, crises. Infelizmente esta foi revogada pela Lei nº13.415, de 16 de fevereiro de 2017, a qual, além de outros dispositivos, tornou obrigatória APENAS a oferta da Língua Inglesa nos currículos dos Ensinos

Fundamental e Médio deste país, um retrocesso após um legado alcançado, especialmente, pelos professores de Espanhol, nos últimos 20 anos⁶¹.

O não saber Português, segundo as entrevistadas, é um dos entraves para a inserção na sociedade brasileira. Ao longo das entrevistas, verificam-se momentos em que o desconhecimento do idioma trouxe tensões, situações incômodas, preconceito e a constatação de seu não-lugar social.

Excerto 50:

Jade	1326	Foi, foi, no início foi, obviamente o meu
	1327	sotaque é algo que eu <i>no</i> vou a perder nunca,
	1328	né? <i>No</i> tem nem como, porque tem palavras que
	1329	para mim ainda são difíceis, por exemplo,
	1330	la "r", eu vou errar sempre, porque para mim
	1331	é difícil essa letra, vocês arrastam la
	1332	língua desde la garganta, <i>no</i> sei que, como
	1333	é. Mas foi, porque <i>no</i> sé se és vontade das
	1334	peessoas de querer ajudar, né, nesse sentido,
	1335	as pessoas que <i>no</i> falam português, à vezes
	1336	um pouco de preguiça, por parte das pessoas
	1337	tentar nos entender, né, porque eu <i>misma</i>
	1338	falando português, falam que <i>no</i> me entendem,
	1339	ai eu já <i>deduzco</i> que é por <i>ruindad</i> mesmo,
	1340	mas no início foi, foi sim, muito. Saía com
	1341	dor de cabeça, dor de boca, língua,
	1342	garganta, foi muito.

Jade revela sua dificuldade em aprender Português em: "porque tem palavras que para mim ainda são difíceis, por exemplo, o r, eu vou errar sempre". Para ela, além da dificuldade encontrada em aprender o idioma, o desconhecimento da língua trouxe uma constatação: o não-acolhimento linguístico por parte dos brasileiros: "porque não sente vontade das pessoas de querer ajudar nesse sentido". Sua percepção do outro – os brasileiros – para as pessoas que, como ela – refugiadas venezuelanas – não falam Português, remetia a emoções negativas: "porque eu mesma falando português, falam que não me entendem, ai eu já deduzo que é por ruindade mesmo".

⁶¹ CASTELANO RODRIGUES, F. S. C.; COSTA, E. G. M. ; FREITAS, L. M. A.. A implantação do Espanhol na escola brasileira: polêmica e desafios. **Linguagem** (São Paulo), v.10, 2009. Não paginado. Disponível em: <<https://www.professores.uff.br/lucianafreitas/wp-content/uploads/sites/153/2020/10/2009-Linguagem.pdf>>. Acesso em 30 jan.2024.

É necessário apontar que a Língua Portuguesa não é a única língua falada no território brasileiro. O Brasil é um território plurilíngue, pois há (i) um incontável número de línguas faladas pelos povos originários deste continente; (ii) as línguas utilizadas em regiões de fronteira – o Portunhol –; (iii) a LIBRAS; (iv) as línguas trazidas pelos imigrantes no século XX (v) as também deslocadas pelos e com os refugiados, fatores que não são apontados nas estatísticas e números oficiais até então publicados.

A proximidade e similaridade comumente apontadas entre Português e Espanhol não “facilitam” o aprendizado dessas línguas por brasileiros (ao aprender Espanhol) nem por hispanofalantes (ao aprender Português). Existem muitas semelhanças entre as duas línguas e em todos os níveis: lexical, morfológico, sintático, semântico e fonético-fonológico (Andrade Neta, 2000)⁶². Sobre idiomas da mesma origem, Almeida Filho (1995, p.14) já apontara para as dificuldades no ensino para ambos os falantes dessas línguas:

“Para aqueles que ensinam Português para falantes de Espanhol as duas línguas são tidas como irmãs, da mesma família lingüística, a das neolatinas. Ambas têm um tronco comum, o Latim, e uma história evolutiva paralela, a da popularização diaspórica do idioma latino clássico na península ibérica e de lá para as Américas, África e Ásia. Essa proximidade pela ascendência é um primeiro dado que nos permite concluir que algo no fundo (ou no passado) aproxima lingüisticamente falantes de Português e Espanhol. De fato, dentre as línguas românicas o Português e o Espanhol são as que mantêm maior afinidade entre si”.

No entanto, se por um lado as ‘afinidades’ fazem com que os falantes do Português (ou do Espanhol) “avancem mais rapidamente” no processo de aprendizagem dessas línguas, por outro, o Portunhol se instaura como um “progresso” quando o falante assume essa variante para se comunicar. Uma falsa transparência entre línguas “hermanas”.

A crença em relação à (falsa) semelhança é trazida na entrevista por *Nenúfar*, revelando que o mesmo é compartilhado e difundido por hispanofalantes.

⁶² ANDRADE NETA, Nair Floresta. Aprender español es fácil porque hablo portugués: ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español. **Cuadernos Cervantes de la Lengua Española**. 29, 46-55, 2000. Disponível em: <http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html>. Acesso em 25 set. 2024.

Excerto 51:

Nenúfar	1205	Desde o momento que a gente chegou,
	1206	porque::, é::, a gente, assim, a gente
	1207	chegou, a gente tava meio que:: perdido
	1208	assim não sei muito o que quer faSSer. E aí
	1209	a gente viu que não compreendia nada.
	1210	Quando chegamos... Porque, assim, toda
	1211	pessoa que... Eu falo, eu penso, meu
	1212	pensamento. Toda pessoa que fala espanhol
	1213	acha que sabe falar por- vai conseguir
	1214	fácil falar português e toda pessoa que
	1215	sabe falar português acha que vai conseguir
	1216	fácil falar espanhol.

Nenúfar revela que, como falante de espanhol, ao se deparar com o português, ideologias linguísticas (Blommaert, 2014) pré-existentes moldaram suas expectativas de comunicação no Brasil: “a gente chegou, a gente tava meio que:: perdido assim não sei muito o que quer faSSer. E aí a gente viu que não compreendia nada”. A narrativa de *Nenúfar* exemplifica como a crença que a similaridade entre espanhol e português a levaram a suposições equivocadas sobre a facilidade de compreensão: “Toda pessoa que fala espanhol acha que sabe falar por- vai conseguir fácil falar português”, e, em consequência, de comunicação, demonstrando que ideias e percepções sobre línguas influenciam diretamente as práticas comunicativas. A entrevistada surpreende-se ao perceber a dificuldade de entender o português, mesmo sendo falante de espanhol, o que indica uma reflexão sobre as expectativas iniciais e a realidade da comunicação.

Bamberg & Georgakopoulou (2008, p.379) revelam que “a sociolinguística há muito usa conceitos como estereótipos ou atitudes para caracterizar crenças socioculturais sobre línguas e seus falantes”. Para os autores, as narrativas, especialmente as pequenas histórias, evidenciam a fluidez e a natureza negociada da identidade, sugerindo que as experiências reais podem desempenhar um papel na (re)configuração das identidades linguísticas e culturais dos indivíduos. *Nenúfar* sinaliza que sua suposição, a de que falantes de espanhol entenderiam facilmente português, pode estar ligada a uma identidade linguística e cultural mais ampla, que se desestabilizou diante de sua experiência real.

A seguir, sua afirmação expõe que essa crença é compartilhada por ela, embora seja importante ressaltar que, apesar das semelhanças, existem também

diferenças e particularidades importantes entre as duas línguas que não se deve desconsiderar por hispanofalantes e falantes de Português o que, mais a frente, desconstrói-se quando ela revela sua percepção quanto ao aprendizado do Português:

Excerto 52:

Nenúfar	1218	Então a gente, como todo mundo, pensou:
	1219	"Sim, é muito fácil, <i>compartimos</i> 89% da
	1220	origem das palavras, temos 89% das mesmas
	1221	palavras". O que que... Por favor.
	1222	((risos)) Só chegar... A gente achava que o
	1223	que falam aqui era chinês.

Essa narrativa ilustra como a proximidade entre o espanhol e o português pode gerar uma falsa sensação de familiaridade. Embora as línguas compartilhem semelhanças, há diferenças significativas que podem dificultar a compreensão para um falante de espanhol iniciante em português. A experiência da falante aponta para que, mesmo entre línguas “aparentadas”, o aprendizado e a comunicação da língua-alvo exigem esforço e dedicação. A expectativa inicial de facilidade contrasta com a surpresa e o humor da situação real, ilustrando a importância de perceber essas diferenças e disposição para aprender a língua-alvo. Não falar Português revela também um desconforto não só na comunicação, mas também na não inserção e não continuidade no mercado laboral brasileiro devido a esse entrave linguístico. Isto também é sinalizado por *Rosa*:

Excerto 53:

Rosa	108	<i>Y::, Y::, ficou a menina, que trabalhaBa</i>
	109	<i>menos para ele, e também ele às vezes até</i>
	110	<i>reclamava muito de meu português: "Quando</i>
	111	<i>você vai aprender a falar português?". Eu me</i>
	112	<i>achava, assim, um pouco assim, sabe? "Quando</i>
	113	<i>você vai consertar essa documentaSSÓN?".</i>
	114	<i>Acho que ni precisaBa realmente. Eu tive até</i>
	115	<i>oportunidadI de trabalhar nos Estados</i>
	116	<i>Unidos, na minha área de construção. Y eles</i>
	117	<i>nunca reclamaram para mim coisa de ter,</i>
	118	<i>tiver, é, de ter algum sotaque. Porque sempre</i>
	119	<i>a gente vai ter algum sotaque, tá? Quando no</i>
120	<i>é a língua materna.</i>	

Rosa aponta, não só neste, mas em outros momentos de sua entrevista, que seu “sotaque” sempre estará presente, pois “não é a língua materna”. Para ela, isto não seria um impedimento para trabalhar em sua área – construção civil –, o que revela sua percepção de um preconceito linguístico que mantém sua invisibilidade, seu não lugar na sociedade brasileira. Para ACNUR – Brasil, 2021, p.6⁶³: “a proficiência em português também é fator que amplia as chances de autossuficiência. Quem fala o idioma tem chance 5,2 vezes maior que os que não falam de planejar o seu futuro no curto e médio prazo”.

Rosa também acredita que a questão da idade é um fator negativo para aprender outro idioma:

Excerto 54:

Rosa	569	<i>Eso é, eles têm muitos pontos a faBor</i>
	570	<i>deles, agÔra, tendo, sabe, desde criança</i>
	571	<i>essa língua. AgÔra eu, eu não vou ter nunca</i>
	572	<i>as melhores palavras. Eu sou, eu sei que</i>
	573	<i>tenho erros que às veSSes a gente, "De onde</i>
	574	<i>que você é?". "Eu sou da BeneSSuela". "Você</i>
	575	<i>é da Argentina?". "No, eu sou</i>
	576	<i>BeneSSuelana". Então, sim, eu não vou</i>
	577	<i>perder o meu sotaque, mas eu acho que dá</i>
	578	<i>pra entender, dá pra entender. Y é uma</i>
	579	<i>língua que eu me sinto muito cômoda</i>
	580	<i>falando. É uma coiSSa, así, que, ah, eu</i>
	581	<i>fico así como, não tem erro, eu consigo</i>
	582	<i>sempre, eu vejo minhas(), minhas filmes.</i>

Rosa evidencia dois desafios interligados em sua experiência de adaptação ao Brasil: o entrave linguístico e o etarismo:

(i) o entrave linguístico – *Rosa* reconhece a vantagem dos brasileiros que cresceram com a língua portuguesa, demonstrando uma percepção clara da distância entre sua proficiência e a de um nativo. Porém, demonstra insegurança em relação à sua capacidade de se expressar, temendo ser julgada ou incompreendida, afinal, seu sotaque pode causar desconforto ao atrair atenção indesejada ou até preconceito linguístico.

(ii) o etarismo – a dificuldade de aprendizado presente em: “AgÔra eu,

⁶³ “Autonomia e integração local de refugiados(as) e migrantes venezuelanos(as) acolhidos(as) nos abrigos em Boa Vista (RR)”, publicação de ACNUR – Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/07/relatorio-operacao_acolhida-Final.pdf>. Acesso em 28 set. 2024.

eu não vou ter nunca as melhores palavras”, sugere a crença de que a idade adulta dificulta a aquisição plena de uma nova língua, reforçando um estereótipo sobre a capacidade de aprendizado em diferentes fases da vida.

A narrativa de *Rosa* evidencia como o entrave linguístico e o etarismo podem se combinar para criar desafios adicionais para refugiados adultos. A insegurança linguística, somada à crença de que a idade limita o aprendizado, pode afetar a autoestima e a confiança da refugiada em sua jornada de integração local. No entanto, sua determinação em se comunicar e se adaptar à nova cultura demonstra a capacidade de superação e resiliência diante das adversidades.

As entrevistadas revelaram suas resistências sociais e linguísticas ao longo de todas as entrevistas. Essas mulheres, apesar de suas qualificações profissionais e acadêmicas, depararam-se com obstáculos significativos em sua busca por reconhecimento e integração na sociedade brasileira. A barreira linguística, como mencionado, emerge como um desafio central, dificultando a comunicação, a busca por emprego e o estabelecimento de relações sociais. *Orquídea*, por exemplo, expressa a frustração de ser obrigada a aprender um novo idioma em um momento de grande vulnerabilidade emocional (excertos 22 e 23). A dificuldade em se expressar e ser compreendida impacta diretamente em sua autoestima e sua capacidade de se inserir no mercado de trabalho. Além disso, as refugiadas enfrentam resistências sociais, como a xenofobia e a desvalorização de suas qualificações profissionais. Essas impõem às refugiadas venezuelanas a necessidade de se reinventar e resistir, buscando alternativas para superar os obstáculos e construir uma nova vida no Brasil. A resiliência, a força e a determinação dessas mulheres emergem como características marcantes em suas narrativas, evidenciando sua capacidade de adaptação e superação diante das adversidades. A busca por emprego é permeada por preconceitos e estereótipos, que muitas vezes as relegam a trabalhos informais e precários, distantes de suas áreas de formação. No entanto, é fundamental que a sociedade brasileira reconheça e valorize suas qualificações e experiências, oferecendo oportunidades para que elas possam exercer suas profissões e contribuir para o desenvolvimento do país. Portanto, a promoção de políticas públicas de inclusão e o combate à xenofobia são essenciais para garantir que essas mulheres possam reconstruir suas vidas com dignidade e respeito.

9. As ‘R’ sementes: Respeitar, Resistir e Resignificar – mulheres, refúgio e acolhimento

“a única forma que a Yente tem de viver aqui é se reinventar” (Orquídea, linhas 659-661).

Ao conhecer as flores venezuelanas: *Girassol, Jade, Nenúfar, Orquídea, Rosa e Tulipa*, não imaginara o quanto suas sementes modificariam minha vida. Mal sabiam que, ao se tornarem minhas alunas, ensinariam mais a mim que eu a elas. As seis resistiram às lágrimas do refúgio. Seus sorrisos não se esconderam diante de tantas adversidades que enfrentaram. Resignificaram suas vidas, nossas vidas.

Como professora atenta às histórias dos alunos, especialmente as de vida, considero que esse partilhar de experiências é um dos momentos mais especiais e intrigantes na rotina de uma sala de aula. Quando se percebe que os relatos pessoais podem levar o grupo a uma reflexão coletiva sobre o eu, o outro e o mundo – tema oportuno e recorrente em aulas de línguas estrangeiras – desmistificamos pessoas, lugares e acontecimentos de forma a contribuir para a construção de uma visão mais acolhedora do lugar em que estamos inseridos. As histórias de vida expressam nosso sentido de ser, nosso senso de identidade; quem somos e como chegamos onde (a esse ponto em que) estamos (Linde, 1993). Contar, ouvir e/ou ler histórias de vida nos aproxima das pessoas e de suas identidades enquanto (i) performance social (Goffman, 1985), (ii) fluidas e em constante reconstrução (Bauman, 2005) e (iii) múltiplas (Hall, 2006), o que atesta nosso pertencimento a grupos e nos caracteriza como seres sociais (Linde, 1993, p.03; 219).

Como mulher, brasileira, carioca, professora e, ainda, como cidadã brasileira convivendo com refugiados, especialmente: mulheres, venezuelanas, com ou sem escolarização, me questionava: e se fosse eu a estar: noutro país, cidade, em processo de apagamento de minha identidade profissional? Será que as ‘R’ sementes também germinariam em mim? Este questionamento me incitou a buscar inteligibilidades sobre o *boom* do refúgio venezuelano no Brasil e das causas

que impulsionaram a saída de milhões de pessoas da Venezuela (estima-se, 25% de sua população⁶⁴).

Nas duas últimas décadas, causas múltiplas e multifacetadas impulsionaram, de forma exponencial, o deslocamento de pessoas no mundo, acentuando o papel do Brasil como uma das escolhas por pessoas deslocadas, especialmente nas migrações sul-sul⁶⁵ (Baeninger, 2018; Jarochinski-Silva & Baeninger). Nesse espaço, o número de mulheres deslocadas tem crescido, acarretando uma progressiva feminização do refúgio (cf. cap.5).

No Rio de Janeiro, ao conviver com refugiadas venezuelanas, nossa relação tornou-se cada dia mais estreita e, como pesquisadora, meu olhar foi se ressignificando, já que a chegada de venezuelanos em situação de refúgio alterou o perfil dos atores vivos e convivem no meio social do qual também faço parte.

Todas as semanas novos alunos somavam-se às turmas. O PARES Caritas-RJ recebe pessoas em busca de assistências todos os dias, assim, naturalmente, novos rostos surgiam, novos interesses por aprender logo o Português, novas histórias de alunos de diversas nacionalidades, o que contribuía ainda mais para eu conceber também a alteridade, isto é, a relação do eu com o(s) outro(s) (Skliar, 2003; Lessa, 2004).

As flores entrevistadas se posicionavam – dentro e fora da sala de aula – como *profesionales venezolanas*, legitimando: seu grau de instrução (suas formações acadêmicas), suas práticas profissionais, postos laborais de prestígio e o reconhecimento social que tinham em seu país natal. Os muitos estigmas (Goffman, 1988) atribuídos a refugiados, apontados pelas entrevistadas, revelaram percepções cruéis pertinentes às suas identidades sociais (Moita Lopes, 2001; 2021) enquanto mulheres, latino-americanas, venezuelanas, com status de refugiadas no Brasil:

(i) de que não possuem formação acadêmica e/ou que suas formações não são validadas socialmente, inclusive pelas instituições de ensino superior do Brasil, devido ao processo longo e burocrático para reconhecimento de diplomas de refugiados.

⁶⁴ Dados informados por países que estão acolhendo esse fluxo. Devido ao total controle de Nicolás Maduro das instituições no país (inclusive do judiciário), não se sabe o número oficial de venezuelanos que deixaram o país. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/venezuela/>>. Acesso em 28 set. 2024.

⁶⁵ As migrações Sul-Sul transcorrem entre e em direção aos países localizados, em sua maioria, no hemisfério sul do globo.

(ii) que os postos de trabalho disponíveis se dirigiam a funções que muito as distanciava das exercidas enquanto viviam na Venezuela (excertos 40 a 42);

(iii) que o não conhecimento do Português as prejudicava em relação à impossibilidade (ou dificuldade) de interagir, assim como o uso linguístico do Português em práticas comunicativas com brasileiros (não falantes de Espanhol) ser um entrave para se integrarem à sociedade local.

As narrativas apontam para uma contínua resignificação da vida dessas mulheres, pois a necessidade da sobrevivência impele às refugiadas a trabalhar no que a sociedade lhe oferecer. As redes de assistência e acolhimento (formais e/ou informais) oferecem o suporte para essa organização nesse novo lugar o que, consequentemente, transforma o ambiente em que se estabelecem e novas comunidades passam a surgir. Suas dores – dos sofrimentos na Venezuela, dos lutos no refúgio, do duro recomeço no Rio de Janeiro – revelam-se não cicatrizadas, todavia. No entanto, essas flores me revelaram que saíram do lugar da impotência, da falta, da carência para resignificarem suas vidas e a dos seus. A ‘virada de chave’ dá-se quando respeitam, resistem e resignificam vidas em constante travessia, não apenas as delas, mas as de quem tem o privilégio de compartilhar seus laços de afeto.

10. Considerações Finais

Estrangeiro

No jornal do bairro do Raval, em Barcelona, a mão anônima escreveu:

– Teu deus é judeu, tua música é negra, teu carro é japonês, tua pizza é italiana, teu gás é argelino, teu café é brasileiro, tua democracia é grega, teus números são árabes, tuas letras são latinas.

Eu sou teu vizinho. E tu dizes que o estrangeiro sou eu?

O caçador de histórias

Eduardo Galeano

Em um mundo cada vez mais “conectado”, a noção de “estrangeiro” se torna paradoxal, já que, nessa “trama”, “fios” sociais, culturais, identitários se entrelaçam em uma “tapeçaria global” sugerindo o questionamento: *afinal, quem é o verdadeiro estrangeiro?* Essa pergunta nos impele a refletir sobre o boom do refúgio venezuelano no Brasil nos últimos anos, assim como as motivações que levaram nacionais da Venezuela a deixarem o país, o porquê da escolha pelo Brasil e como resignificaram suas vidas na sociedade brasileira.

O convívio com refugiados me trouxe novos entendimentos sobre a temática refúgio-migração e os efeitos causados nos que vivem o refúgio, nas famílias separadas (também) à força, na sociedade não-preparada para acolher esse público, na falta de instrumentos de proteção, entre tantos outros que atravessam minha vida desde 2018, especialmente quando conheci *Nenúfar*, numa roda de conversa sobre ‘refúgio venezuelano’. Sua história de vida, contada por ela e o marido, me impactou emocionalmente e me trouxe inquietações sobre como ela conseguiu passar por tantas perdas: família, status social, profissão, trabalho... e, ainda, revelar esperança num futuro tendo que, como ela mesma disse, “nascer de novo” (linha 50), pois “aqui não sou ninguém” (linha 47).

Ordenando as motivações que levaram a essa investigação, percebo que houve uma cronologia de fatos que resultaram na “bricolagem” (Denzin & Lincoln, 2006) desta tese, efeito do êxodo venezuelano no Brasil e seus impactos no Rio de Janeiro: (i) a crescente veiculação e propagação do tema pelos meios de comunicação do país; (ii) o protagonismo da cidade de Pacaraima em notícias sobre o tema; (iii) a culminância de eventos culturais e acadêmicos no Rio de Janeiro,

trazendo o tema à sociedade através de seminários, palestras, rodas de conversa, exposições, entre outros eventos.

Além do êxodo venezuelano, acentuado em 2017 no país, crescem conflitos, guerras em todo o mundo, especialmente no hemisfério sul. Dessa forma o número de pessoas deslocadas aumenta exponencialmente nessa “tapeçaria global”. Em agosto de 2017, o trio “Tribalistas”, composto pelos músicos Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, lança a canção “Diáspora”. Em abril de 2019, a TV Globo lança a telenovela “Órfãos da Terra”, cujo roteiro trazia para a ficção a história de uma refugiada síria, que chega ao Brasil com sua família e recomeça sua história após sofrer os efeitos da guerra em seu país natal, em seu próprio núcleo familiar.

Crise do refúgio, deslocamentos forçados e êxodo venezuelano são termos que passam a fazer parte dos vários meios de comunicação, trazendo a temática para a observação e reflexão da sociedade. O resultado das notícias é sinalizado nas aulas de Português para refugiados do PARES Caritas-RJ, quando a partir de 2017, chega ao projeto um número cada dia maior de pessoas em situação de refúgio, buscando, além de outras assistências, aulas de Português.

Minha trajetória no projeto inicia-se em agosto de 2018, quando passo a integrar o voluntariado, atuando como professora de Português para refugiados hispanofalantes, sendo os venezuelanos o maior público assistido. O êxodo venezuelano ecoa subjetivamente e com particular intensidade, quando percebo, em sala de aula, o grande número de alunas venezuelanas nessa condição: refugiadas no Brasil. Mulheres que, apesar da proximidade geográfica e cultural, se veem forçadas a cruzar fronteiras, especialmente com seus países lindantes: Colômbia e Brasil. A jornada dessas refugiadas é marcada por desafios, persistências e esperanças e me colocou diante de um espelho que me levou a questionar: e se fosse com meu país? Escutar, partilhar e conhecer as histórias de vida dessas flores, como a de *Nenúfar*, a primeira que ouvi, me propiciaram uma reflexão sensível sobre meu papel numa sociedade marcada pela incerteza, fragilidade e fluidez da modernidade líquida (Bauman, 2003; 2005; 2011).

A pós-modernidade, com sua ênfase na fragmentação, na subjetividade e na multiplicidade de perspectivas, trouxe novos desafios e possibilidades para os estudos da narrativa, questionando a noção de uma verdade única e objetiva, bem como explorando a fluidez das identidades e a natureza construída da realidade.

Dos estudos labovianos (Labov & Waletzky, 1967; Labov, 1972) às narrativas na pós-modernidade (Moita Lopes, 2021; Bastos & Biar, 2015), evidencia-se a importância dessa forma de expressão na construção de sentido e identidade, tanto individual quanto coletiva. A narrativa nos permite organizar e transmitir nossas experiências, compartilhar nossas visões de mundo e conectar-nos com os outros. Na pós-modernidade, a narrativa se torna ainda mais relevante, pois nos convida a questionar as verdades estabelecidas, a abraçar a diversidade e a construir novas formas de compreensão do mundo.

Ainda com relação a minha experiência com refugiados, percebi a importância da não homogeneização dos deslocados forçados, pois há necessidades e demandas próprias de cada “grupo” ao chegar ao Brasil. A escolha pela temática do refúgio, na perspectiva do país / cidade que o recebe, nos oferece números que categorizam o sujeito refugiado como pertencente a um grupo homogêneo – o de refugiados – e isto corrobora para o apagamento de identidades e uma consequente invisibilidade social.

A pesquisa também oferece *insights* importantes para a área das Ciências Sociais e Humanas, contribuindo para a compreensão dos deslocamentos forçados, das particularidades do refúgio e suas implicações no Brasil, bem como para propostas de políticas públicas, especialmente linguísticas, mais eficazes e inclusivas para refugiados e migrantes.

Trazer a este estudo mulheres, refugiadas e venezuelanas oferece à academia e, conseqüentemente, à sociedade em que me insiro, os conflitos, situações e necessidades inerentes a um público com necessidades urgentes inerentes a esse grupo. Múltiplas são as vulnerabilidades devido a sua condição de refugiadas, mulheres, latino-americanas, não-falantes do Português. Este recorte proporciona reflexões sobre a feminização do refúgio no Brasil e sobre a necessidade de se fomentar mais pesquisas e políticas públicas que acolham mulheres nesta condição. A migração pode ser tanto um espaço de empoderamento quanto de subordinação para as mulheres. Marinucci (2007, p. 16 - 20) constata que a migração feminina traz desafios como a desintegração familiar, a vulnerabilidade a abusos e a discriminação de toda ordem. No entanto, também oferece oportunidades de autonomia, independência financeira e transformação das relações de gênero. A ‘feminização da migração’ destaca, portanto, a necessidade de políticas públicas

que apoiem as mulheres migrantes e que promovam seus direitos, reconhecendo seu papel ativo nas mudanças sociais.

As contribuições do estudo para o tema incluem a compreensão das condições assimétricas enfrentadas pelas mulheres venezuelanas refugiadas, a urgência de políticas públicas voltadas para o acolhimento e a reinserção social dessas pessoas, além da necessidade de reflexão sobre a temática migratória e de refúgio na sociedade brasileira.

Marcar, além do gênero, a formação acadêmica dessas mulheres contribui para questionar sobre o apagamento da identidade profissional de refugiados e a burocratização dos processos para legalização de diplomas emitidos fora do Brasil.

Os resultados da análise das entrevistas indicam que a principal razão de deslocamento do país de origem é, sobretudo, de ordem social, econômica e política, devido à crise humanitária e à violação dos direitos humanos na qual os venezuelanos se encontram. Todavia, ocorre, na travessia, nos deslocamentos no Brasil e na chegada ao Rio de Janeiro, a ressignificação de suas vidas, especialmente, no trabalho e na família. O não-lugar e os contínuos recomeços obrigaram as participantes dessa pesquisa a ressignificarem suas vidas, com profundos impactos emocionais e sociais.

As narrativas apontam sofrimentos vivenciados pelas refugiadas, além de sinalizar o doloroso percurso para seu estabelecimento e recomeço no Rio de Janeiro. As participantes também expõem seus problemas, a falta de assistências e de políticas públicas que mulheres em situação de refúgio enfrentam no Brasil. As reflexões sobre o tema abrangem a necessidade de políticas governamentais para acolhimento, garantia de direitos e reinserção social de vidas forçadamente deslocadas, em especial, as mulheres.

Das dificuldades enfrentadas no país de origem aos obstáculos vivenciados no Brasil – travessia, barreira linguística, trabalho informal que em nada se assemelham às suas qualificações acadêmico-profissionais –, essas mulheres trazem em suas histórias de vida (Linde, 1993) o exemplo de como com o “produto de ação social situada, identidades podem mudar e recombinar em novas circunstâncias” (Bucholtz & Hall, 2003, p. 373-376).

A falta de políticas públicas ainda dificulta a inserção na sociedade de acolhida. No entanto, cabe ressaltar que conquistas no âmbito das legislações voltadas a refugiados no Brasil já aconteceram. No entanto, mais ações

governamentais ainda são necessárias, como a oferta de políticas linguísticas dirigidas a refugiados, em especial:

- (i) oferta de intérpretes e mediadores culturais em regiões de fronteira e em ambientes de trânsito – rodoviárias, aeroportos, centros de assistências... – de pessoas em situação de refúgio não falantes do Português. Passados cinco anos, são as organizações religiosas e/ou ONGs, todavia, as referências de assistências a este público. A urgência de intérpretes comunitários ameniza os entraves comunicativos que este grupo encontra. Preencher essa lacuna garante um direito linguístico fundamental: o de falar e ser compreendido.
- (ii) maior oferta de tradutores públicos, isenção de taxas notariais e celeridade na tradução de documentos, em virtude da urgência que este público demanda;
- (iii) conselhos/comissões de professores que se dirijam à desburocratização dos processos de revalidação de diplomas trazidos por refugiados com formação universitária.

Passados os anos, desde o início de meu contato e convívio com refugiados, em especial, com mulheres venezuelanas, colombianas, cubanas, argentinas, entre outras do continente americano, me senti honrada por terem compartilhado suas histórias de vida, as particularidades de cada família (de suas culturas), suas alegrias – mais que tristezas – o que me permitiu fazer parte de suas vidas. Com isso, percebo que o recontar suas histórias deu à temática “refúgio” a relevância que impulsionou esta pesquisa e, que, certamente, impulsionará muitas outras.

Referências bibliográficas

ACHOTEGUI, Joseba. **Los siete duelos de la migración y la interculturalidad**. Barcelona: NED Ediciones, 2022. E-book (304p.) ISBN: 978-84-18273-61-2.

ALMADA, Izaías. **Venezuela – povo e forças armadas**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2007.

AMARAL, Renata Martins. **“De lagarta a borboleta”:** **Protagonismo de mulheres com câncer de mama em redes sociais**. 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ARANTES, Poliana Coeli C.; DEUSDARÁ, Bruno. Português para refugiados: aliando pragmática e discurso em resposta a uma demanda concreta. **Revista Letrônica** (Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS). Porto Alegre, v.8, n.1, p. 45-59, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/19621/13415>>.

ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. Transcript notation. In: _____ **Structures of social action**. Studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

AZPIROZ, Valneide Luciane. O ensino do Português como língua estrangeira: principais dificuldades enfrentadas pelos hispanofalantes rumo à língua-alvo. In: JÚDICE, Norimar; PINTO, Paulo Feytor (coord.). **Para acabar de vez com Tordesilhas**. Lisboa: Ed. Colibri, p.129-140, 1998.

BAENINGER, Rosana et al. **Migrações Sul-Sul**. 2a.ed., Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquió" NEPO/Unicamp, 2018.

BALESTRO, Ana C.; PEREIRA, Telma C. de A. S.. Língua e Cultura na Feminização das Migrações no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, maio/ago., p.779-794, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/hMc8PkNXVwbsg9kGDq79Ngw/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small Stories as a New Perspective in Narrative and Identity Analysis. **Text & Talk – An Interdisciplinary Journal of Language Discourse Communication Studies** 28(3), p. 377-396, 2008.

BASTOS, Liliana C.; BIAR, Liana de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, n.31, especial, p.97-126, 2015. Disponível

em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22221>>. Acesso em: 17 set. 2018.

BAUMAN, Richard. **Story, Performance and Event: Contextual Studies of Oral Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **COMUNIDADE** – A busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

_____. **ESTRANHOS À NOSSA PORTA**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2017.

_____. **IDENTIDADE** – Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

_____. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2011.

BAYNHAM, Mike; DE FINA, Anna. **Dislocations / relocations: narratives of displacement**. Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Pub., 2005.

BLANCO-HERRERO, D. ; ARCILA CALDERÓN, C.. O panorama midiático na Venezuela: censura, confronto e crise. **Lumina** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora). Juiz de Fora. [S. 1.], v. 13, n. 2, p. 73–84, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/27739>>. Acesso em: 17 maio 2024.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (org.). **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola, p. 91-116, 2008.

_____. Ideologias linguísticas e poder. Tradução de Ive Brunelli. In: SILVA, D. do N. e.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.

BRASIL. Decreto Legislativo nº11, de 07 de julho de 1960 – “Estatuto dos Refugiados”. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1960-1969/decretolegislativo-11-7-julho-1960-349947-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. Lei nº13.445, de 24 de maio de 2017 – “Lei de Migração”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. Lei nº9.474, de 22 de julho de 1997 – “Lei do Refugiado”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19474.htm>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. Resolução CNS nº466, de 12 de dezembro de 2012 – “Conselho Nacional de Ética em Pesquisa”. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 18 out. 2018.

_____. Resolução CNS nº510, de 07 de abril de 2016 – “Ética em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e as demais áreas”. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrative: problems and promises of an alternative paradigm, in: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH (Ed.). **Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2001, p. 39-58.

BRUCE, Mariana. **Estado e democracia nos tempos de Hugo Chávez (1998-2013)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

BRUNER, Jerome **Atos de Significação**. Traduzido por Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: A sociocultural linguistic approach. **Discourse studies**, v. 7, n. 4-5, p.585-614, 2005.

_____. Language and Identity. In: DURANTI, Alessandro (Org.). **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford, Basil Blackwell, p.369-394, 2003.

BULLA, G. da S. et al. IMIGRAÇÃO, REFÚGIO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE ESCOLA PLURILÍNGUE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DE UMA PRÁTICA EDUCACIONAL COM ESTUDANTES HAITIANOS. **Organon** (Revista do Instituto de Letras da UFRGS). Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72346>>. Acesso em: 22 maio 2024.

_____. Migrants at School: A Critical Analysis of Educational Linguistic Policies and Practices in Brazil. In: SEDMAK, Mateja et al. (Org.). **Migrant Children’s Integration and Education in Europe: Approaches, Methodologies and Policies: Approaches, Methodologies and Policies**. Barcelona: Octaedro, 2021. p.265-283. Disponível em: <<https://octaedro.com/wp-content/uploads/2021/04/9788418615375.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2024.

CADERNO GLOBO 16: **Deslocamentos e refúgios**. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A., 2019.

CAMPANHOLO, Bárbara Geromel. **Antes do refúgio: a história não contada da Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro (1976 - 1982)**. Niterói, 2019, 248f. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2019.

CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. **VALENTES: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil**. Ilustrações de Rafaela Villela. 1. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Seguinte, 2022.

CAVALCANTI, Leonardo et al. (Org.). **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UnB), 2017.

COSTA, Débora A. da. **Negociação de Identidades e Formação de Novas Representações Sociais em Narrativas de Migração: uma Proposta Metodológica**. 2018. 280 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

COSTA, Eric; TAÑO, Renata. Ensino de Português como Língua de Acolhimento a imigrantes e refugiados em SP. **Revista CBTECLE**. V.1, n.2, p.75-97, 2017. Disponível em: <<https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/66/54>>.

DE FINA, Anna. Cruzando fronteras: tiempo, espacio y desorientación en la narrativa. **Discurso y Sociedad**. V. 1 (2), p.270-294, 2007. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1\(2\)DeFina.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1(2)DeFina.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Discourse and Identity. VAN-DIJK, T.A.. **Discourse studies: A multidisciplinary introduction**. Vol 2. London: Sage, 263-282, 1998.

_____. **Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse**. (Studies in Narrative, v. 3). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Company, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006 [2003].

DIAS, Fernanda Henriques. **Narrativas de deslocamento de estudantes de intercâmbio no interior de Minas Gerais: construções identitárias de entrelugar sociocultural**. 2011. 300 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n.24, p. 213-225, 2004.

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos. “Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948”. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. 2 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FERREIRA, Luciane C. et al. (Orgs.). **Língua de acolhimento: experiências no Brasil e no mundo**. Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2019.

FERRO, Silvia Lilian; THOMÉ, Thaíse Vieira (Org.). **Mulheres entre Fronteiras**. Olhares interdisciplinares desde o sul. Foz do Iguaçu: EDUNILA (Editora da Universidade da Integração Latino-Americana), 2019.

FRANKHAM, J.; MacRAE, C. “Etnografia”, in: SOMEKH, B.; LEWIN, C. **Teoria e métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. 1 ed., 5 reimpr., Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GARCEZ, P. M.; BULLA, G.S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo: PUC-SP, v. 30, n. 2, p. 257–288, 2014.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985 (impressão 2002).

_____. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988 [1963].

GÓIS, Pedro et.al. Quando o trabalho desaparece: imigrantes em situação de desemprego em Portugal. **Estudos do Observatório da Imigração 55** (Estudos OI; 55). Lisboa: Alto-Comissariado para as Migrações (ACM, IP), 2014.

GOROVITZ, Sabine. A mediação linguística como garantia de direitos no Brasil. **Tradução humanitária e mediação cultural para migrantes e refugiados**. Centro Brasileiro de Estudos da América Latina – CBEAL (Org.). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, p.69-76, 2021. Disponível em: <<https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Tradu%C3%A7%C3%A3o-humanit%C3%A1ria-e-media%C3%A7%C3%A3o-cultural-para-migrantes-e-refugiados.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB), v. 9, n. 2, p. 61-77, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/886>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GUMPERZ, J. C.; GUMPERZ, J. J. Commentary: frames and contexts: another look at the macro-micro link. **International Pragmatics Association**. 21(2), p. 283-286, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ªed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARTWIG, Fátima Bandeira; SILVA, Perpétua Santos. A importância do Português como Língua de Acolhimento na integração de alunos imigrantes e refugiados no Instituto Federal de Brasília – IFB. **Revista da UIIPS** (Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém), v. 5, n. 3, p. 215-226, 2017.

Disponível em: <<http://ojs.ipsantarem.pt/index.php/REVUIIPS>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

JACQUEMET, M.. Introduction to the Special Issue in Honor of John J. Gumperz. The American Anthropological Association. **Journal of Linguistic Anthropology**. Volume 23, Issue 3, p. 113-114, 2014.

JAROCHINSKI-SILVA, José Carlos; BAENINGER, Rosana. O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. **REMHU** (Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana), v. 29, n. 63, p. 123–139, 2021.

JEFFERSON, Gail. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. (ed.). **Conversation Analysis**. Studies from the first generation. Amsterdam: John Benjamins, 2004, p. 13-31.

JUBILUT, Liliana Lyra. Crise de acolhida. **Caderno Globo 16** – Deslocamentos e refúgios. São Paulo: Globo Comunicação e Participações S.A., p. 32-35, 2019.

_____ ; GODOY, Gabriel Gualano (Org.). **Refúgio no Brasil: comentários à lei 9.474/97**. São Paulo: Quartier Latin / ACNUR, 2017.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante Ideal** – O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941 – 1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LABOV, William. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. **Language in the Inner City**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 354-396, 1972.

_____ ; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, p. 12-44, 1967.

LESSA, Giane da S. M. **Lá na América Latina...** um estudo sobre a (re)construção das identidades culturais na sala de aula de Espanhol L.E.. 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Felipe Guaman Poma de Ayala* (séc. XVI): de intérprete a tradutor entre trânsitos e mediações. **Tradução e interpretação comunitária**. Centro Brasileiro de Estudos da América Latina – CBEAL (Org.). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, p.309-320 2022. Disponível em: <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2022/11/CBEAL_pesquisa_I-2021.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LINDE, C. **Life Stories: The Creation of Coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

LIRA, Rosângela Araújo Viana de; LAGO, Matheus Bezerra de Moura; LIRA, Fernanda Isabel Araújo Viana de. Feminização das migrações: a dignidade da mulher venezuelana, migrante e refugiada, e o papel das políticas públicas.

Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades, Salvador, n. 247, mai./ago., p. 322-340, 2019. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/528>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

LODER, Leticia Ludwing. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debate. In: LODER, Letícia Ludwing; JUNG, Neiva Maria (Orgs.). **Fala-em-interação social:** introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, p. 127 - 156, 2008.

MARINUCCI, R. Feminization of migration? **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, [S. l.], v.15, n.29, p. 05 – 22, 2007. Disponível em: <<https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55>>. Acesso em: 8 set. 2024.

MACHADO, Victória F. **Braço forte, Mão amiga:** a migração venezuelana, a Operação Acolhida e a (re)construção da identidade brasileira na fronteira. 2021. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat06910a&AN=puc.231590&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MISHLER, Elliot George. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana C. (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: Mercado de Letras, p. 97-119, 2002.

_____. **Research interviewing: context and narrative.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana C. (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Discursos de Identidades** – discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. **Identidades fragmentadas** – a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Linguística Aplicada na modernidade recente.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em Linguística Aplicada. **Caderno de Letras.** Pelotas: Revista Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPEL, n. 40, p. 11-33, 2021.

_____. **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B.T.; LIMA, C.C.; DANTAS, M.T.L. (Org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001, p. 55-69.

OCHS, E. Constructing social identity: a language socialization perspective. **Research on language and social interaction**. Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

OCHS, E.; JACOBY, S. Co-construction: an introduction. **Research on language and social interaction**, v. 3, n. 28, p. 171-183, 1995.

OLIVEIRA, Gustavo P. F. de. Populismo na Venezuela contemporânea: o autoritarismo nos governos de Chávez e Maduro. In: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Conjuntura internacional**. Belo Horizonte, 08 set. 2021. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2021/09/08/populismo-na-venezuela-contemporanea-o-autoritarismo-nos-governos-de-chavez-e-maduro/>>. Acesso em: 30 maio 2024.

PACHECO, Denise Gomes Leal da Cruz. **Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo**. 2006. Tese. (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PASTORAL DO MIGRANTE & COLETIVO REDE MIGRAÇÃO RIO (Org.). **A presença do migrante no Rio de Janeiro: o olhar das instituições**. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, 2016.

_____. **A presença do migrante no Rio de Janeiro: o olhar dos imigrantes e refugiados**. Rio de Janeiro: Associação Scalabrini a Serviço dos Migrantes, 2017.

PEREIRA, Maria das Graças Dias ; DIAS, Fernanda Henrique. Narrativas de deslocamento de jovens em intercâmbio internacional: construções de identidades nas "fronteiras" em cidades do interior de Minas Gerais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. [S. l.], v. 16, n. 2, p. 92–115, 2015.

_____ ; GARCEZ, Pedro M. (Org. e eds.). **Palavra 8**, Rio de Janeiro, Trarepa, 2002.

_____ ; LIMA, Rosania de Almeida de; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro. Experiências de migração: construções identitárias e ressignificação de ‘sonhos’ em narrativas de um porteiro nordestino no Rio de Janeiro. In: BASTOS, Liliana C.; SANTOS, William S. dos. (Org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, p. 159-198, 2013.

_____ ; SANTOS, Fábio Mendes. Narrativas de deslocamento e evidencialidade: construções de entrelugar de um emigrante mineiro de retorno dos Estados Unidos. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa R.P.; PEREIRA, Tânia C. (Org.). **Discursos socioculturais em interação**: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração. Rio de Janeiro: Garamond, p. 133-171, 2009.

PEREIRA MARQUES, Rosane. Escritas Migrantes e Escritas Refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora. **Caminhos da Educação**: diálogos culturas e diversidades, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 20-30, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2370>>. Acesso em: 30 mai. 2024.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos. **Pós-Graduação PUC-Rio: normas para apresentação de teses e dissertações** / Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; [supervisão: Bergmann, José Ricardo; organização e redação: Souza, Anlene Gomes de]. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, 2001.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto; e ALMEIDA, Guilherme Assis de (Org.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CL-A, Cultural, 2011. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/60-anos-de-ACNUR_Perspectivas-de-futuro_ACNUR-USP-UNISANTOS-2011.pdf#page=131>. Acesso em: 24 jan. 2022.

RIBEIRO, Branca. T.; GARCEZ Pedro M.; (Org.). **Sociolinguística Interacional**. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2013.

RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio, “O futuro do refúgio no Brasil e seu papel no cenário humanitário”, in: BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (Org.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010: pp.134-149.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições, Almedina S.A., 2020. Disponível em: <https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SCHIFFRIN, D. "Intonation and transcription conventions", in: **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1987, pp.ix-x.

_____. “Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity”, in: **Language in Society**, 25, pp. 167–203, 1996.

SCHWINN, Simone Andrea. **Feminização das migrações internacionais e luta pelo reconhecimento como garantia da igualdade de gênero e direitos humanos**

das mulheres refugiadas no Brasil: contribuições da teoria de Axel Honneth. 2019. 266 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Direito. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

SILVA, F. C. A. D.; SOUSA, E. M. A Migração Venezuelana e o Aumento da Pobreza em Roraima. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 105–119, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/855>>. Acesso em: 30 maio. 2024.

SILVA, Flávio Túlio Ribeiro. **A política de estado sobre os recursos do petróleo** – o caso venezuelano. São Paulo: Pillares, 2016.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Tradução de Giane da Silva Mariano Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Fabricio Toledo de. **A crise do refúgio e o refugiado como crise**. 2016. 204 f. Tese. (Doutorado) – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

STURZA, Eliana Rosa. Fronteiras e Práticas Lingüísticas: Um Olhar Sobre o Portunhol. In: **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, v. 2, n. 1 (3), p. 151 – 160. 2004.

_____. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**. Niterói, v. 24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr. 2019.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. 2nd. ed., Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2007. E-book. 245p. ISBN-13: 978-0-521-68896-3.

UNHCR – ACNUR (United Nations High Commissioner for Refugees – Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados). **Necesidades críticas en las Américas**. Agosto, 2023. Disponível em: <<https://www.acnur.org/publicaciones/acnur-necesidades-criticas-en-las-americas>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees). **MID-YEAR TRENDS (2023)**. Outubro, 2023. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/mid-year-trends-report-2023>>. Acesso 18 maio 2024.

VIEIRA, Amitza T.; OLIVEIRA, Maria do Carmo L. de. A dimensão avaliativa das opiniões na fala argumentativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa R.P.; PEREIRA, Tânia C. (org.). **Discursos socioculturais em interação: Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 425-455.

VIVAS, Michele Abreu. **“Literatura Mulherzinha”**: a construção de feminilidades nas tirinhas da série Mulheres Alteradas de Maitena. 2006. 169 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

WORTHAM, Stanton Emerson Fisher. **Narratives in action**: a strategy for research and analysis / Stanton Wortham; foreword by Kenneth J. Gergen. New York: Teachers College, Columbia University, 2001.

_____ et al. **Migration narratives**: diverging stories in schools, churches, and civic institutions. London; New York: Bloomsbury Academic, 2020.

Anexos

Anexo I

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em Português

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – em Português –



Título do Projeto: “Flores em travessia: ressignificações identitárias de entre-lugar(es) em narrativas de refugiadas venezuelanas no Rio de Janeiro”.
Pesquisadora do projeto: Michele Abreu Vivas / Doutoranda em Estudos de Linguagem
Contato telefônico: (21)99919-1526
E-mail: vivas.michele@gmail.com

Pesquisadora orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)
Contato telefônico: (21)99769-0377
E-mail: mgdnpereira@terra.com.br
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL).

Estimada XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX,

Por meio deste documento, formalizo o convite para sua participação na minha pesquisa de doutorado, fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹ e intitulada “Flores em travessia: ressignificações identitárias de entre-lugar(es) em narrativas de refugiadas venezuelanas no Rio de Janeiro”.

Este documento explica o que é e quais são os objetivos da minha pesquisa. Sua participação é voluntária, ou seja, você pode escolher se quer ou não participar. Caso você aceite, também pode interromper sua participação e pedir a anulação de seus dados a qualquer momento.

A pesquisa será desenvolvida por mim, Michele Abreu Vivas, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e a minha orientadora da pesquisa é a professora Dra. Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio).

Esta pesquisa tem como objetivo principal observar como, em entrevistas individuais e coletivas, surgem narrativas de venezuelanas em situação de refúgio no Rio de Janeiro. Assim, pretendo sinalizar o que as refugiadas revelam em suas histórias de vida quando culturas diferentes se encontram. Dessa forma, as ressignificações identitárias em narrativas de travessia serão importantes para indicar entre-lugar(es) quando as entrevistadas contam suas histórias de travessias.

A proposta é assim promovermos entrevistas individuais e coletivas **videogravadas** via **Aplicativo Google Meet** sobre essas temáticas. A previsão de duração para as entrevistas, sejam elas individuais ou coletiva (focal) é de duas horas cada – a pesquisadora acompanhará o grupo ao longo de quatro meses. As entrevistas serão realizadas com as câmeras desligadas para preservação dos rostos, de sua identidade e das participantes envolvidas. Serão adotados nomes fictícios relativo a flores, escolhidos pelas próprias participantes, de forma a revelar através da beleza das

¹A CAPES é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados brasileiros.

rosas, por exemplo, os espinhos que acompanham seu corpo e como girassóis, viram-se para luz na busca de novas oportunidades para si e suas famílias. Todas as entrevistas (individuais e/ou coletivas) gravadas, assim como suas respectivas transcrições, serão mantidas em sigilo e com confidencialidade pela pesquisadora responsável e utilizadas, apenas, na tese de doutorado, em apresentações em eventos e publicações acadêmicas. O sigilo também será mantido em relação aos nomes e rostos das pessoas citadas nas histórias de vida das entrevistadas, para preservar a privacidade de todos que surgirem também nas respectivas entrevistas.

Nós também garantimos que vamos respeitar sua privacidade e guardar em segredo/sigilo seu nome real e seu rosto, durante todas as fases da pesquisa. Todos os vídeos que serão gravados e todas as informações a que vamos ter acesso serão de responsabilidade da pesquisadora e, caso queira, você pode ter acesso aos materiais que envolvem sua presença.

A pesquisadora propõe-se a resguardar qualquer informação pessoal (nome verdadeiro, endereço, imagem) das entrevistadas e das pessoas citadas nas entrevistas que se encontrem em situação de refúgio, pois está ciente dos riscos assumidos em relação a todas as pessoas que deixaram seu país de origem em razão de fundado temor de perseguição. Dessa forma, a pesquisadora propõe-se a arcar com as devidas responsabilidades caso se verifique a ocorrência de prejuízos ou riscos para as pessoas envolvidas, conforme parágrafos segundo e terceiro do TERMO DE COMPROMISSO PARA PESQUISADOR do Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES) da CARITAS ARQUIDIOCESANA DO RIO DE JANEIRO (Caritas-RJ).

Para segurança da pesquisadora, os dados da pesquisa serão arquivados (período mínimo de cinco anos) em um Hard Disc (HD) externo – instrumento pessoal a que só a pesquisadora e sua orientadora terão acesso.

Os benefícios da pesquisa são: (i) conceder um espaço de fala para que essas mulheres pudessem falar sobre suas experiências enquanto mulher migrante/refugiada; (ii) visualizar que a migração e o refúgio são diferentes para homens e mulheres; (iii) discutir em sociedade que, nos deslocamentos forçados femininos, emergem questões de gênero, raça, sexualidade e etnia, que complexifica as relações e questões de acesso ao mercado de trabalho, serviços, integração ao país “de acolhimento”.

Como riscos mínimos relacionados à pesquisa, consideramos que as participantes podem sentir emoções diversas, inclusive constrangimento, enquanto participam da pesquisa, principalmente, porque ela trata de uma temática relacionada a algo pessoal. Nesse sentido, participantes podem se sentir emocionadas ou desconfortáveis durante as interações. Caso você se sinta incomodada ou afetada de maneira negativa com quaisquer questões, se for do seu desejo, nós vamos interromper as atividades. Podemos suspender as gravações e a pesquisa. Em seguida, conversaremos com as participantes, a fim de esclarecer qualquer situação incômoda.

A participação na pesquisa é totalmente voluntária e gratuita, não envolve quaisquer custos a você e não é necessária a compra de qualquer equipamento ou material – não haverá despesa alguma para você. Não haverá também nenhum tipo de compensação financeira relacionada à sua participação, ou seja, não haverá remuneração pela sua participação.

Se tiver qualquer dúvida, você poderá entrar em contato comigo, a qualquer

momento, por telefone ou por *WhatsApp*, em chamadas de vídeo ou via ligação comum. Meu número é (21)99919-1526. Disponibilizamos também o contato da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CÂMARA/ PUC-Rio) responsável por resguardar o compromisso à ética da presente pesquisa: telefone (21)3527-1618, e-mail: vtac@puc-rio.br.

Para assinatura deste documento, a pesquisadora irá ao encontro de cada entrevistada pessoalmente, na sede do PARES Caritas/RJ, para que os esclarecimentos em relação às entrevistas sejam dados e coletar as assinaturas deste TCLE. No entanto, em razão da continuidade da pandemia do COVID-19, as partes envolvidas deverão manter distanciamento mínimo e uso de máscaras durante toda interação.

Este termo, assinado por ambas as partes, terá duas vias originais: uma ficará com você, outra com a pesquisadora. Depois da finalização do estudo, a pesquisadora entregará a você um texto com os principais resultados do estudo.

As entrevistadas deverão escolher se assinarão o TCLE na versão em português ou na versão em espanhol. Não haverá necessidade de assinar as duas versões.

Pedimos a você que nos deixe usar as informações fornecidas apenas para fins acadêmicos e científicos. A qualquer momento, você poderá solicitar esclarecimentos e ter acesso aos dados da pesquisa. Posto isso, peço que assine com nome completo, o documento que segue.

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa acima descrita. Fui informada pela pesquisadora sobre a pesquisa, sobre seus benefícios e sobre seus riscos. Fui informada de que poderei retirar meu consentimento quanto à minha participação a qualquer momento, sem que haja qualquer tipo de prejuízo para mim.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2022.

_____ Nome da participante	_____ Nome da pesquisadora
_____ Assinatura da participante	_____ Assinatura da pesquisadora

Título do projeto: "Flores em travessia: ressignificações identitárias de entrelugar(es) em narrativas de refugiadas venezuelanas no Rio de Janeiro".

Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CÂMARA/ PUC-Rio)
Rua Marquês de São Vicente, 225, 2º andar do Edifício Kennedy – Gveva, Rio de Janeiro, RJ - 22453-900. Tel. (21) 3527-1618. A CÂMARA/ PUC-Rio é a instância na Universidade que tem a atribuição de analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa de seus professores, pesquisadores e discentes, quando solicitada.

Anexo II

Termo de consentimiento libre e esclarecido (TCLE) em Espanhol

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

- em Espanhol -

	Título del Proyecto: "Flores en travesía: resignificaciones identitarias de entre-lugar(es) en narrativas de refugiadas venezolanas en Río de Janeiro".
	Investigadora del proyecto: Michele Abreu Vivas / Doctoranda en Estudios de Lenguaje
	Contacto telefónico: +55 21 99919-1526
	Correo electrónico: vivas.michele@gmail.com
	Supervisora de la investigación: Profa. Dra. Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)
	Contacto telefónico: +55 21 99769-0377
	Correo electrónico: madpereira@terra.com.br
	Institución: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Letras, Programa de Posgrado em Estudos de Lenguaje.

Estimada XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX,

Por medio de este documento, formalizo la invitación para su participación en mi investigación de doctorado, promocionada por la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior² y intitulada "Flores en travesía: resignificaciones identitarias de entre-lugar(es) en narrativas de refugiadas venezolanas en Río de Janeiro".

Este documento explica lo que es y cuáles son los objetivos de mi investigación. Su participación es voluntaria, o sea, usted puede elegir si quiere o no participar. Si lo acepta, también puede interrumpir su participación y pedir la anulación de sus datos a cualquier momento.

La investigación será desarrollada por mí, Michele Abreu Vivas, doctoranda del Programa de Posgrado em Estudos de Lenguaje de la Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), y mi orientadora de este estudio es la Profesora Dra. Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio).

Esta investigación tiene como objetivo principal observar cómo, en entrevistas individuales y colectivas, surgen narrativas de venezolanas en situación de refugio en Río de Janeiro. Así, pretendo señalar lo que las refugiadas revelan en sus historias de vida cuando culturas diferentes se encuentran. De esa forma, las resignificaciones identitarias en narrativas de travesía serán importantes para indicar entre-lugar(es) cuando las entrevistadas cuentan sus historias de travesías.

La propuesta es así promover entrevistas individuales y colectivas **videograbadas a través del Google Meet** sobre esas temáticas. La previsión de duración para las entrevistas, sean individuales o colectiva (focal) es de dos horas cada – la investigadora acompañará el grupo a lo largo de cuatro meses. Las entrevistas serán realizadas con las cámaras apagadas para la preservación de los rostros, de su identidad y de las participantes arrolladas. Serán adoptados nombres ficticios relativo a flores, elegidos por las propias participantes, de forma a revelar a través

²La "Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior" (CAPES) es una fundación vinculada al Ministerio de la Educación (MEC) de Brasil que actúa en la expansión y consolidación de los programas de Posgrado *stricto sensu* (Maestría y Doctorado) en todos los estados brasileños.

de la belleza de las rosas, por ejemplo, las espinas que acompañan su cuerpo y como girasoles se viran hacia la luz en búsqueda de nuevas oportunidades para sí y sus familias. Todas las entrevistas (individuales y/o colectivas) grabadas, así como sus respectivas transcripciones, serán mantenidas en sigilo y con confidencialidad por la investigadora responsable y utilizadas, solamente, en la tesis doctoral, en presentaciones en eventos y publicaciones académicas. El sigilo también será mantenido con relación a los nombres y rostros de las personas citadas en las historias de vida de las entrevistadas, para preservar la privacidad de todos que surgir también en las respectivas entrevistas.

Nosotras también garantizamos que respetaremos su privacidad y guardaremos en secreto/sigilo su nombre real y su rostro, durante todas las fases de la investigación. Todos los videos que serán grabados y todas las informaciones a que tendremos acceso serán de responsabilidad de la investigadora y, en caso quiera, usted puede tener acceso a los materiales que envuelven su presencia.

La investigadora se propone a resguardar cualquier información personal (nombre verdadero, dirección, imagen) de las entrevistadas y de las personas citadas en las entrevistas que se encuentren en situación de refugio, pues está consciente de los riesgos asumidos con relación a todas las personas que dejaron su país de origen debido a fundado temor de persecución. De esa forma, la investigadora se propone a hacerse cargo de las debidas responsabilidades caso se verifique la ocurrencia de perjuicios o riesgos para las personas arrolladas, de acuerdo con los párrafos segundo y tercero del TERMINO DE COMPROMISO PARA INVESTIGADOR del Programa de Atendimento a Refugiados y Solicitantes de Refugio (PARES) de la Caritas de la Arquidiócesis de Rio de Janeiro (Caritas-RJ).

Para seguridad de la investigadora, los datos del estudio serán archivados (periodo mínimo de cinco años) en un Disco Duro (*Hard Disc – HD externo*) – instrumento personal a que solamente la investigadora y su orientadora tendrán acceso.

Los beneficios de la investigación son: (i) conceder un espacio de habla para que esas mujeres puedan hablar sobre sus experiencias mientras mujer migrante/refugiada; (ii) visualizar que la migración y el refugio son diferentes para hombres y mujeres; (iii) discutir en sociedad que, en los desplazamientos forzados femeninos, emergen cuestiones de género, raza, sexualidad y etnia que complejiza las relaciones y cuestiones de acceso al mercado de trabajo, servicios, integración al país “de acogimiento”.

Como riesgos mínimos relacionados a la investigación, consideramos que las participantes pueden sentir emociones diversas, incluso constreñimiento, mientras participan de la investigación, principalmente, porque trata de una temática relacionada a algo personal. En ese sentido, participantes pueden sentirse emocionadas o incomodada durante las interacciones. Si usted se sienta preocupada o afectada de manera negativa con cualesquiera cuestiones, si es de su deseo, nosotras interrumpiremos las actividades. Podemos suspender las grabaciones y la investigación. En seguida, conversaremos con las participantes con el fin de aclarar cualquier situación incómoda.

La participación en la investigación es totalmente **voluntaria y gratuita**, no involucra cualesquiera costes a usted y no es necesaria la compra de cualquier equipo o material – **no habrá despensa alguna para usted**. No habrá también ningún tipo de compensación financiera relacionada a su participación, o sea, **no habrá remuneración por su participación**.

Si tienes cualquier duda, usted podrá entrar en contacto conmigo, a cualquier momento, por teléfono o por *WhatsApp*, en videollamadas o llamadas de audio. Mi número es +55 21 99919-1526. Dispondremos también los contactos de la Cámara de Ética en Investigación de la PUC-Rio (*Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CÂMARA/PUC-Rio*) responsable por resguardar el compromiso con la ética de la presente investigación: teléfono: +55 21 3527-1618, correo electrónico: vrac@puc-rio.br.

Para firmar este documento, la investigadora irá al encuentro de cada entrevistada personalmente, en la oficina central del PARES Caritas-RJ, para que las aclaraciones con relación a las entrevistas sean dadas y coleccionar las firmas de este TCLE. Sin embargo, debido a la continuidad de la pandemia del COVID-19, las partes arrolladas deberán mantener distanciamiento mínimo y uso de máscaras durante toda la interacción.

Este término, firmado por ambas partes, tendrá dos vías originales: una se quedará con usted, otra con la investigadora. Después de la finalización del estudio, la investigadora entregará a usted un texto con los principales resultados del estudio.

Las entrevistadas deberán elegir si firmarán el TCLE en la versión en portugués o en la versión en español. No habrá necesidad de firmar las dos versiones.

Pedimos a usted que nos deje usar las informaciones proporcionadas solamente para fines académicos y científicos. A cualquier momento, usted podrá solicitar aclaraciones y tener acceso a los datos de la investigación. De ese modo, pido que firme con su nombre completo el documento que sigue.

Yo, _____,
conuerdo con participar de la investigación descrita arriba. Fui informada por la investigadora sobre el estudio, sobre sus beneficios y sobre sus riesgos. Fui informada de que podré retirar mi consentimiento cuanto mi participación a cualquier momento, sin que ningún daño me cause a mí.

Río de Janeiro, ____ de _____ de 2022.

Nombre de la participante

Nombre de la investigadora

Firma de la participante

Firma de la investigadora

Título del proyecto: "Flores en travesía: resignificaciones identitarias de entrelugar(es) en narrativas de refugiadas venezolanas en Río de Janeiro".

Câmara de Ética em Investigação de la Pontificia Universidade Católica de Rio de Janeiro (Câmara de Ética em Pesquisa da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro – CÂMARA/PUC-Rio)
Calle Marquês de São Vicente, 225, 2º piso del *Edifício Kennedy* – Gveva, Rio de Janeiro/RJ – CEP: 22453-900. Tel. +55 21 3527-1618. La CÂMARA/PUC-Rio es la instancia en la Universidad que tiene la atribución de analizar del punto de vista ético los proyectos de investigación de sus profesores, investigadores y discentes cuando solicitada.

Anexo III

Transcrições das entrevistas

Gravação: girassol-08.09.2022-audio

Duração: [01:36:03]

Início da Transcrição [00:00:02]

0	Michele	Bom. Começou. Boa noite, Girassol. É, essa
1		pesquisa, como eu expliquei a você antes, é, se
2		volta pra narrativa de mulheres, né, de
3		mulheres venezuelanas em situação de refúgio no
4		Rio de Janeiro. Então pra que eu pre, é, pra
5		que eu, é::, é, entenda um pouco mais da sua
6		história, né, eu preciso que você comece do
7		início, falando da sua vida, da sua família na
8		Venezuela. Como era a sua vida lá. Né? É, eu
9		queira que você falasse um pouquinho de você
10		enquanto ainda estava lá. Né? Como era a sua
11		vida, é::, antes de você pensar até mesmo em
12		migrar.
13		
14		
15	Girassol	Boa noite. Então, eu venho de uma família
16		tradicional. Meus pais têm 31 anos de caSSados.
17		Eu sou a primeira filha do caSSamento depois de
18		cinco anos de lutar com a infertilidade. É::,
19		uma das coisa que eu sempre tive durante a
20		minha criação foi a ideia de estudar porque o
21		estudo ele te leva pra, pra frente. Né? Você
22		conquista muitas coisa. Eu sou a primeira
23		pessoa da minha família a estudar duas
24		faculdades simultâneas. Não consegui me formar
25		da segunda, né, mas pelo menos comecei a
26		estudar. Eu, eu estudei numa escola pública no
27		começo, depois estudei numa escola privada com
28		uma bolsa. Me formei com 16 anos. Muito nÔva.
29		Entrei na faculdade ainda com 16 anos. E eu
30		queria estudar Letras porque eu achava que era
31		o que eu queria. Né? E a minha mãe, ela ficava
32		com muito receio de eu estudar Letras porque
33		somente era, em parte era numa faculdade
34		pública e a Venezuela tinha muitas greves
35		sindicais e muitas coisas. Então eu ia demorar
36		muito a me formar. Aí ela me fez faSSer a
37		solicitação de uma bolsa pra uma faculdade
38		particular. E eu ganhei uma bolsa pra
39		<i>Comunicacion Social, mencion desarrollo social,</i>
40		o que seria no Brasil Jornalismo Comunitário.
41		Aí eu entrei nessa faculdade particular, também
42		como 16 anos, praticamente tudo junto, e
43		comecei a estudar. Eu já tinha esse contato com
44		a vida política, por conta do meu pai. Ele é
45		secretário regional de um partido político, é,
46		com alinhamento de direita. E eu sempre via
47		essa questão dele, né, que ele tava muito
48		envolvido com política. Ele participou do
49		<i>Caracazo</i> do 92, que foi uma tentativa de gôlpe.

50		Participou na tentativa de golpe de 2002 com
51		Chávez. Então meu pai sempre teve muita vida
52		ativa. Meu pai é licenciado em Letras, igual eu
53		ia ser, e:: a minha mãe é psicóloga. Então é
54		uma mistura bem interessante. É::, eu sempre,
55		primeiro eu cresci acreditando que a, a saúde
56		mental vai junto com a saúde física. Então pra
57		mim que uma pessoa foi para o psicólogo
58		realmente é um, pra bater palma. Né? Porque
59		você tem que ter tudo alinhado, a saúde física
60		e a saúde mental. E meu pai, eu aprendi dele,
61		que você pode ter um diploma numa área, mas
62		você tem que se desenvolver em mais de uma.
63		Meu pai é músico, é locutor, ele é licenciado
64		em Letras, trabalha com segurança. Além disso,
65		teve mais de mil empregos. Ele já foi até
66		motorista de Uber. E ele me ensinou que o
67		trabalho é uma coisa digna. Sem importar onde
68		você estiver, uma coisa digna. Então entrei na
69		faculdade, em no ano de 2013 e 2014, quando eu
70		tava pra faSSer 18 anos, porque eu entrei nos
71		últimos dois meses dos meus 16. Então
72		oficialmente foi o ano que eu fiz 17. É, um mês
73		antes de eu faSSer 18 anos, no 2014, o dia 12
74		de fevereiro, Dia da Juventude antigamente,
75		começaram os protestos contra o governo. E eu
76		lembro perfeitamente do, do primeiro morto, a
77		primeira pessoa que foi morta. É Bassil da
78		Costa. E é uma pessoa que fica na nossa memória
79		até o dia de hoje. Porque ele foi o primeiro
80		estudante que morreu pra defender os nossos
81		direitos. Aí depois disso, eu lembro que com
82		maior medo da vida, minha mãe me deixou começar
83		a ir pra passeata, essas coisa. E com 18 anos
84		eu já saía. Eu sempre falava que as passeatas e
85		os protestos era o meu trabalho. Porque eu saía
86		de caSSa 7h da manhã e voltava 18h, 19h da
87		noite. Todo dia eu estava na rua lutando,
88		porque eu acreditava que eu no estava criando
89		um país pra mim, mas para meu irmão e pra meus
90		filhos. Meu irmão é sete anos mais novo. E
91		então ele tinha 11 anos na época. E eu sempre
92		pensei que a nossa luta, ela seria recompensada
93		no final. Que eu entregaria realmente um país
94		maravilhoso pra ele, que ele conseguiria ter
95		todas as coisas que meus pais falava que
96		tiveram, porque eu não tive. E no foi assim.
97		Não foi assim. Eu saía pra rua todo dia. Não
98		sabia se ia voltar viva. Minha mãe não sabia se
99		eu ia voltar viva também. É, as duas faculdades
100		ficaram paradas esse tempo. Meio com educação à
101		distância, meio sem tendo aula praticamente. E
102		eu fui ameaçada de morte muitas vezes. Mais
103		vezes, é, que eu poderia contar. Eu tive um,
104		pessoas da Guarda Nacional apontando um rifle,
105		não sei qual é o nome em português, uma arma

106		muito longa na minha frente. Eu corri. Eu, eu
107		tenho até o vídeo disso. Eu corri pra salvar a
108		minha vida uma vez, porque eu sabia que se eu
109		ficava parada eu ia ser assassinada aquele dia.
110		Aí no meio disso, eu ainda não pensava em
111		migrar. Eu nunca imaginei que eu moraria em
112		outro país. Eu tinha planos. Não só ao longo, a
113		longuíssimo prazo. Eu falava: "Não. Eu vou me
114		formar e Jornalismo primeiro, depois eu vou me
115		formar Letras. Vou fazer um mestrado. Vou
116		faSSer o doutorado". E quando eu pensava no
117		exterior assim, em outros países, eu pensava:
118		"Ah. Vou faSSer um doutorado em tal lugar. Ah.
119		Eu vou faSSer um curso técnico em tal lugar.
120		Vou faSSer não sei o quê em tal lugar". Eu não
121		imaginava uma moradia. Eu não imaginava o, o
122		eKSílio realmente. Aí a migração esteve na
123		minha família desde que eu era criança. A
124		primeira pessoa que migrou da minha família foi
125		no 2001 por aí, mais ou menos. Foi o meu primo,
126		que foi perseguido pelo governo. Depois dele
127		vieram outras pessoas. Mas uma das pessoas que
128		eu mais falo é o padrinho do meu irmão, que
129		também é o nosso primo. Né? O padrinho do meu
130		irmão trabalhava nas Forças Armadas. Ele era
131		piloto de combate. E ele teve que sair do país
132		de madrugada pra Aruba porque ele tinha uma
133		ordem de apreensão pelo governo. E todo mundo
134		sabia que essa ordem de apreensão era uma forma
135		sutil de falar que ele ia sumir da face da
136		terra. Aí ele teve que sair correndo. Muitas
137		pessoas da minha família saíram também. E eu
138		ainda não pensava em sair. Ainda com tudo isso
139		eu falava: "Não. Eu vou lutar pelo meu país.
140		Vou lutar. Vou lutar. Vou lutar". Mas lutar por
141		quê? Porque eu ia perder a minha vida, meus
142		pais iam perder a sua filha pra nada, porque a
143		gente perdeu praticamente três anos ne-nessa
144		questão de sair todo dia, de ter que lutar para
145		você voltar com vida pra caSSa pra sair de novo
146		no dia seguinte. E ainda ter esse risco de
147		novo, todo dia era um risco. Todo dia. Quando
148		eu tinha 18 anos comecei a namorar com meu ex-
149		marido. E a família dele ainda não tinha
150		migrado. Praticamente toda a família dele ainda
151		estava na nossa cidade. Aí quando o
152		relacionamento já tinha mais ou menos um ano e
153		pouco, já tinha uns 20 anos, por aí, a irmã
154		dele saiu. E no mesmo ano que a irmã dele saiu,
155		saíram umas cinco, seis pessoas. E eles eram de
156		uma família muito unida. Então isso também
157		afetou muito a percepção de tempo na cabeça
158		dele, tipo: "Ah. Já não é? Vamo ver se a gente
159		migra. Agora é. Vamo botar uma data. Vamo botar
160		uma data". Já o relacionamento tava ficando
161		mais sério. E eu no queria migrar ainda. Ainda

162		com tudo isso, eu no queria migrar. No 2017 com
163		21 anos eu caSSo com ele e uma das primeiras
164		coisas que ele fala é que eu sendo esposa dele,
165		obrigatoriamente eu tinha que migrar, porque se
166		ele migrava eu tinha que ir junto. Aí isso muda
167		muitas coisa, porque com 21 anos eu acabava de
168		formar em Jornalismo, eu fiz a inscrição no meu
169		Mestrado em Linguística, que era meu sonho. E
170		quando você começa o mestrado, você sabe que
171		são pelo menos dois anos. Então ele já falar de
172		cara: "A gente vai ter que migrar", já me
173		deixou numa poSSição, eu falo assim, muito
174		debilitada assim, muito, ou eu escolho uma
175		coisa ou eu escolho outra. Eu tive que botar as
176		coisas na balança. Aí quando tínhamos um ano
177		eSSatamente de caSSados, ele saiu do país, ele
178		veio para o Brasil. Com ele aqui começou a
179		minha conta regressiva. Não tinha como. Eu já
180		tinha estudado mais ou menos uns dois períodos
181		do mestrado, mas a minha faculdade novamente
182		ficou parada, porque era a mesma faculdade
183		pública onde eu tava fazendo Letras. E:: vieram
184		um monte de coisa pra Venezuela e eu decidi
185		sair. Mas se você me pergunta, nunca quis. Eu
186		nunca quis. Eu nunca imaginei que eu moraria
187		fora. Eu nunca pensei. E eu acho que é um
188		problema que toda a sociedade venezuelana tem.
189		Nós temos tanta dificuldade pra nos adaptar a,
190		a paíSSes nôvos, porque o venezuelano não tem a
191		cultura da migração. A gente tem a cultura de
192		recepção, que não é a mesma coisa. Nós tivemos
193		uma migração muito grande de vários países. E
194		eu não falo isso somente como um fato. Eu falo
195		disso como uma cultura. Muitas coisa que a
196		gente come, música que dançamos e tudo mais são
197		frutos da mistura entre essas sociedades que
198		migraram. Então eu nunca imaginei que eu teria
199		que sair. E foi uma coisa praticamente obrigada
200		porque, além do meu ex-marido ter saído já, eu
201		adoeci. Eu tive duas doenças nesse último ano
202		que eu tive na Venezuela. Uma delas é
203		hepatitis, que é uma coisa que é delicada. Não
204		vou falar que não é. Mas quando você olha como
205		a doença por fora é uma coisa que pode ser
206		tratada com coisas muito simples. É descanso, é
207		vitamina, é não sei o quê, é controlar um
208		pouquinho a dieta e pronto. Mas pra mim foi um
209		sacrifício. Não somente pra mim, pra minha mãe,
210		pras pessoas que morava na minha casa, porque
211		não tinha pensão médica. Eu fiquei sabendo que
212		eu tinha hepatitis por conta de uns exames. Eu
213		fiz exames, os exames deram um valor, a minha
214		mãe ligou pra uma médica, falou pra explicar o
215		valor e pronto. Tenho hepatitis. Aí no tinha
216		acesso a medicamentos, não tinha onde comprar.
217		O que tinha era muito caro. Aí eu passei o

218		tempo da quarentena, os 40 dias sofrendo,
219		porque eu só conseguia comer quatro coisas. Eu
220		comia abóbora, comia batata, comia frango e
221		comia melancia, que não tinha outra coisa pra
222		comer. E eu chorava porque eu estava tirando
223		dinheiro do orçamento familiar pra comprar
224		frango, porque somente eu comia frango. Eu não
225		conseguia comer outra coisa. Minha família
226		comia, sei lá, salsicha, outras coisa, e eu
227		tinha que comer frango, porque o meu corpo não
228		aguentava outra coisa. Foi um tempo muito
229		difícil. E, e uma das coisas que pra mim é
230		muito difícil de falar ainda é a fome que eu
231		passei depois que eu caSSei, que a gente foi
232		morar sozinho em outro lugar. Aí no começo era
233		tudo lindo, ele trabalhava, eu ainda estudava.
234		Só que depois o dinheiro não dava pra nada. O
235		dinheiro não dava pra, pra ninguém se manter. E
236		somente tendo um salário em casa era muito
237		menos. Aí ele pediu demissão, não conseguiu
238		outro trabalho rápido. E eu lembro que eu
239		passava dias com água na barriga. Dias chorando
240		de fome. Eu perdi massa muscular. É muito
241		engraçado, porque eu sou gorda e eu imaginei
242		que eu perderia gordura. Mas na verdade perdi
243		massa muscular. A minha mãe falava que a pele
244		tava pendurada no osso. Aí eu chegava na casa
245		da minha mãe e ela sempre tinha uma marmita
246		pronta, que mãe é mãe. Né? Ela sempre tinha uma
247		marmita pronta e ela falava que eu comia sem
248		levantar a cabeça do prato. Eu não lembro de
249		nada disso. Pra mim eu somente tava indo, comia
250		e pronto. Mas ela disse que eu tinha um olhar
251		triste. E na verdade ninguém pode ficar feliz
252		com a barriga vaSSia. Ninguém pode sorrir com a
253		barriga vaSSia. E foi muito tempo. Foram uns
254		seis meSSes que eu fiquei assim. Depois nós
255		dois que vamos morar na caSSa dos meus pais,
256		porque já tava a migração dele na porta. E eu
257		lembro que eu sorria muito. Eu lembro que eu
258		sorria muito. Eu ria bastante. E a minha mãe
259		falou: "É porque você tem as suas necessidades
260		báSSicas cobertas". Foi aquele dia que eu
261		entendi que, que o que eu tava passando todo
262		mundo tava percebendo. Não tinha como
263		dissimular, não tinha como falar: "Ai. Que eu
264		somente não tomei café". Não. É que você tem
265		dois dias que você não come nada. E,
266		atualmente, pra mim o maior medo da vida é ver
267		a geladeira vaSSia. Eu preciso comprar comida
268		somente pra ver ela na geladeira, ainda se eu
269		não comer porque eu tô atraSSada, ou porque eu
270		tô chegando tarde a casa, ou sei lá, eu preciso
271		ver a geladeira cheia, porque para mim é, é um
272		problema virar vaSSia.
273		

274	Michele	Emocionante. É difícil até co-, dar continuidade. Mas tem umas coisas que eu, que eu sinalizei aqui pra eu não esquecer de perguntar. Primeiro que você disse que entrou na faculdade aos 16 anos. É, você não é a primeira pessoa que diz isso pra mim. Eu queria saber se é comum entrar na universidade a é, nessa idade, porque aqui no Brasil as crianças estudam, né, o ciclo básico, que é chamado de Ensino Fundamental. Tem duração de nove anos. Começa aos 6, termina os 14. E o ciclo, é, o Ensino Médio, né, que seria a formação seguinte, que completaria esse Ciclo Básico, né, é, digamos obrigatório pra todos aqueles que pretendem fazer uma universidade. Né? Ter o que a gente chama de Ensino Médio completo. Então, além dos nove anos do Ciclo Básico, tem mais três anos de Ensino Médio. Então, é, são 12 anos de estudos. Então uma criança entra na escola aos 6 anos e geralmente sai aos 17. E aí com essa idade é que ingressaria na universidade. Né? Então eu queria saber com relação aos anos de estudos, né, na Venezuela, se é mais ou menos equivalente ou não ou se por um acaso você, é, precisou a, conseguiu adiantar algumas etapas de estudos? Né? Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.
275		
276		
277		
278		
279		
280		
281		
282		
283		
284		
285		
286		
287		
288		
289		
290		
291		
292		
293		
294		
295		
296		
297		
298		
299		
300		
301		
302		
303		
304	Girassol	Então. É, realmente você deu o lugar certo. Eu pulei algumas etapas. Mas o meu caso não é indiferente do caso de muitas pessoas. Eu me formei com 16 e eu tenho uma amiga que saiu com 15 também. Então ela se formou antes dos 21 anos. Ela entrou na faculdade direto e ela saiu com 20, 20 anos e pouquinho mais ou menos. O que acontece? A Venezuela tem etapas muito divididas. A gente tem o pré-escolar, que seria o Kindergarten nos Estados Unidos. E esse Kindergarten normalmente ele tem três níveis. Só que eu não fiz o primeiro. Eu cheguei diretamente no segundo. Aí a gente divide os níveis, não pelo número, mas pela idade. Então é sala de três, sala de quatro e sala de cinco. Eu entrei com três e meio na sala de quatro. Então já aí adiantei um pouquinho. Você sai desse pré-escolar com cinco anos. Cinco, tem gente que sai faSSendo seis, mais ou menos. Mas esses três anos, eles vão junto com a idade da pessoa. Então se você chegou atraSSado, você já entra logo na sala da sua idade. É, quando eu tinha quatro anos eu já sabia ler. Eu aprendi a ler na minha casa. Então eu já com cinco anos eu consegui ler direto como uma criança de quarta a quinta série. Eu entro no primeiro
305		
306		
307		
308		
309		
310		
311		
312		
313		
314		
315		
316		
317		
318		
319		
320		
321		
322		
323		
324		
325		
326		
327		
328		
329		

330		ano, que seria o fundamental de vocês, pra nós
331		é Primária. Primária tem seis anos. Vocês têm
332		cinco no e, no Fundamental. Pra gente tem seis
333		anos. Aí eu entrei no primeiro. É, as
334		essências do, da primeira série são ler,
335		escrever e fazer divisões. multiplicações
336		simples. Eu já sabia fazer tudo isso. Eu tive
337		uma educação muito completa, eu acho. E quando
338		eu entrei, eu estudava numa escola subsidiada
339		pelo governo, que é praticamente como se eu
340		tivesse uma bolsa. Uma mensalidade custava, sei
341		lá, 200 em algum lugar, meu pai pagava 50 aqui.
342		Então era uma escola semi pública. Aí somente
343		éramos quatro pessoas. É, a gente fez uma, uma
344		prova, lembro. Todo mundo passou com uma nota
345		muito alta. Aí fomos mandados pra segunda
346		série. Na segunda série, depois de duas
347		semanas, a minha mãe foi ligado e eles
348		perguntaram se ela estaria de acordo para eu
349		pular pra terceira série, porque eu já tinha
350		conhecimento da segunda série. Só que a minha
351		mãe falou que tinha, não sei como falar isso em
352		português, um efeito rebote. É quando você
353		pula, pula, pula e chega numa etapa onde você
354		para de aprender, porque você pulou tanto e
355		chegou tão rápido lá que tem um efeito
356		contrário. Aí a minha mãe falou que não, porque
357		eu estaria muito adiantada no caso e me deixou
358		na segunda série. É o motivo pelo que eu não me
359		formei com 15 anos. Aí deu cinco anos, né, até
360		a sexta série. Sétima, oitava e nona fazem
361		parte da Educação Básica. A gente divide
362		as educações pela cor da lousa. Então esse
363		pré-escolar ele é vermelho, se você está numa
364		escola do governo ou amarelo se você está numa
365		escola particular. Esses seis anos de Primária
366		a lousa, a lousa é branca, é branca. Esses três
367		anos, sétimo, oitavo e nono é azul. E o Ensino
368		Médio ele é muito relativo. Depende onde você
369		estude. Eu estudei o Ensino Médio regular que
370		são dois anos, mas esses dois anos eu vi
371		matérias específicas. Então, por exemplo, o
372		meu Ensino Médio era com base em Ciências.
373		Então eu vi as três Marias. Física, Química e
374		Matemática. É o nome. A gente sempre chamou
375		elas assim. Física, Química e Matemática. Mas
376		também eu vi Filosofia, eu vi Desenho. Então
377		era umas coisas características dessa área. Têm
378		outros Ensinos Médios que são em Humanidades.
379		Aí vêm três línguas, vêm duas matérias
380		específicas. E tem outros Ensinos Médios
381		técnicos, que são de três anos. Aí esses três,
382		esse terceiro ano, já você faz estágio e o teu
383		diploma não é Ensino Médio. Se fala Técnico
384		Médio em alguma coisa. Então eu fiz um Ensino
385		Médio regular em Ciências e me formei quatro

386 387 388 389 390 391		meSSes depois de faSSer 16 anos, que o meu aniversário no mês de março, então eu ficava sempre no meio assim. Eu não era nem a mais velha, nem a mais nova.
392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403	Michele	Entendi. Quando você fala Kindergarten, aqui a gente também tem. É que eu não incluí nesses números que eu falei. A, a gente chama de edu, ensino, ensino, educação, é, Educação Infantil. Também são três anos. É::, a criança pode entrar aos três anos, três, quatro e cinco e::, e depois, é::, a pe, a criança vai pro Ensino Fundamental I, que vai até a quinta, é, quinta série. E aí depois sexta, sétima oitava e nona seria a, co, o final do Ensino Fundamental. Né?
404 405 406	Girassol	É.
407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418	Michele	E no Ensino Médio, o ensino profissionalizante, ele, ele é optativo. Né? Você faz o Ensino Médio regular ou você faz o profissionalizante. Eu, por exemplo, não fiz ensino profissionalizante. Eu cursei o Ensino Médio que a gente chama de, é um currículo básico, né, digamos assim. Porque eu sempre tive como objetivo fazer faculdade. Então achava que se eu fosse para uma formação técnica eu não ia ver todas as matérias. Né?
419 420 421	Girassol	Pra nós esse Kindergarten não é obrigatório.
422 423 424	Michele	Entendi.
425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440	Girassol	Você pode faSSer, mas, é, com cinco anos você pode faSSer uma prova de conhecimento, que é assim. O que na verdade realmente é uma coisa muito báSSica. É aprender a identificar cores, texturas, essas coisas. Eu vou lhe faSSer uma prova e entrar diretamente na primeira série, porque pra nós esses três anos eles não aparecem na::, no nosso histórico. Né? Ele não aparece no histórico. Então você pode faSSer ou não. Não sei como seja atualmente, mas era assim antes. E o ensino técnico você tinha que procurar uma escola que tivesse. Não é toda escola que oferece. E esse também, esse, esse Ensino Médio de Ciências, de Humanidades. Esse Humanidades, é, quando eu estava estudando, só tinha em quatro escolas na minha cidade. Porque

441 442 443 444		o, o regular era em Ciências. Quase todo mundo faSSia Ciências.
445 446 447 448	Michele	Entendi. Você era de que, você era não, você é de qual estado?
449 450 451	Girassol	Eu sou do Estado SSulia. Sou da capital.
452 453 454	Michele	Zulia?
455 456 457	Girassol	Isso. Com z.
458 459 460	Michele	De Caracas?
461 462 463 464 465 466 467 468 469 470	Girassol	Não. Caracas é a capital do país. Ele fica na região Oriente. Eu sou da região Ocidente, onde tem um lago de Maracaibo. O nome da minha cidade é Maracaibo, que é a capital do Estado. A gente tem fronteira com a Colômbia e compartilhamos, além de montanhas, quatro etnias indígenas.
471 472 473 474	Michele	Que lindo. Mas você é de Maracaibo ou você é de outra cidade?
475 476 477	Girassol	Eu sou nascida criada e de pais de Maracaibo.
478 479 480	Michele	Ah. Tá.
481 482 483 484 485	Girassol	Mas a família do meu pai é do Estado Falcón, aquele rabinho que fica do lado esquerdo do mapa.
486 487 488	Michele	Uhum.
489 490 491 492 493 494 495	Girassol	Que se você para na península você pode olhar a Ilha de Aruba. E a família da minha mãe, é, também é do Estado SSulia, mas eles são de outros lugares. Mas a minha mãe e meu pai foram criados lá e eu também fui criada lá junto com meu irmão.

496		
497 498 499 500 501 502	Michele	Que legal. É::, e você estuda, estu-, é, quando você se casou, que você falou que se mudou, você ficou na cidade de Maracaibo ou você foi pra outra cidade?
503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517	Girassol	Eu fiquei na mesma cidade. Só que morando com os meus pais. A gente morava na Ssona Oeste. E tinha pertinho um ponto muito conhecido de ônibus, essas coisas. Era como se eu morasse perto da Pavuna, de Uruguaiana assim. Era um bom lugar pro comércio, mas também era um bom lugar de onde saiam vários ônibus pra outros municípios. Quando eu caSsei, eu fui pra um lugar que pode ser chamada de periferia. Mas na verdade eu não considero que seja. É um lugar onde só tinha, meu Deus, qual é esse nome? São aqueles complexos que tem piscina, que é pra fazer churrasco, aquelas coisas.
518 519 520	Michele	Sim. Sim. Como condomínios. Né?
521 522 523 524	Girassol	Não. São como clubes. Como se fossem clubes. (inint) [00:28:28].
525 526 527	Michele	Mas residenciais?
528 529 530	Girassol	Não. É somente pra isso. Tem piscina e tem...
531 532 533	Michele	Ah. A região que você tá dizendo?
534 535 536 537	Girassol	Então. Tinha poucas e poucos jardins. Pode chamar de uma forma.
538 539 540	Michele	É.
541 542 543 544 545 546 547 548 549 550	Girassol	Era quase tudo assim pra eventos, muitas pessoas faSSiam festas e coisa lá. Então tinha assim, um aqui no cantinho, outro aqui, outro aqui. Então eu morava numa dessas. A minha rua não tinha nem asfalto. Nada. Nada. Era um bairro que faltava muita coisa. Faltava água, não tinha asfalto na rua não tinha mercados grandes próximos. Es así, era, era bem carente.

551	Michele	Entendi. E quando você conta pra mim, né, que você só podia comer quatro alimentos e sua família faz questão de comprar o frango, que era, né, um alimento mais caro, né, que as pessoas não comiam porque você só podia comer esses quatro alimentos, é, como era essa situação em relação a comprar alimentos naquela, naquele, naquele momento, né, do, do país assim? É, você mora no Rio? Né? Se você tiver vontade de comer um frango. você vai ao mercado e compra. Como acontecia naquele momento ali?
552		
553		
554		
555		
556		
557		
558		
559		
560		
561		
562		
563		
564		
565	Girassol	Então. Pra mim, é, falar do processo da, da crise em questão é muito fácil, porque você começa a ver o carrinho do mercado ficar mais vaSSio. Então, é, tem uma coisa que a gente fala que é Quarta República. A Quarta República é esse finalzinho do preSSidente que veio antes de Chávez, que era de, era uma época onde tinha muito dinheiro o país. O país estava na época de bonança, o salário, nossa, rendia muito. O professor universitário viajava pelo menos duas veSSes por ano pra fora do país. Não preciSSava de dinheiro extra, não preciSSava guardar dinheiro, nem nada. Só com o valor do décimo terceiro, o valor das férias a pessoa viajava. Meu pai comprou carro e meu pai ainda não era professor universitário naquela época. Meu pai trabalhava igual todo mundo. Meu pai comprou carro, minha mãe também, compravam apartamento, essas coisas. Aí quando era criança é así. Eu tô falando de, meu Deus. Qual é a data? 2000, por aí. Eu era criança. Criança. Aí eu lembro quando o meu irmão tava de colo. Eu teria uns sete anos, por aí. Eu lembro que a gente ia pro mercado e pegava dois carrinhos e enchia eles até em cima. Era uma, era uma coisa assim doida, que é meu sonho faSSer isso agora. Só que como eu moro sozinha não dá. Né? Pra que que eu vou comprar tanta comida. Aí a gente comprava. Depois quando eu tinha uns 12 anos, eu vou tentar falar de data, 12 anos estamos falando de 2008, por aí. 2008. Em 2008 eu comecei a perceber que o carrinho ficava mais vaSSio e que a gente não faSSia uma compra por mês, que faSSia duas por mês. E era uma coiSSa menor. Aí eu já comecei a ver que minha mãe não comprava biscoito pra meu lanche. Assim, coisa do criança. Eu percebia era por isso. Porque não tinha biscoito, não tinha cereal, não tinha leite. Já com 15 anos, eu, no último ano do Ensino Médio, as coisas eram mais restritas. Muito mais restritas assim. 2012 eu tô falando. A minha mãe já falava: "Olha. A gente vai
566		
567		
568		
569		
570		
571		
572		
573		
574		
575		
576		
577		
578		
579		
580		
581		
582		
583		
584		
585		
586		
587		
588		
589		
590		
591		
592		
593		
594		
595		
596		
597		
598		
599		
600		
601		
602		
603		
604		
605		
606		

607		comprar isso, isso, isso, isso. E eu vou
608		comprar um biscoito pra vocês dois". Daí a
609		gente tinha que dividir. É, a minha tia faleceu
610		dois anos antes. A minha vó veio morar com
611		todos os filhos e todos os netos. E quando eu
612		fiz 14 anos ela morreu também. E eu lembro
613		muito dessa etapa, porque a casa ela ficou pros
614		filhos. Né? Minha avó teve cinco filhos e a
615		minha tia faleceu. Ficaram quatro. Meus três
616		tios e a minha mãe. A casa foi vendida. E eu
617		lembro que a parte da minha mãe ela gastou num
618		tempo de quatro meSSes. Ela falou que queria
619		comprar um carro, queria faSSer não sei o quê.
620		Ela comprou comida pra casa, ajeitou umas
621		coisas, fez uma mini obra e o dinheiro acabou.
622		Estou falando de um valor de uma caSSa que foi
623		dividida entre quatro filhos. E era uma casa
624		gigante de quatro quartos. Aí depois, é, quando
625		eu comecei a faculdade, eu lembro que eu
626		comecei a trabalhar também. Eu faSSia trabalho
627		de, de freelancer. Eu arrumei um emprego. O meu
628		primeiro emprego foi numa lanchonete. E com
629		esse dinheiro eu pagava as minhas passagens. Só
630		que eu comecei a perceber que o que eu gastava
631		numa semana não era igual ao que eu gastava na
632		semana seguinte. Aí eu já tinha uns 18 anos.
633		Mesma época da, dos protestos, essas coisa.
634		Depois, quando eu caSSei, eu posso falar que
635		you comprava assim. O que que era uma compra?
636		Uma maioneSSe, um ketchup, 1 quilo de frango e
637		um biscoito. Era a única coisa que você
638		conseguia comprar. Quando eu tinha 18, 19 anos,
639		começou a venda por número de identidade. Que
640		não era mais do que: "Teu número de identidade
641		é 253050". Esse último 0 significava que você
642		podia comprar, por exemplo, na segunda-feira.
643		Aí você ia no mercado na segunda-feira e
644		comprava o que tivesse na segunda-feira. Você
645		não podia, não. O Carlos Zapata veio muito
646		tempo depois. Muito depois. Eu estou falando de
647		2014. Ainda não tava no pensamento o Carlos
648		Zapata. Ou tava e não era tão, tão popular
649		naquela época. Aí você, com o seu último número
650		de identidade, você ia pro mercado e comprava o
651		que tivesse aquele dia. "Ah. Tem absorvente,
652		dois ketchup, uma maioneSSe e 1 quilo de não
653		sei o quê". Aí você comprava. "Ah. Mas eu sou
654		homem", "Você compra o absorvente e você troca
655		por alguma coisa". Aí veio a cultura da troca.
656		"Ah. Eu tenho um litro de aSSeite. Eu vou
657		trocar por um xampu. Você tem um xampu e você é
658		careca, você não vai usar, então eu te dou o
659		aSSeite". "Ah. Então você tem isso, eu te dou
660		aquilo". E quando eu, quando eu comecei o
661		estágio, eu comecei numa rádio comunitária que
662		ficava na frente de um mercado. Então enquanto

663	a gente tava faSSendo o programa aí eu já
664	conseguia ver: "Olha. Lá, lá na frente tem
665	absorvente, que tem não sei o que, não sei o
666	que. Eu vou faSSer a fila". Eu saía da rádio,
667	faSSia a fila, comprava e ia pra outro mercado
668	pra ver se ainda a minha identidade não tinha
669	sido registrada e eu conseguia comprar outra
670	coisa. E era pouquíssimo dinheiro que eu tinha.
671	Eu era estudante. Eu não tinha bolsa, não tinha
672	absolutamente nada. Essa universidade
673	particular eu estava com uma bolsa 100%. Então
674	eu não paguei a minha universidade, graças a
675	Deus, porque era caríssima. Mas assim, bolsa
676	de, de a-auxílio, essas coisas, muito estranho
677	you ter. Muito, muito estranha. Eu nunca tive.
678	Até o dia de hoje. Eu, eu nunca tive essa bolsa
679	lá no meu país. Aí comeNçou uma coisa chamada
680	<i>Bachaquero</i> . Vou até escrever, porque é o nome é
681	bem esquisito. Começou o <i>Bachaquero</i> . O
682	<i>Bachaquero</i> era uma revenda. Mas não era uma
683	revenda como a gente conhece. Se você fala de
684	revenda: "Ah. Eu vou lá, compro a cinco reais,
685	vendo a 10". Não. Lá era: "Você compra a cinco
686	reais e vendia a 50". E aí você que lute. "Ah.
687	Você não tem para comprar? Então você vai ficar
688	esperando, que o dia que você tiver o seu
689	número de identidade no registro tiver o que
690	você tá procurando". Aí eu lembro que a minha
691	mãe começou a pedir pra pessoas que vinham de
692	fora, que viajavam, que estavam voltando pro
693	país: "Você pode <i>traer</i> um xampu pra mim? Você
694	pode <i>traer</i> um sabonete pra mim? Você pode <i>traer</i>
695	não sei o que pra mim?". Aí eu lembro muito,
696	muito, a empolgação quando chegava uma pessoa
697	de fora e abria a mala. Porque tinha gilete,
698	xampu. É, nossa. Eu comi até chocolate, que eu
699	nem lembrava qual era o gosto de chocolate.
700	É::, tudo, tudo de fora. E fora eu tô falando
701	até na Colômbia, que era uma coisa que ficava
702	duas horas da minha casa. Eu tinha a fronteira
703	da Colômbia a duas hora da minha cidade. Aí
704	começaram as viagens pra Maicao, que tá na
705	fronteira. Aí a pessoa viajavam, né,
706	atravessavam a fronteira, compravam lá e
707	traziam. Nesse processo, quase ninguém comprava
708	em mercados. Você comprava em mercado o que era
709	do dia, só pra ter as coisas do dia. "Ah.
710	Acabou o ketchup. Ah. Mas tão dando ketchup no
711	supermercado, não sei o que". Aí você ia lá e
712	pegava. Mas o, o grosso, que eu falo assim, o
713	que você mais comprava, normalmente vinha da
714	fronteira ou desse <i>Bachaquero</i> aqui, desse
715	mercado informal. Então minha mãe trabalhava
716	muito. minha mãe sempre trabalhou. Minha mãe
717	foi pioneira na Venezuela em atendimento
718	online. Minha mãe tem mais de 10 anos tendo

719		atendimento online. E no meu país é uma coisa
720		que tem a cinco, seis anos. Aí ela começou:
721		"Ah. Você é meu paciente. A gente tem três anos
722		juntos. E você vai embora do país? Você quer
723		continuar comigo ou quer procurar outra
724		pessoa?", "Ah. Não. Eu quero continuar com você
725		e não sei o quê". "Tá bom. Então você me paga
726		na sua moeda". Aí essas pessoas que moravam
727		fora começaram a ser, novamente eu não sei qual
728		o nome em português, <i>albaceas</i> da minha mãe.
729		Eram pessoas que recebiam o dinheiro e dava um
730		jeito pra mandar o dinheiro pra Venezuela.
731		Naquela época o dólar não estava tão crescente
732		quanto agora. Não era uma dolarização como tem
733		agora. Aí o dólar era um ponto de referência.
734		Já era 2018 mais ou menos, já começou essa
735		dolarização interna. Já era: "Ah. É tantos
736		dólares ou é tantos bolívares. Mas a pessoa que
737		recebia a bolívar não recebia na mesma taxa.
738		Ela te cobrava mais. Começou, nossa. Teve
739		alguém que me lembrou isso esses dias. Avance
740		de efetivo. Que não era mais do que você passar
741		o cartão, normalmente era de ticket alimentação
742		ou era de algum benefício, alguma coisa. Você
743		passava o cartão, a pessoa te cobrava uma taxa
744		e te dava o dinheiro. Então você acabava
745		comprando a sua própria moeda, porque os caixas
746		eletrônicos, ele tinha um valor mínimo por dia.
747		Um valor máximo. Um valor máximo. Aí
748		diariamente você consegue, sei lá, 10
749		bolívares. Mas você gastava quatro indo e
750		voltando no banco. Então você não ganha
751		absolutamente nada. Aí as pessoas cobravam uma
752		taxa, que às vezes era 100%, 200%, 300%. Então
753		para comprar 10 bolívares você pagava 30 ou 40.
754		E eu tinha que fazer muito isso, porque eu
755		viajava pra, pra outro município. Eu viajava
756		pra outro município porque eu trabalhava com
757		uma etnia indígena. Aí lá tudo era pagado em
758		dinheiro, lá não existia cartão assim. Eu
759		tinha cartão só pra fazer que eu tinha, porque
760		eu quase nem usava. E essas vendas de
761		supermercado, às vezes não era com cartão. Às
762		vezes era só com dinheiro. E o dinheiro começou
763		a acabar. O dinheiro vivo na rua. Então as
764		pessoas vendiam. Você viajava pra Colômbia pra
765		comprar moeda Venezuela. Era uma coisa doida
766		assí. Eu nem posso explicar porque é muito,
767		muito estranho. Até eu não entendo algumas
768		coisas.
769		
770		
771	Michele	É complicado.
772		
773		
774	Girassol	E, não. Muito. Falar de economia e política é

775 776 777		muito complicado.
778 779 780	Michele	É. Mas eu queria... Perdão. Pode falar.
781 782 783	Girassol	Então, então nesse tempo...
784 785 786		
787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812	Girassol	Então nesse tempo, é, minha mãe comprava comida de Fora. Meu tio e meu pai viajava para Colômbia pra comprar comida do mês. E às veSSe rendia até mais. Às veSSe compensava. Só que aí o preço começou a aumentar também, então não deu certo. E no tempo que eu morei com meu marido, ele só tinha um emprego. Então assim, ele não viajava, ele não, não recebia coisa de fora. Era só esse emprego mesmo. E não alcançava pra viver duas pessoas. Aí ele faSSia bicos. Né? Ele procurava em, é, trabalhos informais. E eu lembro que uma das coisas que mais doeu durante o nosso relacionamento é que a tia dele tava fazendo uma obra e ele ia para casa da tia, a tia dava as três comidas pra ele, eu me ofereci a lavar, sei lá, lavar louça, limpar chão, alguma coisa, ela falou que não. E a única pessoa que tava se alimentando bem era ele. Enquanto eu estava em caSSa estudando com a barriga vaSSia. Também foi por isso que meus pais não chamaram pra morar com eles. Então minha mãe e meu pai meio que davam um jeito pra comprar comida de fora. Mas nem sempre a geladeira tava cheia.
813 814 815 816 817 818 819 820 821	Michele	Entendi. Quando você fala, você fala, falou várias vezes a palavra xampu. E aí eu associei xampu à vaidade feminina. Né? E a mulher venezuelana ela é conhecida no mundo inteiro por ser muito bonita. Tanto que os concursos de Miss Universo geralmente, né, a disputa ficava entre Venezuela e Colômbia.
822 823 824	Girassol	Sempre.
825 826 827 828 829	Michele	Entre as mulheres mais bonitas. Então nesse momento eu acredito que deva ter sido difícil também, porque a vaidade eu entendo como, pelo menos vem conhecendo um pouco dessa cultura, é, como algo bem cultural em relação a, a, ao uso,

830		né, dessas, dessas questões e que pra vocês
831		devem ter si-, deve ter sido bastante
832		complicado também.
833		
834		
835	Girassol	Não. Muito. Ao ponto de que eu fui uma. Eu
836		cortei o meu cabelo quando começou esse
837		problema. Eu tinha um cabelo que chegava até o
838		meu quadril. E eu cortei por cima dos ombros.
839		Foi a primeira vez que eu cortei o cabelo tão
840		curtinho. Porque o meu cabelo nunca foi
841		oleoSSo. Nunca. E naquela época o meu cabelo
842		ficava cheio de óleo e comecei a ter caspa
843		porque eu comprava xampu que tinha. Comprava 40
844		marcas e cada uma faSSia uma coisa pior no meu
845		cabelo. E eu lavei o meu cabelo, aqui no
846		BraSSil o sabão é amarelo, aquele que você uSSa
847		pra lavar roupa, aquele que vem numa pasta. É,
848		na Venezuela é azul. E eu comprava o sabão azul
849		para lavar o meu cabelo. Pior coisa que tem na
850		vida. Meu, meu cabelo caía aos pedaços. Eu
851		tenho até agora, eu tenho um buraquinho na
852		parte de trás da cabeça, que foi um pedaço que
853		caiu completo e eu nunca consegui que o cabelo
854		crescesse aí direto. Então todo mundo acha que
855		é um redemoino, mas na verdade não é um
856		redemoino. É um buraco. E eu lembro que así. Eu
857		aprendi a cortar cabelo, minha mãe aprendeu a
858		cortar cabelo. Eu cortei o cabelo da minha
859		prima. Teve uma prima que fez até um curso pra
860		cortar cabelo das pessoas. Então assim, você
861		cortava o cabelo ou você se arriscava a encher
862		ele de químicos e coisa que fazia cair mais
863		rápido.
864		
865	Michele	Entendi. Bom. Pra a gente tentar direcionar
866		para o fim. Né? Agora eu queria que você
867		falasse, né, você já disse um pouco que quem
868		decidiu vir pro Brasil é o seu marido. E::, e
869		aí quando vocês decidem vir de fato, né, é,
870		como vocês chegam no Brasil? É::, e como vocês
871		chegam no Rio de Janeiro?
872		
873		
874	Girassol	Bom. A melhor coisa da vida é que você não sabe
875		o meu nome e nem olha pra minha cara. Porque
876		ele não veio de uma forma legal. É, no 2018, no
877		começo do ano, o meu ex-cunhado, que era um
878		primo irmão dele, ele queria sair de qualquer
879		forma do país. Ele queria sair pra qualquer
880		lugar. Aí ele achou uns amigos, entre muitas
881		aspas, que trabalhavam aqui, entre aspas, de
882		novo, com uma empreSSa de mercadorias. "Ah. É
883		uma empreSSa de mercadoria. Você vai ter que
884		levar pacotes. A gente fornece uma moto e não

885		sei o que". Aí ele sabia dirigir moto, porque
886		muita gente na Venezuela sabe dirigir moto. E
887		tudo bem. Ele saiu pela Colômbia, porque ele
888		tinha passaporte. Ele saiu por Colômbia e
889		chegou em São Paulo. Em São Paulo, quando ele
890		já estava aqui, ele começou a falar pra meu ex-
891		marido o que que era o trabalho realmente. Até
892		agora continua pensando que era mercadoria. Eu
893		imaginei uma coisa tipo DHL, é, Correio, uma
894		coisa assim, Mercado Livre. Ele começou a falar
895		pra ele o que realmente era. Eu não sabia. Eu
896		fiquei enganada. A minha ex-cunhada, que é a
897		irmã dele, não gostou nunca de mim, não sei por
898		quê. Nunca gostou de mim e achava que eu ia
899		tirar o patrimônio deles. Sei lá. E ela começou
900		a falar pra ele sair do país. Não. Ele foi em
901		avião. Ele foi Maracaibo Fronteira, Fronteira
902		Riohacha, Riohacha a Bogotá, Bogotá a São
903		Paulo.
904		
905		
906	Michele	Ah. Tá. Eu até coloquei aqui no chat, né,
907		porque como ele atravessou de moto, eu falei:
908		"Como? Como assim? Chegou até São Paulo".
909		
910		
911	Girassol	Não. Quando chegou em São Paulo.
912		
913		
914	Michele	Já imaginei que ele tivesse ido, ido assim,
915		viajando meses, né, até chegar a São Paulo.
916		
917		
918	Girassol	Ah. Não.
919		
920		
921	Michele	Mas enfim, pode continuar.
922		
923		
924	Girassol	A gente foi em São Paulo, ele (inint)
925		[00:48:18] trabalhar de moto. Isso. Aí, então,
926		ela começou a falar: "Ah. Larga ela, que não
927		sei o que. Deixa ela lá. Ela tem família".
928		Porque todo mundo achava que meus pais eram
929		ricos, principalmente porque eu estudei numa
930		faculdade particular e porque eu não fui
931		obrigada a trabalhar durante a minha formação.
932		Eu trabalhei porque eu quis. Aí ele comeNça
933		a... a ouvir a irmã ouvir o primo, se deixa
934		influenciar e fala: "Ah. Vou sair". Ele sai no
935		mês de setembro de 2018. E ele fez um percurso
936		bem parecido com o meu. Ele foi de Maracaibo a
937		Caracas em ônibus. De Caracas ele pegou um
938		serviço privado até Boa Vista. E de Boa Vista
939		ele viajou pra São Paulo de avião. É parecido,

940 941 942 943		mas não é exatamente o meu. Quando ele chegou...
944 945 946	Michele	Serviço...
947 948 949	Girassol	Hã?
950 951 952 953	Michele	Perdão. Serviço privado seria um ônibus privado?
454 955 956 957	Girassol	Não. Era como se fosse de táxi. Como se fosse um <i>transfer</i> .
958 959 960	Michele	Um Uber? Ah. Um <i>transfer</i> . Sim. Entendi.
961 962 963	Girassol	Como se fosse um, um <i>transfer</i> . E...
964 965 966	Michele	De Caracas a Boa Vista?
967 968 969	Girassol	Isso.
970 971 972	Michele	Quanto tempo em via terrestre aproximadamente?
973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994	Girassol	De Caracas até para Pacaraima, que é a fronteira, era 18 horas, eu acho. Aí, não. Mas ele dormiu em algum lugar. Eu entrou em dois lugares lá. Eles não viajaram direto. Aí de Pacaraima à Boa Vista são 3h. Só que ele ficou na fronteira muito tempo porque ele entrou de identidade. A fila da identidade era muito mais longa do que a fila do passaporte. Quando eu vim eu demorei uma hora, porque eu trouxe passaporte. Aí ele chega a São Paulo. E quando ele chega a São Paulo, que ele está aqui no Brasil e eu estou lá em Maracaibo, aí ele fala: "O, amor. No é uma empreSSa de mercadorias. É uma coisa aqui no Brasil, se chama de agiota, que é pessoas que faSSem empréstimo". Aí eu ainda estou imaginando que a coisa é legal. Porque você não vai sair de um país pra faSSer uma coisa ilegal e ter o risco de ser deportado. Ah. Mas é o pensamento que eu tinha, mas não é o pensamento que todo mundo tem. Aí ele começou a trabalhar sem carteira de motorista, sem ter documentação no Brasil,

995 996 997 998 999 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011		porque ele demorou uma vida em tirar a documentação. E eu enganada achando que tudo era legal. Aí eu fiquei na Venezuela tentando acabar o meu mestrado. Não deu certo por todas as greves sindicais e por todas as coisa e por que a minha faculdade ela não está atualiSSada com as tendências mundiais. Então ou você via um mestrado presencial ou você largava o mestrado. Não tinha como faSSer ensino à distância. É, eu queria acabar com todas as matérias teóricas e ficar somente com o TCC pro final. Mas também não deu certo. Eu não consegui avançar nas matérias teóricas e quando eu vim para cá eu nem sei se eu acabei o período.
1012 1013 1014	Michele	Nossa. Então...
1015 1016 1017	Girassol	Aí estamos falando, oi?
1018 1019 1020	Michele	Não. E aí? E agora você. Como você chega aqui?
1021 1022 1023	Girassol	Ah. Já estou indo falar.
1024 1025 1026 1027	Michele	Você falou, você falou da história dele. Eu quero ouvir a sua.((risos))
1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 1040 1041 1042 1043 1044 1045 1046 1047 1048 1049	Girassol	Então. A minha foi así. É, ele veio no 2018. Aí em deSSembro eu tive aquela <i>hepatitis</i> . Né? Já aí começo a pensar: "Olha. Tá sendo mais urgente você sair". No mês de fevereiro eu trabalho numa loja, que não me deu absolutamente nada, porque o dinheiro que eu ganhava eu gastava em passagem. Então eu tava praticamente bancando o trabalho. E o dia 7 de março de 2019 à uma hora da tarde teve o chamado Apagão Nacional, que foi a vez que a Venezuela ficou sem energia. Se você perguntar pra outras pessoas que ficaram na Venezuela nesse período, alguém vai te falar: "Ah. O primeiro apagão, o segundo apagão". Eu falo que foi um só. Porque durante um mês a gente só teve cinco dias de energia e não foram cinco dias juntos. Então fala: "Ah. O primeiro durou seis dias, o segundo durou...". Pra mim não. Pra mim é tudo junto. Eu estava trabalhando. Já tinha a queda de luz normal desde 2013, 14, por aí. A gente tinha queda de Luz duas horas, três horas, quatro horas por dia. Já você sabia.

1050		Tinha até o cronograma. E nesse 2018, as quedas
1051		de luz eram mais frequentes. Eram umas seis
1052		horas por dia, às vezes dividiam três horas na
1053		manhã, três horas da noite. Mas era comum. Aí a
1054		luz foi embora. Eu tava trabalhando, fechei a
1055		loja. Falei: "Olha. Acabou a luz". Aí ela:
1056		"Não. Aqui também. Pode vir". Que ela era a
1057		minha vizinha. A minha chefe era minha vizinha.
1058		Aí eu fui pra casa e eu ouvi a pior frase da
1059		vida: "Parece que é nacional". Aí eu: "Gente.
1060		Acabou. Acabou". Que a, a nossa energia ela é
1061		hidrelétrica. E a gente tem uma reserva, que é
1062		a Reserva do Guri e já tinha muito tempo,
1063		muito tempo falando que ela estava por baixo do
1064		nível mínimo. Então era tipo uma ameaça. Era
1065		uma ameaça que estava aí latente. Além disso, o
1066		Lago de Maracaibo, que também tem a sua
1067		hidrelétrica, tinha aquelas torres de energia
1068		enferrujadas no... no sul do lago. Estavam
1069		todas enferrujadas. Uma tinha até caído há
1070		muito tempo. Então assim, essa ameaça já tinha
1071		meses sendo falado. Chegamos em casa: "É
1072		nacional. Tem não sei quantos estados. Tem não
1073		sei o quê. Vá que chegue até amanhã". Amanhã
1074		era o dia 8 de Março, Dia da Mulher, que é o
1075		dia do meu aniversário. E eu lembro a minha mãe
1076		chorando, que ela não conseguiu fazer um bolo
1077		pra mim, que não tinha onde guardar os
1078		ingredientes. Não tinha absolutamente nada para
1079		conservar o bolo. Aí eu não comi nada aquele
1080		dia. A gente cantou parabéns com uma vela. No
1081		terceiro dia já a geladeira começou a, a feder.
1082		Aí as pessoas cozinhavam a comida, comiam tudo
1083		ou dava pros cachorros. Eu tenho três
1084		cachorras. Elas comeram a beça. Foi uma coisa
1085		essagerada. Elas olhavam pro prato de comida já
1086		com nojo. E os vizinhos traziam fruta e coisa
1087		pra dar pra elas. Depois do dia cinco, dia seis
1088		começaram em saqueios. As pessoas corriam pra
1089		minha rua pra se esconder. Entraram na casa do
1090		meu vizinho, ameaçaram a minha vizinha, quase
1091		bateram na minha mãe. Eu saí correndo. Eu... eu
1092		estou em terapia ainda, falando dessa etapa.
1093		Porque foi tão difícil, que eu não diferencio
1094		os dias assim. Eu dormia de dia pra ficar
1095		acordada à noite pra ficar de olho na casa.
1096		Então de manhã era meu pai e meu irmão e de
1097		noite era eu e a minha mãe. A minha mãe eu, a
1098		minha mãe foi a primeira pessoa que eu vi
1099		chorar de cansaço. Chorar porque ela queria
1100		dormir e ela não conseguia dormir. Depois que
1101		veio tudo isso eu falei: "Gente. Pra mim não tá
1101		dando mais. Eu não consigo mais ficar aqui. Eu
1102		tenho que ir embora. E aí começou o meu plano
1103		de ir pra Colômbia. Aí eu falei: "Não. Vou pra
1104		Colômbia. Vou ver como é que é". Comecei a

1105	perguntar pra os meus amigos. É o bom do, do
1106	êKSodo, né, que você tem gente em qualquer
1107	lugar. Aí eu comecei a perguntar: "Você tá
1108	aonde?", "Ah. Bogotá", "Como que é lá?", "Você
1109	tá aonde?", "Medellín". Medellín foi o primeiro
1110	lugar que eu considerei pra migrar. Eu tinha,
1111	assim. Ninguém conseguiu me receber na sua
1112	casa. Mas eu tinha um amigo que sabia de um
1113	quarto. Tinha um amigo que sabia de um emprego.
1114	Tinha uma amiga que sabia de bicos. Tinha uma
1115	amiga que sabia de não sei o quê. Então eu
1116	falei: "Ah. Vou pra lá, que pelo menos eu tenho
1117	uma rede de apoio". Aí surgiu a ideia de eu
1118	viajar com o marido da minha melhor amiga. A
1119	minha melhor amiga e o marido têm uma filha.
1120	Então parecia muito responsável levar elas
1121	duas, porque não tínhamos onde morar. Aí eu
1122	falei: "Tá. Se você quisSer vir comigo tá super
1123	convidado. Mas eu vou, ainda que seja
1124	soSSinha". Aí eu decido me separar do meu
1125	marido, porque ele não me deu nenhum tipo de,
1126	de apoio, seja econômico, seja emocional,
1127	durante esse tempo do apagão. E, além disso,
1128	ele tinha feito muitas promessas e não tinha
1129	cumprido nenhuma desde que ele tinha ido
1130	embora. E não estou falando somente de, de
1131	mandar dinheiro. Eu estou falando desse, desse
1132	apoio que você espera do seu companheiro. Eu
1133	falei: "Não. Vou me divorciar, não sei o que".
1134	ComeNço a procurar o negócio do divórcio. E
1135	quando ele vê que o negócio é real, que eu
1136	realmente estava procurando advogado e tudo,
1137	ele fala: "Ai. Mas se você tem dinheiro pra ir
1138	pra Colômbia, porque você não vem pro Brasil?".
1139	Porque ele queria que eu pagasse a minha
1140	passagem. Aí eu falei: "Eu até poderia pagar,
1141	se você tivesse me mostrado que quer que eu
1142	esteja lá". Aí é onde ele realmente fala com
1143	todas as letras que ser agiota no Brasil é
1144	ilegal. Que ele pode ser deportado, que ele já
1145	foi ameaçado, que as pessoas não conseguiam
1146	saber onde ele morava porque ele tinha que
1147	ficar oculto, não sei o que, tudo no segredo.
1148	Ele foi, é, batido. Ele foi batido pela
1149	Polícia. Ele foi roubado pela Polícia. Ele foi
1150	ameaçado com ser deportado e ele falava tudo
1151	isso pra mim quando ele fala que quer que eu
1152	venha pro Brasil Aí eu realmente considerei.
1153	Naquele momento falei que não. Mas a minha mãe
1154	falou: "Se você consegue ver ele de novo, olhar
1155	pros olhos e falar que ainda quer se divorciar,
1156	você vai se divorciar realmente. Senão, você
1157	sempre vai ter esse negócio aí aberto". Aí eu
1158	converso com ele e falo: "Olha. Eu tenho tanto
1159	dinheiro, que eu vendi umas coisas, recebi o
1160	dinheiro da minha família também. Eu tenho

1161		tanto dinheiro, mas eu não consigo chegar até
1162		lá". Aí ele fala: "Não. Chega até Boa Vista,
1163		que eu consigo pagar um voo de Boa Vista para
1164		cá". Tudo bem. Eu montei a minha viagem em 15
1165		dias. Em 15 dias eu já tava no aeroporto da
1166		minha cidade. Aí o que que eu fiz? A diferença
1167		do... do roteiro dos dois. Eu viajei
1168		nacionalmente nos dois países. Eu saí de
1169		Maracaibo pra Caracas e de Caracas pra Puerto
1170		Ordaz de avião. Puerto Ordaz é a última cidade
1171		que tem aeroporto na Venezuela. Aí eu cheguei
1172		até lá, contratei o mesmo serviço particular.
1173		Mas dessa vez saiu mais barato. E também isso
1174		foi mais rápido, porque eu demorei acho que
1175		foram oito horas até chegar na fronteira. Aí
1176		cheguei na fronteira. É::, éramos quatro
1177		pessoas, três com passaporte e uma com
1178		identidade. E nós demoramos uma hora e essa
1179		pessoa da identidade ficou o dia todo na fila e
1180		ainda fomos embora e ele não tinha carimbado o
1181		ingresso. Mas como tava cheio, já era tarde, a
1182		guarda, a Polícia Federal deu pra ele como se
1183		fosse um comprovante que ela já tinha, que ele
1184		já tinha feito a fila.
1185		
1186		
1187	Michele	Uma pergunta. Você fala desse serviço, né, que,
1188		que cruzou a fronteira.
1189		
1190		
1191	Girassol	Uhum.
1192		
1193		
1194	Michele	É, é uma espécie de atravessadores como nos
1195		Estados Unidos, na fronteira do México com os
1196		Estados Unidos, que a gente chama aqui de
1197		coiote?
1198		
1199		
1200	Girassol	Não.
1201		
1202		
1203	Michele	É algo semelhante?
1204		
1205		
1206	Girassol	Não. É, é simplesmente como se fosse um Uber
1207		compartilhado. Não, não é nada disso. Só que
1208		esse serviço, eles também ofereciam meio que às
1209		veSSes de coiote. Porque durante o tempo do
1210		planejamento da minha viagem a fronteira estava
1211		fechada. Então eles fiSSeram como se fosse uma
1212		parceria, entre muitas aspás, com o pessoal da
1213		área e com as pessoas de Pacaraima que faSSiam
1214		o serviço de Pacaraima pra Boa Vista. Aí eles
1215		deixavam você numa, num ponto, como se fosse

1216		uma pouSSada ou alguma coisa así e outra pessoa
1217		te pegava. Eu ia fazer esse, esse, essa volta
1218		toda, mas como Deus é grande e maravilhoso, a
1219		fronteira foi aberta quatro dias antes de eu
1220		sair da minha cidade. Muito em cima da hora.
1221		Mas isso me deu mais tranquilidade porque lá a
1222		fronteira não era atravessada de noite. Só era
1223		atravessada de dia. Tinha um monte de
1224		obstáculos assim. Era uma rua assim sem
1225		asfalto, tinha que passar por uma parte de
1226		mato. Você não conseguia levar todas as coisas
1227		que você tinha. E eu só tinha uma mala de 23
1228		quilos e uma mochila de 8 quilos. Eu botei 23
1229		anos da minha vida nesse espaço. Mas quando eu
1230		cheguei tava legal eu atravesssei a fronteira
1231		normal pela porta grande. E uma coisa muito,
1232		muito linda que eu vou falar agora. O tempo que
1233		eu viajei dentro da Venezuela eu sempre estive
1234		cheia de ansiedade, né?. Tinha as mãos
1235		tremendo, meu coração latejando muito rápido.
1236		Eu com muito medo de ser roubada, de, de ter
1237		algum problema, de perder o que eu tinha,
1238		porque eu trouxe o meu diploma original. Você
1239		não tem como tirar o diploma de, de graduação
1240		de novo. Aí eu falei: "Gente. E se eu for
1241		roubada? O que que eu vou fazer?". Mas no
1242		momento eSSato que eu atravesssei a fronteira
1243		pro Brasil, tô até arrepiada, no momento exato
1244		que eu atravesssei a fronteira, a calma que eu
1245		senti foi tão grande. Posso chorar na
1246		entrevista? ((risos)) ((choro))A calma que eu
1247		senti quando eu vi aquele letreiro, eu tenho
1248		até uma foto do letreiro ainda. Bem-vindos ao
1249		Brasil. Foi muito grande. E olha que tá falando
1250		uma pessoa que nunca saiu do seu país. Nunca.
1251		Nunca. Eu não fui nem, nem para fronteira.
1252		Ainda sendo ela duas horas eu não fui nem para
1253		fronteira. E eu cheguei. A, a hospitalidade
1254		así, a, nossa. O acolhimento que eu vi na
1255		fronteira mesmo, eu já falei: "Cara. Será que
1256		esse aqui é o meu lugar? Será que vai dar
1257		certo?". Eu cheguei sem ter a mínima ideia de
1258		se ia dar certo ou não.
1259		
1260	Michele	E o idioma? Como foi essa, essa novidade?
1261		
1262		
1263	Girassol	Bom. Eu já tinha uns quatro meSSes ouvindo
1264		coisas em português, tentando entender. Mas não
1265		entendia nada. Eu falava que eu entendia. E
1266		todo mundo achava que eu entendia. Então eu sou
1267		muito boa fingindo. Posso ser atriz. Aí, é, na
1268		fronteira se fala muito portunhol. Muito
1269		agradecida por isso. Aí o pessoal que recebeu,
1270		né, falava: "Buenos dias". Todo assim
1271		enroladinho, mas dava pra entender. E eu lembro

1272 1273 1274 1275 1276 1277 1278 1279 1280 1281 1282 1283 1284 1285 1286 1287 1288 1289 1290 1291 1292 1293 1294 1295 1296 1297 1298 1299 1300 1301 1302 1303 1304 1305 1305 1306 1307 1308 1309 1310 1311 1312 1313		que quando a gente fez a troca de carro, porque pra você passar com o carro venezuelano tem que ser um monte de documentação. Então essa parceria faSSia com que a pessoa de Pacaraima entrasse rapidinho na fronteira Pegava você e atravessava. Aí não tinha que fazer nada. Eu lembro que eu falei pra ele. O nome dele era Manuel. Ainda lembro. Eu falei: "Manuel. Será que eu falo que venho pra morar?". Porque você vê a vida toda assim essa coisa dos Estados Unidos. Você não pode falar que você veio para morar. Você vai ser deportada. Eu falei assim: "Será que eu falo que eu venho pra morar?". Aí ele: "Olha só, amiga. Você pode falar sim, que o Brasil é muito acolhedor". Aí eu: "Mas é acoLa, é acolhedor mesmo?". Aí ele: "Claro. Você vai ver". Aí quando eu cheguei no, no oficial de imigração eu tava tremendo. E todas as pessoas que estavam comigo tavam de passo. Iam pra Argentina, Chile, essas coisas. Aí ele falou assim: "Você veio pra, pra morar ou de viSSita?". Aí eu tremendo. Aí eu falei: "Não. Eu venho para morar". O cara com aquele sorrisSo. Eu imagino que aquele dia quatro pessoas vinham para morar só. Aquele sorrisSo ele falou: "Nossa. Vem cá. Vou te explicar. Você vai para Polícia Federal, você tira a sua documentação, vai pro Ministério da FaSSenda, tira a sua carteira de trabalho, tira o CPF também e não sei o quê. E você vai ter a sua documentação. Vai ser tudo bonito. Você tá soSSinha?". Eu falei: "Não. Meu marido mora lá". Aí ele: "Não. Perfeito. O seu marido já deve saber. Ele tem tempo aqui?", "Ah. Ele tem oito meSSes", "Ah. Tudo bem". Aí ele pegou meu passaporte botou esse carimbo maravilhoso, escreveu reSSidente no meu passaporte e falou: "Seja muito bem-vinda ao Brasil". E eu acho que, já vou chorar de novo. Foi o dia 18 de maio de 2019. E eu posso diSSer com certeza que a minha vida mudou aquele dia. Aí...
1314 1315 1316 1317 1318 1319	Michele	Você não tá chorando sozinha não. Eu tô de óculos, mas eu me emocionei bastante, porque é impossível a gente ouvir esses relatos e ficar...
1320 1321 1322	Girassol	Ai.
1323 1324 1325	Michele	Sem palavras. Né? Eu não vou falar o que é, não tem mais nada para falar.

1326		
1327		
1328	Girassol	Vamos respirar fundo as duas.
1329		
1330		
1331	Michele	É. Respiramos. Aí... E aí você vai direto pra São Paulo?
1332		
1333		
1334	Girassol	Então. É isso. É, olha só a doideira. Ele queria, ele conseguiu um voo barato pra Rio de Janeiro. Era Boa Vista - Brasília, Brasília - Rio. Aí ele queria que eu, sem saber onde eu tava, sem saber a língua, sem saber quanto custava nada, ele queria que eu chegasse no Santos Dumont, pegasse o Uber pra rodoviária, chegasse na rodoviária, comprasse uma passagem de ônibus e viajasse pra Campinas, que era onde ele morava. Aí eu falei: "Cara. Sem condições. Sem condições assim. Eu não faço a mínima ideia de quanto isso é caro, o quanto é barato. Não faço a mínima ideia". Eu cheguei no Brasília quando o dólar tava em 4.2. Aí eu troquei o dinheiro que eu trazia, deu uns 300 reais. Eu falei: "Gente. Sou milionária". Mentira. Aí eu não sabia o quanto que era caro. Vai que alguém falava: "Ah. É 100 reais", eu acho que é barato? Não sei. Aí ele falou que o pessoal do escritório, olha, escritório, aquela coisa dele trabalhar lá, é, alguém tava aqui no Rio. Aí ele conseguia ir lá me buscar. Eu ia entrar no carro com um desconhecido, num país que eu não conhecia pra ir num lugar que eu também não conhecia. É uma coisa assim muito esquisita. Aí:: eu cheguei no dia sábado e eu chegava no Rio no dia domingo à tarde. Aí ele no dia, acho que foi na sexta, ele recebeu o avião que ele ia vir morar no Rio. Ele foi trasladado pro Rio de Janeiro dois dias antes. Aí a gente chegou praticamente junto, porque ele saiu de Campinas, chegou aqui 5h da tarde. Não. 6h da tarde. E eu tinha chegado no Rio 13h30m e eu estava lá de bobeira no aeroporto tentando comer sem saber como explicar o que eu queria comer. E uma coisa que eu achei muito estranha é que aqui ninguém fala outras línguas. É muito estranho você achar alguém que fale outra língua. Eu me perdi no aeroporto de Brasília. O aeroporto de Brasília é uma cidade. E eu saí pra um lugar e aparecia em outro, eu quase perco meu voo. Tudo isso em menos de quatro horas. Aí ele foi me buscar e a gente foi morar em Duque de Caxias, porque alguém do escritório tinha alugado um apartamento lá. Aí um cara da Colômbia, porque todos eles são colombianos. Aqui no Brasil quase todos agiotas assim são
1335		
1336		
1337		
1338		
1339		
1340		
1341		
1342		
1343		
1344		
1345		
1346		
1347		
1348		
1349		
1350		
1351		
1352		
1353		
1354		
1355		
1356		
1357		
1358		
1359		
1360		
1361		
1362		
1363		
1364		
1365		
1366		
1367		
1368		
1369		
1370		
1371		
1372		
1373		
1374		
1375		
1376		
1377		
1378		
1379		
1380		

1381		colombianos e peruanos. Aí um cara tinha
1382		chegado, acho que uma semana antes, uma coisa
1383		assim. Ele já tava morando lá e o apartamento
1384		tinha dois quartos. Era um para ele e um para
1385		nós. Aí eu comecei a me estressar, porque eu
1386		queria arrumar um emprego logo. Eu já queria
1387		começar a trabalhar, mandar dinheiro pros meus
1388		pais. Sabe? Buscar a vida. Só que ele falou: "E
1389		se eu me mudar? Você vai ter que vir comigo. Ou
1390		você vai ficar aqui sozinha?". Aí eu não
1391		conseguia arrumar emprego porque ele podia se
1392		mudar. E acho que aí começou a instabilidade.
1393		Eu, eu nunca senti que eu tinha um lugar fixo,
1394		porque qualquer hora ele podia falar que era o
1395		momento de ir embora. Então a gente ficou nesse
1396		lugar três semanas. Depois o contrato venceu e
1397		era muito caro renovar. Não sei como que era.
1398		Aí eu sozinha novamente, sem falar uma palavra
1399		de português, fui ver uma casa lá no mesmo
1400		Jardim Primavera. O cara me explicando não sei
1401		o que é da torneira, não sei o que o que da
1402		eletricidade. Eu não entendia nada. Eu só via
1403		ele sinaliSSando. E eu fazia que sim com a
1404		cabeça. Aí depois no final eu liguei pra ele e
1405		falei: "Ah. Gostei da casa". Passei o telefone
1406		pro dono, eles fecharam e a gente começou a
1407		morar lá. E essa casa, ainda sendo o lugar onde
1408		eu mais chorei e eu mais sofri, me fez conhecer
1409		a pessoa com a que eu estou mais agradecida na
1410		vida, no universo inteiro. Era como se fosse um
1411		condomínio de quitinete. Aí a pessoa que morava
1412		do lado era uma menina que acabava de ter
1413		gêmeos com um carioca. Ela é paraibana. E por
1414		algum motivo, né, ela me viu, eu vi ela. Bom
1415		dia. Bom dia. Ela começou a perguntar: "Vocês
1416		são da onde? Não sei o que e na-ná-ná". Eu não
1417		falava nada. Absolutamente nada. Era meu marido
1418		encarregado de faSSer essa troca. E eu lembro
1419		que ela falou: "Ah. As crianças tão chorando".
1420		E ela entrou no quarto e ela falou: "Não. Vem
1421		comigo". E eu olhei as crianças mais pequenas
1422		que eu vi na minha vida. Eles tinham seis dias
1423		de nascidos. Eu sempre falo que ainda tinha
1424		cheiro de placenta. Tinha seis dias de nascido.
1425		E ela me pegou para pegar um deles no colo. Eu
1426		me apaixonei logo. Né? Aí eu comecei a pegar as
1427		crianças, não sei o que. Aí veio a ideia na
1428		minha cabeça. Falei para o meu marido: "Olha.
1429		Explica pra ela que eu fui babá. Fui babá
1430		muitos anos. E que eu posso ajudar ela com as
1431		crianças". Porque a gente sabe que os filhos
1432		são da mãe. E pelo que eu já tinha visto do
1433		marido, eu já sabia que ele não prestava. E eu
1434		tava certa. Aí eu falei: "Não. Explica pra ela
1435		que eu sou babá, na-ná-ná, que se eu posso vir
1436		ajudar ela". E eu sempre falo que foi Deus que

1437		botou uma luzezinha no ouvido dela pra chegar
1438		no seu cérebro e no seu coração, porque ela
1439		falou que sim. Aí eu comecei a, a explicar com
1440		o tradutor na mão, né, que eu queria que ela me
1441		ensinasse o português. Falei: "Cara. Eu não sei
1442		falar nada. Eu preciso falar pra trabalhar, pra
1443		me deSSenvolver, porque eu não vou ficar aqui
1444		sendo ignorante. Não consigo. Não consigo viver
1445		dessa forma". E o inglês, eu, eu fui criada
1446		como bilíngue é natural. Então meu pai é
1447		intérprete de inglês e ele ensinou pra mim e
1448		pro meu irmão e eu falo inglês naturalmente,
1449		como se fosse espanhol. O problema de
1450		vocabulário, porque não uso ele todo dia. Aí
1451		não tava dando certo. Procurei emprego porque
1452		todo mundo falava: "Ah: Precisa falar inglês".
1453		Mas também precisa falar português. Então tava
1454		a falha aí. Aí ela falou: "Não. Sim. Você pode
1455		vir. Mas eu não tenho como te pagar". Eu falei:
1456		"Não, amor. Se você me ensinar a falar
1457		português já tá pago. Já tá pago". Aí ela: "Mas
1458		eu não sei ensinar". E eu respondi: "Mas eu sei
1459		aprender. Eu não preciso que seja ensinado". Aí
1460		eu parecia a sombra dela. Ela ia para um lugar
1461		eu ia com ela. "Ah. Tem que levar as crianças
1462		pro médico". Ela botava uma no bebê conforto,
1463		eu botava a outra. Depois eu botei o canguru,
1464		que acho a melhor coisa da vida, botei o
1465		canguru, ela botava outro. A gente ia botar
1466		vacina nas crianças, levar pro médico, qualquer
1467		coisa. Aí eu comecei a conhecer a família dela.
1468		Todo mundo sabia da gringa que tava com ela. E
1469		quando eu menos percebi eu comecei a criar
1470		fraSSes completas. FraSSes e fraSSes e fraSSes.
1471		É, o meu primeiro vocabulário claramente foi
1472		fralda, mamadeira e todas as coisas. Eu aprendi
1473		o nome de quase todas as vacinas. E depois que
1474		eu, que eu aprendi a criar fraSSes diferentes.
1475		Aí eu contei pra ela a minha história. Ela
1476		chorou muito aquele dia. Porque a gente tem a
1477		mesma idade. No caso eu sou um pouquinho mais
1478		velha do que ela, uns meSSes. E o que ela
1479		vivenciou e o que eu vivenciei não parece, em
1480		absoluto. É uma história de luta. Porque a dela
1481		também é de luta. Mas cada uma na sua área. E
1482		eu lembro que ela botava as crianças no bebê
1483		conforto do meu lado. Eu ficava mexendo. Eu
1484		fiquei muitos meSSes com a mão e o corpo
1485		mexendo sozinho. Eu queria ficar com as
1486		crianças o dia todo. E ela botava a Galinha
1487		Pintadinha. E eu assistia a Galinha Pintadinha
1488		como se fosse o jornal do dia. Eu ficava ali,
1489		eu cantava as múSSicas. Eu depois cantava as
1490		múSSicas para eles. Mas eu sempre falava com as
1491		crianças em espanhol. E é muito engraçado,
1492		porque quando eles foram crescendo eu chamava

1493		em português ninguém me olhava. Aí eu chamava:
1494		"Hola, mia ()" e eles me olhavam,
1495		começavam a me procurar. Deitados, eles
1496		começaram a me procurar e seguiam a minha voz.
1497		Aí ela se mudou. E ainda ela se mudando eu
1498		continuava indo na caSSa dela. E ela se mudou
1499		pra outro lugar e eu continuo indo na casa
1500		dela. Aí ela foi para Região dos Lagos e eu vou
1501		três veSSe por ano. Mas eu tento ir. E ela, ela
1502		chora até hoje. Ela sempre fala da, da história
1503		da superação, de, de como eu cheguei sem saber
1504		nada, sem ter nada, porque eu dormi no chão
1505		nove meSSes. Não tinha cama, não tinha
1505		geladeira, não tinha fogão, não tinha
1506		absolutamente nada. Ela me deu a minha primeira
1507		roupa. Ela me comprou um travesseiro. Ela me
1508		ajudou tanto. ((choro)) ((voz embargada de
1509		emoção)) Ela me ajudou tanto. Sério. E eu acho
1510		que foi Deus así. Ela também acredita. Ela
1511		também é crente. Porque não faz sentido assim
1512		você falar: "Ah. Eu recebi na minha casa uma
1513		pessoa que vem de fora. Não sei de onde ela
1514		vem. Não entendo o que ela fala. E ainda así
1515		ela fala para todo mundo que eu sou a irmã
1516		dela. Que eu vim da VeneSSuela pra aparecer na
1517		vida dela". E, ai. ((risos)) É muito lindo. É
1518		muito lindo você ainda conhecer essa, essa
1519		coisa maravilhoSSa no coração das pessoas. Ela
1520		sempre foi muito honesta comigo. Ela quando não
1521		gostava ela falava. Quando não gostava demais
1522		também falava. Ela me deu total liberdade com
1523		as crianças. As crianças dançavam comigo,
1524		dormiam comigo, comiam comigo. Eu trocava a
1525		fralda, aprendi dar banho numa criança tão
1526		pequena. Que medo. Eu fiz tudo. E, e, é, uma
1527		vez eu fui viSSitar ela e eu comecei a falar do
1528		produto interno bruto do BraSSil e o da
1529		economia do BraSSil e as capitais e as coisa. E
1530		do nada ela olhou pra minha cara e falou: "Você
1531		tem noção de todo o vocabulário que você acabou
1532		de uSSar?". Eu não tinha a mínima noção. Eu
1533		acho que foi, sabe aquele videogame que você
1534		consegue desbloquear um personagem e do nada
1535		tem todas as, as coisas do personagem? Eu acho
1536		que o português pra mim foi así. Eu tinha ele
1537		bloqueado. Falei duas, três coisa e pum,
1538		desbloqueou. E <i>ahora</i> así. Ainda misturo muitas
1539		coisa. Acontece. É natural na vida. Mas eu
1540		alcancei um deSSenvolvimento tão grande, que à
1541		veSSes eu mesma fico surpreSSa así. Pra mim é
1542		impactante imaginar, imaginar de longe. Agora
1543		imagina eu me olhando. Pensar numa pessoa que
1544		chega aí do nada, consegue tudo isso, alcança
1545		essa, essa facilidade, porque pra mim é
1546		facilidade assim. Expressar sentimentos é
1547		complicado em qualquer outra língua que não

1548 1549 1550 1551 1552 1553 1554 1555		seja a sua. Mas pensamento, e poSSições, eu consigo explicar direitinho. E tudo graças a ela. Ela diz que ela não fez nada. Mas pra mim ela fez tudo. E não sé. Eu já falei com Deus. Ela tem um espacio lá no céu pra ela, tem o nome dela brilhante, porque ela ganhou o céu e ganhou a vida por ela ter feito aquilo.
1556 1557 1558 1559 1560	Michele	Que lindo. Eu, cara. Eu vou ter que direcionar o nosso, o nosso fim, porque senão a gente não sai daqui hoje. Né?
1561 1562 1563	Girassol	Eu te falei.
1564 1565 1566 1567 1568 1569	Michele	Eu sei. Pois é. E eu achei que não, que a gente ia conseguir. Mas eu tô vendo que a gente não vai conseguir. Bom. Você chega em 2019. A gente tá em 2022. Né?
1570 1571 1572	Girassol	Isso.
1573 1574 1575 1576 1577	Michele	Nesse tempo que você tá aqui, é::, eu vou pedir para você tentar resumir, né, é, a sua história.
1578 1579 1580	Girassol	Ih::.
1581 1582 1583 1584 1585 1586 1587 1588 1589 1590	Michele	A sua história no Brasil nesses últimos anos. Né? Você não precisa, é, contar detalhes assim. Mas pra gente finalizar essa entrevista que já tá a não sei quantos mil gigas aí, pra eu depois transcrever tudo e, e gerar um arquivo que vai ficar bem pesado. E aí eu queria que você tentasse resumir desse 2019. São quase quatro anos, né, aqui.
1591 1592 1593	Girassol	Três anos e um pouquinho así.
1594 1595 1596 1597 1598 1599 1600 1601	Michele	Sim. Quase quatro. É, a gente tá, é, como é que, como que você, é::, porque você tem a sua história lá na Venezuela que você contou pra mim. E eu quero saber a sua história aqui no Brasil. Né? E você, é, encaminhando já a sua fala pra uma conclusão.
1602	Girassol	Ih. Vou faSSer o melhor possível.

1603		
1604		
1605	Michele	Ok.
1606		
1607		
1608	Girassol	Mas ainda falo que vai demorar. Mas vou tentar. Então 2019, chego no mês de maio. Setembro de 2019 eu a-apareço de paraquedas, porque eu não ia esse dia num evento da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da PUC. Eu falo, me posiciono sobre várias questões do, dos refugiados, porque eu já era solicitante de refúgio. E graças a esse evento fiz amizade com muitas pessoas. Conheci pessoas maravilhosas. E comeNçou. Você também é maravilhosa. ((riso)) E começou aquele bum todo, né, da refugiada venezuelana que falava, que normalmente se posicionava, né, porque eu trouxe isso da Venezuela. E no mês de novembro eu tenho o meu primeiro emprego. Não deu certo porque era 100% comissionado. No mês de deSembro o meu marido procura pra mim uma vaga de empregada doméstica, que não deu certo porque ele tinha ideia de que fora você nunca vai conquistar a mesma coisa que você teve no seu país. Então ele queria que eu tivesse um emprego de baixa, baixa, baixa, baixa, así o mais baixo possível. E não tinha possibilidade de crescer. No mês de janeiro arrumo outro emprego, também comissionado. Não deu certo. E no mês de fevereiro faço umas férias no escritório. Deu super certo. Percebi que realmente conseguia falar português naquele momento, porque era uma empreSSa de corretores de bolsa. E era muita, muita linguagem técnica, essas coisas. Como eu falei, eram férias. Né? Fui mandada embora no final. Março veio a pandemia. Todo mundo em casa deSsempregado, todo mundo em casa sem faSSer nada. Ele foi mandado embora desse Fulano escritório no mês de novembro. Aí ele arrumou um emprego na Praia do Leblon. E a gente veio morar no Vidigal. Aí venho morar no Vidigal. Eu sufro o primeiro impacto da favela, né, porque você sempre escuta falar da favela. Mas agora eu me sinto mais segura aqui do que em qualquer outro lugar. É, vem a pandemia.
1609		
1610		
1611		
1612		
1613		
1614		
1615		
1616		
1617		
1618		
1619		
1620		
1621		
1622		
1623		
1624		
1625		
1626		
1627		
1628		
1629		
1630		
1631		
1632		
1633		
1634		
1635		
1636		
1637		
1638		
1639		
1640		
1641		
1642		
1643		
1644		
1645		
1646		
1647		
1648		
1649		
1650		
1651	Michele	Girassol. É, não. Só pra você ao invés de usar o nome do local, você não falar o nome de onde você mora.
1652		
1653		
1654		
1655		
1656	Girassol	Tudo bem. É muito grande.
1657		

1658		
1659	Michele	Só por uma questão de cuidado com você. É minha preocupação. É, é claro que é uma entrevista que tem fins acadêmicos. Né? Mas eu tô tentando direcionar pra que essas informações pessoais não apareçam.
1660		
1661		
1662		
1663		
1664		
1665		
1666	Girassol	Tá bom. É, a gente foi morar aqui, não sei o quê, durante a pandemia ninguém trabalhava. A gente já morava com um amigo nosso. Éramos três em casa. Nenhum trabalhava. O nosso amigo foi mandado embora. Ele já trabalhava de carteira assinada, incluSSive. Ele recebeu a rescisão em 40 mil partes. Eu procuro a Cáritas pra me tirar do aperto. É, consegui realmente o auxílio que ajudou muito, muito, muito a pagar aluguel, a pagar coisa. Veio o Auxílio Emergencial. Também conseguimos pegar direitinho. Maravilhoso. E é por isso eu sempre falo que eu tô muito agradecida com a Cáritas. Muito mesmo. Porque eles conseguiram realmente me ajudar no pior momento de deSSesperação, onde não tinha absolutamente nada na geladeira, absolutamente nada pra comer, não tinha dinheiro pra apagar aluguel. Eu tinha medo de ser mandada embora, de morar na rua. É, no final do, do <i>lockdown</i> , eu me separei do meu marido por conta da violência que ele teve comigo. Eu sofri de violência psicológica e ultimamente violência física. Eu arrumo o meu primeiro emprego de carteira assinada. Tenho uma luz no final do túnel depois que eu me separei. É, consegui o meu primeiro emprego de carteira assinada. Começo a faSSer voluntariado. Já tinha aparecido em duas lives da Cáritas. É, fui mandada embora por diferenças com a minha chefe, mas, é::, ainda sendo mandada embora e tudo mais eu sabia que era uma coisa temporária. E Demorou três meSSes em arrumar outro emprego. Três meSSes onde eu recebi ajuda da minha mãe, de um amigo, que depois que eu me separei continuou morando conosco. Mas quando eu cheguei na entrevista número 16, porque eu fiz 15 entrevistas e não fui chamada, na entrevista número 16 comecei a trabalhar de novo. E de lá pra cá não parei mais. Trabalhei cinco meSSes num consultório médico, depois arrumei uma vaga numa hamburgueria. Nessa hamburgueria fiquei sete meSSes. Até que em janeiro desse ano arrumei uma bolsa num laboratório. É, um laboratório de pesquiSSa que tem a ver com migração. E no 2021, caSSalmente ao mesmo tempo que eu arrumei essa vaga, depois de três meSSes, eu comeNcei a, a procurar a revalidação do meu diploma.
1667		
1668		
1669		
1670		
1671		
1672		
1673		
1674		
1675		
1676		
1677		
1678		
1679		
1680		
1681		
1682		
1683		
1684		
1685		
1686		
1687		
1688		
1689		
1690		
1691		
1692		
1693		
1694		
1695		
1696		
1697		
1698		
1699		
1700		
1701		
1702		
1703		
1704		
1705		
1706		
1707		
1708		
1709		
1710		
1711		
1712		
1713		

1714		Porque eu queria realmente que ele fosse
1715		revalidado, porque eu pensei: "Eu me esforcei
1716		tanto, lutei tanto e eu acho que pode dar
1717		certo". Cheguei a Compassiva, que é uma ONG em
1718		São Paulo. Compassiva naquele momento tinha um
1719		orçamento muito limitado. Agora é ainda maior.
1720		E eles me perguntaram qual era o meu diploma.
1721		Porque realmente o meu diploma não se encaixa
1722		no Jornalismo tradicional. O meu diploma é
1723		traduSido como Jornalismo Comunitário, porque
1724		ele é mais focado nessas comunidades. Então eu
1725		expliquei tudo e veio a primeira trava. Eu não
1726		tenho o conteúdo dos programas. Eu não tenho
1727		isso. A minha faculdade ficou temporariamente
1728		fechada, ficou sem reitor, ninguém para
1729		assinar. Aí eles falaram: "Não. Como você é
1730		refugiada reconhecida", eu já fui reconhecida
1731		pelo Conare, "aí a gente consegue dar entrada
1732		só com diploma e com o histórico de notas". Aí
1733		eu: "Deus. Se você está aí? Sou eu de novo
1734		pedindo". Eles me mandaram um monte de, de, de,
1735		é, grade curricular, essas coisa, até que
1736		achamos a perfeita. Eu acho falei: "Gente. É
1737		essa. Se der certo, porque todo mundo fala que
1738		não". Todo mundo fala: "Ah. Você tem que
1739		estudar de novo. Não vai dar certo". Mas eu não
1740		acredito em não vai dar certo. Eu nunca
1741		acreditei. Eu não escuto: "Ah. Mas é
1742		impossível". Porque eu fui criada com a ideia
1743		de que se ninguém fez, você vai ser a primeira.
1744		E se todo mundo fez e deu errado, você vai ser
1745		a primeira pessoa que vai dar certo. Então eu
1746		continuei ligando pra eles, mandando tudo que
1747		eu tinha. Apareceram os conteúdos programáticos
1748		bem no final do processo. E no mês de setembro
1749		eu recebi a mensagem maravilhosa de quem meu
1750		diploma tinha sido revalidado e que
1751		oficialmente eu sou jornalista, sou
1752		profissional também no Brasil. E veio a
1753		primeira coisa. Eu falei: "Gente. Daqui pro
1754		mestrado é só dar um pulinho". Mas eu não sabia
1755		como funcionava os mestrados aqui. Aí eu deixei
1756		meio pra trás, porque tava mais focada em
1757		trabalhar. É, e no mês de janeiro eu recebo uma
1758		mensagem da Cáritas novamente, sendo
1759		maravilhoSSos comigo. Eu sou voluntária, sou
1760		intérprete voluntária de espanhol desde o ano
1761		passado. Então eu já tinha contato com várias
1762		pessoas. Já tinha aparecido num monte de
1763		palestra, de coisa. Agora eu sou palestrante
1764		oficial. Falo sobre migração, refúgio e
1765		incluSSão. É, de um tempo pra cá fechei uma
1766		parceria com o Instituto e tô dando palestra em
1767		escolas públicas também. Já dei palestra em
1768		faculdades e apareci num podcast também. Eu sou
1769		uma refugiada que se movimenta muito. Aí me

1770		mandam uma mensagem. Uma pessoa que sabia quem eu era, mas eu não conhecia pessoalmente. Aí
1771		falou assim: "Ah. Tem essa vaga aqui. Eu acho
1772		que é pra você. Você tem diploma revalidado?",
1773		"Tenho", "Ah. Tá bom". Olha só. Aí eu comecei a
1774		olhar o edital e falei: "Olha. Essa aqui é a
1775		minha cara. Sou eu. Tava meu nome em todo
1776		lugar. Aí eu mandei meu currículo sem esperança
1777		nenhuma, porque as coisas dão certo quando você
1778		não bota muita fé. Mandei meu currículo e no
1779		mesmo dia acho que umas três horas depois ela
1780		falou assim: "A professora Fulana vai te
1781		ligar". A professora Fulana me liga e na hora
1782		que ela abre a câmera eu já conhecia ela. Mas
1783		conheci ela por quê? Porque eu participei em
1784		outro evento da Cátedra em outra faculdade e
1785		ela é a coordenadora da Cátedra. Aí ela falou:
1786		"Também te conheço, mas não sei da onde". Ela
1787		apresentou o projeto de pesquisa, que é com
1788		venezuelanos. Ela falou: "O que melhor que ter
1789		uma venezuelana pra conseguir fazer essa
1790		conexão, esse <i>match</i> com as pessoas." Fiz
1791		entrevista no meio da rua, porque eu estava no,
1792		no bar, que é, era uma Hamburgueria e se tornou
1793		um bar depois. Eu tava tirando hora. Tava numa
1794		praça. Pior lugar para fazer uma entrevista.
1795		Mas quando é pra você é pra você. Expliquei
1796		tudo. Ela falou: "E quem você é?". E aí eu
1797		comecei a explicar: "Jornalista que estudou
1798		Letras, que fez mestrado", "Você tem
1799		experiência em coordenação de eventos?", "Tenho
1800		seis certificados de organização de eventos",
1801		"Você fala outra língua?", "Falo inglês", "
1802		"Tem certificado?", "Não. Porque sou bilíngue
1803		natural. Nunca estudei na minha vida", "Você
1804		sabe mexer com redes sociais?", "Trabalhei com
1805		redes sociais", "Você sabe fazer?", "Trabalhei
1805		com isso também". Até que ela falou uma coisa
1806		que eu não sabia. Eu falei: "Olha. Até agora
1807		não sei. Mas me dá uma semana que eu vou ser a
1808		melhor na área". E até agora essa frase tem
1809		dado muito certo. Aí no dia seguinte ela me
1810		ligou falando que a bolsa era minha. E foi o
1811		primeiro momento onde eu falei: "Estou me
1812		encaminhando pro lugar onde eu quero ir".
1813		Porque eu sempre busquei a faculdade. Eu acho
1814		que é assim. Pra mim estudar é o maior prazer
1815		da minha vida. Eu sou um rato de, de
1816		biblioteca. Não consigo sair disso. E liguei
1817		para os meus pais. Meus pais choraram.
1818		Choraram, choraram, choraram. Fizeram um
1819		brinde com, com tequila. Beberam até tequila
1820		pra comemorar. Eu fiquei mais um mês e meio no
1821		meu trabalho. Mas as exigências da bolsa me
1822		fizeram pedir demissão. Aí como o valor da
1823		bolsa não era suficiente pra eu me manter, eu
1824		

1825		<p>fiz um acordo e eu continuei indo trabalhar final de semana no bar. Depois eu apareci no hotel, graças, a pessoa que me recomendou. Também faço extra no hotel. E depois um cliente do bar me convidou pra trabalhar no seu buffet. Então trabalha no bar, no hotel e no buffet. Final de semana, nos dias que eu tenho horas vagas, que não são muitas. Trabalho no laboratório de segunda a sexta. Trabalho no hotel, no bar e no Buffet de sexta a domingo. Não tenho dia de folga. Mas como eu sempre falo, no final do mês o dinheiro não sobra, mas também não falta. Desde o mês de março desse ano eu estou morando sozinha. Totalmente sozinha, que as pessoas que moravam comigo foram embora. E o dinheiro não tem faltado, não preciso de ajuda externa porque eu consigo me manter sozinha. E se Deus quiser, eu já estou começando a ver algumas matérias como ouvinte no mestrado. Se Deus quiser, no ano que vem eu vou conseguir entrar. Eu já tenho um projeto que tem a ver com criar ferramentas pra aprendizado de línguas adicionais. Porque eu acredito que não é somente português pra estrangeiros ou português pra refugiados. Tem que ser também uma ferramenta única que serve pra outras línguas. Porque se eu consegui adaptar o português como se fosse mais uma língua natural, eu acho que todo mundo consegue. E eu acho que seria incrível que tivesse realmente essa ferramenta. Provavelmente esteja muito longe ainda de ver ela, é, como uma coisa jamais concreta. Mas eu acho que eu tô no caminho certo. E, além disso, com ajuda da Cáritas também, o ano que vem, exatamente no mês de, de Julho, vou começar o meu processo de naturalização pra ser brasileira.</p>
1826		
1827		
1828		
1829		
1830		
1831		
1832		
1833		
1834		
1835		
1836		
1837		
1838		
1839		
1840		
1841		
1842		
1843		
1844		
1845		
1846		
1847		
1848		
1849		
1850		
1851		
1852		
1853		
1854		
1855		
1856		
1857		
1858		
1859		
1860		
1861		
1862		
1863		
1864		
1865	Michele	<p>Gente. Eu não sei o que que eu faço com você. Por que, não posso ir até você agora. A gente tá fisicamente distante de, por, por alguns quilômetros. Né? Como é que pode fazer isso? Você me deixa emocionada desse jeito. Me vem com essa enxurrada de, de, de coisas assim, que é assim, eu tenho, eu tenho uma série tipo Harry Potter. Eu posso fazer só da sua história. Eu já, já tô com tudo isso na cabeça. Já tenho. Né? Livro um, livro dois, livro três que vai virar filme. É impressionante. Menina. Realmente. Se valorize, porque você é muito especial. Não é à toa que escolher o pseudônimo de Girassol, nenhuma flor te representaria tão bem como essa. Parabéns. Olha. Parabéns. Obrigada pela entrevista. Eu vou parar a</p>
1866		
1867		
1868		
1869		
1870		
1871		
1872		
1873		
1874		
1875		
1876		
1877		
1878		
1879		
1880		

1881 1882 1883		gravação. Mas não sai daí.
1884 1885 1886	Girassol	((risos)) Obrigada.
1887 1889 1890	Michele	Deixa o interromper aqui. Parar.

Fim da Transcrição [01:35:56]

Gravação: jade-07.09.2022-audio

Duração: [01:02:24]

Início da Transcrição [00:00:02]

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14	Michele	Boa noite. É, boa noite, Jade, obrigada pelo seu, é, por aceitar participar dessa pesquisa. E, então, eu, eu, eu gostaria de saber um pouco sobre você, é, que você começasse falando sobre, é, a sua vida na, no seu país de origem, na Venezuela, e:: falasse um pouco da sua história, né? É, como, é::, como era a sua família, como você vivia, é, fala, fala um pouco da sua vida, da sua história de vida, lá na Venezuela, tá? Por enquanto não vou falar do, do momento que você veio pro Brasil, eu quero que você me conte o que você, é, quiser falar a respeito da sua história de vida.
15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49	Jade	Ok, bom, boa noite primeiramente. É, então, eu tenho 36 anos, né? Tenho 36 anos, tenho dois filha, atualmente elas têm 12 e 10 anos. Na VeneSSuêla, é::, eu sou formada na área de publicidade e marketing, e:: tinha minhas empreSSas lá, eu trabalhava também para empreSSas de publicidade, marketing, dava aula. É::, tinha <i>una</i> vida confortável, bem confortável, né? É, infelizmente produto da situação econômica do país, né? Ficou bem difícil, é, viver lá, até porque muda, assim, pensamentos quando você tem filhos é diferente, muda <i>los</i> objetivos, a situação se tornou muito difícil, ao ponto de que <i>tenía</i> pessoas comendo do lixo, é, muita corrupção, a gente tinha que faSSer filas intermináveis pra, pra comprar alguma coiSSa pra comer. <i>Ni</i> sempre se conseguia, porque, à veSSes tipo assim, fila de, sei lá, 12 horas, é filas intermináveis. <i>Y</i> , <i>así</i> , eu tinha que tornar junto com, é, junto com a equipe de trabalho, à veSSes a gente tava na reunião, por exemplo, faSSendo sobre um cliente, <i>Y::</i> era um negócio tipo: "Corre que o número de celular, de identidade, tem que comprar, senão não consegue comprar outro dia". Uma situação bem deSSesperadora, viver abaixo dessas condições foi muito difícil, não é vida pra ninguém. É::, <i>no</i> , <i>no</i> tem como planejar, por exemplo: "Esse mês eu vou comprar x coiSSa", não, porque não existia, não tem produtos pra comprar. Então tudo isso foi tornando muito difícil <i>la</i> subSSistência lá na VeneSSuela, né? Na sobrevivência. Por esse motivo pois, assim, () tive que tomar deciSSões de sair de lá.

50		
51 52 53 54 55	Michele	Entendi. E sobre a sua família, Jade, é, como era a sua família? Você tem pais ainda vivos? Tem irmãos, pessoas que continuam na Venezuela.
56 57 58 59 60 61	Jade	Então, eu fui criada por meus biSSavôs Y meus tios, né? Meus biSSavôs infelizmente morreram, né? Isso já um ano antes de eu vir pra BraSSil, é::, tenho irmãs ainda morando lá.
62 63 64	Michele	Perdão. Eram avós ou bisavós?
65 66 67	Jade	BiSSavôs.
68 69 70	Michele	Ah, bisavós, entendi.
71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85	Jade	BiSSavôs, pais de minha vó. É, aí quem ficou lá, tipo, eu conheço meus pais, a gente fala, né? De boa, porque sempre vou ser grata pela vida que eles me deram, Y até pela deciSSão de não me deixar com qualquer um, né? Me deixaram com pessoas que me amam, que me amaram, né? Então eles ainda continuam morando lá na VeneSSuela, minhas irmãs também estão morando lá na VeneSSuela ainda, tenho família, sobrinhos, maH a maioria da minha família já emigrou, né? Tenho parentes no Estados Unidos, Chile, Argentina, Panamá, todo mundo, estão todos regados por aí.
86 87 88	Michele	Aqui, aqui no Brasil também você tem parentes?
89 90 91 92	Jade	Tenho minha mãe de criação, minha tia, a única pessoa de família que eu tenho.
93 94 95	Michele	Bom, uma referência ao menos, né?
96 97 98	Jade	É.
99 100 101 102	Michele	Há pessoas que vem pra cá que às vezes não tem nenhuma referência.
103 104	Jade	Sim.

105		
106 107 108 109 110	Michele	É::, e:: enquanto você estava na Venezuela, né? Você diz que você se formou em publicidade e marketing, é::
111 112 113	Jade	Sim.
114 115 116 117 118 119	Michele	E enquanto você estava, você chegou a trabalhar na sua área de, de formação ou você foi para outros caminhos por conta da crise no país?
120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159	Jade	Não, <i>así</i> , eu, em VeneSSuÊla, eu me formei muito cedo pela faculdade, com 16 anos, Y com 16 anos em <i>empecé</i> a trabalhar, por quê? Porque meu pai, tipo meu biSSavô, ele adoeceu, Y <i>mismo</i> que eu sempre tÊve <i>una</i> vida muito confortável, é, graças a minha mãe, né? Meus pais, eu::, a situação ficou puxada, né? Porque ele sempre soube () gastos extras, eu estudava em uma faculdade cara, privada, uma das melhores da VeneSSuÊla, então eu <i>empecé</i> a trabalhar muito nova, eu vendia brincos na escada da faculdade para me ajudar a comprar as apostilas para estudar. É, faSSia brincos, pulseiras, bijuterias, né? Aí <i>con</i> esse dinheiro eu comprava, é, apostilas para estudar, pagava algumas comidas, né? Que eu preciSSava pra faculdade, Y tomei conta muito nova da minha família, desde <i>los</i> 16 anos minha mãe de criação, minha tia, ela <i>tuvo que venir</i> para Brasil, se mudar mesmo, porque ela foi contratada pela empreSSa que ela ainda está, então toda <i>la::</i> essa, essa responsabilidade de levar na frente a caSSa, os () de meu pai, minha mãe <i>mismo</i> , minha biSSavó, <i>todo</i> eu tÊve que faSSer, então eu <i>tuve</i> que trabalhar muito nova. <i>Mismo</i> que <i>no</i> me pediram, porque a minha mãe daqui mandava dinheiro, eu decidi que queria faSSer, né? Porque a minha vida mudou em um ano, <i>pasé</i> de ser uma princeSSinha a ter toda <i>la</i> responsabilidade em cima. EntÔN eu, depois de trabalhar vendendo bijuteria, eu entrei para trabalhar com um gerente de uma equipe de <i>basketball</i> muito conhecida na VeneSSuela, <i>empecé</i> como superviSSora de vendas de, de ticket, depois <i>pasé</i> a dar as entradas para o jogo, depois fui superviSSora de promotores, já com 17 anos, Y depois eu era <i>la</i> pessoa que falava com <i>los</i> anunciantes, né? Aí <i>empecé</i> a estudar publicidade, retirei de <i>la</i> faculdade caríssima, justamente para evitar tanto gasto,

160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179		decidi ir para uma faculdade mais em conta, e foi quando me formei na área de publicidade e marketing, porque já estava nessa área. Aí depois trabalhei numa faculdade reconhecida, mas como <i>directora</i> , como, é, como <i>productora</i> de vídeos institucionais, aí tinha 19 anos. Y também <i>empecé</i> a dar aulas de publicidade e marketing, depois fiz o mestrado em coaching organizacional em 2015. Então sempre foi nessa área, fui analista de recursos, de relações públicas institucionais, <i>pasé</i> pela parte de gerente de projetos publicitários, é::, <i>pasé</i> como <i>directora</i> de imagem corporativa de uma emissora de Estados Unidos. É, levava mídias sociais de clientes parceiros, que eu terceirizava minha empresa para eles, então así sempre eu tenho <i>una</i> experiência de minha área, aproximadamente de unos 15 anos de experiência, 15, 16 anos.
180 181 182 183	Michele	Entendi. E você era de que, você nasceu e viveu sempre na mesma região?
184 185 186 187 188 189 190 191 192 193	Jade	Sim, é::, <i>no</i> , mentira, eu vivia em Caracas, a cidade, depois por conta de <i>la</i> doença de meus pais, tiveram que ficar mais perto de um de seus filhos, meu tio, aí a gente se mudou pra, pra Estado Miranda, é, só que lá foi muito difícil para os meus pais, pela distância das clínicas, aí voltamos para o centro da cidade, Caracas.
194 195 196	Michele	Miranda seria a parte oriental?
196 197 198	Jade	Estado Mirandino. É::
199 200 201	Michele	Miranda é a cidade?
202 203 204	Jade	É um estado.
205 206 207	Michele	Estado.
208 209 210 211	Jade	Isso, que fica próximo a Caracas, <i>unas dos</i> horas aproximadamente.
212 213	Michele	Então na parte ocidental.

214		
215 216 217	Jade	Uhum.
218 219 220	Michele	Estado Mirandino.
221 222 223	Jade	Isso.
224 225 226 227	Michele	Não conhecia, esse nome eu não conhecia, mas você nasceu em Caracas ou nasceu em Miranda?
228 229 230	Jade	Em Caracas.
231 232 233	Michele	Em Caracas.
234 235 236	Jade	Isso.
237 238 239	Michele	Ok. Então você é uma caraquenha.
240 241 242	Jade	<i>Yo soy caraqueña.</i>
243 244 245 246 247 248 249 250 251	Michele	Eu acho essa palavra muito engraçada. Então, Jade, é, você me falou de uma coisa que me chamou atenção, né, você disse que foi trabalhar muito cedo, com 16 anos, é, e que de uma hora para outra a sua vida mudou muito, porque você teve que assumiu a responsabilidade com os seus pais, né? Com os seus bisavós.
252 253 254	Jade	Sim.
255 256 257 258 259	Michele	E:: eu não entendi si, porque geralmente aqui no Brasil 15, 16 anos é a idade que o jovem entra no ensino médio, né?
260 261 262	Jade	Uhum.
263 264 265 266 267	Michele	E aí você não cursou o ensino médio? Você foi direto pra universidade? Isso é que eu não entendi.
268	Jade	<i>No, eu pasé por todas las etapas, só que o meu</i>

269 270 271 272		médio sempre foi muito bom, então me formei muito nova, tipo, com 16 anos.
273 274 275 276	Michele	Você terminou o ensino básico, ou seja, o ensino fundamental, ensino médio, né?
277 278 279	Jade	Isso.
280 281 282	Michele	Aos 16 anos.
283 284 285	Jade	Eu <i>pasé</i> para <i>la</i> faculdade com 16 anos.
286 287 288	Michele	Caramba, muito jovem.
289 290 291	Jade	É, muito.
292 293 294 295 296 297 298 299 300	Michele	Eu, eu fiquei confusa com essa informação, quando você falou, pensando que pudesse ser, ao invés da faculdade, o que nós temos aqui no Brasil, que é ensino técnico, né? Que aí seria uma formação técnica, acho que não tem a ver, não está relacionada a um curso universitário, e sim a um curso de ensino médio, né?
301 302 303	Jade	Sim.
304 305 306 307	Michele	Mas entendi agora que você explicou. E aí, você.
308 309 310	Jade	Sim.
311 312 313 314 315 316	Michele	É, é, em que momento você percebe essa necessidade de sair do país, aos 19 aos, mais tarde, depois que você é mãe, é, eu queria que você falasse um pouquinho desse intervalo, né?
317 318 319	Jade	Sim.
320 321 322 323	Michele	Dos seus 19 anos pro momento que você decide vir pro Brasil, se você puder, é claro.

324	Jade	Sim. É::, no, a::, eu tinha já vontade muito
325		antes, né? De vir a morar no BraSSil, só que os
326		meus biSSavÔs eles estão muito velhinhos, e eu
327		sabia que, ao me mudar, eles <i>no iban</i> a ser bem
328		atendidos. Então eu preferi ficar com eles,
329		tomar conta deles, infelizmente eles morreram,
330		né? No <i>mesmo</i> ano. Aransa, minha filha mais
331		velha, ela estava de um ano e oito meSSes.
332		Quando meus pais morreram, eu falei <i>así</i> : "Bom,
333		Ya <i>no</i> tenho nada para faSSer aqui, <i>no</i> tenho
334		nada que me ate, porque minhas filhas" né, eu
335		estava grávida da, da minha outra filha. E
336		quando meus pais morreram, a mais pequena tinha
337		unos seis meSSes, né? <i>Así</i> que eles morrem, eu
338		tentei levar um ano, menos de um ano, até que a
339		situação ficou bem pior, bem pior no sentido
340		<i>así</i> , como eu falei, pessoas comendo do lixo,
341		criança faSSendo fila para comer do lixo, mães
342		faSSendo fila para dar de comer aos seus
343		filhos, do lixo, eu lembro que eu estava num,
344		numas férias, eu <i>iba</i> a atender um cliente, né?
345		Só que eu fui com as minhas, porque eu tinha
346		essa liberdade, de ir com as minhas filhas, né?
347		Aí quando eu vi aquela fila imensa de crianças,
348		tipo, seis anos, cinco anos, para, comendo do
349		lixo, eu só peguei as minhas filhas, <i>empecé</i> a
350		chorar muito, muito, <i>empecé</i> a chorar demais. Ai
351		eu liguei para a minha tia, esse <i>mesmo</i> dia,
352		isso foi um:: 13 de fevereiro, eu liguei pra
353		ela, falei: "Olha, <i>no</i> dá mais, quero ir embora,
354		eu sei <i>lo</i> que eu vou ter que passar, eu sei que
355		eu vou ter que largar tudo, mas eu <i>no</i> aguento
356		mais, <i>no</i> , <i>no</i> consigo viver com essas coiSSas".
357		Cada dia era <i>una</i> ameaça, porque eu não
358		participo de nada político, né? É::, Y era,
359		sempre me ameaçavam, tipo, eu trabalhava para
360		um deputado, né? Que por segurança eu <i>ni</i> vou
361		falar quem é. Ele tinha uma agência de
362		publicidade onde eu era <i>la</i> gerente de projetos,
363		como eu <i>no</i> participava de nada político, <i>uno</i>
364		dos convênios que eu fiz com ele era justamente
365		que eu <i>ni</i> vou participar de sua campanha, sendo
366		que eu ia atender outros clientes, né? Os
367		clientes externos. Só que quando eu chego no
368		momento da pressão, é que ele me atingiu, "Bom,
369		se você não quer faSSer a minha campanha, então
370		você, é, faça sua carta de renúncia", eu falei:
371		" <i>No</i> , se você quer, você me demite, eu não vou
372		passar nada, né?". Esse por um lado, e por
373		outro lado então estava a outra parte política,
374		é, lá eles davam uma caixa de comida de
375		benefício, de benefício entre aspas, né? É, e
376		me ameaçavam, tipo, se <i>no</i> apoiava <i>la</i> outra
377		parte política, eles tiravam essas caixas de
378		comida e <i>no</i> me deixavam comprar no mercado que
379		ficava perto de caSSa, porque lá <i>todo</i> era

380		assinado por, por, por <i>SSona</i> , sabe? Por
381		exemplo, ah, meu prédio pertence a esse
382		quiosque, aí você só pode comprar nesse
383		quiosque, <i>no</i> pode comprar <i>maiH</i> embaixo. Sabe?
384		Falei: "Para estar <i>abajo</i> ameaça, então para que
385		que eu fico? Se o, se o que eu tenho como
386		<i>dÊreito</i> que é <i>una</i> caixa de comida, que é o que
387		eu pago com imposto, já estou pagando com <i>los</i>
388		impostos que eu pago, vão tirar de mim se eu <i>no</i>
389		apoio político, então está errado, <i>no</i> tinha
390		nada para faSSer aí.". <i>No</i> estava de acordo, eu
391		briguei muito, muito, porque as pessoas
392		abuSSavam de poder, tratavam mal as pessoas
393		idoSSas, eu <i>no</i> sirvo para <i>eso</i> , acho que((riso))
394		Deus sabe porque faz as coiSSas, mas eu era da
395		pessoa que batia boca e de frente com quem for
396		para defender idoSSos, para defender crianças,
397		para defender <i>los dÊreitos</i> que eles tinham,
398		porque uma coiSSa que faSSiam muito errado era,
399		por eSSemplo, se a gente tava na fila, vamos
400		supor, havia muitas pessoas na fila, <i>aH</i> pessoas
401		que estavam <i>dirigiÊndo</i> , comandando, <i>no</i> sei como
402		falaria, mas, <i>las</i> que deixavam, organiSSam,
403		entre aspas, para entrar comprar, eles
404		compravam três, quatro veSSes um produto, e <i>no</i>
405		contavam com quem estava na fila, dois, três
406		dias de fila, podiam ficar <i>sin</i> , <i>Y</i> eles
407		compravam <i>las</i> veSSes que eles <i>quiSSerem</i> . Então
408		eu tirava foto, eu brigava, eu, sabe? Eu <i>no</i>
409		estava de acordo, falava: "Eu <i>no</i> estou de
410		acordo. <i>No</i> , deixa ele passar". Então isso me
411		trouxe muito problema, muitos, muitos
412		problemas. E era algo que eu <i>no</i> aceitava,
413		simplesmente <i>no</i> queria aceitar.
414	Michele	É, o que você falou agora você está se
415		referindo ao carnê de <i>la pátria</i> ?
416		
417		
418	Jade	Isso, eSSatamente, o carnê de <i>la pátria</i> se
419		permitia comprar produtos em tua região, né?
420		
421		
422	Michele	Uhum.
423		
424		
425	Jade	Então você tava registrada, mostrava o carnê da
426		pátria, <i>Y</i> com <i>eso</i> você tinha direito de
427		comprar.
428		
429		
430	Michele	Certo. Então, é, de certa forma essa pessoa
431		ameaçou a, tirar a sua cesta básica, né?
432		
433		
434	Jade	Sim.

435		
436		
437	Michele	Caso você não compactuasse, digamos assim, né?
438		Com a campanha dele, né?
439		
440		
441	Jade	Uhum.
442		
443		
444	Michele	E não compactuasse, não, não é bem esse o
445		termo, caso você não trabalhasse para a
446		campanha dele, né?
447		
448		
449	Jade	Isso. É, eu fui ameaçada de tirar o meu
450		trabalho, se eu não trabalhava para a campanha
451		dele, e me ameaçaram pela parte de conselho
452		comunal, de tirar meu, meu benefício de minha
453		caixa de comida, se eu não votava pela outra
454		parte política.
455		
456		
457	Michele	Isso aqui no Brasil é chamado de assédio, né?
458		
459		
460	Jade	Aham, eSSatamente.
461		
462		
463	Michele	E é, configura um crime. Infelizmente é pouco
464		denunciado, porque a mulher sempre está nessa
465		condição de::, é::, de ser prejudicada, de
466		pensar na família, pensar nos filhos, e tem
467		medo de ir a diante com essas denúncias, né?
468		Então é
469		
470	Jade	O problema que lá no tinha onde denunciar,
471		porque aqui, eu, por eSSemplo, vamos supor se
472		eu levasse a denúncia, quem iba a receber a
473		denúncia era o problema conselho comunal que
474		estava me ameaçando. Então como que você se
475		sente protegido? Quem, quem que vai proteger,
476		entendeu? No tinha ninguém pra proteger, mas
477		tinha pessoas para te ferrar, para te ferrar,
478		entendeu? EntÔN acabava una situação.
479		
480		
481	Michele	Muito complicado.
482		
483		
484	Jade	De que as pessoas ficavam caladas, tipo: "Ah,
485		não posso faSSer nada, então porque falam,
486		né?". Una coiSSa assim, mas eu no ficava
487		calada, era um problema, eu no ficava calada,
488		eu falava na cara da pessoa lo que tinha que
489		falar.

490		
491 492 493 494	Michele	É, você era corajosa, porque muitas mulheres não teriam a mesma coragem, né?
495 496 497 498	Jade	É, eSSatamente. Isso me trouxe muitos problemas. ((risos))
499 500 501 502	Michele	Mas também te trouxe até aqui, que é algo que::
503 504 505	Jade	Aham.
506 507 508 509 510 511 512 513	Michele	É::, que, que infelizmente, quem, quem, infelizmente não, felizmente quem te conhece sabe que você é uma pessoa muito generosa, é, profissional, que busca o seu espaço, né? E uma mãe muito atenta a criação das suas filhas, então.
514 515 516	Jade	Sim, sim.
517 518 519 520	Michele	É, você veio encontrar o seu espaço, né? Encontrar o seu lugar, né?
521 522 523 524	Jade	Sim, eu posso ter asÍ, é, eu posso falar que lo que me levou a conhecer pessoas maravilhoSSas.
525 526 527 528	Michele	Verdade. Sempre de algo ruim a gente tira algo bom, né, Jade? A gente tem que::
529 530 531	Jade	Com certeSSa.
532 533 534	Michele	Pensar dessa forma, né?
535 536 537	Jade	Isso aí, uhum.
538 539 540 541 542 543 544	Michele	É, bom, você falou pra mim das suas meninas, mas você não falou do seu esposo. Se você não quiser falar, tudo bem, mas quando os seus avós morrem, né? Você diz que, é, estava grávida da sua filha menor. E::

545 546 547 548	Jade	Sim. Então, esse, esse, essa é a minha história bem puxada, né?
549 550 551	Michele	Não.
552 553 554	Jade	Porque
555 556 557 558 559 560	Michele	Você não precisa falar, por favor, não precisa falar se você não quiser, mas a, apenas só pra lembrar que, é, você era casada ainda, né? Quando você, é, seus pais morrem, né?
561 562 563	Jade	Sim, uhum.
564 565 566 567	Michele	E pouco tempo depois você decide vir pro Brasil sozinha com as meninas, né?
568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 568	Jade	Sim, por questão assim, 2012, 2012, em janeiro, é, dia 05 de janeiro aproximadamente, eu me separo, eu estava grávida ainda da pequena, <i>mismo</i> grávida eu decidi me separar. É::, em agosto minha mãe deSSabou, ela morre, agora não Yoro mais, né? Mas já Yorei muito. E em deSSembro, meu pai morre. Então foi um ano muito tumultuado pra mim, foi bem difícil, foi um ano que acho que se minhas filhas não (estivessem) estado, né? Yo no sei, no sei, no sei como yo teria enfrentado essas situações, porque querendo ou no, pais és <i>todo</i> para nós, né? Y eu era muito unida com os meus pais, muito <i>mismo</i> , tipo, eram <i>todo</i> para mim, tanto que eu decidi sacrificar, () para tomar conta deles, Y:: <i>una</i> vez que eles no tavam mais, no tinha motivo para ficar.
587 588 589 590 591	Michele	Entendi. Eles eram a sua razão de estar suportando toda aquela situação lá na Venezuela, né?
592 593 594	Jade	ESSatamente. ESSatamente.
595 596 597 598 599	Michele	Claro. E aí como acontece essa sua vinda pro Brasil, né? A sua, a sua tia que é a sua mãe de criação também, né? Ela te ajuda.

600 601 602	Jade	Aham.
603 604 605 606 607 608 609	Michele	Ela te::, te diz, é, pra você vir pro Rio, ou não, você decide por conta própria, é, atravessando a fronteira, você vem de avião, de ônibus, como, como acontece esse, essa travessia.
610 611 612 613 614 615 616 617 618 619	Jade	Tá. Então, é::, ela me ajudou, me ajudou muito, ela pagou a minha passagem de Colômbia para BraSSil em um avião, eu paguei a minha passagem por terra de VeneSSuela - Colômbia, porque não podia sair por avião em essa época, pela <i>misma</i> situação, né? No tinha voo, <i>todo</i> tava trancado, então foi toda <i>una</i> Odisseia poder Yegar aqui, né? É, Y::
620 621 622	Michele	E você tinha passaporte?
623 624 625	Jade	Tinha, sim.
626 627 628	Michele	Porque...
629 630 631 632 633 634 635	Jade	Assim, sempre eu fui pessoa de ter todos os meus papeis no dia, né? Sobretudo na VeneSSuela que era necessário, porque eu <i>no</i> sabia o que podia acontecer. Tantos os meus, como los de minhas filhas.
636 637 638	Michele	Você::
639 640 641	Jade	É, sou::
642 643 644 645 646 647 648 649 650	Michele	Desculpa, Jade, eu só interrompi porque eu escutei algumas histórias de pessoas que tiveram dificuldade de conseguir o documento, é::, querendo vir pro Brasil, e tiveram essa dificuldade, né? Porque pagava-se muito dinheiro, era complicado tirar os papeis, então eu perguntei por isso.
651 652 653 654	Jade	Sim, de fato, eu, eu consegui vir, porque como te falo, na VeneSSuela eu tinha <i>una</i> vida muito boa, é, eu conhecia muitas pessoas, conhecia <i>misimo</i> , por <i>lo</i> fato de trabalhar sempre nessa

655	área de evento, publicidade, eu conhecia
656	pessoas que eram influentes. Y:: eu lembro que
657	quando eu decidi vir, o passaporte de minha
658	filha mais pequena e o meu ele estava em
659	trâmite, né? E:: atraSSaram meu passaporte um
660	mês e meio, falavam que <i>no</i> estava, eu <i>tuve</i> , à
661	veSSes a pessoa não quer uSSar a sua
662	influência, mas eu <i>tuve</i> que ligar para uma
663	pessoa interna do Sime, né? Que é o ente que
664	emite nosso passaporte, essa pessoa falou: "No,
665	traga, tá pronto, <i>no</i> sei o quê, vem". Aí eu
666	fui, Y:: no momento que eu estou indo, ele <i>no</i>
667	me viu, me atendeu outra pessoa, e <i>mismo</i> assim
668	ele estava retendo meu passaporte e da minha
669	filha. Então foi <i>una</i> briga danada, porque no
670	momento que a pessoa que me vê que me conhece,
671	ele entra no meio, <i>así</i> que ele entra no meio, o
672	<i>sea</i> , era, é difícil, né? Porque foi um ato
673	decarado que <i>se quiere</i> , né? A pessoa que <i>no</i>
674	tem como, <i>no</i> tem amiSSade, <i>no</i> tem, então se
675	ferra, porque retém o passaporte e falam que <i>no</i>
676	está, quando o passaporte realmente se está. Eu
677	consegui até, é, por eSSemplo, <i>así</i> , quando <i>yo</i>
678	me divorciei, o pai das minhas filhas <i>no</i> queria
679	assinar, é, a, a, a saída das meninas, né? Ele
680	inferniSSou minha vida também muito. Aí eu
681	proveitei esses contatos, né? E pedi para
682	tirar ele do sistema, porque senão ele <i>no</i> ,
683	assim, <i>no iba</i> a poder viajar, e o trâmite era
684	todo aberto. Foi <i>toda una</i> Odisseia para vir,
685	foi no puxar mesmo, só Deus para me ajudar
686	nessa travessia mesmo. Mas <i>así</i> que eu consegui,
687	que esse amigo meu fez os trâmites para mim
688	dentro do, do Sime <i>mismo</i> , graças a Deus meu
689	passaporte foi liberado esse <i>mismo</i> dia, só que
690	eu troquei para quatro horas, para poder
691	liberar, foi que consegui sair, porque de outro
692	jeito <i>yo</i> acho que <i>no</i> dava nem tempo. Na época
693	que eu vim, foi algo <i>así</i> , como que, meu
694	passagem estava para 25 de março, mas o governo
695	decidiu fechar a fronteira VeneSSuela -
696	Colômbia 15 dias antes, então foi muito
697	corrido, porque eu <i>tuve</i> que literalmente
698	correr, comprar passagem, pra, pra São
699	Cristóvão, que é um estado perto de Colômbia,
700	aí fui, fiquei em caSSa de meu pai de sangue,
701	como eu te falo, a gente tem boa relação, <i>mismo</i>
702	que <i>no</i> me criou. E ele () ele decidiu de
703	entrar o fecho da fronteira, tipo <i>lo</i> que estava
704	faltando para 15 dias, se trancou em cinco, e
705	aí eu <i>tuve</i> que correr, a minha sorte foi que eu
706	tenho família em Colômbia, Y tenho um primo que
707	ele é um cargo alto da aduana de Colômbia, Y
708	foi <i>una</i> luta para passar, porque meu primo
709	estava me aguardando literalmente na fronteira,
710	na ponte, da fronteira, mas os guardas <i>no</i> me

711		deixavam sair. Eu <i>tuve</i> que <i>recorrir</i> a um
712		informe médico de minha filha, a minha filha
713		pequena começou a sangrar pelo nariz, ela sofre
714		de pcr curto, que é arritmia cardíaca, Y
715		síndrome vaSSo vagal, ela desmaia quando tá
716		muito tempo em pé. Y a fila para poder sair da
717		VeneSSuela era, foi umas quatro horas, imagina
718		dos crianças, três maletas, chuva a beça, no me
719		deixavam, os militares no me deixavam me
720		liberar, <i>reteniendo</i> meus papeis, é, conheci dos
721		anjos, porque eu falo que Deus me mandou dos
722		anjos, eu já estava <i>desistiendo</i> , estava
723		chorando porque era desesperador, vendo a minha
724		família, só passando a ponte, no me deixavam
725		sair, Y dos anjos me levaram: "No, você tem
726		informe?", "Tenho", "Então dá aqui que a gente
727		vai levar, vai carimbar". Aquele peSSadelo
728		todo, aquela correria toda, eu com minha filha
729		botando sangue pelo nariz, essas dos pessoas
730		carimbando meus papeis para poder aprovar minha
731		saída, en el momento que aprovam meu, meus
732		papeis que carimbam, o, eu lembro que o caSSal
733		pegou a gente na mão, pegaram minhas malas, eu
734		falei nada: "Vou ter que descer, porque ou me
735		sequestram com todos os papeis Y crianças, ou
736		realmente são anjos mandados por Deus". Eles
737		<i>mismos</i> pegaram nossas coiSSas, com chuva Y
738		todo, passaram até la entrada da fronteira, Y
739		en el momento que me entregam a meu primo, né,
740		que estava la <i>guardia</i> de Colômbia estavam, Yá
741		no conheciam, porque meu primo havia comunicado
742		que a gente estava entrando, para no faSSer
743		fila para carimbar em Colômbia. Aí meu primo me
744		recTbe, passa o peSSadelo, yo respirei. ()
745		que estou com a minha família, meu primo el viu
746		como eu estava angustiada, chorando,
747		praticamente minha filha <i>débil</i> , fraca, chorando
748		que estava mais pequena ainda, Y ele só tomou o
749		meu passaporte Y de las meninas, foi, levou,
750		carimbou, yo senti como se tivesse caído, sabe?
751		Minha pressão baixou muito, foi, foi una,
752		horrível, esse dia foi terrível de verdade,
753		para sair da VeneSSuela.
754	Michele	Eu fiquei emocionada agora, difícil dar
755		segmento, vou tentar, caramba, eu consigo, é,
756		visualizar a história que você acabou de me
757		contar. Muito, muito, muito, muito difícil, né?
758		Eu não sei que palavra usar, acho que só essa.
759		É, realmente pesado assim. É, essa questão da
760		fronteira que você falou, ter estado fechada,
761		isso foi por uma situação específica naquele
762		ano, eu ainda, você ainda não falou qual foi o
763		ano, ou isso acontece...
764		
765		
766	Jade	2018.

767		
768		
769	Michele	Sempre? 2018. Isso acontece sempre entre Venezuela e Colômbia? De fechamento de fronteira?
770		
771		
772		
773		
774	Jade	Não, nessa época::
775		
776		
777	Michele	Porque::
778		
779		
780	Jade	Sim, nessa época a fronteira fecha <i>mismo</i> .
781		
782		
783	Michele	Porque no Brasil, tá, eu vou perguntar, eu tô dizendo isso, porque houve sim o fechamento do Brasil, da fronteira da Venezuela com o Brasil, por razões da pandemia, né? Recentemente, mas foi, foi por pouco tempo. E aí 2018 não tinha pandemia, né? Então, porque motivo fecharia a fronteira? É porque
784		
785		
786		
787		
788		
789		
790		
791		
792	Jade	É a briga política, MiTCHele, essa época foi quando, é::, teve <i>una</i> briga política, né? Entre BeneSSuela, Colômbia, eles fecharam, né? As fronteiras, Maduro mandou fechar, não era nem Colômbia, era Maduro <i>mismo</i> , era VeneSSuela, porque os, as pessoas estavam saindo, né? Pra poder comprar comida em Colômbia, Y eles voltavam, los que moravam perto da fronteira, passava na Colômbia, compravam Y voltavam a VeneSSuela. Só que <i>así</i> , o fato...
793		
794		
795		
796		
797		
798		
799		
800		
801		
802		
803		
804	Michele	Entendi.
805		
806		
807	Jade	Eu te falo, porque eu, eu vivi, quando eu trabalhava em VeneSSuela, é, na parte de eventos, é, doações para hospitais, né? Hospital cardiológico, Y:: era tipo, eu levava as doações, né? Fraldas, (papinha), <i>así</i> , como eu te falo, mingau para criança, eu quase fui preSSa, por ter esse tipo de coiSSas, entendeu? Por ter, por doar eu quaSSe fui preSSa.
808		
809		
810		
811		
812		
813		
814		
815		
816		
817	Michele	Eu não entendi.
818		
819		
820	Jade	Então essas pessoas.
821		

822		
823 824 825 826 827	Michele	Desculpa, Jade, não entendi, você disse que, é, pelo fato de você doar essas coisas, você quase foi presa?
828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843	Jade	Sim, eles no aceitavam que las pessoas doassem, Y como ter o deSSejo de fronteira, porque las pessoas compravam em Colômbia, Y voltavam para VeneSSuela. Só com relação de governo, no mostrar pro mundo que realmente, as pessoas preciSSavam viajar para outro país para poder comprar comida, eles no queriam que sucediese, no, no era favorável pra ele, né, mostrar la situação real da VeneSSuela, então ele mandou fechar a fronteira. E te falo que foi um fecho de fronteira que pegou pandemia e tudo, as pessoas continuavam passando, maH pela trocha, que chama trocha, que são caminhos verdes, né? Ilegais.
844 845 846 847 848	Michele	Certo. É, como se fossem, é, é, vão dependendo às vezes até de atravessadores, né? De pessoas pra facilitar.
849 850 851	Jade	ESSatamente.
852 853 854	Michele	Essa travessia, né? Caramba.
855 856 857	Jade	ESSatamente.
858 859 860 861 862 863	Michele	E::, e porque você não, já que você tinha parentes na Colômbia, porque você não ficou na Colômbia, de certa forma na Colômbia você não teria o problema da língua, né?
864 865 866	Jade	Então.
867 868 869 870	Michele	De aprender um novo idioma, porque você decide vir pro Brasil?
871 872 873 874 875 876	Jade	É, bom, justamente por eso, porque eu queria dar as minhas filhas una oportunidade que provavelmente eu no tÊve, que foi a facilidade de aprender o idioma, que seria favorável para elas quando crescessem. Então, eu sou uma pessoa que sempre vou além de, eu no fico com a

877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896		<i>la situación</i> fácil, <i>no</i> , minhas perguntas são, tipo, ah, se eu fico aqui, que benefício vai me traSSer? Ou melhor falando, <i>no</i> pra mim, para as minhas filhas, como que elas serão beneficiadas de ficar aqui ou ficar lá, né? Então <i>una</i> das <i>coiSSas</i> que eu pensei são, <i>poxa</i> , elas já têm espanhol, então porque não emigrar para onde está a minha mãe, que elas aprendam português, Y já vai ser mais fácil, talvez aprendendo inglês, já vão ter dois idiomas praticamente de caSSa, porque elas foram criadas aqui desde muito pequenas, né? Então pensando nessas possibilidades, enquanto a, quando serem mais velhas, que já trabalham, são crianças que a facilidade delas já falam dois idiomas, então, sabe? Pensando nessas <i>coiSSas</i> eu decidi vir aqui no BraSSil, <i>mismo</i> sabendo que <i>iba</i> a passar inicialmente dificuldades, né?
897 898 899 900 901	Michele	Entendi. Então você, é, sai da Colômbia, é, da capital da Colômbia pro Rio de Janeiro diretamente? Ou não, você faz...
902 903 904	Jade	Eu saí de Bogotá.
905 906 907	Michele	Ah, Bogotá - Rio de Janeiro.
908 909 910 911 912	Jade	Eu fiquei, eu fiquei em Cucutá, fiquei 15 dias. É, e de Cucutá, <i>pasé</i> a Bogotá, é, e de Bogotá, Rio de Janeiro.
913 914 915 916	Michele	E aí, Jade, como começa a sua história aqui no Rio de Janeiro? Você já falou pra mim. É::.
917 918 919	Jade	Então.
920 921 922 923 924	Michele	Caramba, eu poderia ter parado a entrevista, né? Mas assim, agora eu tô curiosa, e no Rio de Janeiro, caramba. Você chega no Rio de Janeiro.
925 926 927	Jade	Então.
928 929 930 931	Michele	Com duas crianças, com problema, a sua, uma delas com problema de saúde grave, e aí como, como fica tudo?

932		
933	Jade	Então, eu Yeguei aqui 25 de março de 2018.
934		Lembro como se fosse ontem. No início eu fiquei
935		com minha mãe, né? É, como <i>todo</i> , né, Michele?
936		No início <i>todo</i> é maravilhoSSo, mas depois, é,
937		minha terra tem um ditado que fala, o peixe no
938		terceiro dia já fede, né? Aí eu <i>tuve, mismo</i> que
939		eu seja muito grata a minha mãe, né? Muito
940		grata <i>mismo</i> , eu até, eu amo minha mãe,
941		atualmente a gente se dá muito bem, mas foi um
942		peSSadelo, <i>los</i> primeiros seis meSSes, porque a
943		minha convivência com o marido dela <i>no</i> é muito
944		boa, justamente porque eu, assim, eu tenho à
945		veSSes que aprender a calar, sabe? Só que
946		quando eu vejo uma injustiça, eu <i>no</i> posso
947		calar, <i>no, no</i> sei, eu <i>no</i> consigo, eu tenho que
948		falar: "Olha, isso tá errado, tá errado e tá
949		errado" <i>ni</i> tem branco <i>ni</i> preto, <i>no</i> tem cinza,
950		ou é branco, ou é preto. Então, <i>empezaran los</i>
951		problemas, porque a minha mãe, por eSSemplo,
952		queria entrar quando eu repreendia minhas
953		filhas, eu reconheço que eu <i>soy una</i> mãe chata,
454		<i>soy</i> muito protetora, sou <i>una</i> mãe que eu gosto
955		das coiSSas certinhas, não gosto de mentira,
956		não gosto que roubem, não gosto, <i>así</i> , coiSSas
957		que <i>una</i> mãe comum, né? Sabe que tem que ser nos
958		filhos, tipo, minha mãe é muito permissiva,
959		minha mãe, vamos supor, ah, minha irmã, tenho
960		<i>una</i> irmã que ela tem 10 anos, é, minha irmã ela
961		quer comer um Doritos, "Ah, <i>no</i> pode abrir", mas
962		depois <i>no</i> paga, eu <i>no</i> aceito isso, se você
963		abriu, você pagou, você leva pacotinho <i>mismo</i>
964		assim você paga, pronto e acabou, para mim <i>no</i>
965		eSSiste papo. É::, <i>el</i> fato de, brincou, <i>los</i>
966		brinquedos estão no chão, <i>mismo</i> que elas já
967		tinham <i>una</i> idade, acho que era seis anos, eu
968		mandava recolher, em <i>BeneSSuela</i> eu tinha
969		empregada, todo dia, ela, ela chama Kelly, todo
970		dia, mas se ela, por eSSemplo, arrumava o
971		quarto delas, <i>Y</i> elas estavam mais pequenas
972		ainda, <i>Y</i> elas bagunçavam, eu <i>no</i> deixava a Kelly
973		arrumar, elas <i>tenían</i> que arrumar, porque a
974		Kelly tinha feito o seu trabalho. Então, tipo,
975		eu <i>soy</i> muito, respeito muito as coiSSas dos
976		outros, o ofício dos outros. Eu sou <i>una</i> pessoa
977		que valoriSSa muito o ofício das pessoas. A
978		minha mãe <i>no</i> é desse jeito, por eSSemplo, "No,
979		bagunçou, deixa assim, eu vou recolher", eu
980		falava: "No, mãe, você <i>no</i> vai, deixa elas
981		recolherem", "No". E <i>empezaba</i> aquela briga por
982		isso, "Imagina", se eu contar, você <i>no</i>
983		acredita. Então <i>así</i> , mentira, "Ah, é <i>una</i>
984		mentirinha branca", <i>no</i> , para mim <i>no</i> existe
985		mentira branca, é mentira, então <i>no</i> pode
986		mentir. Era aquelas brigas infernais por
987		detalhes, né? Depois meu padrasto <i>empezó</i> a

988		monitorar <i>la</i> comida, ele Yegava até a esconder
989		o controle da tv para as meninas <i>no</i> verem.
990		Depois <i>empezé a recibir</i> resposta, como que <i>no</i> ,
991		a tua irmã está em sua caSSa, ou seja, quem
992		sabe, paga a conta, sabe do que está falando.
993		Tipo, você tem que se adequar, porque você <i>no</i>
994		está em sua caSSa. Então <i>empezaron</i> essas
995		humilhações, né? É::, que foram muito
996		doloroSSas, muito, na época literalmente um
997		peSSadelo para mim. Y::, Y eu consegui sair de
998		caSSa da minha mãe, porque <i>unas</i> amigas me
999		contratam em um restaurante e arrumam pra mim
1000		<i>una</i> kitnet. Era <i>una</i> kitnet horroroSSa, mofada,
1001		horrível, mas era o meu canto de paz. Eu lembro
1002		que quando eu
1003		
1004	Michele	Você morava.
1005		
1006		
1007	Jade	Quando, sim.
1008		
1009		
1010	Michele	Você morava com a sua mãe, é, no Rio de
1011		Janeiro, né? Na cidade do Rio de Janeiro.
1012		
1013		
1014	Jade	Isso, eSSatamente.
1015		
1016		
1017	Michele	E aí.
1018		
1019		
1020	Jade	Sim.
1021		
1022		
1023	Michele	E, é, você chega em março, seis meses depois
1024		você consegue sair da casa dela, porque você já
1025		tá trabalhando.
1026		
1027		
1028	Jade	É isso aí, eu consegui, é, com essas amigas.
1029		
1030		
1031	Michele	Em setembro mais ou menos, né?
1032		
1033		
1034	Jade	Por aí.
1035		
1036		
1037	Michele	Você sai, você chegou em março.
1038		
1039		
1040	Jade	Foi seis meses, cheguei em março, abril, maio,
1041		junho, julho, agosto, agosto, setembro, né?
1042		

1043		
1044 1045 1046	Michele	Uhum.
1047 1048 1049 1050 1051 1052 1053 1054 1055 1056 1057 1058 1059 1060 1061 1062 1063 1064 1065 1066 1067 1068 1069 1070 1071 1072 1073	Jade	Aí eu lembro que eu só sentei com ela, agradei, ela chorou muito, "Porque me <i>iba</i> desse jeito, <i>no</i> sei o quê, é muito rápido", falei: "Olha, <i>no</i> dá mais, eu te amo, te agradeço, <i>Y</i> agradeço <i>mismo lo</i> ruim também te agradeço, porque se tivesse confortável, eu não decolara, eu ficava confortável, eu ficava lá, mas <i>la</i> dificuldade me levou a reSSolver, <i>Y</i> comprovei que posso reSSolver, então te agradeço até a parte ruim". Eu fui embora com essas palavras, né? Depois, é, <i>tuvo</i> , teve exploração laboral com as minhas amiSSades, né? Eu <i>misma</i> , como eu te falo, Michele, na parte ruim eu <i>no</i> posso ser ingrata, né? Foram amigas por terem me ajudado a sair de <i>una</i> situação, né? É::, é, <i>no</i> me senti conformada com o trabalho, tava trabalhando demais. Eu, chegava um momento que minhas pernas <i>no</i> paravam mais, na área de restaurante, renunciei lá <i>Y empecé</i> a limpar prédios, o que me permitia levar a <i>las</i> meninas. Eu levava <i>las</i> meninas, sentava elas <i>en una</i> escadinha ali do lado, esperando que eu <i>iba</i> a limpar los andares, <i>Y</i> elas me aguardando aí, o quietinhas, porque () minhas filhas, quietinhas ((riso)). Quando eu falava, "fica aí <i>no</i> pode mexer, fica aí". Elas ficavam, colaboravam muito.
1074 1075 1076 1077	Michele	Você sai do restaurante e vai trabalhar fazendo faxinas em prédios.
1078 1079 1080	Jade	Isso aí, sim.
1081 1082 1083	Michele	Prédio comercial?
1084 1085 1086	Jade	()
1087 1088 1089 1090 1091 1092 1093	Michele	Ah, sim. Você começa a fazer faxina, aí você leva as suas filhas, porque, é, você precisava trabalhar e de certa forma esse trabalho ajudava você a não:: é, deixar de cuidar delas também, né?
1094 1095 1096 1097	Jade	ESSatamente, eu negociei com <i>la</i> síndica do prédio, <i>Y</i> eu <i>iba</i> dos veSSes por semana, elas <i>iban</i> junto, com <i>la</i> condição de que elas <i>no</i> podiam trabalhar, né? Obviamente, isso é algo

1098 1099 1100 1101 1101 1102 1103 1104 1105 1106 1107		que eu <i>no iba</i> a botar, <i>faSSer</i> nelas, <i>maH</i> foi um combinado, "Olha, Fran, vamos assinar aqui que elas <i>no vão</i> trabalhar, se vier uma inspeção eu já resguardo", porque, né? Aí <i>faSSendo</i> esse tipo de convênio com <i>las</i> pessoas onde eu trabalhava, é::, eu consegui trabalhar <i>con</i> elas do lado, até quando eu podia levar, eu levava, para <i>no</i> deixar <i>soSSinhas</i> , porque elas estavam mais pequenas.
1108 1109 1110 1111	Michele	E quanto tempo você ficou fazendo isso, trabalhando e levando as suas meninas?
1112 1113 1114 1115 1116 1117 1118 1119 1120	Jade	((suspiro)) Quanto tempo? Para (), já tenho quase cinco, três anos, <i>así</i> , até () de hoje, claro, já hoje <i>no</i> tanto, porque elas estão mais grandes, elas estão aqui quietinhas em <i>caSSa</i> , mas <i>unos dos</i> anos foi <i>quaSSe</i> que seguido, onde eu <i>iba</i> a <i>faSSer</i> faxina, levava elas, onde eu <i>iba</i> a <i>faSSer</i> algum serviço de <i>beleSSa</i> , levava.
1121 1122 1123 1124	Michele	E a escola delas como ficava nesse, nesse contexto?
1125 1126 1127 1128 1129 1130 1131 1132 1133 1134 1135 1136 1137 1138 1139 1140 1141 1142 1143 1144 1145 1146 1147	Jade	Ent ^{ÔN} , elas estudavam de manhã, ent ^{ÔN} se eu combinava, por <i>eSSemplo</i> , porque normalmente o meu serviço era final de semana, os mais <i>peSSados</i> , né? Aí eu levava final de semana, em três semanas eu procurava serviços mais curtos, então, tipo, negociava, pessoas que moravam perto da escola, aí eu pegava essas faxinas, eu, que me permitisse na hora de almoço pegar elas e levar para <i>caSSa</i> , até que consegui pagar <i>una</i> pessoa para pegar elas, <i>Y</i> levar para <i>caSSa</i> <i>Y</i> deixar em <i>caSSa</i> quietinha, né? No entanto, obviamente, desde <i>VeneSSuela</i> elas foram treinadas para <i>no</i> abrir a porta para estranhos, pra ficar quietinha em <i>caSSa</i> , para <i>no</i> <i>faSSer</i> bagunça. Desde seis anos de idade, seis <i>no</i> , na verdade cinco anos, porque em <i>VeneSSuela</i> elas tinham que ficar, porque às <i>veSSes</i> tinham disparos, tiroteio, entendeu? Por <i>cauSSa</i> da comida, eu <i>no</i> levava elas para <i>faSSer</i> fila, ent ^{ÔN} elas foram treinadas em <i>VeneSSuela</i> para ficar <i>sÔSSinhas</i> .
1148 1149 1150 1151	Michele	Certo. Então, essa, é, escutar tiros não é algo incomum para as suas filhas.

1152 1153 1154	Jade	No. ((risos))
1155 1156 1157	Michele	Essa realidade. Infelizmente, né?
1158 1159 1160 1161 1162 1163	Jade	No era, e o pior que sim, eSSatamente, porque no era em <i>una</i> comunidade, em VeneSSuela a gente morava atrás do palácio de Mirassol, então era <i>una</i> SSona boa, mas::
1164 1165 1166	Michele	Exatamente.
1167 1168 1169 1170 1171 1172 1173 1174 1175 1176	Jade	Aquilo que eu te falo, né? É um abuSSo de poder, pessoas que eram militares queriam levar a comida, aí tinha pessoas que <i>venían</i> de outros lugares, que tinham arma, então havia enfrentamento entre eles, porque eles <i>no</i> deixavam, porque tinha 12 horas faSSendo fila, e do nada começava um tiroteio, entendeu? Então...
1177 1178 1179	Michele	A fila era nos mercados?
1180 1181 1182	Jade	Sim, nos mercados.
1183 1184 1185	Michele	Para conseguir comprar comida.
1186 1187 1188	Jade	ESSatamente.
1189 1190 1191 1192	Michele	Você apresentava o, você apresentava o carnê, é::
1193 1194 1195	Jade	Sim.
1196 1197 1198 1199	Michele	E aí você poderia entrar no mercado para comprar comida.
1200 1201 1202 1203	Jade	ESSatamente, quando me tocava, né, que::, como te falo, tinha que faSSer <i>una</i> fila muito longa.
1204 1205 1206	Michele	Sim, quando chegava a sua vez.

1207 1208 1209	Jade	Muito longa. ESSatamente.
1210 1211 1212 1213 1214 1215	Michele	Claro. Quando chegava a sua vez, mas aí às vezes algumas pessoas se apropriavam, de ter um cargo melhor, uma aproximação com o governo, e conseguiam passar a frente, né?
1216 1217 1218 1219	Jade	Sim passar na frente e levar quase <i>todo</i> , então quem estava faSSendo fila se ferrava.
1219 1220 1221 1222 1223	Michele	Entendi, nossa. É, vamos lá. Então, ô, Jade, de, de março de 2018, quando você chega aqui no Rio de Janeiro, até esse ano de 2022, né?
1224 1225 1226	Jade	Sim.
1227 1228 1229 1230 1231 1232 1233 1234 1235 1236 1237 1238	Michele	O que você pode falar a respeito desse tempo, né? Você já falou bastante aí, é, falou da, do seu trabalho, que foi difícil no início, né? E::, é aqui mesmo que você quer ficar, apesar de ter passado por tanta dificuldade, você acha, é::, que ainda vale a pena, né? Você ficaria ainda no Rio de Janeiro, ou não, você pretende ir pra outro lugar, é, que que você tem a respeito de, como se fosse uma reflexão desse tempo que você tá aqui, que que você poderia falar?
1239 1240 1241 1242 1243 1244 1245 1246 1247 1248 1249 1250 1251 1252 1253 1254 1255 1256 1257 1258 1259 1260	Jade	Então, é, que que eu posso falar sobre isso, uma pergunta que me faSSem muito. Minhas filhas elas amam Brasil, né? Amam o Rio de Janeiro en especial. Y esta altura de minha vida, Michele, así, a única forma que eu vá embora é que apareça <i>una</i> oportunidade muito boa de trabalho, por eSSemplo, Estados Unidos, Portugal, Europa, mas se <i>no</i> , eu me sinto muito bem aqui no BraSSil, é um país que sou eternamente grata, é um país, eu sempre falo que eu tenho o privilégio que eu tenho de falar que eu Yeguei, a gente teve o privilégio, as minhas filhas e eu, eu e minhas filhas, perdão, de estar em um lugar que a gente ama. Porque, obviamente, <i>no todo</i> és perfeito, é verdade, maH pessoas acolhedoras têm. Ainda você pode comprar o que quiSSer no mercado, ainda tem, é, <i>así, mismo</i> que forçado, tem trabalho, isso eu acho, sabe? Se você me permite uma analogia, <i>sin</i> entrar a ofender a ninguém, acho que aqui os cariocas não valoriSSam <i>lo</i> que tem, porque já vi muitas pessoas reclamar do trabalho: " <i>No</i> , que é muito

1261		puxado", quando no é, gente, no sabe valoriSSar
1262		o sustento. Então isso são coiSSas que à veSSes
1263		eu fico indignada, sabe? Porque quem preciSSa,
1264		no tem, e quem tem, entÔN no valoriSSa. EntÔN
1265		um pouco de eso, né? Aqui ainda tem, tem muita
1266		coiSSa para ser aproveitada. Eu tenho mensagens
1267		maravilhoSSas, maravilhoSSas mesmo, é::,
1268		aprendi muito aqui no BraSSil. É um país que me
1269		acolheu de um jeito inacreditável, consegui
1270		meus papeis de una forma tranquila, é::, temos
1271		sido muito ajudadas, muito, no posso ní
1272		reclamar. Então apeSSar que a gente passou
1273		perrengue, eu e minhas filhas em algunos
1274		momentos, né, isso foi parte do processo, é
1275		algo que eu entendi, no é quando a gente quer,
1276		é quando Deus permite. Hoy em dia eu posso te
1277		falar, já limpei prédio, já limpei caSSas, já
1278		cuidei idoSSos, já trabalhei em restaurante,
1279		salão de beleSSa, mas soy o que soy agora por
1280		isso, agora eu sou una profiSSional inteira em
1281		beleSSa, porque a situação ruim me levou a
1282		estudar conhecimentos novos, que me permitieran
1283		me descobrir em outras áreas, pra trabalhar em
1284		una empreSSa americana, imagina quando que eu
1285		iba imaginar, porque sempre fecharam 1000
1286		portas, porque vai ter 1000 currículos na minha
1287		área, na área contábil, imagina, olha a
1288		loucura, na área de declaração de imposto,
1289		planilha, não sei o quê. Eu odiava números, mas
1290		eu estou me dando muito bem, trabalhando
1291		rápido, meu chefe viu algum potencial em mim
1292		que me permitió, me abriu essa oportunidade que
1293		eu estava tanto buscando, quase cinco anos que
1294		eu vou a faSSer aqui, muitas pessoas me
1295		fecharam la porta na cara, tipo, a ponto de
1296		ficar, por não falar inglês fluente, essa
1297		pessoa me deu a oportunidade de ainda estudar,
1298		de me preparar dentro da empreSSa, entÔN así,
1299		agora eu espero que continue em empreSSa, né,
1300		porque eu estou iniciando, mas se depender de
1301		mim, eu sou una pessoa que sempre tento dar o
1302		melhor, tento dar melhor para abrir portas,
1303		para que todo mundo seja beneficiado, porque no
1304		só la empreSSa ser beneficiada, eu também, eu
1305		continuo crescendo profiSSionalmente. EntÔN
1305		así, a única forma de eu sair de BraSSil é esse
1306		que eu tô te falando, "Ah, Fran, vou te pagar x
1307		Y vou pagar o teu visto", poxa, eu aproveito,
1308		obviamente, Y sim por minhas filhas, pro bem-
1309		estar de elas, Y una melhor qualidade de vida,
1310		eu estaria disposta a, a me mudar sim, você me
1311		pregunta: "Ainda estaria?". Sim, por elas minha
1312		vida, se eu tenho que sacrificar-me para abrir
1313		portas para elas, eu vou faSSer, entendeu? Eu
1314		vou faSSer, mas em relação a BraSSil, eu amo
1315		BraSSil, gosto muito de BraSSil.

1316		
1317 1318 1319 1320 1321 1322 1323 1324 1325	Michele	Que lindo! ((risos)) É, só, é, eu só, a única pergunta que ainda eu, eu não sei se eu já fiz, eu acho que não, mas que, é, não pelas suas filhas, né? Porque elas vêm e aprendem o português desde muito pequenas, pra você, assim, a língua foi uma, foi uma barreira maior do que talvez conquistar um posto de trabalho? É::
1326 1327 1328 1329 1330 1331 1332 1333 1334 1335 1336 1337 1338 1339 1340 1341 1342 1343	Jade	Foi, foi, no início foi, obviamente o meu sotaque é algo que eu <i>no</i> vou a perder nunca, né? <i>No</i> tem nem como, porque tem palavras que para mim ainda são difíceis, por eSemplo, la "r", eu vou errar sempre, porque para mim é difícil essa letra, vocês arrastam la língua desde la garganta, <i>no</i> sei que, como é. Mas foi, porque <i>no</i> sé se és vontade das pessoas de querer ajudar, né, nesse sentido, as pessoas que <i>no</i> falam português, à veSSes um pouco de preguiça, por parte das pessoas tentar nos entender, né, porque eu <i>misma</i> falando português, falam que <i>no</i> me entendem, aí eu já <i>deduzco</i> que é por <i>ruindad</i> mesmo, mas no início foi, foi sim, muito. Saía com dor de cabeça, dor de boca, língua, garganta, foi muito.
1344 1345 1346 1347 1348 1349 1350 1351 1352 1353 1354 1355 1356 1357 1358 1359 1360 1361 1362	Michele	Está certo, Jade. Obrigada por ter compartilhado comigo a sua história, é, mais uma vez eu reitero que essa gravação é com, com o intuito de, é, analisar entrevistas de mulheres que tem o perfil como o seu, né? É, para entender um pouco dessas ressignificações identitárias, essas histórias de, de superação, né? E, e que possam ajudar outras pessoas, né? Como, eu não sei se é um projeto um pouco, é, metido, pressumido, falando em espanhol, mas é justamente de deixar amostrar, né? Que é um público que merece ter um olhar diferenciado, sobretudo as mulheres, né? E::, e que eu acho que diferente dos homens, passam, é, por outras questões e são mais difíceis nessa travessia, né? Literal, travessia mesmo de um país pro outro, né?
1363 1364 1365	Jade	Sim.
1366 1367 1368 1369 1370	Michele	E aí tem várias, tem a travessia da língua, tem a travessia, é, da, da questão, é, da, da família, né? Mas...

1371 1372 1373	Jade	Uhum.
1374 1375 1376 1377 1378 1379 1380 1381 1382	Michele	Do trabalho, né? Você sair de um local confortável de trabalho e você ir pra um local, é, em que de certa forma você não se via fazendo, você disse pra mim que tinha pessoa que trabalhava na sua casa, e você vem pro Brasil e passa a trabalhar na casa de outra pessoa, né? Então...
1383 1384 1385	Jade	Uhum.
1386 1387 1388 1389 1390 1391 1392 1393 1394 1395 1396 1397 1398 1399 1400 1401	Michele	Eu acho que é preciso que as pessoas, é, saibam dessas histórias, dessas, dessas, de mulheres como você, né? E como as outras que eu estou entrevistando, porque eu vejo como algo importante ser trazido para discussão na sociedade, né? Então eu quero te agradecer muito pela sua oportunidade, e reiterar que de forma alguma eu vou usar essa entrevista de forma leviana, então por isso que eu pedi pra você desligar a câmera, e você vai assinar um termo, né? Eu vou deixar uma cópia com você, comprometendo de uma forma escrita que essa entrevista ela tem um único propósito, é, acadêmico, né? Científico.
1402 1403 1404	Jade	Ok.
1405 1406 1407 1408	Michele	Dentro da área de estudo de linguagem, está certo?
1409 1410 1411 1412 1413 1414 1415 1416 1417 1418	Jade	Certo. Obrigada você, Michele, porque eu valorisso muito esse tipo de pesquiSSa, é <i>la</i> única maneira de que, <i>la</i> única forma, né? Que <i>las</i> pessoas saibam que, <i>apeSSar</i> de que a gente sorri, né? A, <i>no todo</i> sido cor-de-rosa, que, que são <i>coiSSas</i> , ((pigarro)) que <i>no sei</i> se (vejo de ponto de vista) de que as pessoas serem mais gratas, sabe? <i>Empezar</i> a agradecer mais por <i>las coiSSas</i> que tem.
1419 1420 1421 1422 1423 1424	Michele	É verdade. Usar o pseudônimo de uma flor te deixa desconfortável ou te, te, te coloca em uma posição de sexo frágil, que que você sabe, falaria a respeito disso?
1425	Jade	Para nada, para nada, acho que esse é <i>más bien</i>

1426 1427 1428 1429 1430 1431		o pseudônimo da força, porque as flores, apesar de serem frágeis, sobrevivem na tempestade, estão aí, se fortalecem, e crescem mais lindas, né? Então, no para nada, algo que eu amo.
1432 1433 1434 1435	Michele	Perfeito. Vou usar isso como título do meu trabalho.
1436 1437 1438	Jade	Oba::. ((risos))
1439 1440 1441 1442 1443	Michele	Obrigada, Jade, eu vou interromper, eu vou interromper a gravação, obrigada pela participação, tá?
1444 1445 1446	Jade	Obrigada você.
1447 1448 1449 1450	Michele	Deixa eu só desligar a gravação aqui, como eu faço agora? Parar gravação.

Fim da Transcrição [01:02:15]

Gravação: nenúfar-18.10.2022-1a.parte-audio

Duração: [01:00:58]

Início da Transcrição [00:00:05]

1	Michele	Perfeito, Nenúfar. Comecei a gravar agora.
2		É:: Na verdade, essa entrevista ela tem
3		por-por objetivo, é::, receber essas
4		histórias de superação, né. É:: que eu,
5		eu, de certa forma, vejo como histórias de
6		superação, de mulheres venezuelanas, que::
7		eu entendo que, também pelo fato de terem
8		uma formação universitária, é::, o
9		sofrimento também, é::, seja muito, é::,
10		genuíno em ter que abrir mão, né, de uma
11		identidade profissional, além da família,
12		além de, de, do país e de tudo, abrir mão
13		de uma, de uma identidade profissional pra
14		um recomeço, né, num lugar que você talvez
15		nem imaginasse estar um dia. Então, é::,
16		eu gostaria que você começasse, é::,
17		falando sobre sua vida na Venezuela antes
18		de você vir pro Brasil. Né? Falasse um
19		pouco da, da sua vida, da sua infância, da
20		sua família. Claro, dentro daquilo que te
21		vier ao coração, à cabeça, e:: que você
22		falasse um pouquinho da sua história na
23		Venezuela.
24	Nenúfar	Tá ótimo. Então, é::, bom, eu sou filha de
25		uma pessoa que é farmacêutica e uma pessoa
26		que é/foi administrador. Eu tenho um irmão
27		só. Nós somos uma família de quatro
28		pessoas. Né? Eu morei, eu nasci na, em
29		Caracas, que é a capital da Venezuela, mas
30		eu morei toda a minha vida no interior. Eu
31		sou numa cidade pequena, que em espanhol a
32		gente chama de <i>pueblo</i> que o nome é <i>El</i>
33		<i>Tigre</i> , que fica no oriente do meu país. Lá
34		eu cresci e eu estudei até o ensino <u>médio</u>
35		nessa cidade e depois eu fui pra outra
36		cidade pra estudar na faculdade. Né?
37		Porque na- Por ser pequena, não tinha
38		universidade. Lá na Venezuela não tem
39		muitas faculdades em todo lugar. A gente
40		tem que se deslocar muitas vezes. Quando a
41		gente é do interior, a gente tem que se
42		deslocar muitas vezes pra estudar. Então
43		aí eu fui pra estudar nessa faculdade, que
44		é uma faculdade pública, né? Minha família
45		geralmente foi uma família de classe <i>média</i> ,
46		classe <i>média</i> normal, nem alta nem baixa.
47		Classe <i>média</i> normal. Minha mãe tinha uma
48		farmácia, meu pai trabalhou sempre como
49		administrador do serviço público, é, do
50		serviço de saúde. Ele, ele trabalhou na,

51		no hospital da minha cidade, ele era o
52		administrador desse hospital durante
53		muitos anos. Né? Até que ele ficou
54		apossentado. Então eu fui pra estudar
55		nessa, na universidade na outra cidade e
56		eles pagaram a minha estadia e todos os
57		materiais que eu, que eu utilizei e o
58		aluguel da minha, da, do lugar do local
59		onde eu morei. Eu tô falando isso porque
60		pra, na progressão, entender um pouco,
61		explicar um pouco como foi mudando a nossa
62		economia, porque muito do que aconteceu
63		comigo, do que aconteceu com minha
64		família, aconteceu muitas outras família,
65		famílias da mesma nível socioeconômico que
66		a gente. Então por isso eu tô falando
67		assim muito do que meu pai, minha mãe
68		trabalharam ou foram porque isso depois pra
69		frente vocês vão ver como é que isso ficou.
70		É:, é assim, como se fala:, como
71		cambiou, né, como mudou as possibilidades
72		das pessoas, é, durante os anos. Então,
73		assim, bom, eu fui e estudei na
74		universidade, na faculdade nessa outra
75		cidade e aí eu terminei, me graduei. É,
76		é:, depois eu comecei a fazer uma
77		especialização, já eu foi que paguei. Eu
78		comecei a fazer uma primeira
79		especialização, eu trabalhava e comecei a
80		estudar, porque permitia. Nos, as
81		especializações que eu fazia eram pagas,
82		ou seja, não eram do nível público, senão,
83		a gente que pagava, né, a gente, era
84		privado. E aí eu consegui um tempo estudar
85		pra ortodontia. E aí, bom, eu comecei a
86		trabalhar e, durante esse ano, eu, assim,
87		eu me graduei no ano 2004, se eu não
88		estiver errada, e meus cálculos não são
89		muito bons porque minha cabeça esquece das
90		datas. Então aí eu comecei a trabalhar e eu
91		trabalhei todo esse tempo, desde 2004 até
92		2018, como dentista. Só que no primeiro
93		momento comecei a trabalhar como dentista,
94		odontologista geral de coisas normais que
95		a gente faz, restaurações, limpezas,
96		extrações dentárias, cirurgias dentárias,
97		depois, com o tempo, comecei a me
98		especializar. Eu consegui estudar e fazer
99		ortodontia e era o que eu fazia no final.
100		Mas, assim, com o passo do tempo, é, a
101		nossa situação econômica foi cada vez
102		piorando. Né? Então foi cada vez mais
103		difícil com tempo que fui andando, né, foi
104		passando o tempo. Comecei desde a minha
105		infância tendo uma vida relativamente
106		normal de uma pessoa da classe média e, já

107		no final, era uma coisa que você, ainda
108		sendo uma pessoa com estudos, tinha que
109		trabalhar com comer, pra conseguir comer.
110		E assim com os meus pais e assim com
111		muitas famílias que eu conheço.
112	Michele	Ok, Nenúfar. Você disse que morou num
113		povoado chamado Tigre?
114	Nenúfar	Sim. <i>El Tigre</i> . Ahã.
115	Michele	El Tigre. E ele fica, ele pertence a qual
116		estado?
117	Michele	Azoátegui.
118	Nenúfar	<i>Anzoátegui</i> . Com n.
119	Michele	Ah, tá. Na parte oriental, né?
120	Nenúfar	Sim, no oriente do país. É <i>una</i> cidade
121		pequena, mas é uma cidade que durante
122		muito tempo o petróleo foi, assim, é uma
123		cidade que nasceu com o auge petroleiro.
124		De fato, o primeiro poço petroleiro da
125		Venezuela foi descoberto aí. De fato, tem
126		um escritor muito famoso na Venezuela que
127		<i>escribió</i> o livro que o nome é <i>Oficina um</i> .
128		<i>Oficina uno</i> , é o nome. E <i>Oficina uno</i> é da
129		criação do <i>El Tigre</i> , ((riso)) porque aí
130		foi onde apareceu o primeiro poço
131		petrolífero da Venezuela. Então é uma
132		cidade pequena, mas uma cidade petroleira.
133	Michele	Entendi. Interessante. É::, e aí você
134		estudou em Caracas ou você estudou nesse
135		mesmo estado?
136	Nenúfar	Não. Eu estudei noutro estado. ((risos))
137		Assim, eu, eu fui criada, eu fui criada em
138		<i>Anzoátegui</i> , mas eu fui pra o estado
139		<i>Guárico</i> , pra a capital do estado <i>Guárico</i> ,
140		que o nome é <i>San Juan de Los Morros</i> . Aí
141		tinha uma universidade pública que tinha a
142		faculdade de odontologia. Não era tão
143		longe da minha casa, mas a universidade
144		pública mais perto da minha casa, da
145		minha família, porque as outras tinha
146		privada, mas assim eu conseguia pagar
147		universidade privada e também todo que
148		implica também o estudar odontologia.
149		Então a gente pensou estudar uma pública,
150		eu consegui, eu apreSSentei minha prova e
151		eu fui, então, é, o estado é <i>Guárico</i> . Vou
152		escrever aqui porque o nome é estranho.
153		<i>Guárico</i> . E a cidade é <i>San Juan de Los</i>
154		<i>Morros</i> . É a cidade onde eu estudei.
155	Michele	Certo. Então você, você sai do ensino
156		médio e ingressa na faculdade...
157	Nenúfar	Uhum.
158	Michele	O, direto então, né?
159	Nenúfar	Não, não. Eu demorei um ano. Eu demo-,
160		agora que eu tô lembrando, é verdade. Eu

161		demorei um ano, porque, na verdade, no
162		pri-, no princípio, eu não tava muito
163		certa que queria estudar, primeiro, e,
164		segundo, depois eu comecei a apreSSentar
165		as provas de outras faculdades que eu
166		gostava muito, mas eu não conseguia entrar
167		en essas faculdades, na verdade, assim. As
168		provas eram muitas pessoas assim, miles de
169		pessoas, porque, claro, tem muito pouca
170		universidade na BeneSSuela. Pública, né?
171		Então as provas pra entrar eram muito,
172		muito, muito concorrentes e houve, eu, na
173		verdade, eu não consegui, é::, entrar
174		nessas, en essas outras. E aí eu
175		apreSSentei em San Juan de Los Morros, na
176		universidade onde eu estudei, e consegui
177		entrar.
178	Michele	Que ótimo. Aí você fez uma universidade
179		pública.
180	Nenúfar	Sim. Eu estudei em universidade pública. E
181		as outras que eu apreSSentei o eSSame
182		também eram públicas, mas, como eu falo?
183	Michele	Você atingiu nota, né, pra entrar nessa?
184	Nenúfar	É. ESSatamente.
185	Michele	Mais ou menos como aqui, né? No Enem, o
186		aluno atinge uma nota pra [ingressar em
187		uma universidade].
188	Nenúfar	[É. Você] é::, correto. E depois você
189		apreSSenta uma prova na própria
190		universidade.
191	Michele	Hum.
192	Nenúfar	E aí você apreSSenta duas provas. A
193		primeira prova onde você pode ser, não sei
194		como, sonificado, vamos diSSer, assim, né?
195		E depois você apreSSenta uma outra prova
196		na universidade. Aí você, se conseguir
197		passar Êssa, você entra numa universidade.
198		Senão, não entra na faculdade.
199	Michele	Entendi. Então é um sistema de entrada,
200		digamos, que, de acordo com cada
201		universidade, tem o seu, né?
202	Nenúfar	É. ESSatamente.
203	Michele	Entendi. Que ótimo. Então você, você falou
204		que você veio de classe, família de classe
205		média, né?
206	Nenúfar	Uhum.
207	Michele	Seus pais com formação universitária. Você
208		vai estudar odontologia, e eu entendo, né,
209		se um curso também, é::, de certa forma,
210		que, cujo acesso, né, a pessoas de uma
211		renda mais baixa...
212	Nenúfar	Sim, totalmente.
213	Michele	...seja um pouco mais difícil também, né?

214	Nenúfar	Muito. Porque, assim, ainda que a
215		universidade seja pública, odontologia
216		obriga você a comprar materiais
217		instrumentais desde o primeiro ano. E são
218		caros, ou seja, era muito caro pra nós,
219		pra na minha, a minha família, além de,
220		claro, a moradia e a comida e todo a
221		manutenção, né? Então...
222	Michele	Entendi.
223	Nenúfar	...pra nós era muito caro assim. Eu lembro
224		que era caríssimo, sabe?
225	Michele	Entendi. Aí então você diz que você se
226		forma, começa a trabalhar como dentista,
227		né, como clínica geral. Depois começa a
228		estudar e se especializa em ortodontia.
229	Nenúfar	Uhum.
230	Michele	E, bom, em que momento que você está se
231		referindo, em que ano, e:: que você teve o
232		insight: "Eu não vou continuar na
233		Venezuela"?
234	Nenúfar	Bom, na verdade, assim, eu começÊ a
235		pensar, começÊ a pensar sair da Venezuela,
236		eu acho, no ano 2015, talvez, assim.
237		Porque, o que acontece? Eu, não sei se
238		todo mundo é assim, mas eu, primeiro a
239		gente nunca se <i>plantea</i> sair do seu país.
240		Né?
241	Michele	Claro.
242	Nenúfar	Assim, não é uma coiSSa que a gente pensa.
243		E a gente diz: "Além que o mundo tá
244		caindo, eu estou aqui, né?". Ou seja, além
245		disso, que eu tinha meu consultório, o meu
246		próprio consultório, minha clínica, né? Eu
247		consegui comprar, é, numa época. Meu pai
248		me ajudou sim, é verdade. Eu peguei um
249		crédito no banco, quando nessa época ainda
250		tinha crédito. Por, por- meu pai me ajudou
251		e eu também consegui pagar. Então eu tinha
252		muito pra eu me des-, sabe? Pra eu, assim
253		disse: "Ok, eu vou praticar aqui o
254		deSSapego". Foi difícil, né? Então você tá
255		aqui no seu mundo e você pensa: "Bom, a
256		gente vai pra frente. A coiSSa tá mal, mas
257		a gente vai pra frente. A gente consegue,
258		a gente consegue".
259	Michele	Vai melhorar. Vai melhorar.
260	Nenúfar	Vai melhorar. Um momento, vai melhorar. A
261		coiSSa não pode ir pior. Sabe? Não pode,
262		de fato, eu, por exemplo, sempre ia pra
263		manifestações. Sabe? Manifestações
264		politis- assim, manifestações em contra
265		do governo. A gente saía, brigava, bá, a
266		gente diSSia, hoje sim, nesse momento,
267		sim, as pessoas tão saindo pra reclamar.

268	As coiSSas vão mudar. Sempre a gente tinha
269	esperança que ia mudar. Eu acho que depois
270	de 2015, eu já tava casa-, assim, tava,
271	com meu marido, éramos... Tá vamos
272	namorando, já compromisso pra caSSar, e a
273	gente começou a pensar: "Nossa Senhora, a
274	gente, eu acho que vamos ter que sair
275	daqui, porque a coiSSa não melhora e você
276	perde a esperança". Sabe? Então cada dia a
277	gente pensava, mas a gente não pensava
278	muito a sério assim. Vamos sair, ma::s,
279	assim, um dia. Vamos sair, mas pra onde?
280	Ah, vamos sair e tal. Mas passaram os anos
281	e o ano, um ano, 2016 ou 2017, foi um ano
282	muito forte, porque nós, por exemplo...
283	Primeiro, já tínhamos pensando em sair.
284	Depois, numa das manifestações, um dia que
285	foi uma manifestação muito feia, que foi
286	o... Eu lembro, foi o 1º de abril, a gente
287	foi pra manifestaçÔN, e, na noite, minha
288	sogra é médica... Em Caracas, a
289	manifestaçÔN. A gente foi levar ela pra o
290	médico. Pra, pra:: PerdÔN. Para o
291	trabalho, né, porque lá tinha guarda e ela
292	tinha que trabalhar, ela tinha plantÔN. E,
293	nesse transcurso, a gente teve um encontro
294	com alguém que ia... Assim, tem um monte
295	de pessoas com armas e eles iam roubar o
296	nosso carro e nós, né? Ou seja, ia
297	acontecer uma coiSSa com a nossa vida. Né?
298	A gente conseguiu sair deles... Assim, eu
299	vou falar muito e tu vai ter um som de
300	pessoa que acredita em coisas
301	supernaturais, mas, assim, a gente
302	conseguiu sair deles por cauSSa de Deus,
303	porque eles eram as pessoas que, assim,
304	eles falavam: "Me dá o carro, desce do
305	carro". Meu marido tava dirigindo o meu
306	carro. Tava no meu carro, que, graças a
307	Deus, era um carro pequeno. Aí a gente
308	tava com o meu marido,é::, um amigo. A
309	gente ia buscar ela pra o trabalho, a
310	minha sogra. E aí eles falaram assim: "Me
311	dá o carro e desce do carro, me dá bolsa e
312	me dá <i>todo</i> ". Aí a gente pe... Eu falei pra
313	ele, pra o rapaz que tava roubando a
314	gente, eu falei... Que eram vários. Eu
315	falei, era como falar <i>mi amor</i> . Eu falei:
316	" <i>Papi, papi</i> eu não tenho nada." Sabe? <i>Papi</i>
317	é como eu falar ao meu amor. Eu falei:
318	" <i>Papi</i> , eu não tenho nada. Olha aqui, eu
319	não tenho <i>bolso</i> , não tenho nada. Esse é o
320	cinto de segurança, sabe, que o carro tem.
321	A gente não tem nada. Eu vou te dar o
322	celular, eu vou te dar meu <i>bolso</i> ". O meu
323	amigo, nosso amigo falou: "vou te dar meu

324		<i>bolso</i> , vou te dar nosso celular e você
325		deixa que a gente vai embora?" Aí o rapaz,
326		algo passou nele, ele falou: "Vai embora
327		então". Pegou o celular do meu marido
328		Luis, pegou o celular do nosso amigo e o
329		<i>bolso</i> do nosso amigo e a gente... Como a
330		gente conseguiu sair com... Assim, embora,
331		o carro, pá. A gente saiu correndo. Essa
332		foi a primeira coisa que a gente pensou:
333		"Nossa Senhora, a gente, na verdade, a
334		gente tem que sair daqui". Porque era
335		super perto da casa dele numa parte que a
336		gente achava que sempre foi segura e a
337		gente, sabe, foi... A nossa vida correu
338		<i>perigo</i> não por causa das manifestações,
339		mas num momento da manifestação. Né? Sabe?
340		Na noite da manifestação que tinha muitos
341		barricadas na cidade, que tinha muita
342		revol-, revoltas na cidade. A gente ficou
343		assustado. E depois daí...
344		
345		
346	Michele	Você lembra qual foi o ano? 1° de abril,
347		mas de que ano?
348	Nenúfar	1° de abril, se eu não estiver errada, foi
349		2017, mas eu não estou assim super certa
350		se foi 2017 ou 2016.
351	Michele	Ahã.
352	Nenúfar	Porque eu cheguei aqui num fevereiro de
353		2018. Durante um ano a gente planejou a
354		nossa viagem, por isso que eu não... Eu
355		acho que deve ser 2016, porque no ano de
356		2017 foi todo o planejamento pra gente
357		poupar o dinheiro, vender as coisas. Então
358		deve ter sido 1° de abril de 2016.
359	Michele	2016.
360	Nenúfar	Deve ter sido.
361	Michele	Ahã. Tudo bem.
362	Nenúfar	Então, assim, a gente começou a pensar
363		mais seriamente. Mais seriamente a gente
364		tem que sair. Depois passou um tempo, e
365		como eu falei anteriormente, eu
366		trabalhava... O meu marido e eu
367		trabalhamos em vários... Em consultórios e
368		em várias cidades. Sim? Como
369		ortodontistas. Então um dia, um belo dia,
370		a gente tava na rua trabalhando de uma
371		cidade na outra, e um pneu do meu carro
372		explodiu. Cabe ressaltar que o carro do
373		meu marido ficou ruim, ou seja, ele tinha
374		um carro também, o carro simplesmente
375		tinha um problema que podia ser
376		reSSolvido, mas a gente não tinha como
377		pagar a::, a:: Como se fala? Conserto do

378		carro dele. Então a gente andava pra todo
379		lugar com o meu carro. Um pneu do meu
380		carro explodiu e a gente tinha que
381		escolher: eu compro o pneu do carro ou eu
382		como? E aí a gente ficou conseguiu chegar
383		com um pneu assim... Que se você vir aqui
384		no BraSSil um pneu desse, um pneu desse só
385		você consegue ver no lixo. A gente teve
386		que comprar um pneu desses pra conseguir
387		chegar na cidade onde meus pais moravam,
388		que foi a minha cidade onde eu me criÊ
389		durante toda a minha vida. Aí a gente
390		conseguiu chegar, a gente conseguiu chegar
391		com o carro, e aí ficamos parados tentando
392		conseguir comprar um pneu pra o meu carro.
393		Onde tinha um pneu bom era hiper caro. Se
394		você comprar um pneu, você não ia
395		conseguir comer no mês inteiro ou, se você
396		conseguir, comprava um pneu ruim, você
397		talvez conseguia comer, mas como você ia
398		se movimentar pra trabalhar? Sim! Então a
399		gente ficou uma semana e meia parados
400		pensados o que fazer. E meu marido, por
401		fim, conseguiu um pneu que estava horrível
402		mas dava pra chegar até a cidade onde
403		ficava o meu consultório. Ele teve que
404		andar tipo cinco quilômetros com o pneu
405		num ombro, carregado, desde onde ele
406		comprou até a caSSa porque não tinha como
407		pagar um...
408	Michele	Transporte.
409	Nenúfar	...um taxi, um transporte. O taxi não
410		queria montar ele e não tinha transporte
411		público pra gente subir. E aí ele chegou
412		assim desmoralissado, sujo, sujo, assim,
413		tipo... E ele disse... Quando chegou, ele
414		disse: "A gente tem que sair daqui, meu
415		amor". Assim, a gente vai piorando. Como a
416		gente... Porque a gente trabalhava muito,
417		Michele, ou seja, você não sabe... Nós só
418		tínhamos um sábado livre no mês. Sabe? A
419		gente trabalhava todo sábado até qualquer
420		hora, ou seja, assim, 19h da noite era
421		último paciente que a gente via. A gente
422		trabalhava em várias cidades e ainda com
423		isso a gente só conseguia comer. E a gente
424		tava muito melhor que outras pessoas. Y eu
425		quero ressaltar isso. A gente não passou
426		as coiSSas piores que todo mundo passou,
427		porque a gente conseguia comer.
428	Michele	Sim.
429	Nenúfar	Sabe?
430	Michele	Você falou que tinha:: Vocês tinham carro,
431		você tinha::
432	Nenúfar	Ahãm.

433	Michele	...a sua casa, o seu consultório.
434	Nenúfar	Dinheiro, uhum.
435 436	Michele	Então, de certa forma, você tinha uma estrutura e...
437	Nenúfar	Sim, eSSatamente.
438 439	Michele	Que você conseguia, é::, é::, administrar com os recursos que você recebia.
440	Nenúfar	Correto.
441	Michele	Ainda que trabalhando de forma exaustiva.
442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486	Nenúfar	ESSaustiva. ESSatamente. E, assim, a gente... Por exemplo, a gente via que cada... Cada ano, cada tempo, a gente ia perdendo liberdade e trabalhando muito mais e <i>ganando</i> muito menos. Sabe? E, além disso, por exemplo, com menos possibilidades de comprar nossa comida, shampoo, sabe? Por exemplo, eu cheguei na caSSa do meu pai um dia... Porque, assim, o Luís e eu, meu marido, a gente morava numa cidade onde meu consultório ficava. A gente alugava uma caSSa ali, né? E meus pais moravam sempre na cidade onde eu fui criada. Mas aí, eu consegui trabalhar também no consultório. Então eu <i>iba</i> uma semana, trabalhava em cidades perto, uma cidade que fica perto da cidade de meus pais, o <i>sea</i> , perto de <i>El Tigre</i> , e depois conseguia trabalhar num consultório em <i>El Tigre</i> . Então eu passava assim, tipo, cada mês, passava quatro, três no <i>El Tigre</i> . E um dia eu cheguei na minha caSSa e meu pai, que já tinha nesse momento 62 anos, eu cheguei assim e meu pai tava vermelho, assim, vermelho. Eu falei: "Pai, por que você tá vermelho?" Aí ele falou pra mim: "Bom, porque eu tÊve que ir pra faSSÊ a fila pra comprar <i>harina pan</i> ." <i>Harina pan</i> é nosso fubá. Imagina o fubá. Mas a gente come, todo café da manhã, a gente come <i>arepa</i> . A <i>arepa</i> é feita de esse fubá. Sim? A gente come o pão, o fubá, mas o pão era assim impossí- Era mais difícil. Então ele falou assim: "Não, eu tÊve três horas na fila, na rua, na chuva e no sol, e ainda, quando eu cheguei, eu não consegui comprar <i>harina</i> ". Aí eu falei:: Eu fiquei assim, eu falei: "Que". Você vai <i>perdonar</i> , mas eu pensei que merda que meu pai tinha que ficar três horas faSSendo a fila. E ele, assim, sabe, com uma cara de sorriSSo, sabe, assim. Não, como que eu vou faSSer? Então cada dia a rotina deles, já que ele tava apoSSentado, era ir pra o mercado pra ver que ele conseguia comprar, porque <i>todo</i>

487		era com fila. Então não só eu preciso
488		diSSer não ter dinheiro, não tem comer,
489		também, tipo, a humilhação de você
490		mendigar comprar a comida. Sabe?
491	Michele	[Tem uma coisa]
492	Nenúfar	[Ter que entrar]
494	Michele	Nenúfar, você falou, né, ele foi pra fila
495		e não conseguiu, ele queria comprar
496		farinha e não conseguiu, ou seja...
497		
498	Nenúfar	E não... Muitas vezes.
499	Michele	...provavelmente ele nem... Ele e outras
500		peessoas, né?
501	Nenúfar	Claro.
502	Michele	Não conseguiam comprar aquilo que
503		gostariam, porque não tinham todos os
504		produtos.
505	Nenúfar	Não, eSSatamente.
506	Michele	Né?
507	Nenúfar	É que as filas, não sei, imagina uma fila
508		de um, não sei, de um artista aqui, sabe?
509		Uma fila assim que você vê, nossa...
510		Assim, uma fila de Rock in Rio, por
511		exemplo.
512		
513	Michele	Ahãm.
514	Nenúfar	Assim, só que eram as filas. As filas...
515	Michele	No sol, né?
516	Nenúfar	...Pra ir... É, no sol, pra ir a comprar
517		<i>Harina Pan</i> ou café ou papel higiênico.
518		Papel higiênico, Nossa Senhora, papel
519		higiênico, muitas vezes você tinha que
520		simplesmente lavar. E tudo bem se você
521		escolhe lavar. Sabe?
522	Michele	Claro.
523	Nenúfar	Eu prefiro lavar porque é mais saudável,
524		eu prefiro lavar. Mas ter a opção de
525		escolher. Não, assim, não sei com que voy.
526		O que que vou faSSer, porque não consegui
527		papel higiênico. Não consegui café, não
528		consegui farinha, não consegui qualquer
529		cosa. O pão. A gente ia pra pa- Sabe
530		quando a gente comia pão? Assim, a gente
531		ia pra, pra cidade do meu pai, por
532		exemplo, eu falo muito porque é o onde a
533		gente faSSia mais coiSSas assim desse
534		estilo, porque durante a semana e todo dia
535		de trabalho a gente comia onde chegava. Ou
536		seja, tô aqui, tô trabalhando assim, vou
537		comer onde puder. Mas na cidade dele como
538		a gente mora- Fica um pouquinho de dia, a
539		gente conseguia meio que faSSer essa
540		rotina com ele. Com eles. Mas o meu pai

541		era quem saía. Então ele falava: "Ok,
542		vamos comprar pão? Vamos." Então o marido,
543		ele e eu saíamos por toda a cidade
544		buscando onde poder ter uma padaria que
545		vendesse pão. E se achamos, sabíamos pela
546		fila. Então eles vendiam assim um pão pra
547		cada. Um pão um pouquinho maior... O que
548		aqui chamam de baguete.
549	Michele	Sim.
550	Nenúfar	É mais ou menos desse tamanho. Então
551		vendiam o, o-
552	Michele	Pra cada pessoa.
553	Nenúfar	Pra cada pessoa. Ah, vai comprar um. Então
554		a gente conseguia meio que comprar um,
555		cada um, eram três, porque meu marido,
556		tatatá, e a gente dividia. É um pão um
557		pouquinho maior que o baguete. Imagina
558		dois baguetes assim, dois baguetes juntos
559		assim, desse tamanho, e vendia um pra
560		cada. Quando a gente tava de sorte,
561		vendiam dois pra cada. Então a gente
562		imagina, seis pães, Nossa Senhora, vamos
563		comer. Compreendeu? Então a gente comprava
564		seis pães, a gente dividia a gente comia
565		entre minha mãe, marido e eu, quando
566		conseguíamos. Mas, o contrário, ele não.
567		Assim, talvez ele conseguia comprar um pra
568		eles dois, tatatá, mas a fila, tal, então
569		era tudo um procedimento. Sim? Mais e
570		eletricidade que faltou. Aí a gente
571		decidiu. Né? Nesse ano, a gente decidiu:
572		Não, a gente que sair, porque não é só por
573		nós. A gente tem que migrar porque também
574		a gente quer traSSer eles, porque qual vai
575		ser a velhice deles? A gente pensava. Já
576		meu pai tava com sessenta e:: Eu falo 62,
577		mas eu acho que meu pai, quando a gente
578		veio pra cá, meu pai tinha... Já tinha 69,
579		quando a gente veio pra cá. Sim? Então, é,
580		é, a gente pensou: "Como vai ser a
581		qualidade de vida deles na velhice?" Se
582		não tinha seguro, não tinha nada. Sabe? O
583		seguro acabou. Eles tinham seguro de vi-
584		Seguro, eu falo, plano, plano de saúde.
585	Michele	Planos de saúde.
586		É. O plano de saúde, eles tinham, mas já
587		não tinha nesse momento. Então eu falava:
588		"Nossa, vai ser um inferno, o que vai
589		acontecer?". Como aconteceu com o meu pai.
591		Depois...
592	Michele	E seu irmão nesse tempo já trabalhava e
593		ajudava?
594	Nenúfar	Ô, sim. Meu irmão... O que acontece? Meu
595		irmão é caSSado, meu irmão mora numa outra
596		cidade. Assim, o meu irmão caSSou aí em <i>El</i>

597		<i>Tigre</i> , começou a faSSer sua vida em <i>El</i>
598		<i>Tigre</i> também, morando obviamente na caSSa
599		dos meus pais, porque não tem como...
600		Assim, tem que começar de SSero é muito
601		difícil. A gente, de fato, conseguia
602		alugar uma caSSa porque essa caSSa eu
603		comecei a alugar estando solteira. Quando
604		o meu ma- A gente se caSSou, né, então o
605		meu marido e eu, claro, conseguíamos pagar
606		juntos aquela mensalidade da caSSa e o
607		aluguel era barato porque a senhora já nos
608		conhecia. Então era, assim, mas como
609		começar de SSero para um casal é muito
610		difícil. Então ele começou a morar na
611		caSSa da,do,dos meus pais.
612	Michele	Dos seus pais.
613	Nenúfar	Tudo bem, ele trabalhava, minha cunhada
614		também. A minha cunhada ela dava reforço
615		escolar e ela também era professora de
616		creche. Ou seja, nas creches, ela
617		trabalhava. Aí tinha dua-
618	Michele	Educação infantil, né?
619	Nenúfar	Hã?
620	Michele	Educação infantil.
621	Nenúfar	Isso, sim. Inicial. Educação inicial, ou
622		seja, dos bebês mais pequenininhos.
623	Michele	Uhum.
624	Nenúfar	Então aí ela tinha dois empregos e ele+
625		Porque ela dava reforço escolar na caSSa,
626		escolar na caSSa e trabalhava como
627		professo-, é, <i>maestra</i> , né? Na escola.
628	Michele	Professora de educação infantil, no caso,
629		ela pegava o maternal, né, que eram os
630		bebês então?
631		
632	Nenúfar	ESSatamente. ESSatamente. Maternal e tem
633		veSSes que pegava aqueles outros mais
634		velhinhos de três aninhos, dependendo do
635		que:: fosse:: Porque era uma colégio
636		privado, então se a diretora gosta- Queria
637		que esse ano ela ficasse em maternal, ela
638		ficava, e se queria que ela ficasse com os
639		mais de três aninhos, ela ficava. Mas isso
640		era su::, su nível, né, esse era, esse era
641		o nível que ela faSSia. E meu irmão
642		trabalhava:: Meu pai tinha, durante essa
643		época, uma lojinha pequenininha de tintas
644		pra caSSa. Sabe? Tintas pra caSSa.
645	Michele	Uhum.
646	Nenúfar	E meu pai deu pra ele assim, bom, trabalha
647		nisso. Trabalha aí, você vende as tintas.
648		Era muito pequenininho, mas dava pra mais
649		ou menos se manter. Mas quando as coisas
650		começaram a ficar piores, aí eles

651		quiSSeram ir pra cidade da minha cunhada
652		porque eles pensaram que lá ia ter mais
653		possibilidade, porque essa cidade de onde
654		ela é fica do lado da Colômbia. É a, a, a,
655		a cidade limítrofe. <i>Una</i> das... Umas das
656		idades limítrofes da Venezuela com a
657		Colômbia é a cidade da minha cunhada, que
658		o nome é <i>Ureña</i> .
659	Michele	Ahãm. Sim, conheço.
660	Nenúfar	Ahãm.
661	Michele	Já ouvi falar.
662	Nenúfar	Então ela... Ela é nascida aí, a mãe dela
663		morava aí, todo mundo. Então eles
664		quiSSeram ir pra ficar perto da Colômbia.
665		E aí, bom, desde todo esse tempo, muito
666		tempo, eles moravam... Ainda, que eles
667		moram ainda em <i>Ureña</i> ou na <i>Ureña</i> . Moram aí
668		nessa cidade. Então...
669	Michele	E aí eles tão
670	Nenúfar	Sim.
671	Michele	Desculpa te interromper, mas, com todo
672		cenário...
673	Nenúfar	Não...
674	Michele	...tantas coisas acontecendo, vocês então
675		entenderam que continuar naquela
676		situação...
677	Nenúfar	Só ia <i>peorar</i> .
678	Michele	Só pio...
679	Nenúfar	E aí a gente... A gente pensou em ir pra,
680		ser como sempre, a gente tinha pensado
681		muitos países, Argentina, não sei o quê,
682		mas o pri- A prima do meu marido, do meu
683		esposo, ela já tinha um plano pra vir pra
684		o BraSSil, ela com o marido dela e
685		filhinho dela. Eles já tinham um plano.
686		Eles tavam pensando porque eles já tinham
687		vindo pra cá, pra o Rio na Copa do Mundo,
688		e eles amaram o Rio. Né? Aí eles falaram:
689		"Ah, vamos pra o Rio, vamos pra o Rio,
690		vamos pra o Rio". A gente pensou: "Nossa,
691		mas a gente não fala o idioma". "Não,
692		mas". "Não fala a língua". Eles falaram:
693		"Mas vamos, vamos, gente, vamos poupar
694		<i>dinero</i> , vamos faSSer tudo". E eles já
695		tinham pesquisado passa- As passagens de
696		avião, mais ou menos, tinham, é::,
697		investigado como era o procedimento, mais
698		ou menos. E aí a gente pensou: "Bom, seria
699		bom porque a gente não iria... Não sairia
700		do país soSSinho". E assim, um boa dia, a
701		gente começou a poupar <i>dinero</i> , poupar
702		<i>dinero</i> , poupar <i>dinero</i> e compramos as
703		passagens com um ano de antecedência, ou

704		seja...
705	Michele	De Caracas pro Rio de Janeiro?
706	Nenúfar	Não. (risos) Não, não, não. Foi assim: a
707		gente comprou uma passagem por via
708		terrestre com uma empreSSa de turismo. Por
709		quê? Porque o limítrofe com Vene- Com
710		BraSSil você sabe que é Boa Vista. Né? E
711		do lado da Venezuela, <i>todo</i> que está desse
712		lado muito perto daí, é <i>La Gran Sabana</i> . <i>La</i>
713		<i>Gran Sabana</i> é um lugar super turístico da
714		Venezuela, maravilhoso, que é uma coiSSa
715		que todo mun- Muitas pessoas faSSem
716		turismo pra ir. Então tinha empreSSas
717		turísticas que já como, por cauSSa de <i>todo</i>
718		que tava acontecendo, já não faSSiam
719		quaSSe turismo Y faSSiam esse transporte
720		de pessoas até Boa Vista. Até, não. Até
721	Pacara::	
722	Michele	Até Pacaraima.
723	Nenúfar	Até Pacaraima. E daí eles... Era incluSSo
724		no pagamento, tava incluSSo o movimentação
725		da gente de Pacaraima até Boa Vista, ou
726		seja, a gente pagava um pacote e eles
727		faSSiam com os carros turísticos, o
728		transporte desde uma cidade perto, perto.
729		A última cidade, vamos diSSer, a última
730		cidade perto da <i>Gran Sabana</i> , que é São
731		Felix. <i>Sí?</i>
732	Michele	Uhum.
733	Nenúfar	E aí atravessamos <i>todo</i> o estado Bolívar, a
734		<i>Gran Sabana</i> , não sei o quê, tatatá, e
735		chegamos a Boa Vista. A viagem é muito
736		lá... Muito grande, né? Aí a gente chegava
737		Pacaraima, faSSia a coiSSa da documentação
738		com passaporte, tudo aquilo, carimbar o
739		passaporte, lalalá, e depois a gente
740		pegava um taxi até Boa Vista. E aí, de Boa
741		Vista, a gente comprou o voo de avião.
742		Então era um voo que ia Boa Vista,
743		BraSSília. Acho que era, Boa Vista -
744		BraSSília, BraSSília a São Paulo, São
745		Paulo - Rio. Acho que era assim. FiSSImos
746		todas essas escalas. Sei que BraSSília
747		sim, o que eu não lembro é São Paulo. Você
748		vai ver que minha...
749	Michele	Mas...
750	Nenúfar	...minha cabeça e muito assim, muito
751		dispersa.
752	Michele	(risos)
753	Nenúfar	(risos) Para datas e eSSatas eu não soy
754		()
755	Michele	Nada. Imagina. Isso é o de menos. A::, a::
756		Então vocês vieram por fronteira
757		terrestre, né, pela:: Ônibus, carro, é::,

758		até o Brasil, e vieram... Veio você, seu
759		esposo e mais o casal de parentes do seu
760		esposo.
761	Nenúfar	O caSSal com neném. O caSSal... Ahã, o
762		caSSal, o bebê deles e as nossas
763		cachorras. As nossas cachorras. A
764		cachorra, a nossa, de meu marido e eu, e a
765		cachorrinha deles também.
766	Michele	(risos) Foi então um transporte bem caro,
767		porque muitas pessoas, né?
768	Nenúfar	Foi. Isso. Muito caro. E, assim, muito
769		caro. Não era ônibus, porque nesse momento
770		tinha empreSSa de ônibus, mas a gente
771		tinha cachorro. Então a gente pegou...
772	Michele	Entendi.
773	Nenúfar	Foi essa empreSSa, que eles não eram
774		ônibus, era um carro assim modificado,
775		sabe? Era imagina uma van () como uma
776		van. Uma van modificada pra faSSer terreno
777		de montanhas, sabe, assim, era...
778	Michele	Sim, sim.
779	Nenúfar	...um carro desse estilo. E aí a gente
780		foi, só nós, com cachorro e <i>todo</i> , malas e
781		<i>todo</i> , e duas pessoas outras passageiras
782		que eram... Iam pra outra cida- Não iam
783		pra Rio. Iam pra Argentina. Duas pessoas.
784		Então o carro <i>todo</i> tava cheio da gente,
785		cachorra, mala e essas duas pessoas.
786	Michele	Caramba.
787	Nenúfar	Aí eles levaram... Foi, assim, foi muito
788		caro. Por isso a gente poupou <i>dinero</i>
789		durante um ano. Sabe?
790	Michele	Entendi.
791	Nenúfar	A gente poupou o <i>dinero</i> durante um ano
792		<i>todo</i> assim resti- Com restrições. Claro,
793		porque, imagina, né, a gente já era
794		restrito, era mais restrito ainda pra
795		gente conseguir vir. Né?
796	Michele	E vocês se desfizeram do consultório, da
797		casa?
798	Nenúfar	Você nem va- Meu consultório ficou aí,
799		porque o que acontece? Eu (3,0) sempre fui
800		muito::, não sei, (sortária), talvez. Por
801		exemplo, onde meu consultório ficava
802		ficou... Ficava numa associação da igreja
803		católica. Assim, eles... Uma doutora
804		anteriormente, antes de mim, uma dentista,
805		tinha um consultório aí nessa igreja. A
806		igreja tinha alguns locais. Era a igreja,
807		um espaço enorme que tinha atrás e eles
808		tinham locais pra médicos e assim. <i>Sí?</i>
809		Locais pra alugar. Salas. Salas pra
810		alugar. Aí minha:: Eu comprei <i>Y casi</i> que
811		foi uma herança. E aí eles cobravam muito

812		pouco pra mim, o aluguel. Era econômico,
813		na verdade. Era, assim, barato. Quando eu
814		vim pra cá, eu simplesmente falei pra uma
815		amiga assim, eu dei a chave do
816		consultório, eu falei: "Você trabalha aí e
817		você me manda a metade do que...". Eu
818		falei pra ela: "Pra você vai ser os 60%,
819		pra mim, o 40%. Você me manda o 40% de
820		todo que você trabalhar". Eu confiava
821		assim, essa amiga é como minha irmã. E aí
822		você trabalha até que você puder. Aí eu
823		fui embora. Ela começou a trabalhar, mas a
824		situação começou a ficar ruim, ruim, ruim,
825		e meu consultório ficou fechado tipo dois
826		anos. E aí, até o ano passado, a gente
827		desmontou <i>todo</i> e praticamente ela vendeu
828		assim, o valores das coisas e foi
829		pressentes pras pessoas que compraram,
830		porque ela não tinha o que fazer com <i>todo</i>
831		que a gente tinha aí, a cadeira do
832		dentista, a máquina de fazer o raios X, o
833		material de trabalho, a:: <i>Todo, todo</i> que
834		eu tinha ela vendeu pra... Como um
835		presente pra quem comprou. E aí a gente
836		fechou. Ahã. Vendeu a preço de banana,
837		essatamente.
838	Michele	Difícil, é complicado. E com a vinda de
839		vocês,é::, vocês, vocês nunca mais
840		tiveram. Voltaram ou, é::
841	Nenúfar	Não.
842	Michele	Ou a família, de certa forma, não veio, os
843		seus pais ou seu irmão?
844	Nenúfar	Ainda não. Não. Ainda não, porque, pra
845		gente fazer eles, eu pensei... A gente
846		tem que ter estrutura. Então, por
847		exemplo... Ou pra gente viajar. Então,
848		eu... A gente sentou e fizemos as contas,
849		né? Então a gente não quer viajar
850		separado, sem... O meu marido e eu somos
851		muito colados. Ou seja, na verdade, eu
852		vejo outros casais que vão um e depois
853		vai o outro, mas nós somos diferentes, né?
854		Nós somos colados assim, um no outro é uma
855		mesma coisa. Então a gente pensou: vamos
856		ir, vai ser milhões. Não vai ser milhões,
857		mas vai ser muito <i>dinero</i> , porque a gente
858		teria que ir os dois, a gente aqui tem
859		gata, tem cachorro, a gente tem que deixar
860		quem cuida, a gente tem que fazer um
861		monte de coisas. Então, a gente pensou: é
862		mais fácil pra nós fazer as nossas mães,
863		os nossos pais, tatatá. Mas o que
864		aconteceu durante o procedimento, durante
865		o tempo? O meu pai morreu e o pa- E meu
866		sogra também morreu. E com isso,

867		obviamente, a gente ficou as duas
868		oportunidades sem <i>dinero</i> porque o <i>dinero</i>
869		que a gente tinha pra- Além da dor. Eu tô
870		tratando de não falar da dor, mas, falando
871		de economicamente, o <i>dinero</i> fugiu, sumiu,
872		porque lá na Venezuela não tem saúde
873		pública, ou seja, não eSSiste. Imagina que
874		não eSSiste. Tem, mas não tem. Tem, só que
875		não, como diz, como bem disse no BraSSil,
876		né? Então <i>todo</i> era:: <i>Todo</i> era pago, tudo
877		<i>dinero</i> pago, os dois passando por
878		situações onde a gente teve que pagar,
879		pagar, pagar, pagar, tal. Pedia emprestado
880		<i>dinero</i> pra faSSer coiSSas e pra faSSer o
881		todo o procedimento e depois o
882		enterramento e, assim, então nessas duas
883		oportunidades a gente ficou sem <i>dinero</i> .
884		Portanto a gente recomeçou de novo aqui,
885		duas veSSes. Então agora que a gente tá
886		meio que conseguindo poupar pra traSSer as
887		nossas mães. Minha mãe que é a que menos
888		estrutura tem, porque a mãe do Luís,
889		graças a Deus, ainda ela trabalha, é
890		médica, talalá, chalalá, que eu falei,
891		ainda trabalha numa clínica. Então ela
892		meio que <i>consigue</i> meio que juntar um
893		dinheirinho pra também, quando ela vai
894		vir, vai ajudar no processo, né? Uma parte
895		a gente vai pagar, a outra parte ela vai
896		pagar. Mas pra faSSer o procedimento da
897		minha mãe, de zero, é da gente. Então a
898		gente tá agora, agora nesse momento
899		poupando <i>dinero</i> pra faSSer o passaporte
900		dela. A gente já tem... Tá morando num
901		apartamento que tem duas habitações, com
902		isso ela pode vir ficar aqui, porque antes
903		a gente não tinha estrutura. E, bom, sabe,
904		pra faSSer a instância dela boa aqui.
905		Então agora que a gente tá planejando, ou
906		seja, continuando o nosso planejamento.
907		Porque o nosso planejamento era que,
908		depois de dois anos, todo mundo vai vir.
909		Já sabe o que aconteceu, então não foi
910		dessa forma, mas agora pensamos que vamos
911		conseguir traSSer.
912		
913		
914		
915	Michele	É, sin- Eu fico até:: Eu imagino que seja
916		muito difícil pra você falar sobre essas
917		coisas. Eu sinto muito assim, peço
918		desculpas por ter que fa- De certa forma,
919		chegar a esses assuntos, né? Mas imagino
920		que realmente seja muito difícil e você
921		sempre fala, né, da sua família, que seja
922		muito complicado esse, essa separação, né?

923	Nenúfar	Claro ()
924	Michele	Obrigatória, né, digamos assim, né?
925	Nenúfar	Uhum. [Foi muito duro.]
926	Michele	[E::] vocês juntaram, você disse que
927		juntou. Vocês juntaram dinheiro por um ano
928		pra vir pro Brasil. Né?
929	Nenúfar	Uhum.
930	Michele	Vocês tiveram algum problema nessa
931		travessia pro Brasil em relação a
932		política, a polícia, a economia, é::, ao
933		sistema de, de... Burocrático mesmo,
934		documento, passagem pra sair da Venezuela?
935	Nenúfar	Bom, você sa- Você sa- Eu ia falar você
936		sabe. O que acontece? Que no espanhol, a
937		gente quando vai começar a falar algo a
938		gente sabe... Tu sabes que, ainda que a
939		pessoa não saiba. Então eu ia falar você
940		sabe que, mas não. Claro... Ou seja, não é
941		de frente, sabe? Não foi de frente... Não
942		foi dito na cara da gente assim: "Você não
943		va...". O preSSidente falava: "Ah, quem
944		sai do país é um deSSertor da pátria, não
945		sei o quê". Mas, assim, nas instituições,
946		não é falado pra você, mas é assim, por
947		exemplo, ah::, você precisa traSSer o seu,
948		como eu falei anteriormente com você, que
949		eu falei que eu não consegui ter essa
950		apostila, né, que... Bom, apostilla, que
951		não é apostila, o significado da palavra
952		apostila em português. Apostilla da área,
953		que é um documento, que é um carimbo
954		consular que o país faz esse carimbo pra
955		acreditar que, pra, assim, pra dar o
956		crédito que você é um dentista, por
957		exemplo, no meu caSSo. Então o que que
958		acontecia, por exemplo? Você tinha que
959		entrar na pa- No site pra solicitar o
960		agendamento. Ah, não. Aparecia assim: não
961		temos agendamento. Porque, claro, todo
962		mundo que faz isso, essa solicitação desse
963		documento, é porque vai sair do país.
964		Ninguém faz apostilla da, apostilla de la
965		área em seu título universitário
966		simplesmente porque quer. Quem faz é
967		porque vai sair do país. Então...
968	Michele	É como se fosse uma validação de cartório,
969		né?
970	Nenúfar	Totalmente, eSSatamente, de...
971	Michele	Pra você reconhecer... Que quando você
972		sair com o seu diploma, no outro país seja
973		reconhecido que aquele diploma é válido no
974		seu país de origem, né?
975	Nenúfar	ESSatamente. A gente tem dois, dois
976		carimbos, vamos decír. A gente pegou,

977		conseguiu pegar um, mas faltou ser. Faltou
978		esse outro, né? Então, assim, por exemplo,
979		não é falado, em nenhum lugar fala que
980		you: "Ah, não, porque you não... Porque
981		you vai sair do país, ah, porque you não
982		é do... A fim do governo". Não.
983		Simplesmente demora muito. Assim, o site
984		diz assim: "Não temos agendamento. Não tem
985		agendamento. Não tem agendamento". Depois
986		you, vamos pensar que <i>consigue</i> faSSer,
987		tem que tirar 1500 documentos, ir pra um
988		banco. Então, por exemplo, não pode faSSer
989		transferência bancária. You tem que ir
990		pra o banco do governo a pagar o <i>aranceo</i>
991		que tem o valor de não sei quanto. Então
992		<i>todo</i> é uma burocracia que não falam pra
993		you, sabe? É dessa forma que é feito.
994		Sabe? Por exemplo, you vai sacar a ata do
995		nascimento de you. 3h da manhã pra ser
996		atendido 10h da manhã. E além que tem que
997		pagar. E depois demorar dois meses pra
998		eles entregar. E a única coiSSa que falam
999		pra you é assim... O funcionário, por
1000		exemplo, é muito engra- É engraçado
1001		ironicamente. Por exemplo, lá eles
1002		criaram, o governo, né, criou um documento
1003		de identidade paralelo ao documento de
1004		identidade nacional. Sim? A gente... O
1005		documento de identidade da pessoa
1006		normalmente o nome é cédula de identidade.
1007		E eles criaram um documento de identidade
1008		que era <i>carnet de la patria</i> , como cartão
1009		da pátria, algo assim. E esse cartão era
1010		como pra saber o número de pessoas a fim
1011		no governo. Sabe? Pra controlar.
1012	Michele	Entendi.
1013	Nenúfar	Então quem tirava esse cartão era mais ou
1014		menos a fim do governo, e, portanto...
1015	Michele	Tava de acordo, né, com o governo.
1016	Nenúfar	É. ESSatamente. Então, por exemplo, quando
1017		meu marido foi retirar o, a ata de
1018		nascimento dele, dele, porque o meu foi
1019		outra história. Ele falou assim, o homem,
1020		o funcionário falou assim: "Ah, mas you
1021		tem um... O <i>carnet</i> da pátria, ou seja, <i>el</i>
1022		<i>carnet de la patria</i> , que é esse, né? E aí
1023		meu marido falou: "Não, eu não tenho".
1024		"Ah, então vai ter que esperar. Se you
1025		tivesse, eu dava isso hoje pra you. Mas
1026		you não tem, infelizmente tem que ir
1027		embora". Esse era o momento pra meu marido
1028		falar: "Quanto que eu vou ter que pagar?".
1029		Compreendeu?
1030	Michele	Entendi.
1031	Nenúfar	Se a gente não...

1032	Michele	Ou seja, burocratizavam pra vocês não conseguirem, né, e aí a saída pra vocês conseguirem era o suborno, né?
1033		
1034		
1035	Nenúfar	Suborno. ESSatamente. <i>Todo</i> na Venezuela, <i>todo, todo, todo, todo</i> funcionava e funciona por meio do suborno. Assim, imagina, agora nesse momento, Michele, vai dirigindo um carro e você, não sei expli-
1036		
1037		
1038		
1039		
1040		
1041		
1042		
1043		
1044		
1045		
1046		
1047		
1048		
1049		
1050		
1051		
1052		
1053		
1054		
1055		
1056		
1057		
1058		
1059		
1060		
1061		
1062		
1063		
1064		
1065		
1066		
1067		
1068		
1069	Michele	Eles estavam fazendo algo.
1070	Nenúfar	É, o preSSidente é maravilhoSSo, tava contra da economia por parte de, não sei de, outros paíSSes que não permitiam. Sabe? <i>Todo</i> que ()
1071		
1072		
1073		
1074	Michele	Um pergunta. É::, agora me veio à cabeça. A questão da imprensa. A imprensa pertence ao governo, né?
1075		
1076		
1077	Nenúfar	Sim. O que aconteceu?
1078	Michele	Ou é controlada pelo governo. É isso?
1079	Nenúfar	Sim. Porque... Totalmente. Porque... O que aconteceu? O que aconteceu? <i>Todo</i> que::
1080		
1081		
1082		
1083		
1084		
1085		
1086		

1087	Michele	Uhum.
1088	Nenúfar	O que acontece? <i>Conatel</i> ficou, claro, <i>Conatel</i> é o nome em espanhol, ficou na mão do governo. Então o que aconteceu? Todo meio de comunicação que não fosse a fim do governo vamos fechar, porque sua concessão... O governo dá outorga, né? Uma concessão por tantos anos pra eles usar o espaço radiofônico do país. Né? Quem dá a concessão é o governo. E os canais da televiSSão, de rádio, <i>todo</i> , eles assinam um compromisso durante 10, 20 anos. Né? Essa concessão é dada assim, por 20 anos, por 10 anos, tal. As concessões, algumas das mídias tavam perto de acabar pra ser renovadas. Então quando acontecia <i>eso</i> , ele falava: "Ah, infelizmente, sabe o que é? Sua concessão acabou e eu não tenho vontade de renovar sua concessão. Assim, que vai pra PQP". E aí fechava.
1089		
1090		
1091		
1092		
1093		
1094		
1095		
1096		
1097		
1099		
1100	Michele	Entendi.
1101		
1102		
1102		
1103		
1104		
1105		
1106		
1108	Nenúfar	Então todas as que ficaram começaram a ir em favor do governo ou manter neutral. Ou seja, na rua, por exemplo, você estava na manifestação. Os guardas nacionais que, por exemplo, a polícia, a polícia militar aqui, em Venezuela é guarda nacional, matavam pessoas. Atiravam pras pessoas. E na mídia estava passando, não sei, <i>El Chavo del 8</i> , o Chaves. O Chaves, que falam aqui, Chaves, né?
1109		
1110		
1111		
1112		
1113		
1114		
1115		
1116		
1117		
1118	Michele	Ahãm.
1119	Nenúfar	<i>El Chavo del 8</i> . E a manifestação lá. E as pessoas morrendo. Eu já estÊve na manifestação onde vi pessoas, ajudamos pessoas que foram feridas, ou seja, passou muito perto da gente o:: material que seria. Que faria o ferimento da pessoa, porque não é bala. Eles não uSSam balas pra, pra não ter evidência. Eles uSSam vidro, pedra, tal. Colocam na:: Não sei se você conhece aquela arma que é pra disparar a Bomba <i>lacrimógena</i> .
1120		
1121		
1122		
1123		
1124		
1125		
1126		
1127		
1128		
1129		
1130	Michele	Hum::
1131	Nenúfar	Então é uma arma muito grande, é uma coiSSa enorme e aí eles colocam a bomba <i>lacrimógena</i> pra afetar a viSSão e você. Sabe? Pra controlar manifestações. Dentro dessa arma, eles colocavam a bomba <i>lacrimógena</i> junto com, sabe, pedras ou alguma coiSSa que a gente chama de <i>balin</i> , que é uma coiSSa... Imagine uma bala, mas parece não é realmente <i>una</i> bala, sabe? não é uma bala exploSSiva. É outro tipo de material, mas mata e fere também. Então
1132		
1133		
1134		
1135		
1136		
1137		
1138		
1139		
1140		
1141		

1142		eles, junto com a bomba <i>lacrimógena</i> ,
1143		disparam isso. E quem tivesse perto ia
1144		cair pra ele.
1145	Michele	Entendi.
1146	Nenúfar	A gente Já teve manifestações onde pessoas
1147		perto de nós ficaram assim. E também
1148		muitas manifestações onde a gente teve que
1149		correr pra se esconder porque ia ser
1150		levada pela guarda nacional. E aí você é
1151		levada pela guarda nacional, ninguém ia
1152		saber o que ia acontecer com você.
1153	Michele	Entendi.
1154	Nenúfar	Então.
1155	Michele	É, pesado.
1156	Nenúfar	É muita coisa junta assim, muita coisa
1157		junta. E, é como eu sempre falo, a gente
1158		não <i>fue</i> das piores experiências. Ou seja,
1159		ainda com <i>todo</i> que eu falei, ainda com o
1160		que eu falo que, ou seja, eu sempre falo
1161		Maduro, que o presidente de agora matou
1162		meu pai? Não. Mas ele é o responsável da
1163		morte do meu pai? Sim. Mas, ainda com <i>eso</i> ,
1164		não foi das piores experiências que você
1165		vai encontrar com venezuelanos, porque tem
1166		coisas <i>peores</i> e <i>peores</i> . Sabe? Então é
1167		assim, é muito, assim, muito res- Eu
1168		responsabilíssimo assim muito... De fato,
1169		assim, eu saí da minha Vene- Do meu país
1170		por causa disso, por causa da situação
1171		econômica, política, social <i>todo</i> . Sabe? É
1172		um <i>todo</i> . É um <i>todo</i> junto que faz você não
1173		conseguir morar nunca mais no seu país. E
1174		renunciar tudo que você é até esse
1175		momento, porque eu, assim, não sou mais
1176		dentista aqui, não tenho conseguido fazer
1177		minha profissão. Até desisti. Então,
1178		assim, não que eu esteja mal. Não estou
1179		mal, mas tudo que aconteceu foi por causa
1180		disso. Antes disso, nunca precisei sair
1181		do meu país pra morar em outro país dessa
1182		forma. Talvez pra viajar, pra férias ou
1183		morar num outro país porque eu amasse
1184		morar noutro país, mas não por causa
1185		disso.
1186	Michele	Você não. É:: claro, você não sairia se
1187		não fosse obrigada, né? Essa é palavra.
1188	Nenúfar	Essatamente.
1189	Michele	Porque você foi, de certa forma, né? Você
1190		infelizmente você teve essa perda, né?
1191	Nenúfar	Uhum.
1192	Michele	Você, seu marido, e... Mas muitas pessoas
1193		talvez que não estão na situação que vocês
1194		estão hoje provavelmente estão aí ainda,
1195		né, sabe-se lá, passando por que tipo de

1196		situações, né?
1197	Nenúfar	ESSatamente.
1198	Michele	É lamentável.
1199	Nenúfar	Uhum.
1200 1201 1202 1203 1204	Michele	Mas uma curiosidade, como foi essa questão da aprendizagem do português pra vocês? Né? Em que momento meio que caiu a ficha da necessidade de vocês aprenderem português o mais rápido possível.
1205 1206 1207 1208 1209 1210 1211 1212 1213 1214 1215 1216	Nenúfar	Desde o momento que a gente chegou, porque::, é::, a gente, assim, a gente chegou, a gente tava meio que:: perdido assim não sei muito o que quer faSSer. E aí a gente viu que não compreendia nada. Quando chegamos... Porque, assim, toda pessoa que... Eu falo, eu penso, meu pensamento. Toda pessoa que fala espanhol acha que sabe falar por- vai conseguir fácil falar português e toda pessoa que sabe falar português acha que vai conseguir fácil falar espanhol.
1217	Michele	Verdade.
1218 1219 1220 1221 1222 1223 1225 1226 1227 1228 1229 1230 1231 1232 1233 1234 1235 1236	Nenúfar	Então a gente, como todo mundo, pensou: "Sim, é muito fácil, <i>compartimos</i> 89% da origem das palavras, temos 89% das mesmas palavras". O que que... Por favor. ((risos)) Só chegar... A gente achava que o que falam aqui era chinês. Então a gente tinha uma amiga que, graças a Deus, né, nos recebeu na sua caSSa, braSSileira, aqui no São Gonçalo. A gente fala que ela é o nosso anYo da guarda. Ela nos recebeu e, com ela, morava outra menina veneSSuelana que também ela ajudou pra vir. E essa amiga venezuelana ela falou assim: "Ah, por que não vão pra Cáritas porque aí tem curso de espanhol... Português gratuito." Porque a gente nem sabia o que era Cáritas, nem sabia nada, assim, sabe?
1237	Michele	Ahãm.
1238 1239 1240 1241 1242 1243 1244 1245 1246 1247 1248 1249 1250	Nenúfar	A gente tinha investigado, mas muitas coiSSas a gente nem sabia. E esse, essa ajuda a gente nem achou que a gente teria esse direito, sabe, a pegar essa ajuda. Então a gente foi. E aí foi outra coiSSa. Eu sempre falo nossa vida mudou. Antes de Cáritas e depois da Cáritas. Então aí a gente recebeu o curso de espa- De português, perdão. De português gratuito e outras orientações, apoio de todo tipo e a gente aí... E, assim desde o primeiro momento a gente percebeu que tinha que aprender. Y::, nessa sema- A gente passou

1251		assim tipo uma semana e depois na segunda
1252		semana que a nossa amiga falou "Vai pra
1253		Cáritas" e a gente foi pra Cáritas e Já
1254		quando tava começando, porque a gente
1255		chegou no fevereiro, o curso de português
1256		começava no mês de março. A gente só
1257		aguardou começar as inscrições, a gente
1258		começou a estudar.
1259	Michele	Uhum.
1260	Nenúfar	Foi assim.
1261	Michele	Entendi.
1262	Nenúfar	Foi desde o primeiro momento, porque, pra
1263		mim, o português era chinês.
1264	Michele	Entendi. E como foi de uma hora pra outra
1265		você assimilar de que, pelo menos naquele
1266		momento, você não conseguiria trabalhar
1267		com o que você se formou?
1263	Nenúfar	Duro. Muito duro. Muito duro, muito
1264		difícil. Michel, eu precisso sair, porque
1265		eu tenho uma aula. Não sei se a gente
1266		poderia continuar amanhã talvez. PerdÔN.
1267	Michele	Não, imagina.
1268	Nenúfar	Eu peço perdão, mas, assim, eu tenho...
1269		Agora eu tenho uma aluna.((risos))
1270	Michele	((risos)) Tá te aguardando. A gente também
1271		não imaginou que fosse se estender na
1272		conversa.
1273	Nenúfar	Sim, é que eu falo muito, Michel.
1274	Michele	Mas não tem problema.
1275	Nenúfar	Eu falo muito. Então talvez a gente
1276		poderia...
1277	Michele	Deixa eu... Deixa eu só interromper a
1278		gravação. Espera aí.
1279	Nenúfar	Perfeito.

Fim da Transcrição [01:00:53]

Gravação: Nenúfar-19.10.2022-2a.parte-audio

Duração: [00:42:14]

Início da Transcrição [00:00:02]

1	Michele	Bom, Nenúfar, ontem, enquanto falávamos,
2		né, e precisamos, é:: Naquele momento foi
3		preciso interromper.
4	Nenúfar	Sim.
5	Michele	Eu tinha te perguntado a respeito de como
6		foi pra você, né, é claro, veio você e
7		veio seu esposo, mas, assim, em relação a
8		você, né, como mulher já formada, já com a
9		vida profissional encaminhada, como foi
10		chegar num outro país e::, de certa forma,
11		ter que reaprender até mesmo uma língua.
12		Você teve que se reinventar, de certa
13		forma, profissional, né, identitariamente,
14		porque você precisou se, é:: Entrar numa
15		nova cultura, né, não só a língua, mas
16		aspectos culturais também. Então queria
17		que você falasse um pouco desse processo,
18		né? Como foi... Acredito que não tenha
19		sido fácil. Todas mulheres, né, que vêm,
20		eu acho que entendo... E aí eu tô
21		compartilhando algo meu. Se você no meu
22		caso, né, já tendo formação, já tendo uma
23		vida de trabalho nessa área...
24		
25	Nenúfar	Uhum.
26	Michele	...entrar num outro país e começar do
27		zero, pra mim, seria muito frustrante. Né?
28		Então queria que você falasse um pouco
29		desse momento.
30	Nenúfar	Sim, na verdade, é frustrante, mas, assim,
31		que é o mais importante não ser qual seria
32		a motivação, ou seja, por que a gente não
33		fica parada, deprimida, sem atuar,
34		paraliSSada, né? Não fica porque tem que
35		reagir, tem que reagir. Claro que desde o
36		primeiro momento é frustrante. Assim,
37		quando você observa, por exemplo, você
38		observa sua vida, tudo que você foi, tudo
39		que você fez, tudo que você estudÊu, todo
40		também o que o esforço, né, dos seus pais
41		por pagar, né, os estudos e o seu esforço
42		próprio também por todo o que a gente
43		tinha conseguido na época até esse
44		momento, claro, é frustrante. É frustrante
45		quando você não(3,0). Assim, você se
46		encontra numa... Num momento que você
47		pensa "eu não sou ninguém. Eu aqui não sou
48		ninguém." Ninguém. Assim, você percebia
49		coiSSas que você fica lá assim "Nossa

50	Senhora, tenho que praticamente nascer de
51	novo". Né? A gente tá nascendo de novo,
52	porque você é ninguém. E as coISSas que
53	você tinha aprendido, as coISSas que você
54	tinha vivido, as coISSas que você tinha
55	conhecimento muitas veSSes nÔN tem...
56	Nesse momento, no tem, no tem validade,
57	validez. De fato, tem veSSes que a gente
58	procurava, por exemplo, um emprego de
59	qualquer outra coisa, porque, claro, num
60	momento que a gente chega e fica sem
61	trabalhar, tem um momento que o <i>dinero</i>
62	acaba. Ainda que a gente conseguiu <i>dinero</i> ,
63	né, que a gente conseguiu poupar vendendo
64	as coISSas, todas as nossas coISSas, o meu
65	carro, o carro do meu marido. É::
66	((suspiro)) Não sei. Geladeira, coSSi- As
67	coISSas que a gente tinha na caSSa. É::,
68	foi difícil assim, foi difícil a gente
69	quando vimos que o <i>dinero</i> tava acabando e
70	a gente tinha que pagar o aluguel, que a
71	gente tinha que comer, que a gente tinha
72	que sair pra frente. E aí que você começa
73	procurar emprego de qualquer coISSa que
74	puder dar emprego pra você. Então, por
75	exemplo, o meu marido já foi pra tentar::
76	Eu falo do meu marido, porque ele, antes
77	que eu, começou na procura de... Assim, os
78	dois no mesmo momento, mas ele teve mais
79	entrevistas que eu, né, porque tinha
80	muitos vagas de emprego pra homens, né,
81	assim, pra lavar louça num restaurante. E
82	várias veSSes que ele foi, essa vez,
83	sobretudo essa vez que falaram que era pra
84	lavar louça, quando alguém viu o currículo
85	dele incluso nessa época, que ele já tinha
86	feito um curriculum que não falava que ele
87	era dentista. E falavam assim: "Ah, você
88	tá muito::". Quando viam ele falando,
89	quando observavam ele falando, eles
90	descobriam assim você não é uma pessoa que
91	não tinha es-, é, Que você tem estudo
92	superior. Então você não vai ser
93	contratado como uma pessoa que lava louça,
94	eu não vou me permitir você estar aqui
95	lavando louça quando você é dentista,
96	porque aí o senhor que fez a entrevista
97	dele falou: "Você tem um estudo superior,
98	me fala qual", e aí o meu marido falou:
99	"Eu sou dentista", porque ele também é.
100	ESSatamente. E aí ele falou: "Eu não vou
101	me per- Não vou faSSer isso pra você". E
102	aí a gente tava pensando num momento:
103	"Sim, mas com quê eu vou comprar o pão pra
104	comer? Com que que a gente vai comer se
105	não consi- Se não acha um emprego ainda

106	que seja de lavar louça". Então, nesse
107	primeiro momento, a gente tava deSSes-
108	Assim, no deSSespero, sabe? Para a gente,
109	para nós foi muito importante na verdade
110	assim. As coiSSas que aconteceram depois
111	disso, por exemplo, que o meu marido
112	arrumou um emprego. De fato, arrumou um
113	emprego na Cáritas, mas foi tudo assim
114	praticamente pra não ser. Eu gosto de
115	acreditar que as coiSSas acontecem como
116	devem acontecer muitas veSSes. Não pra-
117	Assim, eu acredito muito, né? Eu, assim, e
118	pra mim, pra nós, tem acontecido muitas
119	coiSSas que você nÔN sabe como que
120	aconteceram, porque, por exemplo, nessa
121	época, acabou o di- É, providência divina,
122	eSSatamente, assim, eu falo: "Milagre,
123	providência divina". Eu sempre... Em
124	espanhol a gente tem um ditado que <i>dice</i>
125	" <i>Al inocente lo protege Dios</i> ". Quer diSSer
126	que Deus não vai te abandonar, né? Então,
127	assim, a gente... A gente tava num momento
128	que, assim, a gente tava comendo macarrão
129	sem nada. Assim, macarrão... Eu lembro,
130	assim, claramente, como se fosse ontem, a
131	gente morava, como eu falei antes, com a
132	família, os primos do meu marido, né? E aí
133	ele disse: "Deus nunca desampara vocês",
134	eSSatamente. E aí a gente... Essas veSSes,
135	a gente:: Um dia, ela, a prima do Luiz
136	gosta muito <i>cocinar Y cocina</i> muito bem. E
137	ela fez assim macarrão com tomate e
138	alface. E a gente comeu só. Não como:: Não
139	tipo. Não tipo salada de macarrão. Não.
140	Era muito macarrão e só tinha assim um
141	pouquinho de alface que a gente tinha e um
142	pouquinho de tomate que ficava na
143	geladeira. E a gente cortou, ela cortou e
144	fez, e a gente comeu. E dias que a gente
145	só comia feijão. Só. Só, assim. Só feijão,
146	só feijão, feijão e arroz ou só feijão
147	assim. E, assim, sabe, então a Cáritas foi
148	pra nós muito fundamental no primeiro
149	momento porque eles acolheram a gente de
150	tanto que a gente ia pra Cáritas assim,
151	porque a gente cada... Cada... Cada
152	segunda, terça... Cada terça, a gente ia
153	pra Cáritas pra ter aula e também pra
154	ficar, pra perguntar se tinha algum
155	emprego. Cada dia, porque eles tinham.
156	Como eles têm uma plataforma específica
157	pra ajudar os refugiados a se organiSSar
158	com a vida, a arrumar empregos, então eles
159	têm essa plataforma. Então cada terça-
160	feira que a gente ia pra aula era... Ou
161	segunda-feira, não lembro o dia, mas era

162		segunda ou terça, a gente ia e ficava
163		depois da aula: "Ah, eu quero falar com a
164		assistente social pra perguntar se tem
165		emprego". E assim foi tantas vezes que
166		até o dia que iam abrir um abrigo para
167		mulheres que a Cáritas iria administrar e
168		ofereceram uma vaga pra meu marido aí.
169		Ali, né? Então foi providência, porque
170		essa era a última ve... A última comida
171		que a gente tinha, ou seja, era assim "não
172		sei o que vamos fazer, a gente vai ficar
173		sem comida". Então aconteceu que foi, foi.
174		E aí: providência divina, a gente
175		conseguiu trabalhar. Mas no momento você
176		pensa: "Não sou nada, não sou ninguém".
177		Sabe? Todo que você... Tem que você vai
178		para praia e você quer tomar um... Água.
179		Não pode e você pensa: "Nossa, no meu
180		país, quando eu tava assim", sabe? Quando
181		eu tomava um côco, porque eu queria. Sabe?
182		E porque aconteceu... Tudo que aconteceu e
183		agora a gente tá dessa forma. Ou, por
184		exemplo, eu, antes de vir, fiz... De vir
185		pra cá para o Brasil, eu sabia que era...
186		Talvez ia ser um pouco difícil pra gente
187		conseguir homologar o diploma, né? Então a
188		gente:: Eu fiz vários cursos de outras
189		coisas assim, de tatuagem de rena, de::,
190		é, como se fala? micropigmentação de
191		sobrancelhas. Eu fiz vários cursos assim
192		muito curtos pra meio que aprender algum
193		ofício. E aí eu falei "Nossa! Eu busquei a
194		forma de conseguir os materiais, comprar,
195		né, os materiais pra fazer a rena, o
196		tatuagem da rena"... sim, da área de
197		estética. Sim, eu também depois fiz um
198		curso de maquiagem, mas esse curso eu fiz
199		aqui. E, então, é:: eu, eu, esse de
200		tatuagem de rena que eu amei como que é
201		feito, porque é da Índia. É o estilo, a
202		forma como é feito na Índia. Não é
203		tatuagem da rena normal que a gente
204		conhece assim. É aquele que é feito na
205		Índia, que faz mandalas, que é feito nas
206		mãos, que geralmente é feito para as
207		noivas que vão ter toda a sua mão tingida
208		com a rena. É bem lindo. Aí eu fiz esse
209		trabalho. Sim, é maravilhoso. E aí eu
210		comecei a ir pras praias, assim a
211		oferecer. Um dia eu falei com duas amigas,
212		a gente disse: "Vamos ver o que a gente
213		faz". Então uma delas comprou um pouquinho
214		de empadas. Imagina, uma delas é
215		engenheira, a outra é contadora e eu
216		dentista. E a gente pensou: "Vamos ver o
217		que vamos fazer". Então uma, elas duas

218	juntas compraram essas empadas e eu levei
219	minhas coiSSas da rena, e a gente começou
220	a andar pela Copacabana assim oferecendo
221	pra pessoas; Ah:: Ela oferecia as empadas
222	e eu oferecia a rena, né? E era eso, sabe?
223	A gente nunca tinha vendido nada. A gente
224	nunca tinha. O mais que eu tinha vendido
225	era porque minha mãe tinha uma farmácia, e
226	aí eu sabia mais ou menos como atender o
227	público, porque a nossa farmácia era
228	pequeninha e era atendida por os
229	próprios donos. Então quem atendia a
230	farmácia era minha mãe, meu pai Y:: meu
231	irmão e eu. Sempre tínhamos alguém que
232	trabalhava com a gente, uma pessoa, mas
233	geralmente era a gente. Então, mais ou
234	menos, a gente tinha uma noção de como
235	atender, né, como falar com o público,
236	como faSSer que a pessoa se sentisse
237	talvez acolhida e tal no momento de
238	vender. E aí esse dia eu consegui faSSer
239	rena pra uma família, e eram muitas
240	crianças, assim, tipo sete crianças. E aí
241	eu consegui pagar o meu, a minha passagem
242	de volta, porque nessa época eu morava na,
243	em São Gonçalo, e:: quer:: A gente acha
244	que nesse dia compramos pão assim pra
245	comer. CoiSSas pra comer, pão, não sei o
246	quê. Foi ótimo. E essa foi uma lição de
247	humildade e de você entender "Bom, você
248	agora tem que aprender pra ser uma nova
249	persona, pessoa". E cada dia você estava
250	aprendendo, aprendendo de ser, como uma
251	criança que está aprendendo vir. Sabe?
252	Você não sabe nada e você é ninguém.
253	Então, sim, é, você se sente frustrado
254	muitas veSSes. Muitas veSSes. Ou, por
255	exemplo, alguém te fala: "Ah, eu fui pro
256	dentista e tÊve um mal atendimento". E aí
257	eu ficava Nossa Senhora, eu pudesse
258	atender, eu poderia te atender, mas não
259	posso. Então eu falo com ele pelo celular
260	e falo "bom, então pergunta pra o dentista
261	que eso, que aquele, tal." Fala que você
262	tem uma irmã que é dentista. Sabe? Tem um
263	prima que é dentista e fala porque são
264	essas coiSSas, né? Você tem esse
265	conhecimento aí guardado e isso sai
266	qualquer momento. Então é dessa forma, mas
267	sabe uma coisa? É, com <i>todo</i> , né, falando
268	de <i>todo</i> , eu estou falando e parece que é
269	uma história triste, mas, na verdade, eu
270	aprendi, eu sou uma pessoa diferente e eu
271	acho, eu acho, é minha opinião pessoal,
272	super pessoal, que eu, ÍSSis, ai, perdÔN.
273	Falei meu nome. Que eu, Nenúfar.

274	Michele	((risos))
275	Nenúfar	Aí você edita. ((risos))
276	Michele	Sem problema.
277	Nenúfar	Que eu, é, Nenúfar, sou uma pessoa melhor
278		agora. Sabe? Eu sou super melhor. Assim,
279		olhando pra trás de aqui há cinco anos, eu
280		gosto muito de quem eu sou agôra. Sabe?
281		Não que não gostasse antes. Eu gostava,
282		claro, mas você não sabe até que não vê.
283		Então eu acho que muito que, que a gente
284		conseguiu assim, sabe, do nada, do nada,
285		de não ter comida, de não ter nada, de
286		aprender muita coiSSa, muita coiSSa, olha,
287		é frustrante no princípio. Você acha que
288		não vai conseguir, você não sabe. Você
289		muitas veSSes nem sabe quem é, sabe? Você
290		tá aqui, nossa, não, não sabe nem como
291		reagir, mas depois que você fa- Depois que
292		o tempo passa e você consegue, você
293		arranja um emprego Y, Y, Y as pessoas
294		acham que você é bom e arranja outro
295		emprego de outra coisa, assim, porque eu
296		trabalhei de assistente administrativo,
297		educador social assim num abrigo de cuida-
298		Cuidando de idosos que tinha morado na rua
299		e o meu trabalho era assim 12 horas por
300		36. Então era trabalho noturno. Eu ficava
301		a noite toda num abrigo acordada junto com
302		os meus colegas e a gente saía 7h da
303		manhã, um dia de descanso e o dia seguinte
304		com... Dia de descanso pelo meio e depois
305		voltava, depois das 36 horas. Então era
306		uma doidice, mas quando você fe- Quando as
307		pessoas acham que você é bom no seu
308		trabalho, que você... Assim que você.
309		Assim, eu não sabia como ser... Como
310		faSSer assistente administrativo. Eu
311		aprendi no momento. Eu lembro que eu
312		comecei a investigar. Quando eu recebi o
313		primeiro trabalho de assistente
314		administrativo, comecei a investigar como
315		que é, o que, o que, o que... Sabe? Como
316		que a gente trabalha com Excel, como que a
317		gente trabalha com pacote Office, porque
318		eu sabia, mas não era esperta, sabe? Um
319		assistente administrativo tem que saber,
320		tem que ser especialista, sabe? Tem que
321		saber como que é faSSer o Excel, como é
322		que fasser os quadros, como que é faSSer
323		isso ou aquilo. Então eu, assim, soSSinha
324		que meio que aprendi. Depois como que vai
325		faSSer um educador social? E como que você
326		vai faSSer? Então também eu aprendi,
327		também eu fiz e também fui boa. Então, no
328		ponto que quando eu saí daí foi porque eu

329		tive que ser operada da veSSícula e eu já
330		depois pensei que esse, esses horários
331		tavam me matando. () do
332		funcionamento mal da veSSícula é essa
333		parte de você não dormir, de você não
334		conseguir () eu tenho hereditário,
335		todas as minhas tias da minha família. Só
336		minha mãe, não. As minhas tias, várias
337		delas, foram operadas da veSSícula. Então
338		tenho fator hereditário e tem o fator do
339		sono. Se você não dorme, não vai faSSer o
340		processo completo do... Digestivo bem
341		feito e, portanto, é pior. Então eu falei
342		"Não". E meu marido também falou "Não,
343		pede pra você ser demitida. Não volte
344		depois da operação, porque você vai
345		perder. Assim, você vai ter que faSSer
346		esforço, porque, além disso, eu tinha que
347		voltar depois de () dias. E aí eu
348		tenho que faSSer esforço, esforço fiSSico,
349		tralalá, chalalá, e aí não., não. Pedi pra
350		me... Pra eles me demitirem. E aí eles...
351		Eu recebi um <i>feedback</i> de todo mundo que
352		eles gostavam do meu trabalho. Então
353		depois que você passa isso e você aprende
354		que você pode ser outras coiSSas, você se
355		sente feliz, né? Então eu, agora, me sinto
356		uma pessoa feliz, assim, muito melhor do
357		que:: Como ser humano () así, eu
358		não vou <i>decir</i> melhor, porque eu sou a
359		<i>misma</i> pessoa, o mesmo:: Meus princípios,
360		meus valores, meus... O que eu aprendi na
361		minha família, eu ainda... Eu mantenho,
362		mantenho, mas aprendiSSado, crescimento de
363		dentro pra fora, eu ganhei. Então, assim,
364		claro que eu sinto saudade da minha
365		profÊssão, claro que eu sinto saudade das
366		coiSSas que eu gostaria faSSer, mas vamos
367		que vamos. E esse tem sido o nosso ditado
368		desde que a gente começou: "Ir devagar e
369		crescer, vamos que vamos", porque não tem
370		outra opção. Você tem que ir. Então é
371		isso.
372		
373	Michele	Entendi. Quando vocês chegaram, vocês
374		então vieram pro Rio, mas foram morar em
375		São Gonçalo?
376	Nenúfar	Uhum.
377	Michele	Por algum motivo? Porque já tinham...
378	Nenúfar	Sim, porque...
379	Michele	...alguém estabelecido...
380	Nenúfar	Sim, exatamente.
381	Michele	...em São Gonçalo?
382	Nenúfar	Sim, porque o que acontece? Quan- Numa

383		data, não sei o ano, antes, dois anos da
384		gente ter decidido vir, os primos do meu
385		marido eles vieram pra Rio na Copa. Depois
386		disso, uma amiga brasileira foi pra
387		Venezuela, né? E aí o meu marido conheceu
388		ela, compartilharam muito, nananã, e aí ela
389		ofereceu pra gente. Aí ela disse pra
390		gente: "Se vocês quiserem vir...
391		
392	Michele	Essa brasileira?
393	Nenúfar	Ela é brasileira e aí ela falou.
394	Michele	Ofereceu, ofereceu a:: O abrigo, né, pra
395		vocês ficarem.
396	Nenúfar	O abrigo, exatamente. Sim. Pode vir morar
397		na minha casa. E aí chegamos, imagina,
398		ela. O apartamento dela, ela mora
399		sozinha. Então o apartamento dela é
400		perfeito pra uma ou duas pessoas. Né? E aí
401		ela já morava com um outra amiga
402		venezuelana que ela também ajudou. Ela
403		também recebeu. Então, imagina, a gente
404		chegou quatro pessoas, duas cachorras, um
405		bebê. Quatro pessoas adultas, duas
406		cachorras e um bebê pra morar.
407	Michele	Caramba.
408	Nenúfar	((risos)) Nossa, a gente agradece assim
409		muito, sabe, ela. A gente diz que ela é
410		nosso anjo, porque ela. E a gente ficou
411		com ela dois meses. E depois a gente
412		alugou um apartamento para, sabe? E foi
413		uma doidice, mas, sim, a gente morou em
414		São Gonçalo, assim. Seis meses, a gente
415		morou em São Gonçalo.
416	Michele	E:: então vocês, quando vieram pro Brasil,
417		vocês trouxeram de certa forma algum
418		recurso financeiro pra se::, entre aspas,
419		se segurar, né, enquanto não::
420	Nenúfar	Uhum.
421	Michele	Fosse possível conseguir um trabalho.
422	Nenúfar	Sim.
423	Michele	Vocês pensaram, se planejaram, nesse
424		aspecto, né?
425	Nenúfar	Sim, por isso que a gente vendeu <i>todo</i> ,
426		poupou <i>dinero</i> , tralalá, ou seja, foi duro,
427		mas a gente conseguiu... E conseguimos,
428		né, com isso nos manter. Assim, porque os
429		primeiros meses ela não, ela não permitia
430		que a gente gastar. Assim, a gente morou
431		com ela, ela não. Assim, a gente pagava
432		alguma coisa assim "Ah, vamos pagar isso,
433		vamos comprar isso", "Ah, vocês não
434		precisam", e a gente: "Não, mas a gente
435		quer. A gente tá morando aqui na tua
436		casa, deixa que a gente compra".

437		
438	Michele	Entendi.
439	Nenúfar	E a gente meio que () mas ela não permitia. Depois que foi alugar um apartamento, então aí, claro, a gente foi que começou a acabar o <i>dinero</i> mais rápido, porque quando moramos com ela, não, ela não permitia que a gente gastasse muito <i>dinero</i> . Só que <i>así</i> , a comida da cachorrinha, alguma coisa que a gente tinha que sair correndo pra comprar porque senão ela não permitia que a gente comprasse assim o mercado, não sei o quê, e a gente cinco pessoas, Nossa Senhora. Sabe?
452	Michele	É, muitas despesas, né?
453	Nenúfar	É::: E ela falava assim: "Comem todo". Assim, ela fala espanhol, ela fala espanhol muito bem. Então ela falava: "Tem que comer...". Ela dizia: " <i>Tiene que comerse de todo, no puede ()</i> ".
458	Michele	((risos))
459	Nenúfar	Ela comprava muita ().
460	Michele	Eu imagino. E uma curiosidade, pra vocês, é::: Vocês que vieram, né, dessa forma, pegando ônibus, carro pra chegar até Roraima, é:::, vocês se- Aí é uma curiosidade. A questão do dinheiro, vocês vieram com dinheiro em espécie ou vocês abriram uma conta no...
467	Nenúfar	Sim.
468	Michele	Como é que foi isso?
469	Nenúfar	Não, não. A gente veio...
470	Michele	Eu fico imaginando pra vocês saírem do país...
472	Nenúfar	Uhum.
473	Michele	...que deve ter sido pesado assim, né?
474	Nenúfar	É, horrível. ((risos))
475	Michele	Deve ter sido difícil.
476	Nenúfar	Sim. Foi muito assustador, porque, assim, imagina, não sei se você sabe, não sei se você tem escutado, né, as histórias da polícia militar da <i>VeneSSuela</i> , que eu já falei que são quem, nas manifestações, atiravam pra matar. Bom. Eles mesmos. Eles::: Essa mesma instituição é quem cuida <i>todo</i> que é as ruas, estradas, lalalá, chalalá, do país, né? Então cada tanto tempo tem... Tem eles pra revistar. Né? E aí a gente veio com <i>dinero</i> em espécie, mas você, assim, to- E-eles são assim, na <i>VeneSSuela</i> , <i>todo</i> , <i>todo</i> é corrupção. <i>Todo</i> . <i>Todo</i> . E, óbvio, eles são super corruptos.

490		Então qualquer pessoa que tiver <i>dinero</i> ,
491		óbvio, eles vão tirar. Eles vão até roubar
492		e vai diSSer qualquer coiSSa, que você. Se
493		você reclama, vai diSSer que você é
494		narcotraficante, vai colocar droga em
495		você. Assim, dessa forma.
496	Michele	Caramba.
497	Nenúfar	Sim. E não é um invento minha, não é uma
498		supoSSição.
499	Michele	Não, eu sei que não.
500	Nenúfar	Eu sei. Sim.
501	Michele	Eu já ouvi outras histórias. Eu já:: Eu
502		falei, né, você não foi a primeira pessoa
503		que eu entrevistei. E falaram. Me falaram
504		coisas semelhantes.
505	Nenúfar	Uhum.
506	Michele	Porque eu. Pra mim, causou curiosidade,
507		porque, né, você. No caso, vieram duas
508		famílias, né?
509	Nenúfar	Sim. Mas, então, que foi a coiSSa? Que a
510		gente não veio de ônibus. Então a gente
511		pegou esse carro que parecia turístico.
512		Sim? A primeira coiSSa.
513	Michele	Ahã.
514	Nenúfar	Também eles falaram pra gente se vista
515		como se você vai como turista, sabe? Usa::
516		Eu incluSSo trouxe um boné, assim,
517		colocado, um boné na minha cabeça que eu
518		uSSava. Muito turista. ((risos))
519	Michele	Ahã.
520	Nenúfar	Y:: como se vestiria pra ir pra a <i>Gran</i>
521		<i>Sabana</i> , que é o que a gente tem que
522		atravessar. Y, além disso, a gente tinha
523		muita mala. E geralmente quem vai pra <i>Gran</i>
524		<i>Sabana</i> uSSa muita mala porque tem... Não
525		fica... Quem vai pra ir, geralmente, é,
526		acampa na natureSSa, não sei o quê. Sabe?
527		É turismo assim ecológico, tal. Então tem
528		várias coiSSas. Y o carro é super. Como se
529		fala? Rotulado assim, já tem muita
530		identificação de Tur, não sei o quê,
531		coiSSa e tal.
532	Michele	Entendi.
533	Nenúfar	E eles já têm meio convênio com eles, né?
534		Então já no valor da passagem da gente,
535		tinha o <i>dinerinho</i> que ia ser dado pra::
536	Michele	Propina, né?
537	Nenúfar	Ahã. A propina pra eles. Então claro que
538		com. Ainda com isso, a gente não sabe,
539		porque pode ser que eles... Vamos pensar,
540		você faz o acordo com um desses <i>guardias</i> ,
541		mas talvez o chefe desse <i>guardia</i> tá aí
542		hoje. E aí ele não <i>consigue</i> pegar essa

543		propina, porque o chefe dele tá ali, né?
544		Então aí e faria a revisão do carro, e se
545		conseguiam <i>dinero</i> , ia roubar pra gente. Ia
546		roubar da gente. Então o que que a gente
547		fez? Eu abri na:: Você sabe onde nas
548		calças a gente coloca o cinto, né? Nessa
549		parte onde... Nas calças dos homens você
550		coloca o cinto quanto vai colocar, por
551		exemplo, na calça jeans, que tem esse
552		espaço aí, né? Eu, pela parte de dentro,
553		eu com um estilete, eu cortei aí. E aí o-
554		Eu amarrei, era <i>dinero</i> em dólares.
555		((risos)) E eu com o cadarço eu amarrei o
556		<i>dinero</i> assim um:: Eu fiz assim.
557	Michele	Por dentro do cinto?
558	Nenúfar	Sim, por dentro do cinto, não. Por dentro
559		da, da, do tecido da calça, seja. Você
560		sabe que esse espaço onde você coloca o
561		cinto é dupla face.
562	Michele	Sim, o passador. É o passador, que é um
563		tecido dobrado, né, de jeans dobrado.
564	Nenúfar	E, é dupla face.
565	Michele	Caramba.
566	Nenúfar	Então eu abri um buraquinho a mão na parte
567		interior e aí fi- Aí eu fez, eu fiz
568		rolinhos de bilhetinhos, né, de <i>dinero</i>
569		assim, rolinhos. E aí, como eu tinha um
570		cardaço bem comprido, aí eu. Um barbante.
571		Não era um cardaço, era um barbante. Aí eu
572		fui amarrando, amarrando, e fiz tipo uma::
573		Uma coiSSa assim bem, bem comprida, tipo,
574		não sei, uma calabreSSa.
575		
576	Michele	Uma calça desconstruída, você criou um::
578		Sei lá.
579	Nenúfar	Eu criei.
580	Michele	Você criou uma moda.
581	Nenúfar	Sim. E aí eu coloquei dentro do, do, dessa
582		parte todos os <i>dinerinhos</i> assim. Eu
583		coloquei tchã, tchã, tchá... Fui amarrando
584		eles com o cadarço...
585	Michele	Caramba.
586	Nenúfar	...que eu coloquei. O <i>dinero</i> que ficou,
587		porque não dava pra colocar todo o <i>dinero</i>
588		que a gente trouxe. Então eu, por exemplo,
589		num absorvente higiênico feminino, eu abri
590		o absorvente, colokuÊ: Assim, abri o
591		envelope do absorvente com muita
592		delicadeSSa pra não parecer que tiver.
593		
594	Michele	Que tinha dinheiro ali dentro.
595	Nenúfar	É. E abri o absorvente. E dentro do
596		absorvente coloquei o <i>dinero</i> e coleí de
597		novo. Parecia que o absorvente tava

598		novinho. E aí em vários absorventes eu
599		coloquei <i>dinero</i> . E, assim, entre várias
600		coiSSas que a gente tava uSSando no
601		momento, incluSSo na nossa roupa interior,
602		mas nÔN algo evidente, algo que fosse bem
603		difícil de achar.
604		
605	Michele	Entendi.
606	Nenúfar	Porque houve o que, por exemplo, nos::
607		Numa roupa interior feminina, eles vão
608		procurar, assim. Vai ter uma pessoa
609		feminina que vai tentar procurar alguma
610		coiSSa e, se acha o <i>dinero</i> no <i>sutien</i> da
611		pessoa, mulher, né, na parte interior
612		superior, que geralmente a mulher coloca o
613		dinheiro, né? Então ela vai procurar e vai
614		achar e vai roubar. Então a gente colocou
615		em lugares que não eram tão óbvios. E aí a
616		gente trouxe com muito me-
617		
618	Michele	E, Nenúfar, esse tipo de... No caso de
619		empresa, né, você acha que se assemelha a
620		um:: Eu não sei se você sabe o que
621		significa,é::, esse conceito de coiotes.
622	Nenúfar	Claro.
623	Michele	Que atravessam pessoas no México pros
624		Estados Unidos.
625	Nenúfar	Sim, sim. Sim, só que é diferente.
626	Michele	É mais ou menos a mesma coisa?
627	Nenúfar	NÔN. Não, não, não. Porque o coiote é
628		terrível, compreendeu? Ou seja, o coiote
629		você passa perigo, com o coiote. Ou seja,
630		ninguém vai te garantir que o coiote::
631		vai. Assim, que vai ser exitoSSo. O coiote
632		geralmente é uma pessoa que você não, nem
633		sabe quem é, que você passa coiSSa assim.
634		Eles são pare- Imagina que fiSSessem o
635		trabalho do coiote mais legal.
636		Compreendeu?
637	Michele	Entendi.
638	Nenúfar	Com um carro legal, todo legal, ou seja,
639		você tem uma passagem, você tem o seu
640		documento de identidade, você é livre de
641		tranSSitar no território. Compreendeu?
642	Michele	Entendi.
643	Nenúfar	Esse território você deveria poder. Só que
644		o que acontece? Eles barram o <i>dinero</i> de
645		você porque eles vão <i>decir</i> que você tá
646		narcotráfico, não sei o quê. Qualquer
647		coiSSa. Sabe? Se acham <i>dinero</i> em você. E
648		ninguém pode proteger você, porque quem
649		deveria proteger são eles. Né? Então é
650		como. Imagina um coiote mais bem, mais
651		feito de uma forma legal, feito de uma

652		forma correta e feito de uma forma que
653		você tá protegido. Compreendeu?
654	Michele	Entendi. Entendi.
655	Nenúfar	Sim.
656	Michele	É, é duro. E passado, assim, todo esse
657		tempo, né, você hoje tá no Rio desde 2018,
658		né?
659	Nenúfar	Isso. 2018.
660	Michele	2018.
661	Nenúfar	Fevereiro de 2018.
662	Michele	São cinco anos, né?
663	Nenúfar	Sim, cinco.
664	Michele	São cinco anos.
665	Nenúfar	Uhum.
666	Michele	E aí, o que você tem assim como análise
667		desses cinco anos aqui? E projeções de
668		futuro, o que você hoje diria que você
669		conquistou e você, apesar de tanta coisa
670		que vocês passaram, vocês de certa forma
671		tiveram alguma conquista, algum lucro? E
672		que projeções de futuro vocês têm? Se
673		vocês almejam voltar à Venezuela ou,
674		senão, pensam em continuar no Rio, é::, ou
675		em. Pensam em ir pra outro lugar? O que
676		vocês pensam a respeito. Vocês, desculpa,
677		você fala muito do seu esposo. Então vou
678		tentar pedir pra você, né? Aí é a Nenúfar
679		falando, né, do...
680	Nenúfar	Sim. ((risos))
681	Michele	...dos seus anelos, né, dos seus desejos
682		futuros.
683	Nenúfar	Sim, sim. Olha, eu:: Assim, de- desde.
684		FaSSendo uma retrospectiva, claro que eu,
685		como eu falei antes, a gente cresceu
686		muito, Y, agora, claro, a gente. É::, eu
687		sim conquistei. AgÔra um trabalho que eu
688		estou faSSendo eu gosto muito, é um
689		trabalho que na verdade eu me sinto bem,
690		eu::.. É, você perguntou se a gente
691		conseguiu um lucro. Sim, bom, agora, por
692		exemplo, a gente consegue ter um aluguel
693		tranquilo, que a gente pode pagar cada mês
694		sem problema, pagar a nossa comida, pagar
695		também os gastos do, normais que podem ter
696		uma caSSa, né? Internet, eletricidade,
697		água, lalalá, Y ter cachorro e gato
698		((risos)) pra dar.
699	Michele	((risos))
700	Nenúfar	((risos)) Temos duas cachorrinhas. A nossa
701		cachorrinha que veio da VeneSSuela ela
702		ainda tá aqui, e a gente tem agÔra, tem
703		mais uma cachorrinha e duas gatas. A gente
704		adotou aqui. Então todo esse... A gente...

705	E, assim, a gente já <i>consiguió</i> assim,
706	sabe, alugar apartamento, duas habitações,
707	um apartamento que a gente gosta. Então
708	eso, por exemplo, a gente conseguiu, sim.
709	Já eu estou trabalhando, tranquila, assim,
710	com trabalho que eu gosto, que eu me sinto
711	confortável, que eu amo faSSer. Sabe? E
712	meu marido também tá trabalhando numa
713	empresSa com <i>una</i> , uma. Algo que ele nunca
714	pensou que faria <i>Y::</i> , <i>Y</i> a gente tá bem.
715	Pode ser melhor cada dia? Claro, porque a
716	gente quer melhorar, né? <i>Cuales</i> são as
717	projeções do futuro? A projeção do futuro
718	sempre é a gente, é::, melhorar, buscar
719	formas de faSSer outras coiSSas, além do
720	que a gente tá faSSendo, sabe? Não sei, eu
721	gosto muito das coiSSas artísticas, então
722	já comecei a faSSer uma coiSSa, outra e
723	comecei a faSSer. Eu tenho veSSes que
724	começo pintar alguma coiSSa, então eu
725	pinto, talvez as pessoas comprem. Já tenho
726	vendido algumas <i>ecobags</i> que eu pintei e
727	algumas pessoas compraram de mim. Então
728	não é uma coiSSa que eu faço sempre, mas é
729	um <i>dinerinho</i> extra que sempre entra além
730	do meu salário e do meu trabalho. Eu quÊro
731	agÔra estudar surpreendentemente para ser
732	professora de espanhol também, se consigo
733	faSSer a revalidação do meu diploma de uma
734	forma que fosse, que a gente <i>consiguiesse</i> ,
735	porque, como eu tenho falado, não consigo
736	faSSer da forma como eu tenho investigado
737	que é estudar três anos ou quatro anos de
738	novo, porque a gente não tem
739	economicamente como parar de trabalhar pra
740	estudar de forma integral, porque
741	odontologia eSSige estudo de forma
742	integral sem poder trabalhar. <i>Y</i> , além
743	disso, sua carreira é muito cara, porque a
744	gente tem que comprar material desde o
745	primeiro dia. Né? Então se eu <i>consiguiesse</i>
746	faSSer a revalidação do meu diploma seria
747	ótimo, mas eu também queria que gostaria
748	de estudar pra me especialiSSar como
749	professora de espanhol, que eu gosto,
750	estou desfrutando muito e eu faço. Além do
751	meu trabalho normal que eu faço, eu também
752	tenho meus alunos do espanhol e eu gosto.
753	E além disso, também estou preparando umas
754	pessoas que vão apreSSentar agora o exame
755	DELE internacional. À parte do meu
756	trabalho que eu faço, estou preparando e
757	fiz a preparação do DELE. Do Instituto
758	Cervantes pra avaliadores do eSSame.
759	Então, por aí eu estou indo, estou
760	gostando é uma coiSSa que eu acho que

761		posso faSSer e é fácil pra mim. Ou seja, é
762		acessível, é::, Orgânico é a palavra. É
763		orgânico pra mim faSSer. Então eu estou
764		indo nessa, nessa direção, mas nunca
765		esqueço da minha odontologia Y...
766		
767	Michele	(risos)
768	Nenúfar	...que mais? Ah, você perguntou se a gente
769		queria ficar ou ir. Bom, a gente, pelos
770		momentos, a gente tá amando o Rio. A gente
771		ama o Rio. A gente gosta muito do Rio. E
772		não temos pensado sair do Rio pra morar em
773		outro lugar, em outra cidade, noutra. Não.
774		Acontece, vem uma proposta de trabalho
775		onde você, a gente teria que se
776		movimentar, graças a Deus a gente tem a
777		liberdade geográfica de que a gente
778		trabalha on-line. Eu, por eSSemplo,
779		trabalho on-line, meu trabalho é 100% on-
780		line. Assim, que poderia me movimentar,
781		caSSo que fosse preciSSo. É::, voltar pra
782		Venezuela não está dentro das nossas
783		alternativas.
784	Michele	(Intenções)
785	Nenúfar	Porque Venezuela tá cada... Não vou <i>decir</i>
786		que tá pior. Tá horrível de uma forma
787		diferente. Ou seja, antes tava horrível e
788		agora, sim, é horrível, mas diferente. Não
789		é o <i>mesmo</i> horrível que antes. É horrível
790		de outra forma. Então eu não quero, eu não
791		sinto, eu, assim, por eSSemplo, ter que
792		passar seis horas sem eletricidade? Não.
793		Não ter como ir pra um serviço público?
794		Não. Não ter como pagar um plano de saúde?
795		Ok. Aqui eu também agora, nesse momento,
796		não estou pagando, mas eu vou pagar. Lá na
797		VeneSSuela não estaria pagando e não
798		conseguiria pagar. Compreendeu?
799	Michele	Uhum.
800	Nenúfar	É::, não sei. Comida, caríssima.
801		Trabalhando com o <i>mesmo</i> ritmo que eu tinha
802		lá que não tinha vida, ou seja, a gente só
803		trabalhava? Só trabalhava, assim. Você não
804		vivia, você trabalhava. Respirava, olhava,
805		falava, mas sua vida era resumida em
806		trabalhar. Então, dessa forma assim, não,
807		a gente não quer. Eu não quero. Eu não
808		quero voltar assim. E eu sou uma pessoa
809		que eu penso que VeneSSue- Que para você,
810		minha mentalidade é essa. Quanto você
811		demora, quando você constrói um:: Não sei.
812		Uma criança constrói um castelo de
813		bloquinhos. Quanto ele demora em
814		construir? Um monte de tempo. Quanto ele
815		demora em destruir? Uá. Ele dá um soco com

816		a mão, ele dá um pá, e já destruiu os
817		bloquinhos, né? Assim, pra mim, é o ponto
818		de vista da construção e destruição dum
819		país. Você destruiu, plá, e foram 20 anos
820		nesse plá. 20 e poucos anos pra destruir.
821		Quanto vai demorar pra construir? Eu estou
822		com 43 anos. Se você pensa 43 mais 20 são
823		63. Então vou aguardar até 63 anos pra que
824		meu país melhorasse? Caso que começasse a
825		melhorar agora, porque demorou 20 em
826		destruir. Então mais ou menos 20 ou 30 ou
827		40 vai demorar em construir caSSo hoje
829		começasse o processo de construção. De
830		reconstrução. Então, para mim, não é
831		viável. Eu diria de férias, mas, para mim,
832		não é viável, viável voltar. Agora a gente
833		tá pensando em traSSer as nossas mães
834		tanto minha sogra como minha mãe. Então é
835		isso.
836	Michele	E você está feliz aqui?
837	Nenúfar	Ahãm. Eu estou mu-
838	Michele	Isso é que importa.
839	Nenúfar	Eu amo. Assim, Rio pra mim é uau, ou seja,
840		eu sei, tem problemas? Tem. Não tô falando
841		desde uma iluSSão. Eu estou falan- Eu
842		reconheço que Rio tem muitas deficiências.
843		Deveria ser 50 veSSes melhor do que ela é,
844		porque ela tem potencial. Ela tem tudo. É
845		uma, eu sempre falo, o que tem faltando no
846		Rio é amor. Você deve amar assim a cidade.
847		Essa é uma cidade para amar. Como não tem
848		amor ou como não tem tido amor, por eso
849		ela não está como ela deveria estar, que
850		Rio é uma maravilha assim como o nome diz.
851		Rio, cidade maravilhoSSa, é verdade. Você
852		não sabe isso até que você não conhece
853		Rio. Então eu amo Rio, eu gosto do Rio, eu
854		adoro Rio. Assim, ainda tem o problemas
855		que tem, eu tô feliz de morar aqui.
856		
857	Michele	Tá certo, né? É, Nenúfar, ((risos)) você já
858		está acariocada, né?
859	Nenúfar	Já, sim.
860		((risos))
861	Nenúfar	E, de fato, sim, eu acho que as pessoas do
862		Rio são muito... Bom, eu acho que eu tenho
863		muita sorte e eu tenho conseguido pessoas
864		muito boas. A maioria das veSSes, eu
865		sempre tenho contato com pessoas muito (
866), por eSSemplo.
867		((risos))
868	Michele	Tá, tá certo. Eu vou interromper a
869		gravação.
870	Nenúfar	Perfeito.

871	Michele	Espera aí.
-----	---------	------------

Fim da Transcrição [00:42:07]

Gravação: orquidea-27.10.2022-audio

Duração: [00:46:06]

Início da Transcrição [00:00:01]

1	Michele	Bom, boa tarde, Orquídea. Eu agradeço sua...
2		
3	Orquídea	Boa tarde.
4	Michele	...participação e aceitar em participar da minha pesquisa. É... Vou tentar ser breve e::, e não interromper você enquanto você estiver falando. Essa entrevista é pra minha pesquisa de doutorado e:: eu entrevisto mulheres com o seu perfil, mulheres venezuelanas que estão em situação ou que vieram para o Brasil em situação de refúgio.
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14	Orquídea	Ahã.
15	Michele	E que vieram, é, tem um perfil semelhante em relação à formação, é::, escolar, né? Mulheres que fizeram universidade, que fizeram uma vida, é::, laborativa no, na Venezuela e foram, de certa forma obrigadas a, a migrar pra outro lugar. Então eu vou começar pedindo, né, é::, que você fale da sua vida. Eu sei que você já está no Brasil há algum tempo, mas eu queria que você falasse agora sobre sua vida na Venezuela, a sua infância, como foi sua família, é::, como a sua evolução na escola até você chegar na universidade, depois no mercado de trabalho. Eu queria que você falasse um pouco da sua história lá na Venezuela.
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		
32		
33		
34	Orquídea	Boa tarde, meu nome é Orquídea pras pessoas que não me conhecem. Eu sou veneSSôlana, tenho 47 anos. É, Benho de uma família bem, assim, se quer <i>decir</i> , bem conservadora. () minha mãe, ela sempre se dedicou (), ao cuidado dos filhos da caSSa, da educação. Meu pai era militar. É nesse último matrimônio de meu pai, no último caSSamento dele éramos quatro filhos, dos mulheres, dos homens. Eu sou a <i>menor</i> de 14 homens é:: nosso, nosso de..., nosso deSSenvolvimento a-a nível de escôla foi um deSSenvolvimento normaU como qualquer uma criança que brincava,
35		
36		
37		
38		
39		
40		
41		
42		
43		
44		
45		
46		
47		
48		
49		

50		que tinha atividade. É... Sou de, de
51		religião católica. É:: a medida del
52		tempo <i>terminé</i> a <i>escôla</i> , logo o ensino
53		<i>méio</i> . Eu queria, no início, estudar
54		direito, eu sou advogada, só que eu
55		estudei educação e eu falo que por-
56		por <i>errU</i> e um <i>errU</i> <i>bonitU</i> , porque eu
57		estava esperando vaga na faculdade de
58		direito, não saía e meu pai não tinha
59		recurso para pagar uma, uma faculdade
60		particular, então através de um
61		conhecido de ele, é, de educação,
62		educação inicial, que se chama <i>La</i>
63		<i>Preescolar</i> , eu me formei como técnico
64		superior em educação <i>preescolar</i> .
65		Depois eu con-continuei os estudos,
66		cheguei a licenciar em educação
67		<i>preescolar</i> , fiz uma estali-
68		especialiSSaço em educação integral
69		para jovens e adolescentes na hora,
70		na, em outras salas, sala de ensino,
71		eu acho que ensino <i>méio</i> . Depois
72		disso, eu me <i>caSSei</i> , tive meus filhos
73		e <i>Yá</i> tinha um <i>recursinho</i> , e comecei a
74		estudar direito com ajuda de meu pai,
75		meu recurso de meu trabalho como
76		professora, além que eu <i>faSSia</i>
77		<i>arteSSanato</i> . Eu gosto muito de
78		<i>arteSSanato</i> . E com isso eu paguei a
79		minha faculdade de direito, eu me
80		formei como advogada, cheguei como
81		fiscal do Ministério Público. <i>No</i>
82		deixei de dar aulas. Também tive no
83		<i>eKSercício</i> dentro do Ministério
84		Público. <i>Y</i> , como <i>todo</i> na vida, muitas
85		<i>coiSSas</i> mudaram. <i>Hasta</i> um dia que::,
86		é::, passou um roubo dentro da <i>caSSa</i>
87		de minha mãe <i>Y</i> levaram o telefone, se
88		fez a denúncia, capturaram as
89		pessoas, dentre essas pessoas havia o
90		filho de um político. Daí em diante
91		minha vida <i>comenzó</i> a mudar, mudou
92		muito. Tive ameaças com meu filho. Eu
93		tive que sair da <i>BeneSSuela</i> <i>fuYindo</i> .
94		Fui:: sequestrada durante 17 dias,
95		fui torturada. <i>Y</i> minha <i>presencia</i> era
96		uma..., uma ameaça para a minha
97		família, porque sempre <i>TCHegavam</i>
98		mensagens para minha mãe, para o meu
99		irmão, para meu filho e eu saí. No
100		momento que eu tava saindo, o meu
101		filho que vai na faculdade, na área
102		de engenharia () que é o nome da
103		cidade, <i>TCHegaram</i> o que chama (),
104		duas pessoas encomendadas para atirar
105		no carro de meu filho. () meu

106		filho <i>saió</i> da <i>BeneSSuela</i> direto para
107		o Equador <i>sin nada, sin ropa, sin</i>
108		<i>nada, só com um passaporte Y</i>
109		<i>esperando uma conhecida que vai</i>
110		<i>recibir</i> ele lá, porque tinha medo.
111		<i>Pero</i> só que o meu filho <i>menor</i>
112		<i>precisaBa</i> de muita documentação, a
113		<i>licencia</i> do pai pelo Tribunal, onde
114		ele <i>taBa</i> de acordo para eu <i>sacar</i> meu
115		filho do país. <i>No</i> deu certo <i>todo</i> . O
116		meu filho ficou-ficou com, com uma
117		tornoSSeleira eletrônica no, em um pé
118		por <i>una</i> <i>coiSSa</i> que ele <i>no</i> fez. A
119		<i>Yente</i> nunca cometeu um, um delito, um
120		crime. <i>Y</i> então, sabe, mudaram muita <i>H</i>
121		<i>coiSSaH</i> . <i>ÀH</i> <i>veSSeH</i> é muito difícil
122		para mim falar <i>eso</i> , porque <i>àH</i> <i>veSSe</i>
123		<i>chÔro</i> . Ao <i>mismo</i> tempo me dão forças.
124		<i>Yá</i> passado um tempo, <i>Yá</i> meu filho não
125		tem a tornoSSeleira, <i>Yá</i> <i>aH</i> <i>pessoaH</i>
126		que <i>eHtavam</i> em, de uma forma
127		política, agora está em outra, em-em-
128		em uma outra parte da, desta área
129		política, porque foram subindo mais,
130		mas nunca <i>Boltei</i> à <i>BeneSSuela</i> desde o
131		momento que saí. Eu tenho quase cinco
132		anos fora da <i>BeneSSuela</i> , <i>no</i> saí <i>maiH</i> ,
133		<i>no</i> <i>Boltei</i> . Tenho todo esse tempo que
134		não <i>BeYo</i> minha mãe, meus irmãos, o
135		<i>teSSouro</i> mais grande que é meu filho.
136		Tenho muitas <i>lembranSSas</i> bonitas <i>Y</i>
137		elas ficam aí, deixei <i>todo</i> para trás,
138		deixei meu mundo, <i>mi</i> <i>caSSa</i> , meu
139		carro, meu trabalho, o <i>teSSouro</i> mais
140		importante que é a família <i>Y</i> vim a
141		lutar aqui no <i>BraSSil</i> . Eu cheguei a
142		Roraima, no estado de Roraima <i>Y</i>
143		comecei a trabalhar como assistente
144		pastoral para <i>YeSSuítas</i> imigrantes,
145		tive aí um bom tempo. Também
146		trabalhei para a <i>Caritas</i> <i>braSSileira</i>
147		como voluntária, trabalhei para a (
148) como voluntária. <i>Yá</i> <i>no</i> podiam ter-
149		me todo o tempo como voluntária ()
150		a outros migrantes <i>BeneSSolanos</i> . E eu
151		cheguei aqui ao Rio de Janeiro em
152		<i>una</i> , em uma <i>interi-interioriSSa</i> ção
153		pra migrantes <i>BeneSSolanos</i> . Cheguei
154		ao Recreio na <i>caSSa</i> do padre, <i>Papa</i> ,
155		<i>Papa Juan</i> Paulo Primeiro <i>Y</i> , <i>ahí</i> , eu
156		comecei a trabalhar em, na, em um
157		restaurante no Pontal, no Recreio, de
158		um <i>caSSal</i> <i>braSSileiro</i> , muito boas
159		peçoas, muito bonitas de coração. Eu
160		assisti também a, <i>aH</i> <i>aulaH</i> de
161		português em, em <i>Caritas</i> que era

162		perto de Maracanã na faculdade. E <i>la</i>
163		vida continua. A <i>Yente</i> tem que seguir
164		adiante, na <i>frentI, mismo</i> com
165		tristeSSa. Y nesse <i>traYeto</i> entre:: Y
166		nesse período entre outras, outras
167		coiSSas, eu tinha um caSSamento. Eu
168		me havia caSSado na <i>BeneSSuela</i> com
169		uma pessoa peruana que ele também
170		morava aqui em BraSSil Y eu, anterior
171		a <i>eso</i> , eu havia BiSSitado o BraSSil.
172		Quando eu chego aqui, que então tem
173		todo o <i>mi</i> translado, que eu estou em
174		Roraima e tudo isso, eu descobri que
175		ele era bígamo, tinha um caSSamento
176		com outra pessoa. Y, para mim, isso
177		foi como que um peSSadelo, porque
178		quando eu estaBa na <i>BeneSSuela</i> , que
179		ele viajava para lá, eu me
180		encarregava de toda <i>las</i> documentação
181		de ele, de todos os negócios, todos
182		movimentos legais Y <i>después</i> eu
183		percebi que ele só me uSSou para eu
184		conseguir o que ele queria, porque eu
185		estava em um lugar ondI ele podia
186		conseguir muita coiSSa. Y eu, e meu
187		coração tava muito quebrado. Eu
188		viaYei para o Peru, fiquei em Peru
189		algum tempo para viSSitar o meu filho
190		lá. Com o ânimo de ficar lá em Peru,
191		<i>pero, pero</i> se tornou muito difícil.
192		Havia um momento muito difícil para
193		os imigrantes Y eu decidi voltar aqui
194		ao BraSSil. Eu percebi que estava em
195		minha caSSa aqui em BraSSil. Boltei,
196		Boltei a trabalhar com <i>aH mismas</i>
197		pessoas que eu estava trabalhando,
198		<i>deHpois</i> me fiSSeram uma oferta ()
199		migrantes em Roraima, estando aqui em
200		Rio de Janeiro. Boltei para Roraima Y
201		comecei a trabalhar para a Caritas
202		braSSileira como assistente pastoral,
203		com refugiados imigrantes,
204		trabalhando dentro de refúYio que
205		está lá em Roraima, onde faSSem as
206		interioriSSações. Minha <i>funcion</i> era
207		trabalhar com a comida, com a
208		<i>educacion</i> de hiYiene, porque dentro
209		de um refúYio as pessoas não têm
210		todas as coisas para fazer uma
211		hiYiene adequada. Y <i>eso</i> também serve
212		para a <i>Yente</i> aprender que a <i>Yente</i> não
213		perde tudo. ÀH <i>veSSeH</i> a <i>Yente</i> reclama
214		Y a <i>Yente</i> ainda tem coiSSas, tem
215		coiSSas importanteH, e tem pessoaH
216		que <i>no</i> têm, <i>no</i> têm nem o mínimo de
217		esperança. É:: Terminou meu termo. Eu

218		vim aqui ao Rio de Yaneiro de novo.
219		Aqui eu tinha um amigo, quando eu
220		cheguei aqui, que eu conheci ele
221		através de outra amiga e a Yente
222		sempre foi amiga. Até que de repente
223		a Yente quebrou a amiSSadI,
224		estragamos a amiSSadI, começamoH a, a
225		sair, a nos conhecer, agÔra Yá somos
226		um caSSal que temos dois anos Y meio.
227		Estamos bem. Ele é português. Ele tem
228		um... Ele tinha uma farmácia em, no
229		Recreio Y a Yente sempre falava.
230		Agora, a Yente..., no início, é::,
231		alugamoH uma loYa. FiSSemos
232		lanchonete, uma piSSaria, trabalhamos
233		muito. Chegou, a pandemia. Com a
234		pandemia Yá no tínhamos como segurar
235		o aluguel, muitaH coiSSaH, e mudamos
236		para a padaria Y aqui estamos até
237		hoYe. A vida tem baixas, tem altas. E
238		a Yente continua na frentI. Hay
239		muitaH coisaH pra lutar. Eu tô
240		lutando todoH diaH, porque eu penso
241		que os, vai chegar um dia, que eu vou
242		ter toda a minha família Yunta,
243		mesmo, assim, que não seYa em
244		BeneSSuela. Assim, eles venham a
245		passar um dia. Quero ficar com eles
246		um tempo. Eu quero seguir lutando. A
247		Yente tem que deixar aH coisaH para
248		trás. Hay que aceitar as mudanças. Eu
249		tô aceitando todas as mudanças. E
250		entregar todo nas mãos de Deus. Ele
251		que sabe qual é o momento certo. Mas,
252		sim, de..., no deixo de lutar, porque
253		também no vou entregar todo a Deus
254		com as mãos, com os braços cruSSados,
255		sem faSSer nada. No. A Yente tem que
256		lutar, a Yente tem que acreditar em
257		lo que sabem. ÀH veSSeH eu sinto
258		muita nostalgYia de, da minha área, eu
259		adoro la profÊssôN de advogado. Por
260		essa mesma situação difícil de meu
261		país em tirar meu documento, consegui
262		algumas coisas e estou, eu sei que
263		vai dar no momento certo para eu
264		revalidar. Eu quero ir à Secretaria
265		de Educação para..., para revalidar mi,
266		mi, mio ensino médio, que lá é bacha-
267		bacharel e... se não dá para revalidar,
268		eu vou fazer Direito desde cedo. Todo
269		nessa vida se aprende e eu quero
270		aprender, aprender normal. ÀH veSSeH
271		a Yente tem que deixar muitaH coiSSaH
272		para trás e aceitar o cambio. As
273		mudanças são coiSSaH novaH.

274	Michele	Caramba. (risos) Você já foi falando.
275		Eu, eu ia fazer uma, enquanto você
276		falava da Venezuela, eu ia perguntar
277		a, o local que você, de você é, se da
278		parte oriental ou ocidental. E::
279	Orquídea	Eu sou praticamente que da, da,
280		praticamente da capital, porque eu
281		estou há 45 minutos do que, da
282		capital da VeneSSuela, que Caracas,
283		VeneSSuela. () Miranda, é a
284		SSona fria, o que chamam a cidade
285		dormitório, porque todo mundo, casi
286		todo mundo vai trabalhar pra Caracas,
287		para capital.
288	Michele	E você, e você viveu a vida toda, é,
289		nessa ci..., nesse lugar, Miranda,
290		estudou lá ou estudou em Caracas?
291	Orquídea	No, eu estudei sempre em Miranda.
292		Sempre estudei em Miranda, sempre.
293	Michele	Então, é::, você, quando conta, né,
294		sobre a sua vinda, a sua saída da
295		Venezuela, você não foi::, a sua
296		saída, digamos, ela não foi
297		planejada, ela foi impulsionada por
298		um episódio que aconteceu na sua
299		família.
300	Orquídea	Sim. É, no foi planeYada. Y:: além
301		disso, a Yente aprende a sobreviver,
302		porque àH vezeH a Yente vive, depois
303		sobrevive, passa o epiSSódio e a
304		Yente com-começa a viver, porque sÔN
305		Bários epiSSódios, é como::, como
306		quando a Yente tem o luto. Quando a
307		Yente tem o luto, a primeira coiSSa é
308		sentir a falta, a auSSência, aceitar.
309		Después de aceitar é o que faço,
310		después que faço, hay que planeYar,
311		hay que traçar mÊtas. E, aí, é uma
312		escala. A Yente tem que marcar todos
313		os dias: "O que eu estou fazendo com
314		mi vida e para onde eu vô? O que que
315		eu quero com a minha vida?" porque
316		também é observado muitas pessoas que
317		são desgraçadas, que tem que sair por
318		qualquer situação Y:: ficam
319		deprimidos, algunos caem nas drÔgas,
320		outros caem no álcool, outros se
321		suicidam ou ficam simplemente sin
322		rumo nenhum Y ficam assim. E a ideia
323		no é essa. Hay muitas oportunidades e
324		no é porque eu sou advogado ou eu sou
325		professora, eu não sei faSSer mais
326		nada, eu no vô a trabalhar de outra
327		coiSSa. No. Eu também tive que vender
328		até água. Quando eu tava em Roraima,

329		que suspenderam, né, a, o pagamento
330		pela coISSa da pandemia, no havia
331		recurso para a Caritas braSSileira
332		lá, só para chegar diretamente ao
333		refúYio, hoYe, a Yente sabia que o
334		dinheiro tava, só que no sabíamos
335		quando ia cair na conta, eu
336		aproveitei a fila, quando o pessoal
337		tava a faSSendo a fila do, pra cobrar
338		o auxílio, eu vendia água, eu faSSia
339		bolos, eu vendia. Eu não fi... Minha
340		vida, eu não senti que isso fez menos
341		de mim. Não. Eu aprendi também a como
342		vender na rua sem atrapalhar a outras
343		pessoas, sem atrapalhar os donos das
344		lÔYas. [Porque a Yente tem que...]
345	Michele	[Em algum momento], em algum momento,
346		você quando conta, né, dessas
347		inúmeras atividades que você fez, né,
348		que em nada tem a ver com a sua
349		formação inicial, é, isso te
350		deprimia? Isso te deixava triste?
351		Como você encarava você ter que
352		assumir, né? "Agora eu preciso fazer
353		isso, porque eu preciso comer." Como
354		era pra você essa sensação de estar
355		fazendo outros tipos de trabalho
356		diferente da sua formação? Já que
357		você falou que cursar direito era um
358		sonho, que você cursou, é, você
359		primeiro estudou educação, depois
360		você fez direito, né, quando você já
361		era casada, já tinha filhos, mas você
362		não deixou de lutar pelo seu sonho.
363		Então como foi isso pra você?
364	Orquídea	Foi bem difícil, porque àH veSSes, no
365		to..., nON todas as pessoas, sabe, é...,
366		tem essa, essa complacência ou aquela
367		humanidade, sabe, quando a Yente tá
368		ven..., por exemplo, quando vou vender
369		algo, um vem falando: "Sai daqui",
370		denega. Assim, de uma forma
371		despectiva, pero nON posso
372		Yeneralissar. Eu no posso... Sabe? Eu
373		pe... Só pensei: "Essa pessoa estava
374		num mau dia". No momento me deprimi,
375		porque eu queria..., eu Yorei como uma
376		criança e eu queria voltar nesse
377		momento, feTCHar os olhos, abrir e
378		que eu estava no meu país. MaH a
379		realidade foi outra. Eu chorei,
380		fechei meus olhos, abri, estava no
381		mismo lugar e percebi: "Tenho que
382		continuar. Aqui eu no tenho mãe, no
383		tenho pai, no tenho irmão. Aqui só
384		estou com Deus e com mi luta diária.

385		E eu vou continuar". Porque o mais
386		triste de <i>todo</i> é que a situação
387		econômica da VeneSSuela mudou tanto,
388		mudou tanto que nada de <i>lo</i> que eu
389		havia deixado lá para os meus filhos
390		dava para eles se sustentar. Então,
391		assim, <i>mismo</i> vendendo água, picolé,
392		café, bolo, <i>lo</i> que seYa, eu tinha uma
393		responsabilidade, meu filho tinha que
394		comer três <i>BeSSes</i> ao dia, todos os
395		dias, igualSSinho a todas as
396		crianças, tinha que assistir na
397		escôla. Às veSSes eu chorava porque
398		não conseguia <i>Bender todo</i> , <i>pero</i> eu
399		aprendi que <i>no</i> é só chorando, a <i>Yente</i>
400		tem que lutar, se <i>no</i> dá de um lado,
401		tem que dar de outro. Há que não
402		podia vender o sacolé ou o dindim,
403		como chamava lá, porque já é muita
404		competição, é muita pessoa. FaSSia
405		doce de mamão, faSSia <i>arepas</i> ,
406		empadas. Eu aprendi a faSSer
407		coxinhas. (2,8) <i>No</i> podia implementar
408		<i>todo</i> , [<i>todo</i> o que era...]
409	Michele	[Em Roraima, né?]
410	Orquídea	Sim, em Roraima. E eu <i>no</i> tinha como
411		implementar <i>todo</i> o que era de meu
412		país. Eu tinha que me acentuar na
413		<i>aprendiSSaYem</i> da cultura braSSileira,
414		<i>mismo</i> que seYa de Roraima, de onde
415		seYa, maH eu tinha que aprender. Y eu
416		encontrei muitas pessoas braSSileiras
417		muito boas que abriram suas portas
418		com reHpeito, com muita confiança. Y
419		a ideia <i>no</i> era quebrantar essa
420		confiança, era alimentar a confiança,
421		porque eu tava sÔSSinha. Y até o dia
422		de hoYe eu continuo falando com essas
423		peessoas. A <i>Yente no</i> tem família de
424		<i>sangre</i> , mas faz família <i>associiega</i> de
425		<i>amiSSade</i> , isso eu aprendi.
426	Michele	Tá certo. Deu uma interrupção aqui
427		na, acho que foi a conexão, mas acho
428		que consegui gravar você falando.
429		E::, e a sua vinda da Venezuela pra
430		Roraima como foi? Você veio de avião?
431		Você foi andando? De ônibus?
432	Orquídea	[No.]
433	Michele	[Como é que foi essa travessia?]
434	Orquídea	[Eu sa::] Eu saí de ônibus. Eu saí... (
435)
436	Michele	[Quantos dias?]
437	Orquídea	Um dia e meio. Um dia e meio. E foi
438		um dia e meio <i>sin</i> comer, <i>sin</i> ir ao
439		banheiro, levar só o necessário

440		porque também eu no sabia quem era a
441		pessoa que eu ia encontrar no meu
442		lado. Eu ia assustada, com muito
443		medo. Quando eu cheguei lá na Polícia
444		Federal, eu não eHqueço esse dia, o
445		policial federal brincando comigo me
446		falou: "Venezolana?" Me falou: "Por
447		que vem? Tu vem porque tu tem alguém
448		aqui?". Y eu fui muito honesta: "Não.
449		Eu venho mudar a minha vida". E ele
450		me falou: "Então vou te dar 120 dias
451		e tu vai passar mais dias". E
452		carimbou meu passaporte por 120 dias.
453		E eu acho que foi uma espécie também
454		de sorte, porque a maioria dava 60
455		dias, 90 dias. (2,0) Eu [penso que]
456		eu sempre...
457	Michele	[E você...]
458	Orquídea	... tive a <i>Dios</i> de minha mão sempre.
459		Nunca me deixou, nunca me há deixado.
460	Michele	Tá certo. Você acha, então, que, é...,
461		se não tivesse, por exemplo,
462		acontecido esse episódio na sua
463		família, você estaria ainda hoje na
464		Venezuela?
465	Orquídea	Não. Eu penso que <i>mismo</i> assim, talvez
466		não, porque a situação mudou muito,
467		mudou muito. E Yá no momento que eu
468		estava, Yá..., eu faSSia fila para
469		faSSer compras. Eu sempre lembro um
470		dia que fui a faSSer compras e era
471		uma fila enorme. Eu cheguei como era
472		às 4h da madrugada e me deram <i>casi</i>
473		sete horas na porta do supermercado,
474		porque era um supermercado tipo
475		Atacadão. Y:: pegaram todaH aH
476		identidadeH, deram uma senha e quando
477		eu Yá tô chegando que tenho como 30
478		pessoas adiante, na frente, vem um
479		militar e <i>sube el</i> segundo andar Y
480		Yoga todo cartão de identidade nesse
481		segundo andar e fala de uma forma tão
482		<i>despectiva</i> : "Amanhã vocês voltam a
483		faSSer sua fila, a ver o que com-, o
484		que procuram". Eu senti que isso era
485		uma falta de respeito tão grande e
486		tão triste, sabe por quê? Havia
487		pessoas que àH veSSeH passavam dois
488		dias faSSendo fila para comprar
489		alguma coiSSa. E, talvez, <i>mismo</i>
490		assim, se mi-, minha saída foi de uma
491		forma forçada. Para eu sair de uma
492		forma Yurídica, porque foi de uma
493		forma Yurídica que eu saí, de uma
494		forma irracional, talvez, eu <i>iba a</i>

495		sair por necessidade, porque o filho
496		e a mãe sON a coisa mais precioSSa
497		que tem a Yente e eu no iba a querer
498		Ber minha mãe faSSendo fila pra
499		comprar. Eu sentia tristeSSa quando
500		meu filho me falaBa: "Mãe, a Yente
501		vai faSSer a fila para te aguardar lá
502		e a Yente depois vai descansar". E
503		outro dia tinha que ir para a eHcola
504		Y o outro para a faculdade. Essa
505		realidade no é vida, isso é uma falta
506		de respeito com todos os seres
507		humanos. E tchega um momento que o
508		peSSoal, sabe, era normal. A Yente Yá
509		no se encontrava em festa, em
510		reuniON, em parque, em aniversário. A
511		Yente se aguarda na fila, a Yente se
512		vê na fila. E é, e é uma pena. Na
513		realidade é uma pena.
514	Michele	A fila também pra serviços, né?
515		Médico, [farmácia].
516	Orquídea	[Sim]. Sim, medicina. Por eSSemplo,
517		eu tenho uma amiga em Roraima, eu fiz
518		muitas, muitas amiSSades, tanto
519		venezolanos quanto brasileiros Y::
520		que faSSem eles? Hay uma empreSSa que
521		enviam coiSSas, eu depoSSito, mando,
522		faço PIX, eles vão à farmácia,
523		compram o remédio e (enviam) à
524		Venezuela. Mas o remédio vai, por
525		exemplo, é uma garrafa de shampoo,
526		eles têm que sacar o produto, cortar
527		bem pequenino, fechar e colar com
528		cola 1000, colam com essa 797 e tem
529		que fa-, tem que faSSer o peSSo que
530		diz que tem shampoo ou qualquer
531		coiSSa que esteYa fechaDo, lacraDo,
532		porque, então, quando os militares
533		reciben ou qualquer organo ou, por
534		eSSemplo, chegam los malandros que lá
535		chamam tira de rua, que seriam como
536		ladrON de rua, uma coiSSa assim, eles
537		vão em môto, eles começam () o que
538		eles querem, pegam, sabe? E, aí, tem
539		que faSSer coiSSas que no seYam tão
540		chamativas pra eles. E dessa forma
541		que minha família recebe o remédio. O
542		diNeiro também... tem que ser por,
543		atraBés caSSas de câmbio e a Yente
544		perde muito diNeiro. Mas sin embargo,
545		eu não deiTCHO de lutar, porque
546		quando eu estou comendo todoH oH
547		diaH, eu penso em minha mãe, em meu
548		filho e eu sinto pena, (2,0) porque
549		eu no sei se eles me falam que eles
550		estão comendo bem, se na realidade

551		eles <i>todo</i> o que me falam que eles
552		têm. Porque eu trabalho muito duro
553		pra eles. Aqui::, e::u vendi na rua,
554		eu tive que faSSer faTCHina, passar
555		roupa. ÀH veSSes fico com nostalYia
556		de que... eu <i>no</i> faSSia <i>eso, pero,</i> ao
557		<i>mismo</i> tempo, eu aprendi. Que eu <i>no</i>
558		tenho um TCHip. Eu sou professora, eu
559		sou advogada, eu não faço mais nada
560		da minha vida e fico <i>ayanclada Y</i>
561		<i>estancada. No</i> vô a mudar mais nada,
562		não há, pois você tem que mudar,
563		porque quando a Yente tem outras
564		pessoas que dependem de um, a Yente
565		faxina, faz qualquer coiSSa para que
566		sua família <i>no</i> lhe falte nada.
567	Michele	É verdade. E sobre seus, sua família
568		lá, todos estão vivos? É, todos, é::
569		no caso, os mais próximos, né? Você
570		hoje se, é, é responsável pela
571		manutenção, além do seu filho e da
572		sua mãe também?
573	Orquídea	Sim. Meu pai, ele morreu, eu estando
574		aqui no BraSSil. Y:: o meu pai morreu
575		o <i>mismo</i> dia que eu estava saindo aqui
576		do Brasil para o Peru. Eu estava no
577		terminal Novo Rio quando me ligaram
578		por telefone e me aviSSaram que meu
579		pai havia..., estava morto. Ele morreu
580		por uma, um paro respiratório
581		ocaSSionado por falta de medicamento
582		na, na Venezuela.
583	Michele	Certo. E sua mãe hoje, ela vive com
584		algum irmão seu ou ela vive sozinha?
585	Orquídea	No. Ela mora com dois de meus irmãos.
586		Eu tenho, minha irmã, ela é uma
587		pessoa descapacitada, ela tem
588		problemas de nervo e não, são nervos
589		de que tem que tomar uma pílula para
590		ela se acalmar, ela tem muito remédio
591		controlado. É:: É-é bem complexo,
592		porque nesse tempo que eu fiquei aqui
593		fora, passaram tantaH coiSSaH é::
594		minha irmã::, ela ficou doente. Minha
595		irmã::, ela foi de certa forma...
596		abuSSada de forma sexual e, aí, foi
597		onde ela caiu uma, em uma depressão
598		muito forte e ela ficou assim como
599		essas pessoas que a Yente fala que
600		sON vagabundos, como esos mendigos na
601		rua, na rua <i>arriba</i> , rua abaixo e ela
602		<i>no</i> pedia diNeiro, ela só andava. Ela
603		só andava, porque ela não tinha como
604		superar esse epiSSódio. Agora ela tá
605		bem. Ela toma, és uma coiSSa que eu

606		mando, no pode faltar, é um remédio
607		para ela. Ela tentou [suicídio]...
608	Michele	[Você manda]...
609	Orquídea	...várias veSSes.
610	Michele	Você manda daqui pra lá o remédio?
611	Orquídea	Sim. Eu... Bom, de aqui de Rio no,
612		pero, sim, de Brasil. Eu tenho uma
613		[amiga...]
614	Michele	[Sim. De Roraima...]
615	Orquídea	...em Roraima.
616	Michele	...como você falou.
617	Orquídea	Sim. SON várias amigas e elas faSSem
618		o favor para mim e, aí, um lugar que
619		encomenda, eu mando para uma prima na
620		capital, em Caracas, então ela duaH
621		veSSes por semana, ela viaja para a
622		cidade de onde eu sou, de Los Teques,
623		porque minha tia mora em Los Teques e
624		leva as coiSSas para minha mãe.
625	Michele	Entendi. E o seu filho menor ()
626	Orquídea	Então no é, no é, no é, no é fácil.
627		No é fácil, por quê? Sabe, a Yente
628		tem que..., tem que lutar àH veSSeH o-
629		observo que as vendas aqui na lÔYa
630		abaixam um pouco e a Yente faz um
631		bolo, faz isso, faz aquilo, pero
632		tenho que manter a Benda equilibrada...
633		ou tentar aumentar mais um pouco.
634		Primeiro, porque a Yente também tem
635		aqui dois empregados e os dois
636		empregados também são uma
637		responsabilidade muito grande. Sabe?
638		Eles faSSem um-um-un servicio ()
639		que eles tenham que recibir. Y::,
640		além dI isso, com isso, é, com a
641		produção entre todos, porque a Yente,
642		é como eu falo, a Yente é como uma
643		máquina, a gente tem uma engrenaYem,
644		quando uma dessas engrenaYens se
645		quiebra, quiebra todo, no dá para
646		produSSir, no dá para trabalhar, no
647		dá para BiBer, no dá para nada. Y a
648		Yente tem isso. Meu marido e eu no
649		temos um horário específico de
650		trabalho, a Yente acorda às 4h da
651		madrugada e deita maiH ou menoH 23h,
652		00h, àH veSSeH não dorme a noite toda
653		e no dia, é, a Yente faz pequenos
654		espacios de intervalo para, para
655		descansar. Eu acho que também parte
656		do epiSSódio que tive na (), o
657		dia que vai faSSer esos três, a falta
658		de, de a Yente poder descansar de
659		forma direta, pero a única forma que
660		a Yente tem de vivir aqui é se

661		reinventar Y:: minha responsabilidade
662		é que eu tenho que dar no só 100%, um
663		pouco mais, porque eu sei que todo o
664		peçoal dá, a Yente dá e eu sou um
665		epiSSódio de que há coiSSas que eu no
666		sabia faSSer, tive que aprender a
667		faSSer, porque eu tinha uma
668		responsabilidade, ainda tenho essa
669		responsabilidade. E no que me falem:
670		"Ah, este". Hay um ditado que fala
671		que o significado () que são as
672		duas pessoas que têm sustentar essa (
673) e, neste caSSo, seria o meu marido
674		e eu, pero minha mãe, ela nunca
675		deixou que eu deitava <i>sin</i> comer e meu
676		pai também não. E eu no posso, eu
677		fico muito triste por essaH coiSSaH.
678		E por isso eu tento dar 1000%, o que
679		no vendo um lado, vendo de outro. ÀH
680		veSSeH faço tÔrta e corto em fatias.
681		Hay pessoaH que vendem no trem.
682		Quanto que ganha por eso? Tu quer
683		ganhar eso? Tu vai ganhar. Tu no vai
684		faSSer um investimento. Tu vai vender
685		para mim, tu vai ter teu lucro, vai
686		dar meu investimento e meu lucro.
687		Porque hay muitas formas de lutar,
688		professora, hay muitas formas. ÀH
689		veSSeH eu fico triste que eu tenho
690		que faSSer uma coiSSa, mi-minha
691		cabeça àH veSSeH parece uma máquina,
692		pero (sumadora) também, que, que o
693		remédio no pode faltar e a comida
694		para eles no pode faltar. Então, como
695		eu faço? A Tente dá os 100% e um
696		pouco mais, porque la Bida continua.
697		Eu quero(5,1), ((voz embargada de
698		emoção)) quando voltar a mi país, eu
699		quero ver a minha mãe outra vez.
700	Michele	Então você pensa em, em ir à
701		Venezuela visitar a sua família?
702	Orquídea	Sim. Talvez não vou à cidade onde eu
703		morava, vou mas a outro lugar e
704		mandarei uma passagem também Y:: eu
705		desde aqui, eu mandei pagar os
706		passaportes deles, mandei faSSer os
707		passaportes deles e-e isso é caro.
708	Michele	Sim.
709	Orquídea	Daqui para lá é muito caro. E,
710		talvez, no dá, eu penso que, talvez,
711		eu mando uma passaYem, trabalho mais
712		um pouco, mando uma passaYem. E eu
713		quÊro que, que eles observem que, que
714		hay outra coiSSa, que hay outro
715		mundo, que no é solamente aquilo que

716		eles têm no celular, que a vida tem
717		outras coiSSas, que a vida tem outras
718		oportunidades e que hay de
719		aproBeitar.
720	Michele	E hoje, é, o seu filho mais novo, ele
721		mora com o pai?
722	Orquídea	Sim. No diretamente, porque, ele
723		agÔra tem outra pessoa. É:: Faz muito
724		tempo. Então ele mora com, com la avó
725		Y:: àH veSSeH a convivência entre
726		eles no é fácil, porque àH veSSeH ela
727		fala coiSSaH Y ele fica bravo,
728		responde pra ela. Então eu falo pra
729		ele que por mui-, por muito forte que
730		falem coiSSaH, que façam comentários,
731		que no responda. Primeiro, porque mal
732		ou bem, ele mora com ela Y es a sua
733		avó.
734	Michele	Claro.
735	Orquídea	É uma coiSSa que ninguém pode trocar.
736		A sangue no se troca. Também não se
737		escolhe (). Y hay que andar com
738		eso a vida toda e::
739	Michele	É verdade.
740	Orquídea	...porque tem que re-, assim, tem, tem
741		que respeitar e que, Dios dá su
742		momento certo. Tem uma namorada que é
743		da idade dele, eu me comunico muito
744		com ela, é uma família também muito
745		bonita, sON descendentes de italiano,
746		ainda eHtão lá. Y:: ela é como que,
747		como que, eu falo que ela é meu
748		apoio, a pessoa em que eu me encosto
749		para saber das coiSSaH de mi filho,
750		para ajudar mais a ele.
751	Michele	Ele tem quantos anos?
752	Orquídea	Ele agora tem 20 anos.
753	Michele	Já vi- Já fica um jovem, né? Já é um
754		jovem, já.
755	Orquídea	Sim.
756	Michele	Um jovem adulto.
757	Orquídea	Sim. Sim. Ele tem muita esperança de,
758		ele quer faSSer faculdade de
759		enYenharia automotriz. Só que:: eu
760		fico com muita pena, porque lá no hay
761		como estudar, no há. No há condições.
762		Lá estão cobrando só por a Yente se
763		matricular 80 dÔlares por cada
764		matéria, por cada [assinatura.]
765	Michele	[Caramba.]
766	Orquídea	Então ele me fala: "Mãe, eu vou ficar
767		nisso aqui até quando, pero eu te
768		prometo que algum dia eu vou
769		estudar".
770	Michele	Imagino.

771	Orquídea	Y eu também não tenho todo o recurso...
772		para aYudar a ele da forma que ele
773		quer. Eu aYudo em <i>todo</i> o que eu
774		posso, porque na realidade eu faço
775		<i>todo</i> o que eu posso, maH no é que eu
776		no dê mais, eu sei que eu dou Y eu
777		quÊro chegar até aí.
778	Michele	Sim. Isso é [indiscutível].
779	Orquídea	[Eu, eu mande::i] Sim. Eu mande::i a
780		faSSer o passaporte dele Y Já tem
781		mais ou menos cinco meSSes esperando
782		a impressão do passaporte.
783	Michele	[Outra questão, né], burocrática...
784	Orquídea	[Porque eu quero que ele viaje].
785	Michele	...do país, né?
786	Orquídea	Sim.
787	Michele	Essa questão da documentação, né?
788	Orquídea	Sim. Isso é outra coiSSa. Porque faz
789		pouco tempo, a Yente tinha a lÔYa
790		casí negociada para, para vendê-la,
791		então no deu certo por causa de
792		enchente. A Yente também perdeu muita
793		coiSSa. E começamos do SSero outra
794		vez. É::, acontece com isso que no
795		dá... para traSSer ele assim, porque no
796		momento a Yente só queria vender e
797		viaYar para Portugal e a Yente queria
798		comprar a passaYem de ele, mandar a
799		ele, direto da BeneSSuela para
800		Portugal, mas não deu certo, porque a
801		pessoa que vai comprar ficou assim
802		como, sabe, de selecionar, porque
803		ficou uma enchente, a Yente perdeu
804		algumas coiSSas, então, sabe, no é
805		fácil. No é fácil. E esse ano...
806	Michele	Não é fácil, mas você...
807	Orquídea	Não é fácil.
808	Michele	...é uma mulher, é uma mulher muito
809		forte e é uma mulher muito bonita e
810		tá sempre vendo as coisas de uma
811		forma muito positiva, isso é muito
812		admirável. Não é todos que conseguem
813		ter essa, essa relisi-, é,
814		resiliência, né, Orquídea? É::: Você
815		sabe que isso é pra poucos, são
816		poucas mulheres que conseguem levar
817		isso adiante, né? Então isso é uma
818		vitória sua, né?
819	Orquídea	Sim. Eu quando, quando eu trabalhava
820		em, em Roraima, havia mulheres muito
821		bonitas, profÊssionais, médico,
822		advogado, neurólogo, pediatra quantas
823		profissões juntas. EnYenheiros, muita
824		coiSSa. E eu sentia muita pena
825		quando, no todas, porque na realidade

826		no todas, quando () eu era
827		assistente pastoral e a Yente
828		trabalhava também com a, a parte, a,
829		o aYendamento da documentação, elas
830		ficavam em uma fila. Era uma fila no
831		comum, era para as pessoas que se
832		dedicavam a faSSer programas e elas
833		falavam...
834	Michele	Eu imagino.
835	Orquídea	...que para elas era muito difícil.
836		Elas chegavam lá chorando que era
837		muito difícil. Pero também Roraima
838		era muito pequeno, muito venezolano.
839		Não há capacidade laboral. Y elas
840		tinham que mandar diNeiro Y elas
841		ficavam aí porque estavam perto, elas
842		no tinham essa coiSSa de que: "Eu me
843		vou para outro lugar, porque eu sei
844		que vai dar certo". Sabe? Com um medo
845		como que: "Mais distante estou da
846		minha família e não vou voltar a ver
847		eles mais nunca". (4,1) Esse é o medo
848		de muitas pessoas.
849	Michele	Imagino. Complicado mesmo.
850	Orquídea	É muito. É muito, muito. E, e eu
851		percebia, eu observava, eu estou bem,
852		eu no tenho nada. Eu somente no tenho
853		emprego, mas o diNeiro está feito, eu
854		só tenho que lutar e trabalhar para
855		consegui-lo. Graças a Dios sempre
856		tive a sorte de ter muitas pessoaH
857		bonitas perto de mim, pessoas que
858		falavam, como falam no meu país, com
859		muita sapiecência, com muita
860		sabIdoria. Eu me cercava muito das
861		igrejas católicas e alguns pastores
862		de algumas igrejas que estão no
863		Brasil, a presbiteriana, a la
864		adventista. Quando sentia, assim,
865		como que, como que, como que Yá vai
866		tocar o fundo. "Deus, dai-me força e
867		me indique um lugar que eu tenho que
868		ir até lá". E eu sempre tive como que
869		uma, uma coiSSa. Eu sempre tinha que
870		estar perto de uma igreYa, sempre.
871		Qual-qualquer uma, qualquer uma.
872		Porque eu penso que Dios no é só uma
873		igreYa. Deus é tudo.
874	Michele	Verdade.
875	Orquídea	Eu sou, eu sou perfeita.
876	Michele	E hoje..., hoje, como você vê o seu,
877		seu futuro? Você já está aqui desde
878		2017, 2018?
879	Orquídea	Eu estou desde 2017.
880	Michele	17. E o que você vê hoje, é, você::

881	Orquídea	Já tenho cinco anos aqui.
882	Michele	Você:: ho-hoje, né, se você fizer
883		uma, uma reflexão sobre o seu momento
884		hoje, passado esse tempo todo, tudo o
885		que aconteceu com você, é, você hoje
886		está feliz? Você tem planos de seguir
887		vivendo aqui no Rio? Ou você ainda
888		pensa em ir pra outro lugar? O que
889		você tem, assim, como reflexão do seu
890		momento presente e projeto pro
891		futuro?
892	Orquídea	Bom, de <i>mi</i> futuro, eu quÊro ir a
893		outros paíSSes, eu quÊro crescer
894		mais. Eu <i>no</i> falo que BraSSil <i>no</i> é pra
895		crescer. BraSSil me há dado para
896		crescer muito de forma pessoal,
897		humana e de certa forma econômica
898		também, porque é de aqui que eu aYudo
899		a meu filho e a minha mãe. É, de <i>no</i>
900		ter nada, eu dou graças por <i>todo</i> ,
901		porque de <i>no</i> ter nada, a Yente
902		aprende a lutar. HoYe em dia eu tenho
903		uma lôYa, tenho dois funcionários,
904		tenho uma caSSa (), a Yente tem
905		dois carros, tenho três mÔtos para
906		encomenda, até reparto. Que meu
907		marido é um de <i>los</i> que faSSem <i>la</i>
908		encomenda Y às vezes eu chamo os
909		meninos que estão por aqui perto que
910		<i>son</i> mototaxistas e eles faSSem uma
911		encomenda também. Eu alugo também as
912		motos para encomendas. Eu penso que
913		aqui eu posso crescer mais, mas
914		também eu quero ir a outros lugares,
915		porque, talvez, eu acho que por <i>todo</i>
916		que <i>he</i> <i>passado</i> , eu acho que eu dou
917		mais e eu preciso conhecer mais.
918		Talvez eu <i>no</i> me vou levar <i>todo</i> o
919		material, porque quando a gente morre
920		<i>no</i> leva nada, <i>pero</i> quero <i>vivir</i> , quero
921		aprender e quero ser feliz.(10,1) <i>No</i>
922		é fácil ser feliz, <i>pero</i> a Yente luta,
923		a Yente tenta.
924	Michele	Tá certo, Orquídea. Eu vou
925		interromper a gravação. Só um
926		momento, por favor.
927	Orquídea	Tá bom.
928		

Fim da Transcrição [00:46:02]

Gravação: rosa-17.10.2022-audio

Duração: [00:40:49]

Início da Transcrição [00:00:02]

0 1 2 3	Michele	Bom, começou, né? Apareceu pra você a gravação?
4 5 6	Rosa	É::, eu acho que sim.
7 8 9	Michele	Ok.
10 11 12	Rosa	Sim.
13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34	Michele	Bom, Rosa, é, bom dia. Eu sou a Michele, eu sou doutoranda na PUC e, a minha pesquisa envolve mulheres venezuelanas com formação superior, hã, e a partir das histórias que ouço nessas entrevistas, eu vou fazer uma análise, né, da, dos problemas levantados por esse perfil, que eu sinalizei, e pra isso eu, eu espero que você consiga falar é, sobre a sua história. Em algum momento que você queira interromper ou que você não deseje mais, você pode sinalizar também. É, e espero que, assim, tudo corra da forma mais natural possível, tá? Então, não se preocupe se em algum momento você precisar se expressar em espanhol, ou se você ficar emocionada, é normal. E::, bom é, primeiro eu queria que você falasse um pouco é::, da sua vida na Venezuela, né, ou em outro país que você tenha morado antes de vir pro Brasil, né. Como era a sua vida, é::, e::, que você falasse um pouquinho da sua história antes de vir pra cá.
35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48	Rosa	Tudo bem. Bom dia. É um praSSer pra mim participar desta pesquiSSa. É, eu sou <i>profesional</i> da <i>BeneSSuela</i> , me formei como <i>engeNeirU</i> civil, há pouco mais de 20 anos. É::, foi em 1997. Depois que eu me formei como <i>engeNeira</i> civil e () a <i>estudiar</i> Inglês para Boston, voltei para <i>BeneSSuela</i> , <i>Y comenzé</i> a trabalhar na <i>petroleira</i> . Infelizmente lá na <i>BeneSSuela</i> <i>tenía comenzado</i> os problemas políticos, então,é:: ainda <i>así::</i> , a gente conseguia trabalhar, conseguia trabalhar na área que tinha me formado, então, na construção civil. Já para o princípio do 2000, 2002, eu decidi é::, sair do país. As coisas já estavam

49		bem complicadas na BeneSSuela. Já eu tinha me
50		caSSado, aí tinha minha filha, é:: mais velha
51		conmigo, ela tava de dois anos, eu acho que
52		tinha menos de dois anos de idade. Então eu
53		consegui morar, a gente conseguiu morar por
54		aproximadamente cinco anos nos Estados Unidos,
55		mas eu tive que voltar pra a BeneSSuela por
56		causa de que meu espoSSo e o pai de meu espoSSo
57		tinham, tinham conseguido trabalho. A gente
58		voltou, mas as coisas infelizmente nunca foram
59		melhores, sabe? No princípio, sim, mas depois
60		as coisas ficaram (emperradas). Então já pra
61		2016, no 2016 a gente foi como turista para Boa
62		Vista, só pra conhecer o Brasil. Só que a gente
63		ficou já <i>apasionada</i> , né. Era só turista.
64		Voltamos para BeneSSuela, mas depois quando as
65		coisas da gente via que não estavam dando certo
66		na BeneSSuela, eu já tinha:: meu segundo filho.
67		ElI:: já é:: 13 anos, él já tem 13 anos. Então,
68		a gente já não tava <i>consiguiendo ni</i> trabalhar
69		na área, <i>ni</i> tentando fazer qualquer coisa ainda
70		quando a gente tinha tranquilidade e o conforto
71		de ter uma boa casa na BeneSSuela, que a gente
72		tinha reformado. Meu espoSSo também é engeNeirU
73		civil. É::, Y:: bom, a gente tinha todas essas
74		comodidades, mas a gente tinha que sair da
75		BeneSSuela, porque a gente não tinha trabalho.
76		Não tinha trabalho. Era uma briga até pra
77		conseguir alimentos, tá. Então, eu falei pra
78		meu esposo, e o meu esposo non, a gente
79		combinou de ir para o Brasil, pra Boa Vista,
80		pra <i>empezar</i> crescer. Então, a gente tinha
81		ainda, eu tinha nessa oportunidade até dois
82		carros, um infelizmente eu perdi com a Receita
83		Federal, por cauSSa de um mal entendido.
84		(inint) [00:05:28] E o outro, quando a gente
85		voltou para procurar algumas coisas, <i>fuimos</i> , é,
86		<i>fuimos</i> , é, parte de um roubo. É, nos roubaram,
87		nos deixaram na rua. Então a gente ficou, é,
88		aproximadamente, não, não sem diNeirU, mas
89		atiraram em nós. A gente (pedia "Por favor,
90		deixa eu ir"). Pegou algumas coisas Y voltou
91		para o Brasil. Então, assim, a minha filha
92		terminou os <i>estudio</i> , meu fi::lho também, é,
93		tentamos em muitas oportunidades. No princípio,
94		meu esposo conseguiu um contrato pequeno na Boa
95		Vista. Ele até pensou que <i>todo</i> ia dar certo, só
96		que esse contrato que conseguiu por Manaus que
97		deram uma coisa. A gente tentava, procurava, e
98		ele trabalhou vendendo coco na rua. Então,
99		depois tentava vender qualquer coisa assim na-
100		nas ruas, nas avenidas de Boa Vista. E:: até
101		que um dia a gente foi pra (Aurin) (
102) [00:06:48] conseguimos uma vaga de engeNeiro
103		civil na Santa Catarina, na Mafra, só que para
104		mim. Só que as expectativas nesse momento, que

105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134		<p> tinha falado pra nós o empresário, não era verdade. Eu consegui trabalho só cinco meses, sem carteira assinada, sem, sem a recompensa que eles tinham falado que iam me pagar, e só como que ajudei a formar uma nova no cargo, que era uma:: menina que:: acabava de se formar na faculdade de engenheiro civil. Mas depois, no final, o dono da empresa falou pra mim que não precisava de ninguém com tanta experiência como eu, Y::, Y::, ficou a menina, que trabalhava menos para ele, e também ele às vezes até reclamava muito de meu português: "Quando você vai aprender a falar português?". Eu me achava, assim, um pouco assim, sabe? "Quando você vai consertar essa documentação?". Acho que <i>ni</i> precisava realmente. Eu tive até oportunidade de trabalhar nos Estados Unidos, na minha área de construção. Y eles nunca reclamaram para mim coisa de ter, tiver, é, de ter algum sotaque. Porque sempre a gente vai ter algum sotaque, tá? Quando <i>no</i> é a língua materna. Então, <i>ni</i> também nunca reclamaram de (<i>eso</i>), de::, de, de ter documentação, dava para trabalhar <i>así</i>. Só que agora as coisas mudaram, porque, Porque com os anos, ainda quando, Eu consigo, Eu me sinto muito bem é, ativa. Sou uma pessoa produtiva, eu gosto de empreender, de estudar. Faz pouco,é::, me formei como Eletricista de Obra, [só] que meu problema, oi? </p>
135 136 137 138	Michele	<p> [Rosa] Rosa? Perdão. A minha conexão travou. Eu caí, saí da sala, estou voltando agora. </p>
139 140 141	Rosa	<p>Ah, tá.</p>
142 143 144 145	Michele	<p> Eu-eu consegui gravar até onde você falava da sua vinda para Santa Catarina. </p>
146 147 148	Rosa	<p>Posso continuar ou não?</p>
149 150 151 152 153 154	Michele	<p> Sim. Dali, parou, ficou mudo. Ficou travado. Eu não ouvi mais nada a seu respeito. Então, se você puder é, retomar o que você falou, de quando você decide sair do norte do Brasil para Santa Catarina. Se você puder retomar daí, eu te agradeço. </p>
155 156 157 158 159	Rosa	<p> Ok. Tá bom. Então, é::, a gente <i>consigue</i>, Eu consegui uma vaga por meio da OIM e da ACNUR na Santa Catarina. Só que essa vaga como engenheiro civil, era uma empresa particular, é::, na-no povo de Mafra. Mafra, a verdade é </p>

160	que é um povo bem pequeno(). A maior parte
161	dos, das pessoas são é::, gente apoSSentada. E
162	não tem muita oportunidades. Minha filha
163	procurou muito, trabalho por muito tempo, os
164	meSSes que eu consegui trabalhar lá. Meu
165	espoSSo atÊ, ele tinha que::, conseguiu como
166	dois, três veSSes limpar lÔDJa, Y trabalhar por
167	aproximadamente três semanas como pedreiro,
168	sendo ele, mais dele que e,tá? Então as coiSSas
169	não estavam dando certo, porque a empreSSa não
170	deu pra mim as coiSSas que eles falaram no
171	princípio. Eu consegui treinar uma mocinha,
172	que acabaBa-se de formar na faculdade, mas ela
173	que tinha, é::, o CREA. Eu ainda não consegui
174	validar o meu título, e meu diploma, Y:: me::u,
175	Y::, treinei Êla. Eu treinei Êla, mas na
176	verdade que ele falou pra mim, depois de cinco
177	meSSes, que ele não preciSSava de alguém com
178	tanta experiência como eu. A moça, também ela
179	tinha carro, eu não tinha carro. Ele até
180	reclamava muito de "Ah, quando você vai
181	aprender a falar português". Eu me senti,
182	assim, um pouco, sabe, olha, é, frustrada, por
183	cauSa de que mim nos Estados Unidos, ok, nos
184	Estados Unidos eu falava inglês. Só que lá, eu
185	nunca vou perder meu sotaque. E a gente nunca
186	tive esse-esse problema lá de, com-com o
187	sotaque. Aqui eu me sentia, assim, como "Ah,
188	meu Deus, meu". Mas nem todo mundo é assim, só
189	ele, que ele falava não sem ter a coiSSa toda.
190	As coiSSas ficavam bem complicadas. Bem, bem
191	complicadas, sim. Então a gente teve que vir
192	para Rio, para procurar, por cauSSa que a
193	cidade de Rio é bem maior, e dava pra ter mais
194	oportunidade. Mas eu acho que o problema de
195	nossa família, o problema meu e de meu espoSSo
196	é que nÔs somos já um pouco velhos. Porque
196	quando a gente fala, tenta procurar emprego
197	aqui na área, eles falam: "Ah, que legal. Você
198	é engenheira civil e tem experiência". "Oh,
199	muito bom". "É, qual é a idade?" "49 anos". "Tá
200	moço". "Olha, 49". Eu ainda penso que tenho
201	muito a dar e sou bem, estou bem capacitada. E
202	até procuro o tempo todo, o tempo todo estudar.
203	Estudar quando faço um curso de
204	empreendedorismo, faço outro curso, Até me
205	formei como Eletricista de Obra. Foi bem legal
206	para mim. Me senti muito bem. É, estudei com,
207	todos eles foram brasileiros, então,Y::
208	brasileiras, mulher. Y:: até o professor, todos
209	eles (usava-me), Y falavam muito bem de mim,
210	porque eu conseguia não só apoiar eles, mas
211	ajudar. Sendo que minha experiência me ajudou a
212	faSSer com que o curso fosse muito mais fácil
213	para mim. Só que assim, é::, a gente tá
214	tentando sair na frente, mas(3,0) eu não tenho

215	experiência como eletricitista de obra Y::, não é
216	fácil. Agora a gente tá tentando faSSer
217	qualquer coiSSa. É, dando aula, qualquer
218	coiSSa, mas tudo está ficando tão complicado,
219	na verdade. A gente acredita que tem muito que
220	agradecer a BraSSil. Eu não sei se é::, eu sei
221	que pode sonar, pode ser feio o que eu vou
222	falar, mas, é, no meu coraSSÓN, eu amo mais ao
223	BraSSil que a VeneSSuela. Eu sinto que na
224	VeneSSuela, não sei, eu nasci na VeneSSuela,
225	mas como que um país onde você nasce não dá
226	para você, não acolha você do jeito que tem que
227	ser.(3,5) Então, así, BraSSil é outra coisa.
228	BraSSil acolheu a gente. BraSSil protege a
229	gente. Se vocês têm algum benefício, nós também
230	vamos receber esse benefício. Mas, sim, tem
231	problema. Tem problema. BraSSil era para ser
232	uma potência mundial. Uma potência mundial, na
233	verdade. E a gente do Brassil é muito boa
234	gente. É boa. Só que tem esse problema de que
235	as oportunidades são poucas agora. Ainda dá
236	pra, para a gente novinha. Minha filha tem 21
237	anos, ela fala três línguas. No é como eu que
238	eu falo em portunhol. NÓN. Êla fala um
239	português muito bom, muito bom. AtÊ excelente,
240	eu falaria. E o inglês dela é também inglês,
241	muito bom. E atÊ o próprio espanhol, que às
242	veSSes "Ah, é a minha língua materna", mas tem
243	muita gente que não fala bem sendo a língua
244	materna. Não sabe falar a sua língua materna.
245	Não sabe sua gramática, não sabe se expressar.
246	Olha, Êla tem essas três línguas, e Êla, e tá,
247	tá complicado pra Êla conseguir um emprego,
248	así, que seja bom, ou qualquer emprego. Só de
249	lÔDJa, entÓN, quando é de lÔDJa, assim, ela
250	fica tão tarde, tão tarde na rua, que eu falava
251	pra ela: "Olha, depois que () não vamos ter
252	problema na rua". Eu falo: "Minha filha, na
253	verdade, é que nós deixamos isso pra ela".
254	"Vamos a tentar, vamos a tentar viver de outro
255	jeito", mas não tá dando certo. Então, é
256	complicado, sim. Temos o apoio de BraSSil e
257	agradecemos. Somos gratos, na verdade, para
258	sempre. Mas, ah, é difícil, né, não pensar,
259	começar de zero. E eu lembro que uma das coisas
260	que falei pra meus filhos, quando a gente tava
261	morando na Boa Vista. A gente tava morando em
262	um apartamento bem, bem simple ele, sem
263	comodidades nenhuma, e eu falei pra eles:
264	"Olha, filhos, eu preciso saber se vocês querem
265	voltar para BeneSSuela, e ter todas as
266	comodidades, ou vocês querem ficar aqui, no
267	BraSSil? Sabendo que a gente não tem nada
268	aqui". "Não, mãe, a gente quer ficar aqui".
269	Então, é, a gente deixou pra lá todo. Tínhamos
270	a casa, que nós tínhamos até reformado. É,

271		acabado, <i>todo</i> de luxo. Na verdade, é que minha
272		casa ainda vai estar lá, é só uma casa, e:: a
273		gente <i>ni::</i> sabe. É uma coisa, assim, que, é
274		começar de <i>SSero</i> . Eu não reclamo por começar de
275		<i>SSero</i> , ainda tenho muita energia pra faSSer
276		muitas coisas. Só que o caminho é bem difícil
277		mesmo, para nós. É bem difícil. Tem muitas
278		coisas que tem sido complicado, assim, para
279		nós. Então eu acho que é isso aí,
280		principalmente, minha experiência.
281	Michele	É::, Rosa, você:: quando falou, né, de você a
282		primeira vez veio pro:: Brasil como turista,
283		né, e você resolve vir é::, depois em
284		definitivo, né? É::, você também mencionou que
285		você é, viveu em outro país, fora da Venezuela,
286		e, você volta é::, com seu esposo pra Venezuela
287		em determinado momento, ele consegue o
288		trabalho, mas daí vocês é::, vivem toda a
289		questão da dificuldade em virtude dos problemas
290		políticos, né. É::, nesse momento, antes de vir
291		pro Brasil, enquanto você ainda estava na
292		Venezuela, como estava a sua família? É, não
293		sei se você tem ainda, pais vivos, irmãos, é::,
294		ou parentes que ainda moram na Venezuela, mas o
295		que você se lembra em relação às pessoas, né?
296		As pessoas próximas que estavam lá, que
297		dificuldades passavam? Como é que era o
298		cenário, o panorama daquele momento, né,
299		enquanto você ainda estava lá? Né, você disse
300		que inclusive conseguiu trabalhar na::, na
301		estatal, né, que eu entendo que seja, não sei
302		se estou errada, mas a estatal que você se
303		refere talvez seja a PDVSA. E::, enfim, é,
304		queria que você falasse um pouquinho, se você
305		puder, né, sobre essas questões.
306	Rosa	Tá. É::, bom, quando a gente tava morando na
307		<i>BeneSSuela</i> , eu conseguia trabalhar, é,
308		Difícilmente eu conseguia trabalhar, mas às
309		vezes tinha contrato como engenheiro residente,
310		pegava obras particular. Mas era por causa de
311		que ainda tinha gente relacionada com o
312		governo. Era bem, era bem, sabe, É, não era uma
313		coisa que eu gostava de fasser, porque a gente
314		sabia que o diNeiro tava vindo de parte do
315		governo, mas era o <i>DJeito</i> de se <i>mantener</i> a
316		gente <i>faSSendo</i> alguma coiSSa. Meu espoSSo ainda
317		tava com:: a empreSSa é::, que era uma
318		construtora. Ele formou como construtor. No
319		princípio, essa empreSSa, era uma empreSSa de,
320		do pai dele, que ele formou na área de
321		topografia, e depois, meu espoSSo formou essa
322		como construtora. Trabalhava para (<i>así</i>)
323		Petróleo de <i>BeneSSuela</i> . E então é::, eu não sei
324		se meu sogro era particular, se é isso, mas
325		depois eles, o petróleo de <i>BeneSSuela</i> no estava
326		pagando para a empreSSa. Ficavam com dívida,

327		dívida, dívida, acumulando só, e a gente não
328		con-, é::, a empreSSa não conseguia se
329		manter. E eu também, há::, no outro momento
330		já não tínhamos mais contratos nem com a
331		agência do governo, porque eles também passaram
332		por uma, um período difícil entre eles, né.
333		Então, é::, quando a gente vai para Boa Vista,
334		de turismo, era por cauSSa de que sempre nos
335		falaram de que Boa Vista é pra faSSer compras.
336		Ainda a gente tinha alguns, algum diNeiro de,
337		poupado, né. A gente conseguia faSSer compras
338		acessível no mercado, e conseguia ter,
339		conseguia ficar em hotéis bons, sabe, assim, Y
340		voltar a BeneSSuela, porque eu também tinha uma
341		mini lÔDJa. Sempre tentava faSSer, no só na
342		área de engenharia, tenho sempre uma entrada
343		extra. Então, é::, as coiSSas, na minha família
344		e na família de meu espoSSo, sí é, são famílias
345		que serão foram da, do, da classe média, tá. É,
346		então eram profÊssionais, Muitos-muitos deles
347		é::, de agora são fora do país. É, así, Tenho,
348		na verdade, que tenho pouca família lá na
349		BeneSSuela. É, mas é::, uma das, uma das pesso,
350		minha prima que ela ainda ficou lá com os pais
351		dela, por cauSSa de que tem os pais que são,
352		eles são pessoas idoSSas já, e fortunamente tá
353		uma boa soma e ainda tem um emprego, que é na
354		empresa particular, ela é formada, assim,
355		também. E ainda consiga se manter entre o
356		dinheiro que ela tinha poupado do emprego, do
357		trabalho que ainda é, tá trabalhando, no
358		emprego que ainda está trabalhando. Mas, na
359		verdade, é que do resto, o resto está fora do
360		país. O resto de minha família mora fora. É,
361		temos as propriedades fechadas, com o risco de
362		que, quando são, se fosse caSSa, ela vai se
363		deteriorando. E quando são apartamentos, além
364		das caSSas, de que você corre o risco é de que
365		seja invadida. Só que a minha tá num condomínio
366		feTCHadU, mas ainda, así, é bem, é bem
367		problemático. Y::, Então así, mas, na verdade,
368		é que DJá na BeneSSuela, falar pra você que a
369		gente tem família, é bem pouca, bem pouca. Não
370		dá para vender as propriedades, porque você tem
371		que dar quaSSe de graça, como um preSSente.
372		Porque, Nón, de gratis, porque, Nón, ninguém
373		quer pagar nenhuma coiSSa, mas se você vai
374		comprar uma coiSSa é bem cara. Então, é isso
375		aí.
376		
377	Michele	Entendi. E aí você diz que quando vem pro, pro
378		Brasil, você, é::, você veio como turista,
379		depois vê essa possibilidade, né, de vir em
380		definitivo e::, é::, e aí, chegando aqui,
381		depois de passar por Santa Catarina, você diz
382		que decide vir pro Rio de Janeiro, né. O que

383		que te motivou? Por que Rio de Janeiro e não
384		São Paulo, que também é uma grande
385		metrópole,é::, Santa Catarina? Você também
386		poderia ter escolhido a capital Florianópolis.
387		Por que o Rio de Janeiro?
388	Rosa	Ah, bom, o que acontece que quando a gente
389		chegou aqui, chegou a Boa Vista. Eu até vendi a
390		maior parte das minhas coisas para conseguir
391		pagar o aluguel e alimentaçÓN, nos meses que a
392		gente morou:: lá na Boa Vista. Depois, quando
393		teve uma vaga lá, na Santa Catarina, e eu vou
394		para Mafra, a gente pensou que poderia dar
395		certo. Mas a gente vai NÃO com recursos
396		próprios, a gente vai porque é OIM e a ACNUR
397		pagaram o translado, o deslocamento, Y a gente
398		tava indo DJá com, com as passagens. Então,
399		quando eu fiquei sin trabalho, eu até tentei
400		faSSer uma, um empreendimento. É::, meu espoSSo
401		fez para mim (), um tipo quiosque. Y comprei
402		todo, todas as coiSSas () que preciSSava para
403		faSSer crepes expressos. Uma coiSSa bem, bem
404		legal, e até porque eu não ia, não ia esperar,
405		só que lá, nada, nada ia dar certo, porque o
406		povo é bem, bem pequeno, e no dava. Era muito
407		gasto e no tava recuperando nenhuma coisa
408		depois. Na verdade, é que tive que::, que tomar
409		a decisão de que, de que tínhamos que, que nos
410		ir da Santa Catarina DJá com recursos próprios,
411		sabe. Vender o que tínhamos, eu vendi um, eu
412		lembro que tive que vender um terreno que tinha
413		uma, muita boa (). Consegui vender na, na
414		BeneSSuela, e com esses dólares, comprei as
415		passagens. Meu espoSSo, meu espoSSo, é, voltou
416		para BeneSSuela por cauSSa da, da mãe dele,
417		porque tava, é, delicada de saúde. E eu vim
418		pra, a gente, eu vim pra, para Rio com meus
419		filhos, porque minha mãe tava morando aqui,
420		em::, em uma quitinete. Então, a gente tava
421		morando aí (junto) com ela até conseguir um
422		emprego. Eu consegui um, así, um emprego por
423		algum tempo como faxineira. Então, só que
424		depois veio a pandemia, e todo isso aí, as
425		coiSSas, eu estou tentando sobreviver, mas foi
426		isso aí. Por isso, por cauSSa de isso foi que
427		eu não consegui ir para São Paulo, porque a
428		verdade é que as passagens, tudo isso era bem
429		difícil para nós, para comprar.
430		
431	Michele	Entendi. E, e hoje, é, o que você, assim, o que
432		você pensa em relação a sua, a sua vida aqui no
433		Rio, né. É o lugar que você quer ficar? É o
434		lugar que você quer se estabelecer, apesar de
435		tantas, é::, dificuldades? Você diz que você
436		fica é::, frustrada pelo fato de te
437		considerarem é, velha, foi o termo que você
438		usou pro seu trabalho, pra sua formação. É::, o

439		que você teria pra falar disso? Você é, ainda
440		assim acredita que você vai conseguir é,
441		permanecer aqui, e se estabelecer, e conseguir
442		um trabalho? Ou você pensa em ir pra outros
443		lugares? O que você teria a falar sobre o seu
444		hoje e o seu futuro?
445		
446	Rosa	A verdade que ainda, quando, como eu falei, que
447		ainda quando eu amo o BraSSil, eu preciSSo é
448		que meus filhos, eles consigam ter na vida
449		muitas oportunidades. É bem difícil para mim,
450		quando eu falo pra eles que se as coiSSas
451		continuam (), que não dá certo, a gente vai
452		ter que (sair) de BraSSil. Porque eles amam o
453		BraSSil. Meu filho, ele fala o espanhol
454		perfeito, parece um BeneSSuelano mesmo de
455		verdade, mas quando você olha ele falar com os
456		amigos dele, você nunca vai pensar que ele é um
457		BeneSSuelano, é um cariÔca mesmo. Então, eles
458		amam o BraSSil, mas a primeira coiSSa para mim
459		é que, que a gente quer, eu sou por eles. Eu
460		não, eu não, na verdade é que eu me, eu gosto
461		muito da minha profÊssÓN, amo a minha
462		profÊssÓN, mas se não consigo na minha
463		profÊssÓN, tudo bem. Só que eu preciSSo dar uma
464		estabilidade, do mesmo jeito que meu espoSSo,
465		precisamos ter essa estabilidade, ter a
466		comodidade pelo menos, é, sabe, de sentir, que
467		a gente consiga fazer mercado, e tudo bem, que
468		a profÊssÓN não é nenhuma coiSSa, mas se as
469		coiSSas ficaram, eu não gostaria porque é uma
470		coiSSa bem delicada falar de, da parte
471		política, mas BraSSil tem mudanças políticas
472		radicais, que pôdem nos afetar do mesmo jeito
473		que DJá BeneSSuela, tenha feito conosco, a
474		gente vai ter que tomar, renovar, ou tomar
475		decisSões, tá. Sempre, porque-porque, DJá a
476		gente está num perio-, DJá a gente está num
477		tempo de vida que a gente preciSSa dar para os
478		filhos a comodidade e a tranquilidade pra que
479		eles consiga, consiga o que eles quiSSer na
480		vida. Mas ainda (a gente) sabe que são, que
481		eles são::, tem uma base, tem uma boa base
482		familiar Y são pessoas de bem, Y que, porém,
483		podem dar muita coisa, sabe. Mas, é como eu.
484		Como assim? É::, no, às veSSes você está, você
485		é a persona certa, mas não está no lugar certo.
486		Então, se as coiSSas mudarem, tudo bem, para
487		mim, tudo bem. Mas se muda, eu não quero viver
488		minha vida até 60, que DJá daqui a pouco vou
489		ter 60. Y ter que ficar como faxineira. Às
490		veSSes eu fico com dor no corpo, e eu nunca vou
491		para um médico. Então, é bem difícil. Eu não
492		quero isso para meus filhos. Eu quero que eles
493		sejam profÊssionais também, mas consigam
494		merecer, consigam trabalhar na área deles, Y

495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513		<p> fiquem, sabe, como a gente faSSia, a gente conseguia "Ah, vamos faSSer uma poupança para Colômbia". A gente conseguia faSSer isso, porque a gente <i>estudió</i>, sabe, lutou toda uma vida. Então, lutar muito, assim, e saber que a gente não tem nada. Ah, sim, minha caSSa é lá na BeneSSuela, sim. Ah, que bom, é bem grande lá. É sim, é bem maior. Ah, tem aquela (), o que, o que eu faço, se eu não consigo nem vender ela? É uma casa, é uma caSSa que no momento era avalUada por um 160.000 dólares. Agora, ninguém quer me dar nem 20.000 dólares. Então, é uma coiSSa que é complicada, sabe. É bem complicada, porque é uma soma de emoção que você pode aceitar emocionalmente a seres queridos. Mais na frente, pode que seDJa o melhor, sabe. Tôdo, tôdo vai depender das mudanças, que seDJam para bem ou para mal aqui no BraSSil. </p>
514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539	Michele	<p> Entendi. É. É difícil, né. Inclusive pra nós que somos brasileiros, né. Temos receio, né, do futuro. É, imagino pra vocês que já têm toda a questão desse deslocamento forçado, né. Ou seja, ter que sair por uma questão de sobrevivência, não por uma escolha é, apenas, né. Vocês foram de certa forma obrigados a sair, né. Ou saíam ou ficariam em condições de vida muito cruéis, né. Então, é complicado, mas, assim, pra gente terminar, vamos tentar falar de um coisa boa. Você disse pra mim que seu filho é, ele falando parece um carioca. E que com os amigos nem parece que ele é venezuelano, né. Ou seja, eu entendo, né, como professora, que seu filho ele não tem acento, ele não tem sotaque de um falante de espanhol, né, ou falante de inglês, já que ele tem esse contato com o inglês também. É, mas sobre você, o que que, é, o que que representa falar português? E o que de certa forma essa barreira trouxe de dificuldade pra você? Eu não sei se é um tema na verdade mais tranquilo de falar, mas me causou essa curiosidade. Porque você fala do seu filho, mas em nenhum momento você fala de você. Eu queria saber de você, o que significa essa barreira do idioma? </p>
540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550	Rosa	<p> Eu sou feliz, feliz, eu nunca pensei que ia, eu sempre quis aprender outros, outras línguas, mas nunca pensei que ia aprender a falar português. (Sei) que eu tenho muito erros ainda, muitos. Mas eu não tenho medo, eu não tenho medo de falar, Ê::, com erros, assim, sabe. Eu acho que pouco a pouco vou conseguir é, consertar essÔs erros. E:: Y, Y gosto muito, (assim), dois, esse, eu falo muito pra gente que fala "Ah, meu filho só quer falar inglê-Ê::, português, agora não quer falar espanhol". </p>

551		"Olha, eu falo pra você uma coISSa, quando
552		minha filha, ela tava pequenina, ela, em caSSa,
553		ela só falava espanhol, e eu, quando ela tava
554		na barriga, eu falava inglês pra ela. E,
555		depois, era só espanhol, e na rua, ela falava
556		inglês". Então, ela tinha cinco anos, as
557		professoras falavam pra mim: "Olha, ela é a
558		tradutora de nós". "Que legal". Ela traduSSia
559		pra criança que falava espanhol, então, a mesma
560		coisa, é o conselho que lhe dou e a qualquer
561		um: Eu, não ter medo de falar. E, como falo, eu
562		me sinto tão feliz com meu filho, porque ele
563		fala nascido aqui um portunhol. No. Ele fala
564		espanhol. Espanhol, así, com acento espanhol,
565		com acento de BeneSSuelano: Chao. Así. Cómo
566		estás? Amiga, sabe, no mamá. Assim, desse
567		jeito, sim, mas na rua, por quê? Porque eso é,
568		no é só uma experiência, eso é uma profÊssÓN.
569		Eso é, eles têm muitos pontos a faBor deles,
570		agÔra, tendo, sabe, desde criança essa língua.
571		AgÔra eu, eu não vou ter nunca as melhores
572		palavras. Eu sou, eu sei que tenho erros que às
573		veSSes a gente, "De onde que você é?". "Eu sou
574		da BeneSSuela". "Você é da Argentina?". "No, eu
575		sou BeneSSuelana". Então, sim, eu não vou
576		perder o meu sotaque, mas eu acho que dá pra
577		entender, dá pra entender. Y é uma língua que
578		eu me sinto muito cômoda falando. É uma coISSa,
579		así, que, ah, eu fico así como, não tem erro,
580		eu consigo sempre, eu vejo minhas(), minhas
581		filmes. Ah, eu vejo, ah, eu adÔro ver, quando
582		eu vejo vídeo no YouTube, eu consigo botar
583		sempre numa velocidade de 1,1, 1,5, uns 50%
584		mais acelerado, ou 70, así, dependendo, Y eu
585		consigo entender sempre todo, os 100%. Eu posso
586		fazer eso nas três línguas Y me sinto bem,
587		legal. Eu adÔro eso. Ê, así, muito, muito bom.
588		Eu adÔro faSSer eso. Eu acho que o cere-
589		o cere- o cérebro da gente sempre vai ficar
590		ativo. E nunca pensei que ia conseguir falar em
591		português, e consegui. A verdade é que adÔro,
592		adÔro, adÔro falar.
593		
594	Michele	Que bom. Que bom. E, então é isso. Eu vou
595		interromper a gravação, agradeço a sua
596		contribuição, e muito obrigada por você ter
597		aceito participar aqui.
598		
599		
600	Rosa	Um praSSer. Um praSSer. Um praSSer mismo.
601		
602		

Fim da Transcrição [00:40:41]

Gravação: tulipa-20.11.2022-audio

Duração: [00:46:37]

Início da Transcrição [00:00:01]

1	Tulipa	Agora de novo.
2	Michele	Tá bom. Obrigada, Tulipa. Eu queria que
3		você falasse um pouquinho da sua
4		história de como era a sua vida na
5		Venezuela, da sua infância, juventude,
6		da sua família, o que você tiver
7		vontade de falar, contasse um pouquinho
8		de quem é a, quem foi a Tulipa enquanto
9		vivia, né, na, na Venezuela.
10	Tulipa	Ok. É:: Bom, é, lá é o meu país é o::
11		É, desde pequena morei no interior
12		da::, do país, no estado Bolívar, eu
13		morava em outra cidade do interior, no
14		interior da cidade. É:: o que se
15		conhece aqui como na roça. Morei desde
16		criança, desde que nasci, até mais ou
17		menos unos 10, 11 anos com meus avós.
18		Eles tomaram conta de mim por enquanto
19		minha mãe trabalhava. É:: Depois que
20		eles morreram, é::, ficou comigo minha
21		tia, é::, até mais ou menos, eu tinha
22		12 anos. No foi muita coiSSa, mas esse
23		tempo foi maravilhoSSo pra mim, porque,
24		así, eu aprendi a ter contato com la
25		natureSSa, eu aprendi a BaloriSSar
26		certas coiSSas, né? Y depois a gente se
27		mudou pra, pra o centro da cidade onde
28		eu comecei a estudar, é::, é-é, comecei
29		a ter planos, eu queria Yá una
30		profissão e, nessa misma cidade, eu
31		tomei a deciSSão de, de estudar
32		enfermaXem. É, eu no sabia que esse era
33		um sonho de minha mãe também quando
34		era, era nova, ela, é, ela queria hacer
35		enfermaYem. Eu no sabia e depois ela me
36		contou e, bom, eu fiquei muito
37		empolgada, é, de estudar essa, essa, é,
38		profissON. Y::, bom, eu me graduei mais
39		ou menos em 2010, é, como licenciada em
40		enfermaria, em enfermagem e, daí, é, a
41		história como, como profÊssional foi
42		maravilhoSSa, porque eu tÊve muita
43		liberdade econômica, realmente, eu
44		levava una vida muito boa na VeneSSuela
45		ca-, a consequência de meu trabalho.
46		Conheci um monte de pessoas, é, que me
47		levavam a trabalhos bons e eu
48		realmente, mi vida lá, é, foi ótima em
49		todos os sentidos, graças a Deus.
50		Depois que começou a crise econômica,

51		claro, claro, é, foi muito difícil pra
52		mim, porque o, o salário não se <i>quedó</i>
53		em nada, né? Eu <i>Yá no recibia</i> salário
54		como tal, senão... <i>casi</i> que moedas, <i>por</i>
55		<i>lo que</i> , por eso foi que eu vim pra cá
56		para o BraSSil. Além de que minha mãe
57		ficou doente e eu me senti muito, é,
58		impotente, é, de não poder faSSer nada
59		com o que eu ganhava, é, pra poder
60		sustentar tanto a parte da comida como
61		também, é, a doença que minha mãe
62		tinha. Então por <i>eso</i> é que eu tomei a
63		decisiSSão de vir para o BraSSil.
64	Michele	Entendi. Então você se forma em 2010.
65	Tulipa	Sim.
66	Michele	E até mais ou menos que ano que você
67		trabalha [como enfermeira?]
68	Tulipa	[Eu trabalhei...] Eu comecei a trabalhar
69		realmente desde 2006 como enfe-
70		enfermeira. É porque a gente tem a
71		modalidade de que o pri..., desde o
72		primeiro semestre, a gente entra em,
73		é::, nas, é, como diSSem, no estágio.
74		Aqui no, no BraSSil usam essa palavra.
75		Eu <i>Yá</i> , 2006, eu <i>Yá</i> tava estudando e
76		trabalhando como enfermeira <i>Y::</i> até
77		2010 foi que, foi que eu formalmente
78		tava... 2008, desculpa. É, 2008, comecei
79		a trabalhar como técnico, é::, até 2010
80		que consegui a licenciatura e terminei
81		em 2016, porque <i>Yá</i> em 2016, <i>Yá</i> , a
82		situação econômica tava tão difícil que
83		<i>no</i> , <i>no</i> dava pra segurar tanto tempo
84		trabalhando por quatro <i>dôlares</i> .
85	Michele	2016 que você falou?
86	Tulipa	Sim.
87	Michele	Então você trabalhou seis anos, né,
88		formalmente como enfermeira, né?
89	Tulipa	Formalmente, 2008, 9, 10, 11, 12, 13,
90		14, 15, 16. 9.
91	Michele	E, aí, em 2016 acontece algum evento
92		além da, da saúde da sua mãe ter ficado
93		debilitada, é::, que evento foi, marcou
94		a decisão de você migrar pro Brasil?
95	Tulipa	É:: Bom, é::, eu tÊve uma situação,
96		é::, de roubo e teve um-um roubo em
97		caSSa. É:: <i>La</i> delinquência, o::u, é <i>la</i>
98		situação com a insegurança. O meu país
99		era ainda mais difícil. A gente teve um
100		roubo dentro de caSSa e as pessoas que
101		entraram a roubar, eles, é::, a-
102		<i>amenazaron</i> com queimar a gente se a
103		gente falava algum nome deles ou
104		acuSSava eles, alguma coiSSa. É:: Eles
105		já tinham, é::, <i>Yá</i> , não tinham visto

106		quem era eu, onde eu, eu, onde eu
107		normalmente trabalhava, o que era que
108		eu faSSia e eu fiquei com muito medo
109		quando, quando isso aconteceu, porque
110		eu, eu não me imaginava sendo queimada,
111		claro, eu fiquei com medo. E minha mãe
112		ficou ainda mais nervoSSa e isso
113		intensificou que a minha mãe, é::, em
114		pior, em piorara, né, a doença. Eu
115		falei com ela que não dava, não, não
116		dava pra eu ficar mais tempo na
117		VeneSSuela, além de que as despeSSas Yá
118		estavam incrementando-se ainda mais e
119		por eso eu, é, rapidamente peguei, é::,
120		um ônibus pra vir pra cá.
121	Michele	Vocês moravam juntas, você e sua mãe?
122	Tulipa	Sim. Eu morava com a minha mãe.
123	Michele	Uhum.
124	Tulipa	HoYe em dia, hoYe em dia, depois disso,
125		minha mãe Yá não mora, mora..., minha mãe
126		Yá não, a gente Yá não mora na caSSa
127		que morava anteriormente e a minha mãe
128		mora com a minha irmã. Minha irmã a..., a
129		segunda.
130	Michele	No mesmo es- No mesmo... Na mesma cidade
131		ainda.
132	Tulipa	Na mesma cidade.
133	Michele	E:: você, é::, teve filho, se casou na
134		Venezuela?
135	Tulipa	É, não. Eu tÊve um re-, um
136		relacionamento, é::, que durou mais ou
137		menos uns seis anos lá. Eu tinha 20
138		anos, até mais ou menos 26, eu tive um
139		relacionamento onde a gente morava
140		junto, eu morava com o menino. E
141		terminou, porque, claro, é, a pessoa
142		que, a gente era muito ima-, é,
143		imaturado. É, ele era, é::, mulhereengo,
144		então isso me deu muitas inseguranças
145		e, claro, eu tomei, aí, eu tomei l
146		deciSSão de deixar essa pessoa.
147	Michele	Entendi.
148	Tulipa	E::
149	Michele	E, aí, como é, como foi a sua vinda
150		pro, pro Brasil? Como foi essa
151		travessia? É::, a-a::, de certa forma,
152		né, se despedir da sua mãe, a decisão
153		de, de vir, é-é, você juntar dinheiro
154		pra você vir, é::, como é que foi esse
155		processo até você chegar aqui?
156	Tulipa	Bom, é, é::((voz embargada de emoção)),
157		sempre, sempre é muito difícil, sempre
158		é muito difícil relembrar esse,
159		essas::, apesar de que foram já quatro
160		anos que aconteceu. ((voz embargada de

161		emoção)). Ainda é muito difícil.
162	Michele	Sem problema, Tulipa. Se você não
163		quiser falar também, a gente pode
164		interromper.
165	Tulipa	Não. Eu posso
166	Michele	Não quero te deixar emocionada.
167	Tulipa	((choro)) ((voz embargada de emoção))Eu
168		posso. É:: Depois que aconteceram todas
169		aquelas coisas, eu tive que tomar a
170		decisão abrupta, não sei se se fala
171		isso no português, é, rápida, muito
172		rápida, e tomei a decisão de sair de
173		lá por, por e::((pigarro)), eu não, não
174		tinha um planejamento como tal, porque
175		no dava pra eu planejar muita coisa.
176		Eu tinha poupado alguma coisa, é, de
177		dinheiro que, que eu pensei que era
178		bastante, porque((pigarro)) para quem
179		morou na Venezuela ou para quem, para
180		quem é venezuelano é difícil de
181		explicar que cada moeda, cada moeda que
182		a gente tinha, que a gente conseguia ou
183		que a gente trabalhava era tão pouco,
184		tão pouco, mas a la vez era muito
185		difícil ganhar ela. É:: Y:: eu tinha
186		tanto dinheiro Y quando eu Yeguei na
187		fronteira, é, tudo isso se conver-, é,
188		o, a conversão do Brasil se convertiu
189		em 200, 500 reais somente, eu lembro.
190		Em 500 reais. Era tanto dinheiro que eu
191		tinha lá () dinheiro, o valor, de meu
192		país, né? Era um monte de moedas, um
193		monte de, de dinheiro vivo, mas quando
194		na conversión eram, foram só 500 reais.
195		Cóisa que 500 reais, quando você Yega
196		no Brasil é nada, né, pra uma pessoa
197		que tá pensando em morar. Só que na
198		correria, eu entendo muito as pessoas
199		que saem de meu país, quando você tá
200		precisando, quando você tá, é, em uma
201		urgência, né, uma situação de urgência,
202		você precisa sair, você não tá vendo o
203		que você tem na hora. E, bom, eu decidi
204		atravessar a fronteira. Quando eu tô na
205		fronteira, quando eu tô já no Brasil
206		na, na..., no Roraima, né, eu já tinha
207		falado com uma amiga, é::, é::, essa
208		amiga me falou que ela me podia receber
209		na casa dela Y que no tinha problema e
210		que o único que ela no me oferecia era
211		trabalho, porque era muito difícil,
212		tipo, é::, pensar em um trabalho, se eu
213		ainda não tinha Ygado ao Brasil, mas
214		que comida e estadia eu tinha
215		assegurado, né? Eu tinha seguro com

216		ela. Quando eu Yego na, na fronteira,
217		quando eu Yego no, no Roraima, Yego as
218		6 da tarde do dia 18 de junho
219		((riso))de 2018 Y::, eu chego e mando,
220		começo a mandar mensagem. Eu Yá tinha
221		mandado mensagem pra ela que eu Yá ia
222		em caminho Y:: quando eu cheguei na, no
223		terminal, eu, eu comecei a percIber que
224		ela no me respondia, Yá não me
225		respondia. A, saí era umas 22h da
226		noite, nunca mais me respondeu, pelo
227		que eu fiquei na rua e::, é, claro, eu
228		não sabia que iba a ficar na rua
229		também não, né? É:: Mas foi muito
230		difícil no momento, porque eu ainda no,
231		no-no caía a ficha em mim de que eu
232		tava em <i>una situación</i> , é::, de rua.
233		Tava <i>sin, sin, sin</i> ninguém que me
234		pudesse ajudar, <i>sin</i> poder falar o
235		idioma, que eu no conhecia e, também,
236		no conhecia <i>las</i> pessoas. Então eu tava
237		em um terminal ((pigarro)) Y quando, é,
238		U, U segurança do terminal que estava
239		acostumado a recIber tantas pessoas e
240		Yá tinha ordem de tirar todas as
241		pessoas, a todos os imigrantes que
242		Yegavam, tipo, 10 da noite, eu fiquei
243		na rua a partir das 10 da noite desse
244		dia. É, passei dois dias na rua e eu,
245		eu chorando e no sabia o que faSSer,
246		porque eu no conhecia ninguém, graças a
247		Deus, dentro do, da <i>misma</i> área de onde
248		eu tava. É:: Tinham outros
249		veneSSuelanos, outras pessoas que eles
250		ai-, é::, percIberam que eu tava na
251		rua, percIberam que eu tava <i>sin, sin</i>
252		ninguém Y, Y ficaram perto de mim, e
253		me, me falaram que eu podia ficar com
254		eles. Só que ficar com eles num
255		acampamento, no::, no refúgio que eles
256		tinham, que era na rua também. É:: É-
257		é, ((voz embargada de emoção)) naquele
258		momento foi bastante difícil pra mim,
259		bastante mesmo.
260	Michele	E, aí, você::, você:: Essa cidade, você
261		fala, é, Pacaraima?
262	Tulipa	((voz embargada de emoção)) Era.
263		Pacaraima é fronteira com:: Pacaraima é
264		<i>la</i> fronteira com outra, é, é:: Roraima
265		mesmo, é::
266	Michele	Ahãm.
267	Tulipa	A cidade é de Roraima. É:: Eu::((voz
268		embargada de emoção)) depois de dois
269		dias, eu... consegui falar com uma amiga
270		Y:: ela pegou...

271	Michele	Essa, essa amiga que te ofereceu ajuda?
272	Tulipa	Ela me ofereceu ajuda. E ela morava na
273		cidade, é, na cidade de Roraima. Ela
274		me falou: "Tulipa...", é..., a gente não se
275		conhecia.
276	Michele	Tulipa, é, você, você chega, então, a
277		Pacaraima ou você va-vai direto até Boa
278		Vista, que é a capital?
279	Tulipa	Eso, Boa Vista, que tinha...
280	Michele	Então você chegou a Boa Vista pela
281		rodoviária.
282	Tulipa	Eu cheguei em Boa Vista. Sim. É que
283		tinha esquecido, porque eu não conheci
284		muito esse lugar. Eu, tÊve só uma, uma
285		semana só.
286	Michele	Uhum.
287	Tulipa	É:: Demorou uma semana só, porque, é::,
288		a situação que eu vi lá foi, foi,
289		assim::, eu fiquei apavorada nesse
290		lugar, porque no po-por ser BraSSil,
291		sino porque tinha muitas pessoas
292		morando na rua, tinha muitas pessoas
293		pedindo diNeiro na, na::, na sinal de
294		trânsito. Tinha muitas pessoas naH
295		mismas ou piores condições que as
296		minhas e eu no imaginava, é::, ou, pelo
297		menos, não aceitava a ideia de ficar
298		nesse lugar faSSendo eSSatamente o
299	mesmo.	
300	Michele	Entendi.
301	Tulipa	Porque a pessoa que me falou que me ia
302		aYudar, ela nunca, nunca mais apareceu.
303	Michele	Entendi. E como você conheceu essa
304		pessoa que te ofereceu ajuda?
305	Tulipa	Ela era companheira de trabalho minha.
306		É:: Claro, éramos de outra cidade, era,
307		ela era de uma cidade e eu era de
308		outra, mas a Yente trabalhava no mesmo
309		lugar, a Yente fez uma amiSSade que,
310		claro, a Yente acha de ami-amiSSade,
311		mas nem todo mundo é, né? Mas na hora,
312		é, era amiga. Ela se mostrou amiga. Y
313		ela. Mas eu penso que ela teve
314		problemas também. Provavelmente ela
315		tinha um marido, é o que eu pensei, que
316		ela tinha um marido, o marido brigou
317		com é::, que::, no iba a dar certo pra
318		eles ou que eles estão num lugar
319		pequeno. É tanta coiSSa que acontece Y
320		ela no, no me falou nada, sino que ela
321	prefIriÔ que eu resolvera sozinha.	
322	Michele	E, aí, você fica nesse, com esse grupo
323		na, na rua.
324	Tulipa	Ahãm.
325	Michele	E:: em quanto tempo você consegue um

326		lugar pra ficar?
327	Tulipa	Em dois dias. Eu::, assim, a princípio,
328		eu fiquei, é::, imobiliSSada, eu fiquei
329		chocada, né? Porque eu não sabia o que
330		faSSer. É, além de que eu não tinha mu-
331		uito diNeiro. Eu não sabia como faSSer
332		ou que, a quem acudir. Eu comecei a, a
333		procurar nas redes sociais, né, amigos,
334		conpcidos, só que pelo <i>misma::</i> , pela
335		<i>misma situación</i> , pela <i>misma::</i> , eu
336		sentia vergonha também, porque:: tanta,
337		tanta coiSSa que a Yente vê, né, que
338		<i>las</i> pessoas começam a criticar. Como
339		você se vai sozinha? Como você se vai
340		<i>sin</i> diNeiro? Você tá doida? Y em Bez
341		deles, ((pigarro)) em Bez deles darem
342		soluções, o que faz mais é um
343		Yulgamento, como tavam. Então a Yente
344		nesse momento no tá precisando Yul...,
345		que, de Yulgamentos, a Yente está
346		precisando de soluções ou de ideias que
347		deem soluções. Então eu comecei a
348		pensar e a pedir a Deus, né? E nesse
349		momento, eu, é::, consegui a
350		oportunidade de falar com essa menina
351		que, ela não era minha amiga, ela era
352		uma amiga de uma amiga. E ela, eu falei
353		pra ela e disse: "Olha, eu sei que você
354		não me conhece bem, que você me conhece
355		porque eu sou amiga de::, aquela
356		pessoa, mas eu preci-, me está
357		acontecendo isto, me está acontecendo
358		muitas coiSSas e eu somente preciSSo de
359		que você me possa aYudar agora, porque
360		eu sei que eu posso, é::, conseguir um
361		trabalho Y sair pra frente". Ela me
362		aYudou, me levou para a caSSa dela Y::
363		ela confiou, né? Graças a Deus. Y::,
364		bom, eu, graças a Deus consegui arrumar
365		através dela, é, mais ou menos quatro
366		faxinas, é, que eu lembro, e comecei a
367		vender água na rua Y::, Y limonada, com
368		isso arrumei diNeiro pra eu ir até
369		Manaus Y eu Yego em Manaus, porque
370		através de <i>la</i> rede social, eu conheci a
371		um homem, é::, um pastor, uma igreja,
372		que eu falei para ele que, que me
373		aYudasse, que eu preciSSava de aYuda,
374		que, que::, que eu estava em uma
375		situaçON que eu não, não poderia
376		explicar, não sabia como, mas somente
377		preciSSava que me aYudasse. Então ele,
378		ele tava em Uruguai, eu nunca vou
379		esquecer dele. Y ele como:: <i>Las</i>
380		igreYas, normalmente, elas têm outras
381		igreYas em outros paíSSes, ele

382		conseguiu em, em Manaus, me conseguiu
383		um lugar, é, através, é, ele conseguiu
384		através dessa igreYa um lugar para mim.
385		É, em el momento, eu não tÊve que pagar
386		nada, mas depois que comecei a
387		trabalhar, é, de novo na rua, porque
388		comecei a trabalhar na rua vendendo
389		água, vendendo limonada, pipoca, é,
390		banana frita, um monte de coiSSas, é::,
391		eu po-, consegui pagar um aluguel Y
392		tÊve quatro meSSes, é, em Manaus
393		morando.
394	Michele	E co- E como acontece a sua vinda pro
395		Rio de Janeiro? E por que você escolheu
396		o Rio de Janeiro?
397	Tulipa	É:: Realmen-realmente a ideia não era
398		ficar no, no BraSSil. A primeira ideia
399		era eu ficar um tempo aqui e faSSer
400		diNeiro pra ir até Uruguai, por eso que
401		eu contato U, U, U pastor de, da igreYa
402		do Uruguai. Quando eu começo a, a... cair
403		na real, né, de era muito difícil
404		conseguir diNeiro, porque, Y era muito
405		difícil porque se eu tava trabalhando
406		vendendo coiSSas em um real, porque eu
407		vendia, cada coiSSa que eu vendia era
408		um real, pra eu arrumar 1500 reais ou
409		1000 reais que era um passayem de aviON
410		até Uruguai era muito difícil. Eu via
411		isso muito, muito longe, a ideia de eu
412		ir para Uruguai. Então eu comecei a
413		criar. É::, oportunidades e comecei a
414		pesquiSSar em Face. Eu passava um tempo
415		em na noite, é, revisando o Facebook
416		pra eu ver como ((pigarro)) eu podia
417		faSSer diNeiro pra arru-arrumar, né, é,
418		ter diNeiro eKStra. Ter diNeiro por
419		várias, várias, é..., Bárias entradas de
420		diNeiro. Eu comenzé a hacer, a
421		conseguir clientes pra uma pessoa que
422		intercambiava diNeiro, intercambiava
423		reais pra, pra o diNeiro de meu país.
424	Michele	Bolívares.
425	Tulipa	Pra bolívares. Porque pra ninguém é um
426		segredo que a gente teve que criar, é,
427		uma cadeia, quaSSe que uma cadeia de
428		distribuiçON de diNeiro de forma
429		ilegal, né? Que...
430	Michele	Uma rede. Uma rede de envio de
431		dinheiro.
432	Tulipa	ESSatamente. Então eu fiz eso para
433		poder ter um diNeiro eKStra, só que era
434		muito pouco. E-era, por cada cliente eu
435		podia ganhar dois reais, três reais,
436		quatro reais. O máximo que eu podia

437		ganhar por cada, por cada pessoa era
438		cinco reais e, cada vez que eu sUmava o
439		diNeiro que entrava para mim, era muito
440		pouco e ainda havia, ainda, ((pigarro))
441		ainda, é, ficava lonYe a ideia de ir do
442		BraSSil. Então eu, através de essa, de
443		essa ferramenta, eu conheci a una, um
444		boliviano. Esse boliviano trabalhava,
445		é..., com Benda de roupas. Lo que faz, lo
446		que é:: Lo que é:: costureiro, né? É::
447		Que eram, que trabalha, que não sei se
448		vocês conhecem esse negócio de-de São
449		Paulo, que conhecem bolivianos, que os
450		bolivianos eKSploram:: Bom, eu não
451		sabia de toda essa história, mas eu
452		conheci essa pessoa e eu queria sair Yá
453		do Manaus, porque Manaus as, as
454		tempera- ((som estranho)) Desculpa. As,
455		as tempe- A temperatura, o clima de
456		Manaus, ele, ele me estava faSSendo
457		muito mal, porque eu tinha roupa, é, no
458		adequada, mas eu no podia comprar uma
459		roupa, é, em Manaus, porque eu no tinha
460		como comprar roupa. Eu tinha, é, jeans,
461		roupa, é, camisa lo-, é::, compridas Y-
462		Y não tinha ventilador e todo eso me
463		estava dando alerYia Y eu ficava muito
464		estressada lá. Eu, eu falava dos, é, as
465		temperaturas lá são muito úmidas Y eu
466		casí nem dormia, então era, é-é, eram
467		muitas coiSSas que me estavam levando a
468		ter uma criSSe, né, uma criSSe
469		emocional, porque eu Yá no-no, no tava
470		aguentando. Então, graças a Deus, eso
471		me deu a oportunidade de pensar. Eu
472		estava pensando em como eu resolvia
473		essa situação, então eu falei com esse,
474		esse boliviano. Eu falei, é::: "Você
475		mora em São Paulo?". E ele me falou:
476		"Sim, eu moro em São Paulo". Y::, é,
477		olha, começam os trabalhos aí. Então a
478		Yente fez uma, uma troca. Eu falei pra
479		ele que, cara, se ele me dava trabalho
480		onde ele tava, eu poderia trabalhar e,
481		e, e pagar, é, o-o, o negócio do, da
482		passagem, todas as despesas, eu pagaria
483		com trabalho, mas que eu queria sair do
484		Manaus. A Yente fez eso e ele pagou
485		minha passagem até Manaus e::, e eu co-
486		, eu sigo trabalhando em Manaus até,
487		desculpa, em São Paulo. Eu tô
488		trabalhando com eles, só que eu começo
489		a perceber a realidade do trabalho com
490		eles que era um trabalho explorador,
491		né? Eu trabalhava de 7h da manhã a 12h,
492		11h da noite, né? É de se::, de::, de

493		segunda a sábado. E:: era, é muito,
494		muito cansativo mesmo. É::, depois de
495		três meSSes, entro de novo na rede
496		social e começo a ver todos los grupos,
497		toda a informação de pessoas, né, que
498		querem aYudar, e nesse tempo havia, é,
499		tinha muitas pessoas que queriam aYudar
500		braSSileiros e, claro, também tinha
501		pessoas que eram, que queriam se
502		aproveitar, né? Mas é-
503	Michele	Tulipa, esse, esse boliviano em algum
504		momento, é::, eles ficaram com a sua
505		documentação? Eles prenderam..
506	Tulipa	Não.
507	Michele	Não, né?
508	Tulipa	Graças a Deus, não. Não. Eles,
509		realmente, eu posso, eu posso falar bem
510		deles nesse aspecto, eles foram humanos
511		comigo. Humanos, é, assim, ()] esse
512		aspecto, né? Não pelo trabalho, porque
513		pelo trabalho era outra coisa. Mas
514		eles no abuSSaram de mim. Eles no, no
515		fiSSeram nada errado com relação à
516		minha, minha pessoa.
517	Michele	Ok. E, aí, você fica em São Paulo três
518		meses?
519	Tulipa	Eu, eu fico em São Paulo mais ou menos,
520		sim, mais ou menos, agosto, setembro,
521		outubro, é, cinco meSSes. É, e::, eu
522		fico em São Paulo, mas eu ta-, Yá tava
523		procurando, nos três meSSes, eu estava
524		procurando, é, outra coisa, porque
525		a::, eu conheci a una, a una família, a
526		um caSSal, é::, de, de braSSileiros que
527		eles falavam em espanhol e que eles
528		tavam querendo aYudar com informação e
529		eles começaram a me, eu comecei a
530		perguntar a eles e eu falei de meu
531		trabalho. Ele me falou: "Tulipa, onde
532		você tá, você tá sendo explorada. Isso
533		é penaliSSado pela lei do BraSSil. Você
534		tem outras oportunidades em outro
535		lado". Enfim, eu fui, eu fui, é, é,
536		enchendo minha cabeça de <i>información</i>
537		que eles me davam. <i>Sin, sin</i> falar nada
538		para os bolivianos, um dia, é, eu falei
539		pra eles que eu Yá no iba a trabalhar
540		mais com eles, que eu ia, eu tinha
541		conseguido outro trabalho, coisa que
542		era mentira, né? Eu não tinha
543		conseguido nada. Mas eu falei com a
544		família, a família, este caSSal, é, de
545		braSSileiros que-que estavam dando
546		informaçON, eu falei para eles que,
547		como eu faSSia, se eu deixava o meu

548		trabalho. Eles me disseram: "Tulipa,
549		como a Yente Yá tem comunicaçON com
550		você Y a Yente mais ou menos sabe como
551		é você, você seria ideal para morar no
552		Rio, porque no Rio fala em eHpanhol, é
553		muito turístico, você tem um carisma,
554		você fala com todo mundo, você não tem
555		problema e acho que você seria bom para
556		morar no Rio". Ele, eu falei que não
557		conhecia ninguém aqui e eles falaram:
558		"Bom, é, a Yente pode dar uma
559		oportunidade de você chegar em caSSa de
560		um fa-, um familiar da Yente, para que
561		você, os primeiros meSSes você possa
562		ficar Y, Y depois você possa
563		reSSolver". Y foi desse Yeito que eu
564		cheguei aqui no Rio. Mas onde eu Yeguei
565		foi em SON Gonçalo Y SON Gonçalo é
566		lonYe da, da cidade como, do Rio, né?
567		Então eu comecei a, pela re-, pela rede
568		social, o Facebook, comecei a procurar
569		peSSoas que moravam aqui no Rio Y
570		comecei a pedir informação. Y foi
571		quando eu Yeguei com um amigo
572		veneSSuelano, um médico, amigo
573		veneSSuelano, que tá lá no Venez-, na
574		VeneSSuela que tinha contato com um,
575		com um arYentino, que estava em
576		ArYentina, mas tinha una pouSSada aqui
577		no Rio e foi quando eu consegui
578		trabalho, meu primeiro trabalho aqui
579		como camareira.
580	Michele	Entendi. Aí, a você começa a trabalhar
581		aqui no Rio como camareira.
582	Tulipa	Sim.
583	Michele	Na cidade do Rio, né?
584	Tulipa	Na cidade do Rio. Isso foi depois de um
585		mês que eu Yeguei aqui no Rio, só que
586		antes de eso eu no tinha nada de
587		diNeiro, porque eu Yá tinha deixado a
588		los bolivianos e os bolivianos, eles no
589		dão, é::, garantia de, por eSSemplo, eu
590		não tinha carteira assinada, eles não
591		me davam nada de diNeiro, só o
592		pagamento. Então eu Yego aqui e eu
593		[tÊve que...]
594	Michele	[E foi] complicado pra você se
595		desvincular deles?
596	Tulipa	No, no foi complicado. Foi muito fácil.
597		Eles entenderam de fato que eles
598		falaram que, eles até hoYe me falam:
599		"Tulipa, qualquer coiSSa, se você
600		voltar pra, pra São Paulo, as portas
601		estão abertas aqui, você pode
602		trabalhar". Só que eu no vou ir

603 604		trabalhar com eles. ((risos)) E-eles, eles...
605 606	Michele	Você já deve ter ouvido que existem muitas histórias de exploração, né?
607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620	Tulipa	Sim. Sim. Mas, assim, eu sei que a história deles também é de luta, né? Eles a, eles, em, na, na mente deles, eles não estão explorando ninguém, eles estão trabalhando. É o que eles pensam, né? E, também, eles apro-, tem uns que se aproveitam, né? Eles se aproveitam de que a Yente é estranYeiro, de que a Yente é, de que a Yente::, de que a Yente é, é estranYeiro, de que a Yente é::, é::, no sabe da lei, então eleH abUSSam de eso também. Eu tenho certeSSa de eso, só querem o benefício deles, né?
621 622 623	Michele	Claro. E, aí, você:: é:: Aqui, você, como é que foi o aprendizado do português nesse tempo?
624 625 626 627 628 629	Tulipa	Bom, foi muito sofrido pra mim, porque::, é::, eu tinha muita reSSistência. ReSSistência pre- ((voz embargada de emoção)) ReSSistência para aprender. Eu, ai::, espera um pouquinho.
630 631 632	Michele	Fica à vontade se você quiser interromper, tá, Tulipa? Não, não se sinta pressionada a falar.
633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657	Tulipa	((voz embargada de emoção)) Para mim, foi difícil aprender português, porque, é, para ninguém é um segredo...((tosse)) Para ninguém é um segredo, né, que quando você quer faSSer alguma coiSSa, você tem que querer, né, para que se faça mais fácil. Só que, só que naquele momento, eu no queria. ((voz embargada de emoção)) Eu no queria sair de meu país, eu no, eu no queria estar passando por essa situaçÔN, eu no queria, ((pigarro)) desculpa, eu no queria nada de, de..., do desconforto que eu tava passando nesse momento. Eu queria, realmente, eu queria viver feliz, eu queria (). Eu tinha uma ideia de que eu tenho, tinha uma vida normal em meu país. Foi, eso foi como um tsunami para mim, todo, todas essas coiSSas que aconteceram, então ser obrigada a falar um idioma que para mim era contrário a::, ao espanhol, né, porque tem coiSSa do português que são contrárias ao espanhol, então pra mim no era, no era que eu estava aprendendo

658		um idioma porque eu queria, <i>sino</i> porque
659		eu tava obrigada. É:: Obrigada a ser
660		corrigida, obrigada a aprender de <i>cero</i> ,
661		né? Eu me, eu posso reconhecer <i>hoYe</i> ,
662		<i>hoYe</i> , depois de quatro anos e meio que
663		eu tava cheia de muita arrogância,
664		muita soberba, mas era pela <i>misma</i>
665		situaçON que eu tava, é::, vivendo
666		nesse momento. Então foi muito difícil
667		aprender, eu aprendi depois de dois
668		anos morando aqui e eu aprendi na
669		marra, né? na marra. É:: Y chorando,
670		reclamando. É, depois, com o tempo, eu
671		comecei a entender que (pigarro)) e, e
672		come-, e comecei, eu reconheci o
673		poSSitivo de, de morar aqui no BraSSil.
674		Co- É:: Depois, que claro, depois que
675		eu comecei a trabalhar também, né? E
676		depois que eu comecei a me reconhecer
677		como <i>una</i> pessoa abençoada, quando eu
678		comecei a reconhecer isso, me, foi que,
679		foi que comecei a amar o português,
680		comecei a amar o fato de aprender outro
681		idioma Y as coiSSas depois, depois foi,
682		é, foi muito fácil pra mim. É:: Depois
683		que eu reconheci <i>todo eso</i> foi um pouco
684		mais fácil. <i>No</i> foi mais fácil, mas um
685		pouco mais fácil, eu entender, entender
686		o que se estava falando e en-, é,
687		entender o que eu tava falando e re-,
688		Y:: entendi que se eu errava, é::, na
689		minha comunicação era porque tava
690		<i>comenzando</i> , tava como um bebê,
691		<i>comenzando</i> a falar outro idioma.
692	Michele	Entendi. É:: E, aí, você faz esse
693		estudo por conta própria ou você
694		procura ajuda em algum lugar?
695	Tulipa	Sim. Os primeiros dois anos <i>no bu-</i> , <i>no</i>
696		procurei a- <i>aYuda</i> com ninguém. Eu acho
697		que eu tava tão, <i>no sé se::</i> , <i>no sé se</i>
698		era <i>la misma</i> situaçON mental, né, que
699		eu tava, que eu <i>no</i> , <i>no</i> procurei <i>aYuda</i>
700		com ninguém, tipo, de ONGs, né? Eu-eu
701		sentia que eu podia soSSinha. E,
702		também, ((pigarro))também, <i>no</i> conhecia
703		como tal que tinha ONGs que podiam
704		<i>aYudar</i> a <i>Yente</i> , que podiam faSSer um
705		pouco mais fácil a situaçON.
706	Michele	Lá em Boa Vista você não chegou a
707		pensar em procurar uma ONG?
708	Tulipa	Não. Não. De fato, que, sim, me falaram
709		de <i>Cáritas</i> , só que eu <i>no me que-</i> , <i>no-no</i>
710		e, <i>no</i> , <i>no</i> , <i>no</i> era pra eu ficar em, em-
711		em Roraima. <i>No</i> era pra eu ficar e eu <i>no</i>
712		procurei ninguém. Quando eu <i>Yeguei</i> em

713		Manaus também no procurei, no::, porque
714		Manaus é muito, é..., é grande, é, como
715		se fala? Esqueci. É muito grande
716		Manaus. Então todo era diNeiro e eu
717		ganhava muito pouco pra eu me <i>desplazar</i>
718		de um lugar a outro.
719		
720	Michele	Entendi.
721	Tulipa	Quando Yego a São Paulo, igualSSinho.
722		É, tudo ficava muito lonYe mesmo. Eu
723		morava em uma cidade do interior, é,
724		que se Yama::, é::, Americana. É muito
725		perto de Campinas. Só que::
726	Michele	Isso, fica longe da capital pra vo::,
727		onde estão...
728	Tulipa	Muito lonYe, professora. Eu chorava
729		muito, porque eu diSSia: "Quando eu vou
730		tirar a minha documentação?" Porque foi
731		difícil. Eu, eu tive documentação
732		praticamente dois anos depois. E quando
733		eu falo documentação, eu falo, eu tinha
734		refúgio. E-eu tirei o meu refúgio em
735		São..., em..., desculpa, em Manaus. É,
736		depois de três meSSes, casi quando já
737		vinha pra, pra São Paulo, porque eu
738		entrei aqui como, como..., é..., turista.
739		Eu entrei com passaporte, eu não tÊve
740		problema. Depois eu fui para Manaus,
741		depois de três meSSes, eu fui e peguei
742		o meu, meu refúgio. E quando chego em
743		São Paulo, eu não tinha CPF, eu não
744		tinha carteira assinada, não tinha na...,
745		não tinha carteira de trabalho,
746		deHculpa. E, só que quando eu pensava
747		em tirar minha documentação, é, eu
748		tinha que pagar ou eu tinha que andar
749		<i>casi</i> dois horas, duas horas de trânsito
750		pra eu chegar no lugar. E... Não sei, pra
751		mim, foi muito difícil tirar minha
752		documentação. Eu tirei a minha
753		documentação quando eu Yeguei aqui no
754		Rio. Depois de dois anos foi que eu
755		tirei a documentação como tal, porque
756		os prime..., o primeiro tempo que eu
757		Yeguei aqui, eu não preciSSava e,
758		também, não me de..., não me deixavam,
759		porque o lugar onde eu comecei a
760		trabalhar como camareira foi de forma
761		ilegal, ilegal.
762	Michele	Entendi. E:: aqui no Rio você consegue
763		a ajuda de alguma ONG?
764	Tulipa	Bom, eu..., depois que, é, fui des..., é...,
765		demitida do trabalho, depois de um ano,
766		um ano e três meses trabalhando no...,
767		no..., na pousada, que eu tava

768		trabalhando como camareira, eu já
769		depois de dois, depois de um ano e
770		pouco, eu já sabia quais eram as
771		minhas, minhas::
772	Michele	Seus direitos.
773	Tulipa	Meus direitos. E eu falei para eles
774		que, cara, que eu, eu queria carteira
775		assinada, que eu já sabia que era
776		importante, que..., e que dava certo,
777		porque eu era uma boa funcionária, eu
778		ha-havia dado <i>todo</i> de mim para, para
779		faSSer as coiSSas bem. CoiSSa que
780		quando eu pedi minha documen..., me...,
781		meus direitos, eles falaram: "Bom, Já
782		ocê não é boa pra estar, ficar aqui".
783		E eles me demitiÊram. Quando eu chego,
784		quando eu chego a, de novo me, me
785		encontrei com, com a sensaçÔN do
786		primeiro dia que eu cheguei aqui. "E
787		agora? Para onde eu vou? E agora? O que
788		eu faço". Então foi quando me falaram
789		de Cáritas, que eu podia ir para
790		Cáritas, que eu podia pedir aYudar em
791		Cáritas, que eu podia conseguir com
792		eles um pouco mais de facilidade, né?
793		
794	Michele	Nesse um ano, então, você ficou morando
795		na pousada.
796	Tulipa	Si, eSSatamente. Eles me davam
797		pouSSada.
798	Michele	Quando você é demitida, você fica, né,
799		além do trabalho, sem ter onde ficar,
800		né?
801	Tulipa	ESSatamente. O, o bom disso é que eu
802		poupei diNeiro, né? Eu poupei diNeiro e
803		deu pra eu alugar um lugar, um
804		quartinho. É:: no centro da cidade.
805		Então, porque eu também no conhecia. Eu
806		Yego no centro por <i>una</i> amiga que eu
807		conheci, BeneSSuelana, que, que ela,
808		foi ela que me falou Cáritas.
809	Michele	Uhum.
810	Tulipa	Então eu vou até Cáritas e Cáritas,
811		bom, aquele momento eles me falaram que
812		eu no tinha perfil pra ser aYudada.
813	Michele	Uhum.
814	Tulipa	Eu no entendi esse, eu no entendi eso Y
815		eu fiquei tão, tão arraSSada com esse,
816		com essa, essa resposta, né? Porque eu
817		não sabia o que era ter um perfil para
818		ser aYudada, se eu na hora estava
819		deSSempregada e sem um lugar para
820		morar. Então eu tÊve que reSSolver
821		soSSinha como a primeira vez. Então é a
822		sensação da primeira vez quando cheguei

823		aqui no, no BraSSil. Então, é..., eu
824		procurei, con-conseguí com o diNeiro
825		que eu tinha poupado, consegui pra eu
826		trabalhar na rua, pra eu trabalhar de
827		novo vendendo água na praia, é,
828		vendendo doces, vendendo um monte de
829		coiSSas na praia. Y foi, é-é, eu
830		coloquei, eles me falaram que eu podia
831		botar um, um currículo pra eles, eles
832		logo, ai, desculpa... Eles, eles me
833		pediram um currículo em Cáritas. Eles
834		me pediram um currículo Y através deles
835		consigo com outra, com outro hotel...,
836		com outro hotel. Y:: como camareira. E
837		começo a trabalhar como camareira de
838		novo. Aí, foi por Cáritas. Eles, eles,
839		sim, me <i>consiguieran</i> , graças a Deus, é,
840		pelo menos, é..., em, um currículo, né?
841	Michele	Entendi.
842	Tulipa	E, aí, e eles aYudaram a-a faSSer o
843		currículo como tal. Só que eu não
844		queria ser classificada como camareira.
845		Você me entende? Eu queria que..., pelo
846		menos, me-me dá, me-me deram um-um
847		curso profÊssionaliSSante que, naquele
848		momento, eu acho que era muito
849		limitado. HoYe em dia, graças a Deus, é
850		diferente. Eles Yá têm outras
851		parcerias, eles Yá <i>han</i> crescido muito
852		com relação, é, com <i>relación</i> a..., a <i>loH</i>
853		beneficioH que pode ter um, o imigrante
854		ou um refugiado aqui no Rio, né? E::
855		depois Yegou, <i>la</i> pandemia. (risos) E,
856		aí, é uma história, uma história
857		grandona, porque, é, eles, eles, graças
858		a Deus, eles começaram a, a ter
859		<i>posición</i> com relação a <i>los</i> refugiados.
860		Mas em meu, em meu caso, eu fui, eu
861		fui, é..., beneficiada com comida, com
862		<i>una</i> bolsa de comida que eu acho que
863		naquele momento ali davam a cada dois
864		meSSes, a cada três meSSes Y::, Y uma,
865		um..., um cartão, um cartão de 600 reais.
866		Eu fui beneficiada porque eu não
867		consegui com <i>el</i> governo, não consegui o
868		auxílio emerYencial.
869	Michele	Entendi. E hoje você, é, Tulipa, tem,
870		quando você vê na sua vida, né, depois
871		desses quatro anos, né, que você tá
872		aqui no Brasil, você..., o que você pensa
873		em relação ao seu futuro, você continua
874		pensando em, em ir pro Uruguai ou pra
875		outro país? Ou... Como é que você se vê?
876		O seu presente e o seu futuro.
877	Tulipa	Bom, bom, de-depois, depois da pandemia

878		o, eu acho que desde que eu, é, cheguei
879		no Rio e-e consegui trabalho como tal,
880		porque apesar de que era um trabalho
881		ilegal, né, de camareira sem carteira
882		assinada, eu já tava percibendo um
883		salário e eu já tava, pe-pelo menos,
884		era fixo e era mais que um real, né? Eu
885		comecei, comecei a, a... construir uma
886		mentalidade de vencedora, né? Eu
887		comecei a, a trabalhar muito em mi-, em
888		mi psique, na psique. Eu comecei a
889		trabalhar muito, porque eu, eu
890		sabia(3,0), desculpa, é, eu sabia que,
891		que la..., que ainda eu tinha muito pelo
892		que lutar, muito que faSSer, aqui no,
893		no, no Rio ou no BraSSil. Depois que eu
894		reconheço que eu era abençoada, que eu
895		no, que eu no estava morando na rua,
896		que eu era forte mentalmente, eu
897		comecei a amar BraSSil. Eu comecei a
898		amar, é, a cultura, eu comecei
899		((pigarro)), é, ((voz embargada de
900		emoção)) eu comecei a me sentir, é,
901		esse sentido de pertença, né? Eu
902		comecei a sentir isso. Y:: hoYe em dia,
903		é, las coiSSas estão fluindo muito
904		mais. Eu Já consigo falar português
905		melhor, Já consigo, é::, me relacionar
906		com outras pessoas,é::, morar aqui em
907		Copacabana me dá a oportunidade de, de
908		conhecer outras pessoas que me aYudaram
909		muito e depois disso ((pigarro)), ((voz
910		embargada de emoção))depois, é, ai,
911		desculpa((inspiração forte))(8,10),
912		desculpa (6,45). Depois disso, eu::, eu
913		estava muito melhor, ((voz embargada de
914		emoção)) então consegui o melhor
915		trabalho e tenho outros, outro tipo e
916		amiSSade. Eu consigo curtir com
917		((pigarro)), com o novo trabalho que
918		tenho e consi-consigo curtir final de
919		semana que antes eu não tinha. Eu Já
920		tenho carteira assinada. ((voz
921		embargada de emoção))Eu::, é::, tenho
922		benefícios como, hoYe tenho benefícios,
923		tenho <i>todo</i> como <i>una</i> , como um brasileiro
924		mesmo. Eu Já tenho identidade.(10,56)
925		
926	Michele	Ok, Tulipa. Eu não vou:: Eu não quero
927		te causar mais emoção. A gent:: A
928		gente:: É:: Eu vou interromper agora.
929		
930	Tulipa	Ok.
931	Michele	E vou pedir pra você parar a gravação,
932		mas não desconecta.

933		
934	Tulipa	Tá bom.
936	Michele	Eu quero falar com você. Você só
937		interrompe a gravação.
938		

Fim da Transcrição [00:46:35]